

6.. SÃO PAULO ME CHAMAVA! ALTAS VOZES!

Com grande parte da pesquisa feita no Rio de Janeiro já bem encaminhada, alguns fatos envolvendo a piXaçãO na cidade de São Paulo ganharam grande destaque, não só entre os que vivem esta cultura, mas também, graças à amplitude dos acontecimentos, entre espaços importantes da mídia hegemônica. De todo modo, não foi apenas este grande alcance que me fez amplificar minha atuação como pesquisador para além do Rio de Janeiro, mas sim minha incapacidade de me manter afastado. Acabei, mesmo sem saber direito se isso se tornaria, de fato, material de pesquisa, me envolvendo de uma maneira tão intensa que, não raro, me via pensando se aquilo que eu estava fazendo poderia ser considerado crime. Não que esta possível consciência inibiria ou diminuiria minha atuação, muito pelo contrário, percebia claramente que, quanto maior minha coragem e quanto maior a dificuldade em diferenciar as ações de um pesquisador das ações de um criminoso, mais densa e interessante seria a pesquisa. Até porque, tal indistinção entre o fazer epistemológico e o fazer criminoso garante, a meu ver, ao estudo feito, um prolongamento, uma extensão de seu alcance, uma vitalidade mais durável durante os séculos que virão. Vamos, então, ao que aconteceu, ou melhor, ao que eu vou contar sobre o que aconteceu.

O primeiro episódio que me fez me envolver, portanto, aconteceu especialmente com Rafael Augustaitiz, um rapaz que, desde seus 12 anos, frequentava a cultura da piXaçãO com toda dedicação. Sempre morador da periferia paulista e, com isso, segundo ele, testemunha de uma série de violências, inclusive sobre membros de sua família e amigos, conseguiu, via PROUNI³⁷, uma bolsa de 100% para frequentar o curso aparentemente mais simpático à atividade sobre a qual mais se interessava dedicava, mais tinha

³⁷ Programa do governo federal do Brasil que destina bolsas de estudo em instituições de ensino superior privadas a alunos com poucas condições financeiras.

amor. Começou, então, o curso de artes visuais no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, localizado em uma área super nobre da cidade.

*Influenciado a prestar o vestibular, me questionei como iria pagar:
Uma luz no meio do nada!
Meteremos os pés na porta e o resto Deus prepara!
Mete o pé não, mas como é minha casa, vou escorar e me debruçar!
É tudo nosso!!!*
(RAFAEL AUGUSTAITIZ em texto enviado a mim)

“Sou um do únicos, humildemente, olha lá senão, o ‘primeiro pixador’ da *piXaçãO* Paulistana a se formar em artes visuais. Batalhador e sofredor de perifa³⁸ desde criança, busquei na **faculdade mais antiga de arte de São Paulo**, uma ajuda, e na arte o sustento e sobrevivência. Porém, propus ao **Centro Universitário Belas Artes de São Paulo** umas das maiores obras que tinha de melhor a oferecer dentro do que seria um trabalho artístico contemporâneo. São Paulo, umas das maiores metrópoles do mundo, das entranhas do social, espancando gritos na selva de pedra, encontra-se o **efeito colateral do sistema, as pixações. Apresentei** como trabalho artístico a **‘exclusão social’**. Uma chinfra³⁸, reforçando um protesto contra o sistema capitalismo e os direitos de um cidadão que, até então, é ‘limitado’ e surreal pro extrato de baixa renda. **Ao contrario de olharmos só pro nosso umbigo**. Porém, eu, aluno cidadão que, a todo momento me apresentei como pixador, que sempre respeitou a instituição, tenho o direito de **liberdade de expressão** no trabalho conclusivo de artes visuais, **livre arbítrio e não servo-arbitrio.**” (RAFAEL AUGUSTAITIZ em texto enviado a mim. *Grifos do autor*)
(ver p. 234)

Sem nunca negar seu vínculo à cultura da *piXaçãO*, e tendo, obviamente, mesmo antes de frequentar a academia, já feito incontáveis obras por toda a cidade...

³⁸ Gíria paulista para periferia.

³⁹ Gíria paulista que quer dizer, em certa medida, uma brincadeira. Em gíria carioca seria como uma ‘onda’ ou ‘tirar um sarro’.



188

Rafael – 30 andares.

..., Rafael, mesmo dentro da faculdade, em sua relação com os professores, não escondia a cultura que não só lhe constituía, mas era a parte que mais o diferenciava como artista. Sua vida naquele meio, portanto, fatalmente seria constituída por uma série de conflitos imanentes. Seja por sua condição de morador da periferia, aluno bolsista, piXador e, mais do que isso, por estar frequentando as belas artes, não para adocicar a sua piXaçãO, mas para continuar a fazê-la com ainda maior intensidade, sua passagem, se fosse morna e confortável, seria frustrante frente ao potencial de desconforto às outorgas da Arte que ele poderia promover e promoveu. Com certeza, o vislumbre pelo mundo das artes poderia tê-lo apaziguado e, com certeza, já o fez com muitos outros que por ali passaram, mas Rafael não engoliu a seco. Prova disso são seus inúmeros trabalhos feitos durante os quatro anos em que esteve matriculado naquela instituição, tendo a piXaçãO como foco. Um deles merece, inclusive, uma atenção especial, menos por ter sido feito a convite de uma professora da instituição, como parte da mostra em comemoração aos 100 anos de Oscar Niemayer no Memorial da América Latina de São Paulo, e mais pela repercussão que este seu trabalho teve sobre seus próprios pensamentos, justamente por estar neste limite entre habitar a arte instituída sem largar a piXaçãO, limite complicado que o fez sentir-se desconfortável naquele momento. Aberta ao público dia 15 de dezembro de 2007, a exposição destinou, então, uma grande parede branca a ser ocupada pela sua arte, como mostra as fotos abaixo:



Sobre os incômodos que sua obra estampada numa mostra de arte o fez passar, Rafael, via MSN, em conversa comigo, disse:

Trancendencia horizontal da história, e transcendencia vertical de Deus. Quase pirei com aquele simbolo que fiz de todas minhas loucuras, diversas escaladas. Nada me incomodou como aquilo. Uma espécie de encanto. Aquela parada, pelo local me incomodo. Criei uma máscara onde meto pra lá que foda-se. Nem eu entendia o que tinha feito. Evitei até que os piXadores fossem ver. Enclausurado. Privei a piXaçãO. Não fiz o deslocamento dela. Poderia até fazer como o genial pintor Magritte – ‘isto não é uma piXaçãO’. É como se eu tivesse pegado tudo e sacrificado na casa do Estado. Criou uma distancia, trancendencia horizontal. O que está no limite é a piXaçãO. Terra céu, vida e morte. Parecia que estava lado a lado com a loucura, e aquilo não foi nada perto dos trampos que faço. Muitas coisas ficaram tangíveis depois disso pra mim. Só deixou de me perturbar depois do feito nas Belas Artes. Tenho que fazer algumas coisas. Meu espirito pede. Não consigo mais pensar a não ser o que tenho de fazer. Acho que depois que fazer o que tenho, fico de boa.”

(RAFAEL AUGUSTAITIZ em conversa via MSN)

6.1.. UMA CHANCE PERDIDA PELAS BELAS ARTES

De todo modo, sua obra mais relevante ainda estava por vir, mais ou menos 6 meses depois quando do seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso –, um *grand finale!* E foi! Nada mais óbvio que se tratar, mais uma vez, de algum trabalho vinculado à piXaçãO, e, como em todo bom trabalho final, a complexificação, um ir mais a fundo no que é estudado é crucial para a qualidade do trabalho. Com ele não seria diferente, a diferença, na verdade, estava nas belas artes. Ela até suporta um piXador em sua instituição, contanto que ele não vá tão a fundo, que não se torne estudioso demais, artista tão denso, aluno tão bom quanto Rafael. Como bem diz um trecho de Hakim Bey, o chamado profeta do caos, que estampa a primeira página do perfil de Rafael no orkut e do qual fiz questão de copiar e colar no meu:

As instituições têm oprimido a imaginação e desonrado o intelecto, degradando as artes a fim de estupidificá-las e promover a escravidão espiritual, a propaganda para o Estado e o Capital, reações puritanas, lucros injustos, mentiras e arruinamentos estéticos. (BEY, Hakim.

<http://catarse.110mb.com/hakimbey/caos/caos.pdf> Acesso em 04/07/2009)

Qual foi, portanto, a obra de Rafael? De fato, foi a piXaçãO em seu aspecto inteiro, sem se limitar à letra nos muros, mas incluindo nela a parte mais grossa desta cultura,

a não-autorização, a indisciplina, a irresponsabilidade, o nomadismo, o atravessar como furacão, escapando sem ser visto, ou melhor, suas partes mais juvenis, mais saudáveis, incluindo, como não poderia deixar de ser, seu questionamento quanto à autoria, afinal de contas a obra não era mais só dele, mas da molecada toda, da cidade de São Paulo inteira. Dia 11 de junho, data da exposição dos trabalhos dos formandos, incluindo Rafael, cerca de quarenta *piXadoresartistasarteirosamigos* invadem o prédio das Belas Artes e, entre eles, já não se pode mais distinguir Rafael. Capuzes nos rostos, tintas pelos bolsos, tudo deveria ser piXado. piXa TUDO!



Choque Photos - Formanda assustada da janela

Choque Photos

Obviamente, a represália, os brutamontes segurando as Belas Artes (ela não se suja se protegendo, contrata, é nobre demais para isso, prefere enviar uma nota oficial que ver sangue em suas mãos. Covardona!) viriam com violência para cima deles, e mais óbvio ainda, a reação da molecada deveria ser habilidosa, fugaz e também violenta. Se entregar seria correr o risco de ver sua cultura ser alvejada mais



uma vez. Era hora de alvejar!
Longe de esta violência ser motivo para diminuir a obra da menina, era parte integrante da artistagem, da estética ali proposta – fato indigerível para as Belas Artes constituída até

o pescoço pelas morais judaico-cristãs. Ouso dizer, o sucesso do trabalho do Rafael, ou melhor, de toda a menina, seria o fracasso do trabalho institucional. Em outras palavras, quanto mais intensa e legítima fosse a ousada obra de TCC, menor seriam as chances de o diploma ser emitido. Resultado, aluno jubilado, preso, processado, ou melhor, sucesso total! Trabalho eXtremo!

Rompi com um mundo das aparências, o diploma mesmo é válido no mundo das aparências. Não faço questão. Se um dia eu for atrás será só pelas pessoas que me apoiaram. Acho que transito nos dois. (RAFAEL AUGUSTAITIZ em conversa via MSN)

Nada mais compreensível que a tensão entre a ortodoxia da instituição de ensino (ortodoxia mais que afirmada pela reação assustadoramente conservadora da própria ‘Belas Artes’ que, diga-se de passagem, não traiu seu nome) e a postura e ação abusada do rapaz.

A tensão apontada está justamente no embate, nas palavras de Boaventura de Souza Santos, entre a força reguladora e as energias emancipatórias (2000). Rafael piXou paredes, divisórias, mobiliários e a arquitetura da faculdade. Não fosse uma instituição supostamente voltada para o ensino da arte, ele poderia tranquilamente ser aniquilado pelo sistema de crenças que cuidam da higiene da cidade como cenário estéril para os corpos e mentes disciplinados. Mas a razão da presença e ação de Rafael era justamente o aventado

sentido institucional: formar artistas, professores de artes, etc... Então, não seria fácil digerir Rafael e suas obras, afinal elas têm o tamanho da cidade de São Paulo, que cresce sem parar para todos os lados, sobretudo para aqueles que o ‘bom gosto’, a ‘racionalidade’, o ‘bom senso’ e a ‘boa educação’ não querem olhar. Não seria fácil nem possível esconder Rafael e impedir que seu feito nos levasse a pensar sobre os sentidos desse ensino de arte, abreviador de qualquer investimento filosófico na análise dos trabalhos de seus alunos. Rafael nos impõe pensar sobre a gravidade do cenário educacional que ainda se vale, rápida e violentamente, dos constrangedores recursos capazes de alcançar o senso comum de uma classe média anestesiada, como tentativa de dar conta da interrogação que Rafael gravou indelevelmente nas paredes da ‘educação artística’.

A tal ‘Belas Artes’ – alheia, como o demonstra de forma inequívoca os gestos de seus dirigentes, a toda uma velha discussão sobre os sentidos e limites da produção estética, sobre outorgas e experiências – parece desconhecer a imensa produção contemporânea da arte outorgada e das manifestações estéticas desautorizadas, mas não menos interessantes aos grandes teóricos e intelectuais da arte. Assim, outro aspecto a ser evitado, com a redução do instigante trabalho de Rafael, é o distanciamento daquela instituição ao que alimenta a pesquisa em artes na maior parte das instituições realmente devotadas ao seu estudo e ensino destituídos de pudores falsificantes, ou melhor, calmantes do que é friccional e fervilhante.

“Os índices seriam de extrema importância, ‘simbólico’, ‘de repente um valor capitalista estimado’, ‘poderia me apropriar e substituir tudo o que seria móvel’ e finalizar a mostra com os apagamento das paredes, isso se é que teria que apagar, afinal, é uma instituição Belas Artes ou é o quê?”

***O impulso e a cegueira fez com que apagassem a minha “obra” preconceituosamente. Quem vai me indenizar???** A minha ‘verdadeira’ arte, a de peso, não é prostituída facilmente, não é pra qualquer um, é pra quem eu queira ou vai ter que ter cacife, o peso capital não é paralelo à referente obra vendida de Beatriz Milhars. Com todo respeito a ela, servindo de referencia – 1 milhão de dólares atingidos. [...] Já se passou dias do caso ocorrido, deu tempo pros acadêmicos pensar e refletir sobre o choque que o trabalho propôs? Afinal, é uma academia de arte ou o quê?”*

(RAFAEL AUGUSTAITIZ em texto enviado a mim. Grifos do autor.)

Quem lida com a estética têm que ter corpo, e o simples fato desta existência do corpo em seu estado dilatado já empurra para longe qualquer necessidade de legitimação que possa prescrever uma alimentação da potência do acontecido. Sendo assim, talvez seja justamente a força de independência tão presente no trabalho do Rafael o ingrediente que mais tenha causado os enjoos conhecidos nas reações já previsíveis de tais ‘Belas Artes’ que, sem medo de errar, tornaram-se, como todo reducionismo conservador, motivos de ironia para uma juventude que ao ‘nada querer saber’ sobre isso, garante sua sapiência.

Também sem medo de errar, plenas de convicção, sob suas crenças na civilidade de suas ações como indiscutíveis sustentadoras de suas só aparentes feições de saúde, tais ‘Belas Artes’, sem saber, escondem o flagrante óbvio para um olhar sem tantos vícios, de seu estado terminal. Rafael, então, surge como um equipamento de choque desfibrilador, uma chance de sobrevivência, ou melhor, de ressurreição fora das convicções restritivas para as ‘Belas Artes’ que, mesmo sem palavras, retoma suas nunca perdidas vaidades de ares superiores, planando por sobre os homens. Em suma, prefere, sem nem dar conta, perder esta chance.

E nem precisava de tantas palavras bem articuladas, se bem que, como já falamos, para o jogo das aparências, podemos utilizá-las como tática. Bastava ouvir em elevados decibéis a sensatez do desequilíbrio: em palavras do próprio Rafael: *“Somos abusados? Que se foda! É um orgulho pra vocês eu estar dentro dessa podre faculdade. Não sou seu filhote, não preciso do seu aval. A arte, hoje em dia, é pra quem está na pegada. Para os bunda-moles, ela morreu faz é tempo.”* (Ditos enunciados por ele enquanto era algemado pela polícia)

Em simpatia com a ideia da totalidade da vida, a meu ver, tais ‘Belas Artes’ só se libertarão de seus invólucros constitutivos na medida em que forem se confortando com a

ideia de infidelidade a verdades, a morais, ou seja, se confortar no trânsito do próprio fazer estético em seu aspecto completo, incluídas, aí, as infidelidades aos valores. Em outras palavras, trafegando pelo desmantelado e pelo imperfeito sem seus ainda claros desejos de eliminação, ou melhor, de preservação de si. É exatamente neste sentido que Rafael é, ou deveria ser, se é que ainda não será, como ele, sabiamente declara, um orgulho não só para o Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, mas para a genérica ‘Belas Artes’ em si. Talvez ainda haja tempo.

Antes mesmo de decidir por tamanha obra, Rafael me confessou que já havia conversado sobre seus sentimentos com um de seus professores, segundo ele, “o mais picão” da faculdade, com o qual se dava bem:

“Fui conversar com um professor que admirava. Malokeiro eu, expus essa questão que tinha feito, o que tava sentindo [aqui ele se refere àquela obra já dita acima, feita e exposta no Memorial da América Latina], achava que me daria uma luz. Tinha quase certeza que ele sabia do que estava acontecendo, o que eu estava fazendo. Me falou que eu estava à deriva. Louco! Ai eu falei, isso é bom, fico lado a lado com a loucura, administro ela, ai sim faço arte. Com todo respeito, se vc tivesse crescido onde cresci, seria chamado de nerd e tomaria tapa na cabeça. Ficamos um buscando no outro, olho no olho, comecei a pegar fraquezas no cara. Sei lá, algo muito estranho, o mundo real e o mundo das aparências, e os cara são zicas também, são cultos, mas, ao mesmo tempo, são atrasados. Tipo dois mundos. Enquanto falam, eu ajo, mas as sensações foram além. Ficam presos em fantasmas, só leem, a realidade eles conhecem, mas..... Eu tumultuo. ‘Viu como não é pira minha? Faço acontecer.’ Tenho vontade de mandar esse salve pra ele, tirando um baratinho, rrsrs....”

(RAFAEL AUGUSTAITIZ em conversa via MSN)

Os nômades nada esperam da cidadela atravessada e não a desejam ocupar. É apenas uma coincidência ela surgir no caminho vagabundo dos primeiros. Como chegaram, artistas em transe e trânsito permanente, partem sem se importar com o que é feito e com o que é pensado nos intestinos das ruínas intactas que, apavoradas, os rejeitam. Em seu fluxo e devir, com seus olhares delirantes e suas criações alegres e ferozes, os nômades, belas crianças, da cidadela triste e rancorosa, nem se aperceberam.

Rafael é uma preciosa notícia! E não parou por aí.

O mesmo ocorre na história da humanidade; primeiramente as forças mais impetuosas abrem caminho pela destruição, mas sua ação era, no entanto, necessária para que mais tarde costumes mais amenos erguessem no local sua morada. Essas energias terríveis – aquilo que se chama o mal – são ciclóticos arquitetos e construtores pioneiros da humanidade. (NIETZSCHE, 2007d, p. 177)

6.2.. CHOQUE CULTURAL? NÃO SERIA BLECAUTE?

Alguns meses depois, mais precisamente em um sábado, dia 6 de setembro, o alvo seria uma galeria cujo nome e proposta, aparentemente, supunham um local destinado às artes do *underground*, da rua, em suas palavras, “artes com procedências paralelas às artes acadêmicas”. A galeria se chama ‘Choque Cultural’, nome que, além de supor tal abertura a estéticas não-acadêmicas de arte, sugere, ainda, uma capacidade de convivência melhor com noções de efervescência, adrenalina e, até mesmo, de violência, constituintes de muitas destas produções. O que me espanta, mas que nem deveria espantar tanto assim, é a quantidade grande de obras expostas, ou melhor, postas à venda nesta galeria, vinculadas ao que se acostumou chamar de ‘arte de rua’, muitas destas, tendo, inclusive, a estética da piXaÇÃO como forte influência. Aí está o grande perigo, este limite entre influência e cooptação, e, mais ainda, entre a mercadologização e a domesticação. Fica a pergunta: quantos *voltz* de potência a ‘Choque Cultural’ aguentaria? Quão domesticada a piXaÇÃO precisa estar para figurar entre as obras ali expostas-vendidas? Se a ‘arte de rua’ é, grosso modo, tida como crime, até onde vai a coragem destes curadores que se apresentam tão antenados com o que acontece na cidade, em também cometê-los, em se confortar vivendo-os?

Aguenta-se, encoraja-se, vende-se e expõe-se isso:



Foto retirada do site da Choque Cultural

Perdem o fôlego com isso:

197



Choque Photos

A primeira imagem, postada no site da galeria, mostra uma instalação feita pelo artista Zezão, integrante da 'Choque Cultura', em Los Angeles, numa exposição chamada 'São Paulo'. Já a segunda é uma foto da invasão sofrida pela galeria. Enquanto uma é

instalação artística, a outra é crime; enquanto uma é arte de rua ou ainda *street art*, a outra é sabe-se lá o que, provavelmente, vandalismo; enquanto, na primeira, se conhece o artista, na segunda, é a juventude nômade desautorizada quem assina; enquanto, numa, a curadoria propõe um valor, na outra, não é vendável, simplesmente está, arte em imanência com a cultura urbana. Talvez a própria cidade a encomende, a compre, por um valor simbólico, não foi assim na primeira? Para se ter São Paulo por inteira em Los Angeles não precisou flertar com a piXaçãO (talvez com 'ch')? Então? Até o risco de vida pode ser um preço a ser pago. Mas o primeiro estava autorizado, era convidado, diriam alguns. Grande vantagem! Lembro muito mais das festas a que fui como *penetra* que nas convidadas. Quanta audácia!

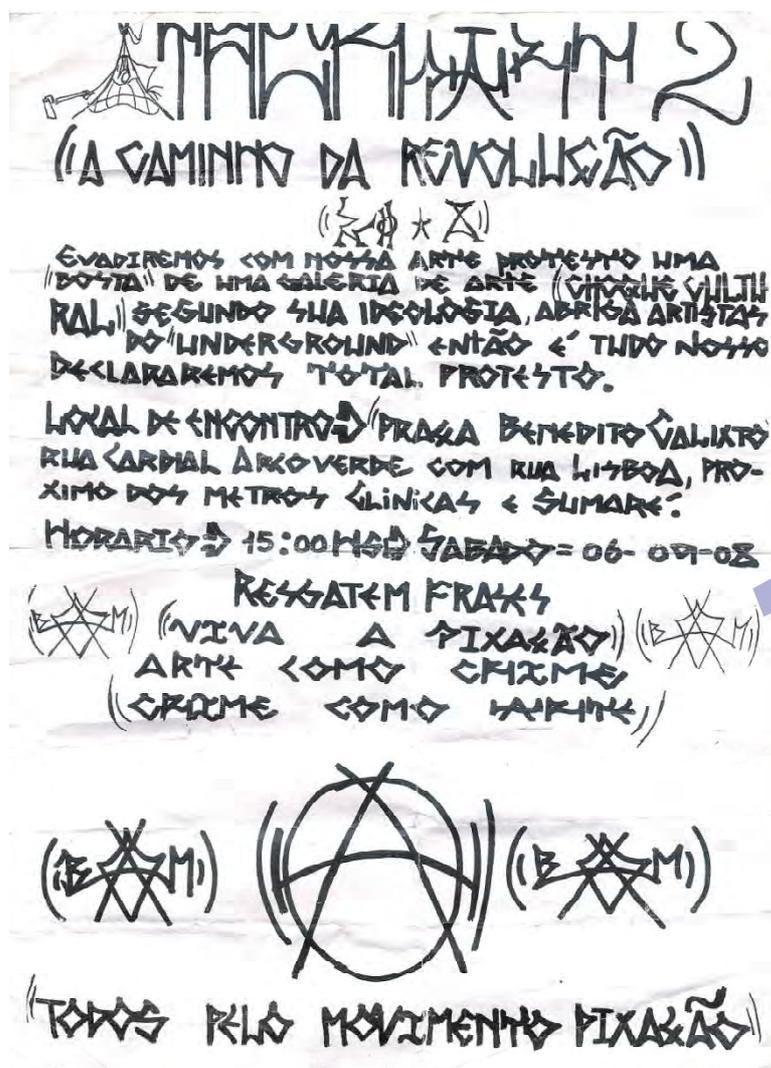
Não me proponho, aqui, diminuir as obras de artistas como Zezão, que tem na rua sua matéria-prima, suas principais fontes de inspiração, mas pôr em cheque os regimes de verdade que circulam esta habilidosa invenção da aristocracia ocidental de meados do século XVII – o conceito moderno de arte, ou melhor, o mundo-mercado da arte.

Nem para Dante nem para Tomás de Aquino o termo Arte tem o significado que associamos a ele, e já se enfatizou ou se admitiu que para Tomás de Aquino cozinhar, fazer sapato ou malabarismo, e dominar a gramática e a aritmética não são atividades menos artísticas que a pintura, a escultura, a poesia e a música, atividades que nunca mais seriam postas em um mesmo grupo, nem mesmo categorizando-as como artes imitativas. (KRISTELLER apud TAYLOR, 2005, p. 57)

Quero dizer com isso que, mesmo nos redutos, nas galerias que se dizem menos institucionalizadas, mais alternativas, basta pô-los, justamente diante de produções estéticas eXtremamente alternativas, ou melhor, inadaptáveis à moral vigente, para ver reagir a vontade controladora de uma curadoria super descolada, mas muito bem formada e educada.

Então, dias antes ao já marcado dia 6 de setembro, alguns chamados foram espa-

lhados tanto pela cidade de São Paulo, quanto pela internet, especialmente pelo orkut e fotologs:



A meu ver, a parte mais significativa do convite está, além da própria estética da piXaçãO, tomar conta, nas primeiras palavras, quando lança, sobre a ‘Choque Cultural’, o título de uma ‘bosta’ de galeria, uma vez que ela, segundo o próprio convite, afirma abrigar “artistas do *underground*”, sendo assim, como dizem eles, mais uma vez, “é tudo

⁴⁰ “Atack Parte 2: evadiremos com nossa arte protesto uma bosta de uma galeria de arte “Choque Cultural”. Segundo sua ideologia, abriga artistas do “underground”. Então é tudo nosso. Declaramos total protesto. Local de encontro: Pça Benedito Calixto. Rua Cardinal Arco Verde com Rua Lisboa, próximos dos metrô Clinicas e Sumaré. Horário: 15:00 Sábado 06-09-08 Resgatem frases: “VIVA A PIXAÇÃO”, “ARTE COMO CRIME, CRIME COMO ARTE” “TODOS PELO MOVIMENTO PIXAÇÃO”.

nosso!” Estava justificada, assim, a sua posse, a sua tomada de assalto, ou um processo de avaliação: o quão *underground* é o artista ali legitimamente amparado? Ou, para fazer parte do *underground* dito, defendido e amparado pela galeria, seria preciso um processo de passagem coordenado por uma curadoria que, apesar de se dizer estética, não tem o fôlego de vivenciá-la nietzschianamente ou maffesollianamente – em suas partes, de fato, mais sombrias, mais invisibilizadas, ou seja, não conseguem desvincular de seus pareceres estéticos, seus ranços morais. De todo modo, enquanto a curadoria escolhia as partes da rua que deveriam ser bem expostas-vendidas, a própria rua, no que ela tem de mais inapreensível, no corpo de sua juventude nômade, atravessadora e marcadora, impediu seu próprio processo de envernizamento. Tudo bem, óbvio que tudo o que for escolhido para estar naquela galeria não tem a menor força nem significância frente ao que, de fato, extrapola e joga ao chão todo o vínculo que, historicamente, foi construído entre a noção de estética e de moral. Em outras palavras, a força significativa do fenômeno da piXaçãO está, de certa forma, por acontecer independente de qualquer manobra patrocinada pelo mundo da arte. Portanto, mesmo que os piXadores nem ficassem sabendo sobre o que era feito naquela galeria, a piXaçãO em si já é anunciadora de uma série novas perigosas plataformas, para também novos possíveis entendimentos da emergente metrópole comunicacional, do estudo da estética, do campo da educação, da cultura, em suma, das ciências humanas.

De todo modo, com a intensidade do nomadismo contemporâneo protagonista, vivenciado por esta juventude que se nega a aceitar o papel coadjuvante a ela proposto por um projeto periferizador e gentrificador⁴¹, tanto na esfera geográfica da cidade quanto em seu ainda mais violento projeto estético-moral-simbólico, o controle sobre quais territórios os ‘Rafaéis’ irão atravessar e ocupar se dissolve, há mais espaços, então, para os inespe-

⁴¹ Termo comum em alguns estudos de arquitetura acerca do processo de esvaziamento e não utilização de uma série de espaços públicos. Como se desse a idéia de uma centrífuga de gente.

rados encontros de lógicas. Ironicamente, então, como vimos, Rafael Augustaitiz, corajoso e ousado piXador, quase que como num malabarismo do acaso, passa a frequentar, por quatro anos, o curso de artes visuais e, conseqüentemente, ambientes institucionais das belas artes junto com seus símbolos, sua linguagem, seu vocabulário, todo seu arsenal simbólico. Até aí, tudo bem, tudo confortável, uma vez que, como já disse, muitos saem dali encantados, vislumbrados. Não foi o que aconteceu com Rafael.

Como ele mesmo diz, foram anos de desconforto frente àquilo que, para ele, fazia pouco sentido, uma sensação forte de não pertencimento àquele contexto simbólico, tempos de sentido diminuído frente a algo que se postulava diante dele como mais grandioso, convivências tensas com alguns professores, enquanto outros, poucos, viam nele, de fato, uma possibilidade para a amplificação do estudo da arte, da estética, uma chance de tornar aquele ambiente de discussão mais plural, uma chance de conversas com outras lógicas de produção estética. Como eu disse, foram poucos, e mesmo estes poucos, após a primeira obra, pelo visto, também foram perseguidos:

Uma professora foi mandada embora, porque falou que são todos cuzões, só falam o que já foi dito. Fiquei sabendo que ela falou num debate com os alunos que eu coloquei a coisa pra funcionar. Os cara estão digerindo ainda. Enquanto há discussão, há dúvida, enquanto há dúvida, não poderiam ter me expulsado. Adorei mesmo, vou tumultuar mais. Como diz o Raul, eu sou a mosca que pousou na sua sopa; prefiro ser uma metarmofose ambulante; não adianta me detetizar, porque vc mata uma e vem outra em meu lugar, Raulzito. (RAFAEL AUGUSTAITIZ em conversa via MSN)

Sendo um centro universitário particular, outra experiência em potencial foi a circulação de Rafael por ambientes e pessoas das mais diferentes camadas sociais, experiência que, sendo feita e vivida numa filosofia da conversa, é, evidentemente, enriquecedora.

O que procuramos, no sentido mais amplo do termo, que compreende muito mais do que simplesmente falar, é conversar com eles, o que é muito mais difícil, e não apenas com estranhos, do que se reconhece habitualmente. “Se

falar *por* alguém parece ser um processo misterioso”, observou Stanley Cavell, “isso pode ser devido ao fato de falar *a* alguém não parecer de maneira alguma misterioso.” (GEERTZ, 1989, p. 23-24) **(ver p. 35)**

Rafael, então, sem deixar, obviamente, de frequentar os grandes *picos* da piXaçãO e de escalar imensos prédios, passa, também, a conhecer galerias, museus, centros culturais daquilo que é, grosso modo, conhecido como Arte. E a ‘Choque Cultural’, até mesmo por se anunciar como local destinado a produções contemporâneas de artistas não-acadêmicos, em especial os simpáticos à cultura urbana, de rua, fatalmente não escaparia aos olhos de Rafael. Atento à limitada capacidade de fôlego de quem comandava a galeria, evidenciado pelas obras expostas e pela condição, grande parte das vezes, vendável das mesmas, Rafael viu, naquele lugar, uma assepsia que não condizia com a produção que ele e seus amigos produziam. Arte *underground*, arte da rua, vivenciada por ele há décadas, numa intensidade à flor da pele, ou seja, indissociável de sua própria condição vivente, vida e obra numa coisa só, não seria passível daquele encaixotamento, não se expõe, se vive. Como certa vez ouvi o grafiteiro carioca Marinho dizer: “A melhor coisa do piXador é que ele não arrumou o problema que eu arrumei, que é querer ser artista.”

Não se pode entender a piXaçãO, portanto, limitada à sua produção tipográfica, ao nome no muro, muito menos às suas reelaborações como na instalação do artista Zezão dita acima. A piXaçãO, em sua completude complexa, não é apreensível numa exposição, numa foto que seja, ela só se completa no momento que é eXperienciada, vivida, em toda sedução de sua subversão, em todo desconforto que produz, em todo peso carregado por aqueles que, ao escolhê-la como opção para ocupar o mundo, para escrever sua vida sem autorizações, aceitam o fardo e o orgulho irônico de se apaixonarem pelo crime. Se um local se propõe, então, a amparar estes tipos de produções estéticas, não me venha com doses homeopáticas que, ao passo que garantem um nome ‘descolado’ à sua galeria e uma aparente e charmosa posição não-acadêmica contemporânea, não passam de afogados

aniquiladores da imaginação! Rafael e seus amigos, na mesma intensidade, apenas sugeriram o óbvio: dar à galeria o que ela mesmo anuncia como sendo seu material de interesse, mas, desta vez, não seria em pedaços escolhidos por ela, mas por inteiro, com toda a força, com todos os decibéis que a constituem, goela abaixo.

Contudo, era evidente que a galeria não iria digerir aquilo, como veremos. E não venham dizer que Rafael é o suposto líder, o manipulador, como alguns chegaram a denunciar, ele apenas atravessou, em sua trajetória, contextos simbólicos quase incompatíveis, de lógicas bem diferentes, mas que tinham como substância comum a incrível dependência humana de sua capacidade em viver inexoravelmente produzindo estéticas. De todo modo, tal imenso conhecimento, tamanha experiência, foi coletivizada com seus amigos *arteiros*, coisa até que as Belas Artes deveria se propor mais a fazer. O grande drible, na verdade, foi que ele, para desconforto da instituição, que não engole tão bons alunos assim, aprendeu da melhor maneira possível: às avessas, sem curvar-se, alongando-se, coluna ereta. 'Choque Cultural'? Blecaute Cultural poderia ser mais apropriado!

O tempo que a arte era o belo já passou, isso ficou para trás, estamos no século XXI. A Arte não é mais para ser bonita, para enfeitar a minha sala, a arte é para falar da população, expressar quem a gente é, refletir sobre o nosso mundo, então, um grafite numa parede que ele só é bonitinho, que só serve para embelezar a cidade, ele é uma merda, não é porra nenhuma, não é nada, não é nem grafite. Não quero um grafite para colorir a cidade, quero um grafite que faça a minha vizinha pensar sobre alguma coisa. A piXaçãO não tem como a pessoa gostar, a gente gosta porque a gente entende, algumas pessoas acham lindas, mas as pessoas normais nunca vão gostar. Por isso que eu vou gostar muito mais dos meninos da piXaçãO do que dos meus amigos grafiteiros, apesar de ter escolhido o grafite para mim. Mas na totalidade do movimento, a piXaçãO é muito mais pura porque não se vendeu. (ANARKIA em conversa)

Então, chegando o sábado dia 6 de setembro, concentração feita, todos caminharam juntos em direção à galeria. Entraram normalmente como se fossem contemplar as obras, mal sabiam os seguranças que ali entravam artistas do *underground* e da rua, justamente

no local que discursivamente os acolhe. Então... piXa tudo!!



6.3.. SE ENCHERAM DO VAZIO OU ENCHERAM O VAZIO?

Desta vez, todos conseguiram escapar, e o próximo alvo já era de se imaginar: a polêmica 28ª Bienal de São Paulo, apelidada, tanto pela população quanto pela imprensa, de a Bienal do Vazio, uma vez que, nas falas de seu próprio curador – Ivo Mesquita – propunha algo, em seu ponto de vista, corajoso:

Quis propor uma reflexão sobre o sistema das bienais, a Bienal de São Paulo como um estudo de caso. O térreo é uma espécie de praça, um ponto de encontro, com atividades desenvolvidas pelos artistas. No primeiro andar, um espaço de serviços e o vídeo lounge. O segundo andar, a planta livre, que enfatiza a arquitetura do edifício, rompendo com o formato tradicional. O terceiro andar

é o plano de leituras.

(http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2008/10/23/_bienal_do_vazio_comeca_neste_sabado_pode_ser_alvo_de_pichadores-586086074.asp Acessado em 16-06-09)

Segundo o próprio jornalista que fez esta matéria a partir desta coletiva de imprensa, percebeu não só um tom de voz desconfortável do curador, como também uma significativa diferença diante de suas falas anteriores. Agora, ele, quando abordava o segundo andar da mostra, aquele que, propositalmente e conceitualmente, não exporia nenhuma obra, sequer mencionava a palavra “vazio”, que teria sido o pivô principal de toda a polêmica. No lugar dela, foi escolhida a muito menos potente “planta livre”, enfatizando assim sua relação direta com a arquitetura do edifício.

Como maneira de justificar conceitualmente aquele espaço vazio, o qual sofreu algumas denúncias sobre uma suposta crise econômica e estrutural da instituição Bienal e, a mais grave ainda, de lavagem de dinheiro, foi elaborado, também, o tema “em vivo contato”, o qual, justamente, significaria tanto o contato entre público com a arquitetura, quanto supunha maior relação entre o público em si. Não era muito claro se tal espaço estava aberto a intervenções desautorizadas, de todo modo, é fato que algumas mais bem comportadas aconteceram e não foram interrompidas pela organização, o que sugeriu uma simpatia à ocupação do espaço, contanto que... **(ver p. 212)**

Haja vista os locais de verdades e valores tão contraditórios atravessados e marcados, não só pelo Rafael, mas agora, também, pelos seus amigos, aquele andar vazio proposto pela Bienal, me parece, seria um cenário ideal para estampar, ou melhor, espancar, estas contradições conflituosas. E isso, para que fosse legítimo, para que fosse, de fato, piXaÇÃo e não pichação, deveria ser feito justamente como foi, em ATACK, portanto...

públicos, que serviriam, ou melhor, acreditam servir como um banco de dados para que a humanidade não perca de vista seus principais feitos artísticos, que os arquivem para as futuras gerações, sendo assim, como ficaria um artista que já o era sem nem saber desta nomenclatura pomposa e que, justamente, por não identificar tal pompa como pertencente à sua produção passa a se intitular, em contraposição, como arteiro? Como ficaria, então, este que, ao conhecer a pompa, e mais ainda, seu discurso universal, não se percebe amparado, acolhido, protegido, muito pelo contrário, já nasce encontrando na ameaça seu lugar de produção estética?

Neste sentido, tão significativo quanto a invasão, foi o convite ou o chamado espalhado pela cidade e pela internet estampado acima. Não só pelo seu conteúdo, sobre o qual nos debruçaremos em seguida, vale a pena pensarmos, também, o quanto a escolha por espalhar tais convites pode, de alguma maneira, evidenciar a simpatia que esta meninada tem para com o território metropolitano e virtual que habitam com espírito nômade. Se existe um lugar onde encontrarão simpatizantes à sua proposta de reclame, este lugar só pode a cidade e sua virtualidade, assim, sem endereços fixos, inapreensível, liquidamente. Enquanto isso, museus, galerias e a cidade parecem corpos em relação de incompatibilidade, uma vez que as imperfeições, o contraditório, as dissonâncias e as ilegalidades que constituem, ousado dizer, a parte mais densa e pulsante da cidade e das produções estéticas que a atravessam, me parecem, ainda, inapreensíveis para o fôlego limitado inerente à lógica de museus e galerias. A cidade inteira até cabe numa galeria, em um museu ou numa instituição de Belas Artes, como coube à força, mas o fôlego para ampará-la e protegê-la, mantendo a legitimidade, requer fôlego e coragem demais para quem escolhe despende seu tempo e saber projetando, sonhando e administrando galerias. Portanto, nos moldes de hoje, a meu ver, mesmo que uma galeria tenha sido criada, afirmando seu interesse pelo não-acadêmico e pela rua, como aconteceu com a Choque Cultural, a voz gritada, com

cordas vocais calejadas, porém potentes, da rua, a cidade com seus decibéis muito além do permitido, todo este barulho ensurdecedor, toda esta visualidade desconfortante que constituem a beleza de uma metrópole contemporânea, só pode ser encontrada pulsante, fervilhante, ou melhor, com legitimidade em uma galeria de arte se for feita como foi, na base da invasão, do crime não-autorizado, mas sem ser pega, escorregadia, nômade como já é. E a juventude é perita, habilidosa, pós-doutora em não deixar a legitimidade da rua se esvair.

É justamente, então, neste sentido que o conteúdo do convite à invasão da Bienal é muito potente, é anunciador do abismo, do imenso disparate entre o que acontece de estética pelas ruas e o que os regimes de verdade da arte conseguem digerir, contemplar.

Nada do que suposto natural, a simbólica e singular piXaÇÃO paulistana, espancar na tinta, galerias e museus de arte, transcendendo “além do bem e do mal”, prestando seu papel aos “confortáveis”, contribuindo com a arte e com a humanidade. (transcrição do convite acima)

Apesar do começo de difícil interpretação, a meu ver, a meninada supõe como óbvio, como movimento natural, mediante o histórico aviltamento e invisibilização ao qual tal juventude periferizada e, conseqüentemente, todas as suas legítimas produções foram e continuam sendo condenadas. Neste caminho, mesmo que tais produções sejam independentes, aconteçam à revelia do que as instituições de arte decidam sobre elas (talvez seja essa sobrevivência nem ligando para ela, que mais a atormente), o nomadismo desobediente dessa meninada não permitiu a intocabilidade da arte. Portanto, a trajetória desobediente e inesperada de um jovem que, na condição de periferizado, ousou – provavelmente sem nem perceber que ousava tanto, o que o torna ainda mais legítimo – ocupar lugares, bancadas as quais não lhe eram simbolicamente destinadas, perante as quais ele era o “outro”, o inesperado; ousou não se curvar, não se vislumbrar diante de um discurso-verdade que não fazia sentido algum frente ao que ele vivia-produzia; tal trajetória, então,

intensificada pela condição não apenas singular da piXaçãO, mas esparramada pela cidade, em constante contaminação coletiva, muito mais que uma linguagem estético-artística, mas uma cultura, com toda a complexidade que tal nomenclatura contém; já anunciava potentes rupturas, intensos embates, há tempos já estampados por toda a superfície deste aburguesado projeto de metrópole, incoerente e conflituoso em si mesmo. De todo modo, como já disse, a arte instituída parece cada vez mais anacrônica frente à explosão estética urbana contemporânea, ao mesmo tempo encorajada pela falência deste projeto de cidade e denunciadora desta mesma falência. Se durante a idade média e maior parte da modernidade, a arte teve papel protagonista no planejamento e na construção da cidade como a conhecemos hoje, em nossos tempos atuais, pós-tudo, é justamente de onde a arte menos se ocupou, de tudo o que ela periferizou em favor de uma centralização metropolitana que, desobedientemente, negando séculos de adestramento, irradiam, emergem as produções mais instigadoras, mais interessantes, mais anunciadoras de um novo panorama *artístico-arteiro-cultural-estético* muito mais amplo. Por isso, “ALÉM DO BEM E DO MAL”, por isso, “prestando seu papel aos ‘confortáveis’ e, por isso, “contribuindo com a arte e com a humanidade.” Que chance esta menina deu às belas artes, às artes de se moverem numa direção inédita, com uma velocidade e contemporaneidade jamais vista! De todo modo, diferente da metrópole contemporânea que, por se insinuar livremente, se atualiza a cada instante, a arte, com suas políticas, poderes e fetiches mercadológicos, se satisfaz em criar estampas para se mostrar atual, descolada e atendida. Portanto, enquanto a arte se negar a esta manobra habilidosa e veloz sugerida pela menina que zomba dela, continuará tendo apenas uma opção, apenas uma escolha diante de estéticas zombeteiras, a cooptação, a domesticação e a mercadização, nesta ordem. Em outras palavras, a arte deveria se espelhar na versão contemporânea da metrópole que ela mesmo planejou e ajudou a construir, mas que hoje, como num golpe reequilibrante, humanista pelo crime, se revela, ironica-

mente, ao avesso. Arte do avesso, ou o avesso como arte.

Retomando a história da bienal, tudo bem que soa interessante e super atual a proposta do “vazio”, ou da “planta livre”, no sentido de propor uma experiência da arquitetura do prédio. De todo modo, não se pode, para uma curadoria que se preste a pensar um pouco mais corajosamente, deixar de pôr em discussão, filosoficamente, o conceito de experiência, afinal de contas, que experiência arquitetônica mais pobre é esta, de onde a própria arquitetura deve sair intocada? Que contemporaneidade há nisso? Que sacralização mais cafona e anacrônica uma bienal de arte foi capaz de promover, e pior, transvestida de “corajosa”, de questionadora! Bem, convenhamos que, se tem alguém que vive eXperienciando (esta sim com X maiúsculo) a arquitetura de maneira eXtrema, em risco de vida, confundindo seu próprio corpo frágil com o concreto aparentemente indestrutível e eterno, esse alguém são muitos, são piXadores. Posso dizer, portanto, que os piXadores da bienal, ou melhor, da cidade inteira, podem ter, mais uma vez às avessas, salvo a experiência arquitetônica promovida pela curadoria de seu evidente fracasso conceitual? Afinal de contas, eles já fazem e vivem isso (percebam, o quanto, no contexto da arte, esta expressão faria mais sentido se dita “vivem DISSO”. Entre os piXadores, a potência da mistura indissociável entre vida e obra de arte propiciam um natural “vivem ISSO”) todo dia, ou melhor, toda madrugada, sem convocarem suas coletivas de imprensa. Tal conceito, então, longe de seu aparente ineditismo, já é vivido com muito mais intensidade fora daquele 2º andar sem graça.

Então, dia 26 de outubro de 2008, às 18h, como combinado no convite, um grupo de cerca de 50 pessoas – entre eles apenas uma menina, chamada Caroline Pivetta da Mota (mais tarde você saberá o porquê de eu dar atenção especial a ela) – se encontrou no ponto de ônibus em frente ao Detran e, logo depois, partiram pelo Parque do Ibirapuera em direção ao pavilhão da bienal. As pessoas entraram como se fossem público mesmo, e só

começaram o ATACK quando perceberam que já estavam sendo perseguidos pelos seguranças que já os julgavam segundo suas aparências “periferizadas”, como veremos mais à frente em depoimento do próprio chefe da segurança. Obviamente, para manutenção e sobrevivência da complexa obra-performance em questão, passaram a ser necessárias boas doses de violência, afinal de contas, era preciso não só produzir a obra como também escapar audaciosamente. Alguns, moralistas-jornalistas de espírito, vão ilegitimar a ação apenas por seus impulsos violentos, através de ditos muito comuns como “*se bateram em alguém já perderam a razão*”. Pois bem, a violência, no caso, além de ser determinante para o sucesso da ação, era mais do que isso, era parte indissociável da mesma, tão significativa quanto as letras nas paredes, eram os corpos em arruaça, eXperienciando a arquitetura sem se deixarem controlar. Coragem e ousadia como conceito de arte.

O protesto da bienal para mim foi perfeito. O Vazio. A Arte institucionalizada ela é tão podre, que o cara não tem dinheiro para pôr obra de arte no espaço, e tem a cara de pau de dizer para a gente que é uma reflexão do vazio. É o cúmulo de criar um conceito para uma obra que na verdade não existe, entendeu? Tá de sacanagem com a nossa cara. Aí os moleques vêm, piXam tudo. Aquela performance de piXar aquela sacanagem da bienal foi a grande obra, acho que de todos os tempos, de todas as bienais. Foi uma coisa natural, não foi programado, ninguém esperava. Dou o maior apoio. (ANARKIA em conversa)

6.3.1.. CAROL PRESA! ARTISTOU DEMAIS?

Pois bem, após toda ação-obra, os seguranças, a fim de não deixá-los escapar até a chegada da polícia militar, confinaram todos no espaço destinado ao guarda-volumes. De todo modo, o que os separava do espaço externo da bienal, ou seja, o que os distanciava de uma possível fuga era uma parede de vidro transparente e, obviamente que aquilo não os deteria, afinal de contas, são peritos em eXperienciar a arquitetura mesmo que seja se machucando. Pegaram, portanto, uma daquelas bases de ferro de onde saem as faixas que

ordenam as filas e quebraram o vidro, fugindo todos por ali, menos Caroline Pivetta, que já havia sido contida pelos seguranças. Pode ser coincidência, mas também vale para se pensar, entre os 50 pichadores, apenas a única menina foi pega. Quanto isso pode ser indicativo? Bem, todavia, foi ela a única encaminhada à delegacia de polícia e, mesmo antes do julgamento, mantida presa por cerca de 2 meses. Sobre isso falaremos mais adiante. De qualquer maneira, foi a partir do material escrito como resultado da audiência acontecida em 17 de fevereiro de 2009, no fórum Ministro Mário Guimarães, na sala de audiências da meritíssima juíza de direito da 4ª vara criminal, Drª Márcia Tessitore, que teve como ré Caroline Pivetta, que retiro alguns trechos, especialmente da testemunha de acusação e vítima, o senhor Mario Rodrigues da Silva, pessoa responsável pelo esquema de segurança do pavilhão da bienal, e que em seu depoimento detalhou bem como, segundo ele, tudo aconteceu:⁴²

Mário: Era por volta de 16:30 horas, na Bienal eu sou o responsável pela área de recursos humanos, pela parte de manutenção predial e de eventos. Aí nós íamos ter naquele dia uma apresentação de uma dupla de performáticos, que é “Fischerspooner”, e esses artistas iam se apresentar no piso térreo do pavilhão da Bienal, mas eram artistas que atraíam um público muito grande, pessoas de várias tribos. Então nós separamos as entradas: as pessoas que visitam a Bienal, que são de família, pessoas idosas, era um domingo; e quem ia frequentar, participar da apresentação, do show, eram mais jovens. [...] Para a gente não ter nenhum tumulto, contratempo, nós separamos as entradas, quem ia para o show, ia entrar pelo piso térreo; e quem ia visitar a Bienal, ia entrar por outro lado. Nós fizemos isso por causa das ameaças que nós tivemos do grupo de pichadores **[aqui deixarei com “ch”, uma vez que é uma cópia fiel do documento oficial, mas lembrem-se, quando forem eles, podem ler com “X”]**, que iam invadir o prédio.

Juíza: Como foram as ameaças?

M.: Pela internet, pela Folha de São Paulo, telefonema anônimo, eu trabalho há 16 anos lá, foi uma pressão terrível, as pessoas não

⁴² Atenção ao fato de que, quando o que estiver escrito forem pensamentos meus em meio às falas da audiência, ou seja, quando não pertencerem ao documento, virá entre colchetes.

conseguiam trabalhar direito, a gente ficava parecendo que todo mundo tinha usado droga porque estava num ritmo assim desesperado, porque a qualquer momento, alguém podia entrar e fazer alguma coisa.

Aqui vale retirar um trecho, exatamente desta matéria da Folha de São Paulo em questão, onde os próprios curadores afirmam as ameaças:

“Estamos esperando esse tipo de ação e tomamos providências para evitá-la. Isso é um absurdo”, disse ontem o curador da 28ª Bienal, Ivo Mesquita, na entrevista coletiva de apresentação do evento.

“Nós sabemos que eles estão convocando gente da periferia da cidade para fazer isso, e essas pessoas não sabem o que elas vão encontrar. Em geral, quem faz esse tipo de ação o realiza à noite, mas aqui eles não sabem no que vão estar se metendo. É um lugar público e que terá muita segurança”, afirmou a outra curadora da Bienal, Ana Paula Cohen.

Para ela, “o que quem lidera isso quer fazer é aparecer na imprensa. E ele está até mesmo violando um código de ética dos pichadores que é não pichar em cima do trabalho de outros, caso eles venham pichar obras aqui.”

(<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u459724.shtml> Acesso em: 24/10/2008)

Enquanto Ivo Mesquita esbarra na pobreza de pensamento, na limitação à nomenclatura “absurdo” e pronto, Paula Cohen tem um discurso ainda pior, no estilo “você não sabem com quem estão falando”, piorado quando, de maneira suspeita, porém significativa para o meu trabalho, chama toda aquela galera de “gente da periferia da cidade”, o que, a meu ver, soa como “essa galera que não entende e não sabe de nada do que se passa por aqui”, como se isso fosse condição inerente a uma vida mais feliz, e pior, como se ela também não fosse imensamente ignorante diante das coisas que acontecem lá onde ela chama de periferia, lá no fundão. Ao final da fala, ela ainda tem a prepotência de querer se mostrar grande conhecedora da cultura da piXaçãO, conhecimento superficialíssimo, reducionista, jornalístico, senso comum no pior dos sentidos. Ela caiu de bunda ao portar

a AK-47 da arte, enquanto os Rafaéis, para “ALÉM DO BEM E DO MAL”, aprenderam a manuseá-la com muito mais eficácia, aguentando o tranco sem perder a mira.

Retomando a audiência, agora Mário fala sobre o possível autor das ameaças:

M.: Augusto, “Pixo Bomb” [**Augusto? Creio que ele tenha se enganado graças ao sobrenome de Rafael Augustaitiz, uma vez que o nome dele foi divulgado em diversos meios de comunicação**], que pichou a Faculdade de Belas Artes e uma galeria. Nesses ataques [**como é o Mário falando e não os Rafaéis, o ataque perde força, ganha um gramático “qu” no lugar do contemporâneo e eXtremo “CK”**] que fizeram na Faculdade de Belas Artes e na Galeria Choque Cultural, que eles falaram na entrevista que deram, que foi divulgada em todos os meios de comunicação, que o próximo alvo era a Bienal. Três dias antes de inaugurar a Bienal, eu fui no distrito policial de Tutoia, não sei o nome, fiz Boletim de Ocorrência de grave ameaça, porque eu era o homem de frente, então eu sabia que se acontecesse alguma coisa, isso poderia me causar algum problema profissional, por eu ser responsável pela segurança do evento e fisicamente também, porque eu ia defender o meu pão, lá é o meu ganha pão.
[...]

J.: E seria o mesmo grupo?

M.: Mesmo grupo, inclusive foi o mesmo grupo, liderado pelas mesmas pessoas, inclusive esse “Augusto”, que era o “Pixo Bomb”, estava na Bienal nesse dia.

M.: Eu estava na frente, já tinha separado os dois públicos dos dois eventos, e eu estava na linha de frente, com os seguranças e os bombeiros, que foram pessoas que também foram agredidas, que eu vi três pessoas assim, entrando, que não era questão de discriminação, eu via que não era público de uma Bienal [**hummm, então existe um perfil visual de “público de uma Bienal”, uma escolha estética que, certamente, tem a ver com periferização, com a mesma matriz de sentimentos que fazia Rafael se sentir “fora de seu espaço”, não pertencendo àquele espaço-lógica-linguagem-discurso das Belas Artes**], tipo assim, com capuz na cabeça, uma calça bem larga assim. E como o Delegado já tinha dito para nós na delegacia: “se vocês verem pessoas com características de pichadores, fiquem espertos, senão vão fazer alguma coisa”. Então, tipo um domingo à tarde, temperatura por volta de trinta graus, pessoas todas encapuzadas, andando assim meio que na espreita. Aí eu fui atrás, quando fui atrás, eles desconfiaram que eu estava atrás deles, eu estava com crachá, eles gritaram: “corre”. E aí, quando gritaram “corre”, outros estavam atrás de mim e me jogaram no chão, os que foram pela rampa interna do pavilhão, desenhada

pelo Niemeyer, como eles não sabiam que tem um atalho para chegar no segundo piso, que tinha uma parede preta, quem não conhece, atrás daquela parede tem uma escada rolante. Eles foram pela rampa, para acessar o segundo andar, parte intelectual de exposição, não por falta de obra, o tema da exposição era “o vazio” **[no mínimo interessante chamar o andar “vazio” de parte “intelectual da exposição”]**. Aí eu fui com o chefe da segurança mais os rapazes, subimos a escada rolante para pegar o atalho para chegar no segundo andar antes deles.

J.: Quantas pessoas eram?

M.: Então, vou chegar nessa parte, eu achei que tinha três na minha frente, quatro ou cinco me derrubaram, achei que eram uns dez. Quando eu subo pela escada rolante para fazer a intercepção do grupo lá em cima, quando cheguei no segundo andar, tinha por volta de quarenta e oito, cinquenta, e já estavam pichando praticamente tudo. Não chegaram lá para “vou escrever com pincel e lata de spray”, eles agrediam as pessoas, eu fui muito agredido [pelo visto, com pincel o tratamento seria outro? Óbvio!] [...] Quando cheguei no segundo andar, tinha gente escrevendo: “fora Serra”, “abaixo a ditadura”, coisa sem nexos nenhum **[quando não se vê nexos de acordo com seu próprio conhecimento, sequer passa pela cabeça a possibilidade de você não ter as condições de decodificação, mais fácil ou mais preguiçoso julgar utilizando o seu “nexo” como universal]**, que não era manifestação por arte, era um arrastão, era igual àqueles do Rio de Janeiro **[me lembro de poucas manifestações estéticas mais potentes e significativas para a contemporaneidade da arte e da cidade como aquela]**.

Agora, focando nas acusações sobre a ré Caroline, a juíza continuou o interrogatório no seu papel de descobrir todos os crimes possivelmente cometidos:

J.: O senhor viu se a Caroline, fazendo uso de caneta, riscou uma obra de arte?

M.: Ela estava com lata de spray.

J.: O senhor viu?

M.: Vi, eu e todo mundo viu, e no jornal está lá a foto dela com uma lata de spray na mão.

J.: Pichando uma obra de arte?

M.: Não, eu vi ela pichando uma parede, o que é conceito da exposição, para a senhora entender, a edificação é um projeto tombado pela CONDEPHAT, porque, por se tratar de obra de Oscar Niemeyer, está dentro de um parque, que também é tombado pelo Meio Ambiente. Segundo o vazio, na exposição, era

uma obra de arte, o que as pessoas não entendem é isso, não entendem o conceito, todo o segundo andar da Bienal era uma edificação de contemplação de arquitetura e era uma obra de arte **[parece que, agora, ficou mais domesticado, enquanto o curador falava em experienciar a arquitetura, o diretor de recursos humanos e responsável pela edificação fala em contemplação, bem mais passiva, parece que quem não entende o conceito são eles, enquanto a menina entendeu tão bem, ficou tão ‘em vivo contato’ com a arquitetura que pôs a prova os limites deste conceito]**. [...] esses pichadores não foram lá com o intuito de preencher o vazio na Bienal, eles foram lá, porque têm uma rixa gigantesca com os grafiteiros e, hoje, o grafite é reconhecido como expressão artística, eles pintam hoje castelos na Europa, vendem obras caríssimas em galerias **[quanta limitação de pensamento! Se nem grafiteiros tinha na Bienal, como reduzir tal ação a uma rixa? Basta ler o chamado dos piXadores estudado acima, mas isso, pelo visto, não convém]**. [...] eles foram lá como animais depredadores **[nomes e mais nomes, vícios de um pensamento sem fôlego, moralista]** para agredir a instituição, para agredir a exposição e a Bienal, arrancar a imagem da instituição **[me surpreendeu, parece que agora fala algo mais lúcido, de todo modo, obviamente torna aquilo que subverte e que afronta em algo negativo, é preciso tomar como afirmativo os pensamentos mais ousados]**. O que acontece? Que museu no exterior, que galeria no exterior vai querer emprestar uma obra de arte, vale milhões de reais, para uma instituição que foi invadida por animais **[novamente o efeito jornalístico da nomeação, afinal de contas, se não compactuam dos mesmos valores da instituição que prima pelo patrimônio estético humano ‘oficial’, sobre eles já não vale nem a qualidade de humanos]**, como foi, e que poderia ter colocado em risco acervos de museus e galerias de qualquer parte do mundo **[Há como pôr em risco os regimes de verdade e junto com eles sua parte mais nevrálgica, a parte mercadológica, que sustentam o que se entende por valores artísticos, sem deixar, também em risco as suas obras valiosas? Será que só é possível conviver, respirar diante daquilo que é medíocre?]** O problema não foi somente a manifestação, porque se eles tivessem ligado para a Bienal, “queremos fazer uma manifestação”, a Bienal ia falar “vamos colocar uns painéis de madeira, vocês fazem o trabalho de vocês e tal” **[daí seria pichação, ou menos do que isso, jamais a mesma pichação da qual estou tratando. Da mesma forma que o “clipping”⁴³ da Bienal seria, certamente, na maior parte, reduzido]**.

[...]

⁴³ Atividade feita por profissionais de comunicação para mapear o que sai na mídia sobre determinada marca, produto, evento...

J.: Voltando à pergunta, não sei se o senhor já respondeu isso, quem agrediu o senhor?

M.: Foram outros pichadores, que não esses dois.⁴⁴

J.: E que também jogaram spray foram outros?

M.: Também foram outros, eles estavam por volta de quarenta e oito ou cinquenta [o nomadismo inerente a esta produção de uma meninada urbana-cosmopolita dá a elas o direito e a condição de serem inapreensíveis, eles continuam até agora na bienal, estão por toda a parte, zombeteiros de uma calma inexistente].

Dada a palavra à representante do Ministério Público, às reperguntas, respondeu:

Ministério Público: Ele falou que recebeu e-mail e tal. Em nenhum momento foi identificado como Caroline ou o grupo a que ela pertence?

M.: Era assinado por “Sustos” e ela assina o nome dela como pichadora “Caroline Sustos”.

MP.: Isso na internet?

M.: Isso na internet, pode vasculhar lá que vai encontrar quinhentas mil reportagens e *blogs*, ela assina a pichação dela como “Caroline Sustos”, e a gangue chamava “Sustos” [bastaria a ousadia de escolher para si um sobrenome que não o da certidão para tornar tal ação, a meu ver, ousada e recheada de significância. Agora quando este nome é ainda “Sustos”, quanta potência! Caminhar ágil, esconderijos táticos, sem ser vista, sem ser ouvida, conhecimento amplo do território, mesmo que seja tátil, em meio às sombras, mas, de repente, quando a luz irrompe, quando a vítima passa, descansada, em sua tirana monotonia diária, não esperando nada, SUSTOS! A meu ver, um reencantamento de mundo da maior força, um tumulto que desnormaliza, caos respirável! Indo além, enquanto ele chama de gangue ou de bando, Carol a chama de família, faz todo sentido]

Retomando, em seguida, o momento inicial do ATACK, quando desconfiou de três meninos encapuzados, Mário continuou:

M.: [...] Era muita gente, eu consegui identificar três, porque domingo, quatro horas da tarde, trinta graus, uma pessoa encapuzada, não dava nem para ver o rosto, de cabeça baixa, andando tipo assim, igual rapper, não sei, um dançarino

⁴⁴ Lembrando que neste dia a audiência também interrogou outro pichador que fora detido não dentro da bienal, mas quando foi levar os documentos da Caroline à delegacia, e lá, por azar deu de cara com este chefe de recursos humanos que o identificou.

de hiphop, daquele jeito, eu achei estranho e fui atrás. [A primeira vista, poderíamos parar na denúncia de preconceito, o que seria, de fato, uma pobreza-preguiça epistemológica. A meu ver, o que soa como mais significativo é que a estética, especialmente as vinculadas à postura e à aparência de como um corpo se apresenta, em especial o corpo juvenil, vem sempre junta a um discurso moral muito vizinho à ideia de comportamento. Reflete, então, tanto um processo de violência simbólica evidente nos ditos acima, como também, uma pobreza epistemológica sem tamanho, uma restrição de horizonte eXtrema, uma invenção de vida que condiz bem com a vontade jornalística de discursar como verdade sobre tudo, mais ou menos, também, o papel de uma juíza que, mesmo sem não saber nada sobre a cultura da piXaÇÃo, é, legitimada socialmente como detentora dos saberes-poderes para julgar tal prática, obviamente, com bases muito mais metodológicas e legislativas que filosofia, seria complexo e incerto demais. Conheço tantos taxistas, publicitários, camelôs, empresários, artesãs, analistas de sistemas, advogados, professores de educação física, garçons, estudantes, que sequer gostam de hiphop, que sequer ouvem rap, e que são piXadores. Cegueira!].

Como a principal acusação sofrida por Caroline era a de depredação do bem público, o seu advogado de defesa, com a habilidade de um piXador, começou a pôr em cheque, justamente, até que ponto a categorização e a denúncia de “depredação” não tem muito mais bases numa moralização da estética, num aniquilamento do que é diferente e do que é incompreensível, ou seja, numa questão de opinião, do que em alegações racionais e científicas baseadas em provas como se postula.

Defesa: Uma série de exposições são feitas na Bienal.

M.: Com certeza.

D.: Quadros são pendurados, acredito que por pregos.

J.: Qual é o objetivo da pergunta, doutor? **[Ops!]**

D.: A acusação é depredação do bem público. Gostaria de saber de manifestação de artistas não consideradas mais aceitas.

J.: Se o fato de colocar um prego na exposição estaria danificando?

D.: Os quadros em exposições feitas na Bienal.

J.: Quero entender a tese do senhor.

D.: Acusação de destruição de bem público, houve uma pichação, com certeza

essa parede foi pintada, gostaria até de perguntar isso.

J.: Depois disso, foi pintada?

M.: Foi.

D.: Tem algum resquício de pichação?

M.: Tem, por baixo, o prédio foi danificado.

D.: E o prego que pendura os quadros de uma exposição, danifica ou não a parede da Bienal?

J.: Aí é tese doutor. Indeferida a pergunta [**Se isso é tese, o que não seria? Os fatos? Fatos ou ficções?**]

D.: Na própria Bienal, que aconteceu nesse dia, algumas obras interagem com a parede, a pintura extrapolava a tela e ia para a parede?

J.: Havia isso?

M.: Não tinha nenhuma obra que saía da parede.

D.: Nunca houve isso na Bienal?

M.: Nessa Bienal ou em outra?

D.: Na história dos 16 anos que o senhor está lá.

M.: Qualquer um que vai à Bienal, que visita uma exposição, sabe que o prédio é completamente oco [se isso já não bastasse para absolvê-la, ao menos pode ser uma ótima metáfora, Arte oca], o prédio só tem vidros, laje e coluna, todas as paredes montadas dentro do pavilhão são de madeiras de MDF e compensado, e isso é construção provisória, não faz parte da edificação [**se só pensam os fatos, as evidências, as partes mais preguiçosas da vida, aí está ela**]. Nessa parede são pendurados quadros, pregava, pintados, amassadas, nas paredes provisórias, que o prédio é tombado e não tem parede, é vidro, coluna, teto.

[...]

D.: Se durante o período, um homem permaneceu em nu performance dentro da Bienal.

M.: Durante quarenta minutos um artista chamado “Maurício Iânes”, a obra dele era chamada “a bondade de estranhos”, era que ele chegasse nu ao pavilhão e que, a partir do momento que entrasse no pavilhão, ele só iria viver de doação. Ele chegou ao pavilhão nove e trinta da manhã, segundo a imprensa, porque a imprensa faz a cobertura, principalmente a Folha de São Paulo, e aí tiraram fotos dele nu. Nessa meia hora antes de abrir a exposição, estavam funcionários, bombeiros, segurança e tal, e a primeira coisa que ele ganhou foi uma cueca e uma camiseta tipo militar, e ele não ficou mais do que meia hora.

[...]

D.: A Fundação Bienal fez boletim de ocorrência por ato obsceno com relação ao artista?

M.: Não, porque é manifestação artística [vejam que até as artes contemporâneas, com suas performances, mesmo as mais corajosas, já não causam efeitos de subversão, são bonitinhas até. De todo modo, fico pensando, se um dos faxineiros da Bienal resolve fazer o mesmo, como seria a reação da bienal? A questão é muito mais sobre estéticas periferizadas que sobre ousadia estética, uma vez que as primeiras independem da arte para existir, são auto-suficientes, ou melhor, dependem de algo muito mais amplo – da condição humana e urbana, diferente das performances, classificadas como arte contemporânea, estas já precisam deste cenário para lançar suas amplitudes, limitadíssimas frente a uma São Paulo, a um Rio de Janeiro, a uma Roma, a uma Berlim, a uma Atenas, cosmopolitismo em reverberação. O que independe flagra a impotência, a limitação e a reduzidíssima amplitude da arte. Como isso incomoda! Como isso impulsiona reações pobres!] e já tinha sido divulgado na mídia [como isso ajuda a legitimar!], e tudo que sei é que artístico não é obsceno [uma pena, broxante!], sei de exposição [sabe de nada!].

Esta foi, portanto, a audiência mais significativa, mais rica para nossa aventura escriturística aqui, uma vez que as demais testemunhas e da própria Carol foram muito técnicas, sem muito detalhamento.

6.4.. ME MISTUREI. PESQUISADOR ALIADO!

Eu já estava pesquisando há um certo tempo a piXaÇÃO como fenômeno, porém focado na minha cidade, Rio de Janeiro, quando, inesperadamente, como maneira de tornar minha pesquisa ainda mais perigosa, explodiu a notícia sobre a audaz obra de Rafael Augustaitiz e seus amigos na Faculdade de Belas Artes de São Paulo. Aquilo me parecia de uma potência, de um ineditismo, me parecia fonte anunciadora de tantas importantes questões, fiquei estarecido. De todo modo, como pesquisador afoito, não era sequer pensável deixar passar batido um acontecimento de tamanha força, algo que já, à primeira vista, dava indícios de ser, sem medo de exagerar, um marco, ou menos prepotente, um

indício histórico mais do que evidente de nossa contemporaneidade. Como eles mesmos já anunciaram na própria obra – “Abra os olhos e verá a inevitável marca na história”:



Choque Photos

Assim que soube do ocorrido, tratei de ler tudo o que saía sobre, até que descobri o nome do corajoso artista, protagonista, junto com seus amigos desta façanha. Rafael Augustaitiz, como já disse, é o nome dele. Pelo sobrenome pouco usual, pensei que poderia ser mais fácil buscá-lo pela internet, e eu estava certo, rapidamente cheguei ao seu perfil no orkut e, imediatamente, lhe enviei uma mensagem. Naqueles primeiros contatos, naturalmente, graças ao conturbado momento pelo qual passava naqueles primeiros dias pós-ATAACK, sua postura foi de desconfiança e receio, afinal de contas, era difícil encontrar, em sua página de recados, as mensagens de apoio, de encantamento, de surpresa ou de interesse. Grosso modo, eram repetições dos ditos *belasartianos*, ou melhor, repetindo mais uma vez, jornalísticos. Vândalo! Marginal! Tem é que apodrecer na cadeia! Esse tipo muito bem conhecido de vocabulário pouco vasto.

De todo modo, em pouco tempo, com honestidade, sempre falando de meus intuitos de pesquisa, nossa simpatia de ideias ia ficando cada vez mais evidente, o que nos tornava, progressivamente, mais confiáveis um ao outro. Em seguida, passamos a usar o

MSN como principal meio de contato, uma vez que a coisa ficava mais instantânea. Comecei procurando saber quais foram as motivações, como foi o processo de tomada de decisão para fazer tal obra, uma vez que pensava previamente que seria complexo organizar cerca de quarenta pessoas, além da dificuldade de pôr em risco sua vida acadêmica com tal trabalho. Além disso, já havia sido tornado público, inclusive por matérias jornalísticas, que Rafael teria feito, antes de decidir pela obra, um trabalho com cerca de 28 páginas que seria apresentado como trabalho final, mas que, obviamente, não foi. Tentei, também, ter acesso a tal texto, uma vez que tudo indicava ser um apanhado textual dos pensamentos que Rafael tivera para tomar a decisão pela invasão-obra de arte feita. De todo modo, como veremos no trecho abaixo, Rafael preferiu, por segurança, manter o texto em questão sob sigilo. Compreensível. No mesmo trecho abaixo, me surpreendeu a tranquilidade e a organicidade que ele atribuía à sua obra:

Rafael Augustaitiz: Salve

Gustavo Coelho: Opa rapaz... tudo mais tranquilo por agora? rs

R.: tudo bem com a sua pessoa ?

G: Tudo ótimo rapaz... obrigadão por ter aceitado o papo.

R.: de que local do Rio vc é?

G: moro em Olaria... zona norte.. conhece aqui?

R.: pouco... fiquei ai algumas semanas

G: saquei.. conhece alguém do Xarpi daqui?

R.: conheço uns cara ia sim

G: Bem.. então, gostaria de conversar sobre seu feito e claro se puder ler o que chamaram de “um trabalho de 28 paginas”

G: Tenho já alguns textos sobre meu trabalho, que tb posso te enviar..

G: Agora, meu grupo de pesquisa está com um projeto na faperj para publicação de um livro e um dos capítulos será meu... e quero que tenha como tema essa invasão da instituição, sem dó, pelo Xarpi produzida por vc e seus amigos **[por algumas questões burocráticas o livro acabou não saindo, mas o projeto de fazê-lo ainda se mantém]**.

G: Então, será que podemos fazer essa troca de textos? te mando uns meus e

vc me passa esse seu? gostaria muito de ler...

R.: faz um bom tempo que parei de escrever o texto. teria que fazer algumas revisões. tem muitas coisas pessoais

G.: mas é difícil um texto não ser pessoal né... bem, fica a seu critério é claro...

R.: iria apresentar

R.: te mandaria fácil. mas no texto tem idéias que pretendo executar. tenho que voltar a trabalhar nele. foi uma viagem minha quando escrevi. até então o meu trabalho seria um texto.

G.: entendi... bem, de fato eu não publicaria o texto.. talvez escolhesse algum trecho só como citação de impacto... mas tudo eu conversaria com vc pra saber oq vc liberaria ou não... tudo no maior respeito ateh pelos seus futuros planos neh

G.: e como foi que do texto, vc começou a pensar em de fato surpreender a arte como fez?

R.: no texto, argumento o que poderia fazer. de ultima hora resolvi executar, moderadamente.

R.: se tivesse mesmo apresentado ia serfoda. foi uma "chinfra"⁴⁵

G.: como assim moderadamente? mas pq desistiu de apresentar? (o que pra mim foi até indício da potencia do acontecido)

R.: transcendeu, porém eu particularmente peguei leve, a minha pira era saber que os caras estavam fazendo, tinha algumas coisas a mais em mente.

G.: os caras vc diz a galera q foi pixar... é isso?

R.: isso

G.: O que vc chama de algumas coisas a mais? acha que o impacto do acontecido precisava de algo mais?

R.: foi perfeito, porém, tinha algumas idéias a mais que acrescentariam, resolvi pegar leve, psicologicamente, poderia "causar"⁴⁶. foi legal. Espontâneo. tinham muitos caras que nem sabiam de nada. estavam num "rolé"⁴⁷ pra pixar

G.: E quais o valores vc pensa que conseguiu no mínimo balançar?

R.: cada um tem sua leitura. Eu, como artista plástico questiono o social, politica e religião. os índices seriam a obra de arte.

G.: Por isso uso Nietzsche, uma vez que ele ao estudar e se aventurar sobre a moral, ou as morais, vai denunciar a invenção de certos valores que só servem

⁴⁵ Gíria paulista que quer dizer, em certa medida, uma brincadeira. Em gíria carioca, uma "onda", "tirar um sarro".

⁴⁶ Gíria paulistana super significativa que significa "produzir o caos", "tumultuar".

⁴⁷ Gíria paulistana que significa algo como "dar uma volta". No caso, pessoas que haviam para piXar normalmente sem saber sobre o lance das Belas Artes.

como privilégios para alguns determinados, mas que estes tem o poder de dizer quais são os bons valores...R.: é do caralho Nietzsche. conheço pouco, mas o que li é foda.

G.: pois é, sou um grande leitor dele... meio que me arrepio ao ler.. acho um escritor sem pudores, quase todas as frases deveriam vir com ponto de exclamação

A meu ver, aqui, a pesquisa – “em conversa”, como é minha proposta –, fica evidente, não se está mais somente focado numa “busca de informações”, mas numa troca intensa, no momento, tendo Nietzsche como tema. É interessante e, mais uma vez, denunciador da não clara distinção entre sujeito e objeto de pesquisa, a obviedade da ação ativa tanto da obra de Rafael quanto das nossas conversas em modificar, constantemente, meu trabalho, como também é evidente que estas mesmas conversas e meus textos passam a dar indícios de presença no que Rafael passa a produzir. Rafael está em mim e eu estou em Rafael, ou, mais do que isso, Rafael me torna possível ao passo que eu causo certo impacto nele também. Obviamente, a rede é muito mais complexa, as influências sobre ele e sobre mim são muito mais amplas que apenas nós dois, simplíssimos, porém, significativos pontos deste enredamento que nos constitui a cada instante. Não é à toa, a meu ver, portanto, que a expressão nietzschiana “ALÉM DO BEM E DO MAL” sai de nossa conversa e passa a frequentar de maneira protagonistas os próximos feitos de Rafael – nos convites para os ATACKs, nas paredes ATACKADAS e, com mais força ainda, quando de um quarto ATACK menos publicizado sobre determinadas obras de grafiteiros em São Paulo, que veremos ainda neste capítulo mais adiante. Continuando nosso papo:

G.: por isso queria muito muito ler seu texto.. ver oq foi construindo aquela explosão

R.: Transcendências horizontal da história e transcendência vertical de Deus

G.: como assim? explica ae... rs

R.: Mitologias. é muita “brisa”⁴⁸.

⁴⁸ Gíria paulistana que significa “ideia”.

G.: Eu faço parte de uma lista de e-mail sobre arte-educação... lá falaram muito que a educação falhou em te educar hauahuaha oq vc pensa destes discursos?

R.: Não dou ouvidos, é bom ver as pessoas julgarem. vc que le Nitezche. além do bem e do mal. se deus que era Deus não julgava, quem são essas pessoas. fiz o que deveria ter feito

G.: humm.. e sobre aquele seu dito: “A arte hoje em dia é para quem está na pegada. Para os bunda-moles ela morreu faz é tempo.” ...

R.: o sistema está cheio de falhas

G.: achei impactante, mas queria ouvir seu comentário sobre vc mesmo rs

R.: inverti a ordem Hierárquica

G.: e até agora, como a instituição tem se comportado com vc? oq acha q vai acontecer?

R.: estão me processando

G.: e como é pra vc o perigo de não pegar o diploma?

R.: Vivemos num mundo das aparências, isso pra mim não tem muito valor, conhecimento não é um papel, a vida nos ensina muito. Faço questão por algumas pessoas que presenciaram a minha correria! Me fale vc um pouco sobre o acontecido

A força de quem denuncia as aparências que constituem um mundo discursado como verdade, mesmo vindo de alguém que após quatro anos de faculdade, tem a audácia de denunciar o vácuo, o estado oco que constitui seu mais alto símbolo – o diploma – é, no mínimo indicativo de que Rafael é diferenciado, de que os valores que carrega em si e, conseqüentemente, em suas obras, são outros, circulante num arsenal de lógicas contraditórias para a força deglutidora do discurso-verdade que ainda é anunciado, grosso modo, pela academia. Mesmo anunciando, em nosso tempo, sua postura “aberta ao diferente”, “inclusiva”, quando posta frente a lógicas tão diversas e incompatíveis como a de Rafael e seus amigos, um olhar mais atento, um nietzschiano espírito mais livre verá evidências da insustentabilidade e da profundidade milimétrica deste discurso diante da vida, ainda mais diante da vida urbana contemporânea.

É importante, também neste trecho, focar, em sua última parte, quando mais uma vez os *sujeitosobjetos* da pesquisa se hibridizam, com uma ousada e inesperada pergunta

do que seria objeto que, na verdade, não parava de me pesquisar. Numa manobra habilidosa, a conversa ganha ainda mais força, se distancia ainda mais do que se entende por entrevista – “Me fale vc um pouco sobre o acontecido”. Empolgado com esta inversão, respondi:

G.: Pra mim que venho pesquisando os constringimentos das morais pilarizadas frente a produções estéticas extremas juvenis, foi de fato impactante, pois, mesmo que em qq lugar a moral atravessasse e seja atravessada, as instituições ainda se amparam em ilusórios mantos protetores que garantem seus sorrisos aparentemente sedutores e seguros... Ainda bem que há o Xarpi para que a vida volte a pulsar, na medida que não permite o sorriso eterno da moral benevolente

R.: moral benevolente

G.: é.. a moral da benesse, da beatitude cristã. do “vejam como eu faço o bem”
“isso será bom pra vc”

R.: acho que iria viajar com meu texto. simbólico

G.: pelo visto se sintonizou com a minha viagem tb rs

G.: sim.. tb gosto de me aventurar escriturísticamente nesse sentido

G.: me manda cara! per favore!

R.: vou sentar por esses dias e rever ele. De repente te mandarei

G.: mas oq achou do que falei? **[Resolvi retomar minha posição de pesquisador, talvez por vaidade, talvez por mania, mas a conversa é rebelde, em breve ela retoma seu lugar]**

R.: curti as idéias. por isso acho que iria curtir o texto

De todo modo, mesmo ele já, algumas conversas depois ter já me chamado de “da família”, a segurança diante de algumas ideias inéditas presentes em seu texto o fizeram optar por não me mostrar, mesmo eu deixando claro que só publicaria qualquer trecho mediante sua autorização. Faz sentido, afinal de contas, tudo pode se voltar contra ele. Nesta altura do campeonato, no entanto, nossas conversas não se focavam mais nessa relação entre textos:

G.: a advogada tah tentando te safar lah?

R.: está em treta. rompi o barato. cataram até uma carta da coordenadora pro reitor falando do constrangimento que provoquei. estão perdidos. vivem outra realidade

G.: hehehe.. claro claro.. não tem como haver julgamento entre duas logicas diferentes

R.: não falam nada além do que já foi dito. a advocacia inventa seus privilégios nessa hora. inverte a ordem hierárquica. **[Atento aos privilégios inventados como verdade, arte e advocacia andando juntas].**

G.: pois é.. mas o projeto civilizatório ousa se dizer para todos

R.: não entendi, pode reformular por favor?

G.: esse projeto de civilização que estamos mergulhados.. sempre vem com o discurso para o bem de todos.. mas oq é bem pra mim pode não ser para outro

R.: são os dois lados da moeda. mas a arte, a arte mesmo, ficarão ciente. ja era

G.: e acaba que nem são só dois a moeda é múltipla...

G.: como assim a arte ficará ciente?

R.: ficarão

G.: ciente do outro lado da moeda? é isso? sem bunda molisse... yeahh

R.: rrsrrsrrss.....vc é foda hem. gostou né? arte de guerrilha. podemos causar ainda hem

Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk **[Objeto e sujeito de pesquisa podem passar a “causar” juntos, acho que é justamente isso que está acontecendo com esse meu texto, ele estava certo em me convidar].**

G.: hauhauha.. bem.. vai lá.. to te atrasando... loko para q leia meus textos... mas vamos conversar mais sobre seus planos tb

R.: é malukce minha, pira. mas eu cato hein. sou obrigado a fazer. logo mais saberá. vc vai gostar eu acho

G.: arte misteriosa? Rsr [Aqui, ele ainda só tinha sido feito o ATACK às Belas Artes, suponho que o que eu “logo mais” saberei sejam os demais alvos].

Esta proximidade ficou tão evidente que, todo dia que ficávamos *online* no MSN, conversávamos por muito tempo e, logicamente, será impossível documentar tudo aqui, afinal de contas pesquisa misturada com a vida e com encontros e amizades como a minha não é passível de completa documentação, se é que algum tipo de pesquisa o é. De todo modo, as partes mais significativas para tornar meu texto, meu estudo mais contundentes,

tendo claramente quais são os alvos, serão utilizadas, manejadas “sem massagem” como gosta de dizer Rafael. Neste sentido que escolhi os próximos trechos de nossas conversas, uma vez que, o ápice de nossa relação quase cúmplice foi quando alguns meios de comunicação começaram a se interessar por ele, e, obviamente, o encontraram (se eu encontrei, que dirá eles):

R.: vc está na sua casa?

G.: opa. sim sim estou

R.: se estiver vou te passar uma resposta. o chicote vai “estralar”⁴⁹

G.: qual é da resposta?

R.: um texto que escrevi pros veículos de comunicação. ia ligar a sua pessoa pra armarmos algo. links, sei lá. os cara tinha me cederam uma coluna na folha

G.: Você já tem um texto ou quer que eu te ajude a fazê-lo?

R.: tenho, de repente vc pode cooperar. articularemos de forma que destruiremos

G.: fechadasso rapaz. contundir é a força que move minha escrita

G.: envia pro meu e-mail o que vc já tem, e ateh final de domingo te envio uma resposta porrada. que tal?

R.: então, precisamos alastrar a idéia, catando eles, envolve muito o social e a política.

G.: exatamente... alastrar não só a idéia, mas o balançar das idéias

R.: estou ajuntando os contatos, fecharei tudo que conseguir, penso em soltar um texto com link, onde até mesmo, meteremos o pau nos veículos de comunicação. são corrompidos

G.: sim, podemos usar espaços da mídia independente também cara

R.: se eles vacilarem, iremos dar uma estuprada no campo deles. os cara censuram a liberdade de expressão, ditadura camuflada, camuflada nada, cara larga.

G.: às vezes a força disso nem é tão projetada assim, já é naturalizada no discurso não só do meios de comunicação

G.: então rapaz... me manda o que vc já tem por e-mail?

R.: vou te mandar, faz o seguinte, te “trombo”⁵⁰ quando estiver de boa

⁴⁹ No lugar do gramaticalmente correto “estalar”, Rafael diz sempre “estralar”, o que preferi deixar como está, uma vez que, me parece mais forte, mais ativo que o estalar.

⁵⁰ “Trombar” é uma gíria paulista que significar encontrar.

R.: te passo pelo msn, vc da uma lida e já batemos um papo

G.: ok.. sempre q estiver em casa ficarei on. assim q me ver, dá um toque

R.: meu vai ser pancada, pretendo soltar uma idéia com um link. destruiremos daí. vc vai gostar do que fiz com eles. kkkkkkkk

R.: Gustavo, vc leu a ultima matéria na folha que saiu quarta?

G.: tem o link?

R.: é sobre a minha expulsão. cogitei indenização da obra que eles apagaram por impulso

G.: rrsrrs... tem o link da matéria?

R.: <http://www.pagina9.ufu.br/default.asp?link=noticia&id=25597>

R.: kkk, tá estralando, envolveu até o mané do prefeito de S.P

R.: vou arrebentar com eles agora nos veiculos de comunicação

R.: quando voltar às aulas, vai ser foda no debate que eles patrocinarão pra se enforçar

Por incrível que pareça, após a instituição apagar no susto a obra de Rafael e amigos, ela mesmo deu provas de suas incertezas, de sua incompletude, uma vez que, justamente graças a tais acontecimentos, para discuti-los, promoveu um seminário com o tema: “Limite e transgressão, até onde vai a arte e a liberdade de expressão”. Sobre este evento, articulando ainda à obra e à negação do diploma ao Rafael, uma jornalista me surpreendeu; foi, portanto, uma das poucas exceções que encontrei em minha pesquisa, onde o jornalista, no caso a jornalista, não se curvou aos vícios e mesmices jornalísticas quando o tema é a piXaçãO, ainda mais quando é piXaçãO nas Belas Artes. Falo de Laura Capriglione, jornalista da Folha de São Paulo, que, corajosamente, foi bem mais fundo que os demais, proporcionando a publicação de textos, de fato, inéditos, ativadores de pensamentos desvelados das comuns amarras morais que constituem, infelizmente, o grosso do jornalismo. As matérias:

Pichadores vandalizam escola para discutir conceito de arte⁷

Matéria de Laura Capriglione, originalmente publicada na Folha de São Paulo, no dia 13 de junho de 2008

Colegas classificaram ação como terrorismo; coordenadora do curso de Artes Visuais chamou de “ato de vandalismo”

Aluno da Belas Artes convocou grupo para realizar prova de conclusão de curso

*Cada um dos 37 alunos do último ano do curso de Artes Visuais do Centro Universitário de Belas Artes tinha de apresentar uma obra para garantir sua formatura. Três espaços foram reservados para a exposição dos trabalhos. Trinta e seis alunos preencheram esses espaços com sua produção. Um -Rafael Augustaitiz, 24-, não **[digamos que ele preencheu não somente estes espaços]**.*

Pichador desde os 13 anos, Rafael resolveu apresentar um trabalho diferente. “Uma intervenção para discutir os limites da arte e o próprio conceito de arte”, explicou.

Nos últimos dias, os locais de reunião de pichadores no centro da cidade tornaram-se focos de recrutamento de jovens para “a ação”, como se chamou. Às 21h de anteontem, horário de intervalo das aulas, 40 deles, idades entre 15 e 25 anos, compareceram ao “ponto”, na estação Vila Mariana do metrô (zona sul).

*“Estamos todos muito ansiosos”, disse um morador do Ipiranga, que assina suas pichações com o desenho de um monociclo. A maioria dos rapazes nunca pôs os pés em uma faculdade; sua estréia no ensino superior seria justamente em um trabalho de conclusão de curso **[Que potente ironia! Uma espécie de cotas tomada de assalto; o fim do vestibular por poucos instantes; séculos de uma hegemonia de saber, de uma posição vislumbrada da Arte, sendo alvejados em poucos minutos por esta garotada reveladora de contradições, ao mesmo tempo determinada e determinante da polissemia urbana, constituintes e constituídas pela velocidade e habilidade inalcançável, finalmente ocupando de maneira legítima um espaço refém da monofonia, ou melhor, um espaço que aguenta a polifonia, contanto que enquadrada dentro dos níveis de decibéis amparados pela lei, que perto do que é anunciado a todo instante pela metrópole, não aguenta quase nada. A meu ver a educação, em especial a pública, sem deixar de lado as universidades, também públicas, precisam, para que seus ditos democráticos tenham alguma legitimidade, refletir e amparar a caoticidade de lógicas e saberes que constituem a sociedade, por mais que isso ponha em risco seus planejamentos “pela qualidade”, quase sempre referenciados por valores importados. De todo modo, a meninada dá provas de que sua coragem reverberada por toda a cidade não tem limites, ou mesmo os reconhecendo, mesmo percebendo os locais onde são inesperadas, zombam deles, num ato político-prazeroso-estético de dimensões e forças sógnicas eXtremamente reveladoras, coisa que de fato revigora meu ímpeto de pesquisador-professor. Anuncio, então, minha esperança, exatamente, naquilo que é visto como fonte de falta de esperança. Não se trata de transformar, mas de admitir.]***

Em cinco minutos andando a pé, o grupo alcançou a escola. Muitos vestiram máscaras improvisadas com camisetas ou daquelas usadas para pintura com compressor. Logo, as latas de spray foram sacadas de dentro dos moletons folgados.

Os jovens pichavam suas “assinaturas” nas paredes, nas salas de aulas, nas escadas, sobre os painéis de avisos, nos corrimãos. Uma funcionária da secretaria, Débora Del Gaudio, 30, quis impedir. Levou um jato de spray no rosto.

*Usando a técnica do “pé nas costas” **[Aqui no Rio chamado de “ombro amigo”, devo dizer, prefiro o dos cariocas]**, os pichadores formaram escadas humanas (com até três jovens “empilhados”), uma forma de atingir andares superiores da fachada. Assustaram funcionários da escola enquanto escreviam aquelas letras pontudas e de difícil decifração **[Para quem?!]**.*

Os 30 seguranças da faculdade mobilizaram-se para acabar com a farra. “Deixa eu terminar a minha frase, pô”, pediu um jovem. Tomou um soco. Revidou. Virou uma pancadaria.

“Abra os olhos e verá a inevitável marca na história” e muitos símbolos do anarquismo, além das letras pontudas já cobriam o prédio, quando cinco carros da polícia militar

⁵¹ Todas as matérias jornalísticas que forem publicadas na íntegra neste trabalho virão assim, toda em itálico e com espaçamento simples, sendo que os rasgos textuais de minha autoria vêm entre colchetes e em negrito.

chegaram ao local, apenas dez minutos depois de iniciado o ataque.

Enquadrado pela PM, Rafael gritava ao entrar no camburão: “Olha aí, registra, isso é um artista sendo preso.”

A maioria dos alunos não achou nada legal “a ação”, “a intervenção”, “a obra” de Rafael. “Terrorismo. O que aconteceu aqui é terrorismo. Se isso é arte, então o maior artista do mundo é o Osama Bin Laden e o buraco das torres gêmeas é uma obra-prima”, disse Alan George de Sousa, 33, do curso de arquitetura e desenho industrial **[Pior é que a frase, apesar de ser muito boa, não é do arquiteto, mas do músico contemporâneo Karlheinz Stockhausen, a diferença é que este a anunciou de maneira afirmativa, bem mais interessante, portanto].**

“Eu pago R\$ 1.500 de mensalidade no curso de arquitetura porque trabalho e minha mãe também dá um duro danado para me manter aqui. Aí vem um filho da mãe dizer que fez essa porcaria toda porque a gente é tudo burguesinho. Ora, vai estudar, se preparar”, gritava uma aluna **[Vocês se equivocou! Rafael só causou tamanho alvoroço porque estudou muito, desde os 12 ou 13 anos, mas não só por isso. Ou você acha que para tamanha obra não precisa se preparar?]**

Rafael amanheceu o dia de ontem em companhia de mais seis acusados de pichação no 36º Distrito Policial, no Paraíso. Duas estudantes de publicidade da Escola de Propaganda e Marketing, que fica em frente à Belas Artes, estavam lá também, exigindo: “Essa gente tem de se ferrar.” As duas acusavam o grupo de pichadores de riscar o Honda Fit cor de champagne que saiu da concessionária “há menos de uma semana” **[Que habilidade da jornalista! De fato, o Honda Fit não era apenas um Honda Fit, ele era, além de tudo, cor de champagne. Vamos convir que não tinha como um Hond Fit cor champagne sair impune disso tudo, né? E se sáísse, a obra da meninada teria fracassado um pouquinho só. Missão Completa com Sucesso!].**

Ontem à noite, na parte interna da escola, já nem parecia que o aluno com 40 anos tinha estado lá. Tudo estava limpinho. **[Agora, a alma está marcada, e é justamente de ampliar ainda mais tal marca que estou aqui escrevendo isso. O ineditismo de tal feito não pode ser passível de um apagamento. A metrópole em mim não permitirá].** Às 20h30, a turma dos formandos (menos Rafael) [óbvio, né? Como conversar com aquilo que é incompatível e incompreensível? Prende logo!] ia se reunir para “processar esse trauma”, nas palavras da coordenadora do curso de Artes Visuais, a artista plástica Helena Freddi, para quem o que aconteceu na faculdade foi “um ato de vandalismo que extrapolou os limites da ação civilizada.” **[Exatamente! O que ela esqueceu de dizer é que extrapolar tais limites é bom e imprescindível para quem quer lidar com estética humana, de fato].**

No texto que escreveu para justificar “a ação”, 28 páginas encimadas pelo título “Marchando ao compasso da realidade”, Rafael desafia: “Somos abusados? Que se foda! É um orgulho para vocês eu estar dentro dessa podre faculdade. Não sou seu filhote, não preciso do seu aval. A arte hoje em dia é para quem está na pegada. Para os bunda-moles ela morreu faz é tempo.” O curso de Artes Visuais tem mensalidade de R\$ 900. Rafael é bolsista integral.

Escola expulsa aluno que vandalizou prédio para discutir arte

Durante apresentação de trabalho de formatura, estudante e mais 40 pessoas picharam prédio da faculdade Belas Artes.

Faculdade diz que está interessada em discutir os limites da liberdade de expressão; abaixo-assinado tenta reverter decisão.

O estudante Rafael Guedes Augustaitiz bem que tentou um diploma superior. Durante quatro anos, ele cursou como bolsista o Centro Universitário Belas Artes, na Vila Mariana. Vencidos todos os créditos, bastava apresentar um TCC (trabalho de conclusão de curso) para conquistar o título de “bacharel em artes visuais”. Mas, ontem, ele recebeu o aviso do reitor Paulo Antonio Gomes Cardim: foi expulso da escola.

Motivo alegado: “Prática de atos de vandalismo, lesivos à propriedade particular e (...) incongruentes com o espírito universitário; agressão ou ofensa a funcionários; ato sujeito a ação penal”.

A escola não levou na esportiva o que aconteceu em 11 de junho, quando Augustaitiz apresentou o que considerou seu TCC. Nas palavras dele, tratava-se de “ação performática e de protesto para discutir os limites e o conceito da arte”.

Na prática, o que se viu foram 40 jovens armados com sprays, chegando todos juntos a pé, muitos deles mascarados, por volta da 21h, e sacando, de repente, as latas que escondiam sob as roupas. Cobriram a fachada, recepção, escadas e salas de aula com as letras pontudas de difícil decifração que caracterizam a pichação paulista. ***[É importante lembrar que a categoria de difícil compreensão aqui é dada por quem está fora da cultura, para quem aquelas letras não são envolvidas de significados. Para a meninada faz o maior sentido, e a leitura é instantânea]***. Seguranças e pichadores trocaram socos e pontapés por dez minutos, até que chegou a PM e levou sete jovens presos -Augustaitiz, entre eles. No dia seguinte, a escola já limpou os rastros deixados pelos pichadores. “O impulso e a cegueira fizeram com que apagassem a minha obra. Quem vai me indenizar?”, pergunta o estudante, a sério.

“Considero criminosa a ação do aluno. Não considero esta ação como arte. Não considero a possibilidade de aceitar essa manifestação como trabalho de conclusão de curso”, tachou Helena Freddi, professora de Augustaitiz, em carta endereçada ao reitor, dias depois.

A faculdade, que outorgou em abril o título de professor honoris causa ao prefeito Gilberto Kassab, pela implementação do Cidade Limpa *[lógicas simpáticas inventam premiações e vinculações, agregam forças, sempre pelo terrível bem a todos]*, montou uma comissão de inquérito para decidir o que fazer. Presidida pelo advogado Carlos Alberto Rufino, dela participaram a chefe da biblioteca, Leila Rabello, e Marco Antonio Frascino, professor de legislação e ética em publicidade. Foi nessa comissão que se formou a convicção pró-desligamento.

Segundo o supervisor acadêmico Alexandre Estolano, a faculdade está, sim, interessada em discutir “limite e transgressão”. “Mas não desse jeito. Vamos patrocinar um seminário sobre o tema, em agosto.” “Limite e transgressão, até onde vai a arte e a liberdade de expressão”, segundo o texto de divulgação, serão debatidos por “jornalistas, artistas consagrados, colecionadores de arte, galeristas, curadores de museus”. E por nenhum pichador ***[este tipo de artista, destes que escrevo com X, sequer estão nas agendas de contato das Belas Artes, são fugidios, inapreensíveis para a lógica que a constitui. Enquanto Rafael teve coragem, fôlego e disciplina para completar seus longos 4 anos de curso, as Belas Artes não conseguiram aguentar poucos minutos da intensa e contraditória arte de seu próprio aluno, afinal nele estão misturados toda a complexidade do acontecimento metrópole contemporânea, com todas suas belezas, aqui em significado amplificado. E ainda têm coragem de se dizerem promovedores de seminários sobre os limites da arte, tudo aparências que mantêm, outra vez, seu charme descolado e alternativo. Profundidade milimétrica, incapacidade de estabelecer conversa com o que é dissonante às suas verdades! Promover discussões sobre limites da arte com pessoas que falam o mesmo vocabulário? Com lógicas em comum? Debates pobres e milimétricos que só serviram para salvar a alma da instituição que no fundo se sentia culpada! Vítima da própria vida! Mãos ensanguentadas, agora, devidamente lavadas, traumas velados, sonos garantidos]***.

Ontem, começou a circular um abaixo-assinado em solidariedade ao expulso, pedindo que a escola dê a ele a chance de se defender: “*” pichação “* pode ser crime (?), mas também é arte,

e a faculdade perdeu a chance de surfar na vanguarda da mais moderna e atual de todas elas. Sempre foi assim. O Moma (Museu de Arte Moderna de Nova York) torceu o nariz para os trabalhos de Andy Warhol e Basquiat foi ridicularizado pelos mesmos acadêmicos que hoje o idolatram. A arte de verdade incomoda e às vezes demora a ser entendida”. Entre os signatários, estão os grafiteiros Otavio e Gustavo Pandolfo, Osgemeos, cujo trabalho está até agosto em exposição na Tate Modern, em Londres. No dia 3 de julho, um mural gigante da dupla, na Bela Vista, foi coberto com tinta cinza por uma empresa a serviço da prefeitura.

(Jornal Folha de São Paulo, 18/07/2008).

Com estas duas evidentes aberturas a uma proposta de abordagem mais ousada por parte da Folha de São Paulo, indicando certa contradição na reação da instituição, ficou evidente que a editoria deste jornal percebia naquele acontecimento uma fala afirmativa, algo que não podia mais ficar reduzido a uma negação. É neste sentido, portanto, que destinaram um espaço do jornal para que Rafael o ocupasse, supostamente, com total liberdade, e é sobre este texto que conversávamos acima. Rafael, então, como foi dito em nossa conversa, produziu um texto. Porém, como já se podia esperar, foi um texto-piXaÇÃO, algo não enquadrável na lógica espacial que compõe o jornalismo, especialmente o de papel, algo cujo conteúdo e forma, para serem autorizados à publicação, dependeria de uma coragem, de uma indisciplina e de uma fuga dos padrões, possivelmente, jamais vista na imprensa oficial. Num blog, cairia bem; em um fanzine ou e-zine seria perfeito, mas o formato jornal ser ainda de difícil mudança e manipulação, a não ser em edições especial, mortes de celebridades.

Ao receber o texto, o qual, possivelmente passaria a ajudar na confecção, quase como um coautor, me encantei tanto pela potência subversiva do material, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo, que fiquei em contradição: ajuda a enquadrar para que tenhamos mais chance de ocupar o jornal? Deixo como está, mais legítimo, mais ousado, mesmo que sua publicação não alcance as páginas jornalísticas? Escolhi pela segunda opção, afinal de contas, mesmo que a Folha de São Paulo tenha-se mostrado, de fato, mais corajosa, mais atenta com a contemporaneidade, não se pode negligenciar a força de todo jornalismo, especialmente este de tipo grande. O que quero dizer com isso é que,

mesmo tomando coragem e publicando o texto de Rafael, temos ciência de que tudo o que ele disse pode servir de arma contra ele próprio, e essa habilidade o jornalismo historicamente já comprovou que tem. Sendo assim, mesmo sabendo que o número de leitores não será tão amplo, uso também este meu estudo como plataforma para publicá-lo de maneira afirmativa. Amplitude esta que torço e lutarei para que alcance seus maiores índices, diferentemente da maioria dos trabalhos acadêmicos, limitados a seu mais fiel auditório – os próprios cientistas, em especial, os da banca.

*O texto*⁵²

Influenciado a prestar o vestibular, me questionei como iria pagar.

Uma luz no meio do nada!

Meteremos os pés na porta e o resto Deus prepara!

Mete o pé não, mas como é minha casa, vou escorar e me debruçar!

É tudo nosso!!!

[Mais constrangedor para as Belas Artes não é meter o pé na porta, mas entrar pela porta da frente, afinal é a casa dele, é artista, subvertendo pelo que ele faz, sem inventar, escorando e debruçando.]

*Com o domínio da técnica realismo que se dilui pras margens buscando conceitos e plasticidades, Sou uns do único humildemente, olha lá senão, o “primeiro pixador” da pIXAÇÃO Paulistana a se formar em artes visuais. Batalhador e sofredor de perifa⁵⁴ desde criança, busquei na **faculdade mais antiga de arte de São Paulo**, uma ajuda, e na arte o sustento e sobrevivência. Porem, propus ao **Centro Universitário Belas Artes de São Paulo** umas das maiores obras que tinha de melhor a oferecer dentro do que seria um trabalho artístico contemporâneo. São Paulo, umas das maiores metrópoles do mundo, das entranhas do social, espancando gritos na selva de pedra, encontra-se o **efeito colateral do sistema, as pixações**. [E não teria sido, justamente sobre os efeitos colaterais que a nomeação “crime” caiu melhor? É neste mesmo lugar que quem se aventura na estética precisa ir.]*

***Apresentei** como trabalho artístico a “**exclusão social**”. Uma chinfra, reforçando um protesto contra o sistema capitalismo e os direitos de um cidadão, cuja até então é “limitado” e surreal pro extrato de baixa renda. **Ao contrario de olharmos só pro nosso umbigo**.*

*Porem, eu aluno cidadão que a todo momento me apresentei como pixador que sempre respeitou a instituição, tenho o direito de **liberdade de expressão** no trabalho conclusivo de artes visuais, **livre arbítrio e não servo-arbítrio**. [Que invenção de palavra sensacional. Servo-arbítrio, jamais tinha lido isso e me parece que cai bem em vários setores da Arte.]*

Os índices seriam de extrema importância, “simbólico”, “derrepente um valor capitalista estimado”, “poderia me apropriar e substituir tudo o que seria móvel” e finalizar a mostra com os apagamento das paredes, isso se é que teria que apagar, afinal, é uma instituição Belas Artes ou é o que?

⁵² Aqui, como o texto de Rafael já vinha com alguns grifos em negrito, prestem atenção que as minhas falas não estão em itálico e estão entre colchetes, apesar de estarem também em negrito.

⁵³ O texto de Rafael está copiado e colado sem qualquer alteração gramatical, mantendo, portanto, sintonia com suas atitudes, com sua arte, com sua pessoa, ou seja, mantendo a força desconfortadora que sua coragem e audácia representam para tudo o que estiver instituído, coisa que a gramática não deixa de estar. Agora, se só por isso você não conseguir ver a potência de suas falas, nem sei como chegou até esta página. Perderá muito!

⁵⁴ Gíria paulista para periferia.

O impulso e a cegueira fez com que apagassem a minha “obra” preconceituosamente. Quem vai me indenizar??? [Boa pergunta, se arte e crime se mutantizam em minha pesquisa, um crime julgado e condenado levaria, invariavelmente a uma obra de arte indenizada.] *A minha “verdadeira” arte, a de peso, não é substituída facilmente, não é pra qualquer um, é pra quem eu queira ou vai que ter cacife, o peso capital não é paralelo a referente obra vendida de Beatriz Milhars. Com todo respeito a ela, servindo de referencia 1 milhão de dólares atingido. [Nada contra os artistas, tudo contra os regimes de verdade da arte.]*

No dia 16/06/2008 recebi um telegrama da instituição Belas Artes, me “intimando” a comparecer a sala de reuniões da Reitoria às 14h do dia 19 de junho de 2008, perante uma comissão para ser interrogado e, na mesma oportunidade, oferecer defesa prévia, especificar as provas que pretendo produzir e apresentar rol de até 3 (três) testemunhas.

De inicio, quando recebi, fiquei chateado e mordido da **forma hierárquica de tratar uma pessoa**, ou seja, nesse caso, eu, aluno, “intimado”! “**Intimando**”?! Já se passou dias do caso ocorrido, deu tempo pros acadêmicos pensar e refletir sobre o choque que o trabalho propôs, afinal, é uma academia de arte ou o que?

Resolvi a me submeter humildemente ao seu “intimato” mesmo achando uma falta de respeito, sendo que **a todo momento me apresentei**. [Sobre os artistas que habitam este lugar desamparado de produções estéticas criminalizadas, a arte se reveste de juíza, transforma, inclusive, seu vocabulário, e faço coro: intimando?!].

Passou pela cabeça a hipótese de o Reitor derrepente querer uma conversa sobre a discussão agressiva verbalizada saída no jornal Folha, onde a coordenadora Dr. Helena Freddi, artista plástica disse - “para quem o que aconteceu na faculdade foi uma ato de vandalismo que extrapolou os limites da ação civilizada”. Eu, (Rafael) - “Somos abusados? Que se foda! É um orgulho pra vocês eu estar dentro dessa podre faculdade. Não sou seu filhote, não preciso do seu aval. A arte hoje em dia é pra quem está na pegada. Para os bunda-moles ela morreu faz é tempo.”

Independente desse caso ocorrido, devia um agradecimento de coração a instituição pela bolsa concedida, e como sujeito homem uma satisfação sobre o debate acontecido, expor o motivo das palavras agressivas que se confrontaram. Apenas isso pendente.

Tinha consciência que, derepente o Reitor estaria leigo de alguns outros assuntos que colocaria em cheque. Como o meu **trabalho envolve a política** [Já disse, mas vale dizer novamente – e como envolve! Contemporaneizado, política do corpo, da cidade, da arte], nesse caso envolveu a da universidade, submeti a ir até vossa pessoa colocar pratos a limpo. Por insistência de uma pessoa querida, deixei a me acompanhar, chegando lá, cheirou preconceito. Não tiro suas razões também, mas depende do preconceito!!! Esse amigo que me acompanhou é aluno simbólico da universidade, artista visual, boicotaram-lhe da sala de reuniões, quer dizer, do tribunal [Como disse, a arte se transfigura em júri, as Belas Artes em fórum e a sala de reuniões em tribunal.]. Fiquei só, rodeado de dois advogados e o coordenador de arquitetura, perante duas testemunhas deles. Pego-me pensar, que triste o Reitor não estar aqui, meu coração parte e, ao mesmo tempo **por obrigação tenho e devo cobrar**. Gostaria de poder sumariar os acontecidos antes de tomar qualquer providencia, se quer saber, se eles me reconhecesse, e se “eu” não tivesse nada a contra, ambas parte sairiam ganhando.

Mas não, foi o oposto da conversa que esperava, estavam determinado a me julgar, ainda me tirando de cabaço e laranjão. Pediram que eu assinasse um termo de desligamento, cogitei, um deles perdeu até um pouco da linha, me auto-advoguei, é engraçado, estou sim vinculado a vocês!

Se o academicismo do centro Belas Artes tivessem mesmo uma sabedoria com perspectiva tão elevada, tinham que ter visto isso rápido e interferido, tentado resolver da forma mais passível possível, mas não, uns ficaram quietos, alguns correram e outros preferiram abomina.

Tenho uma espécie de pacto com a instituição, tenho ela no meu currículo e ela me tem, e, cada passo em falso da política que esta regendo a Belas Artes, compromete a imagem da mais antiga universidade de arte de São Paulo, **a corda está dada na mão de cada um**, agora convido humildemente os amigos professores Dr. Carlos Tadeu Siepierski, Dra. Helena Freddi, Msc. Turguinev Roberto de Oliveira, Esp. Bertoneto Alves de Souza, Esp. Murilo

Kammer, Mstr. Ângela Barbour, Esp. Carlos Augusto Sampaio, Dra. Carla Longhi, Mstr. Dercy aparecido Pereira, Mstr. Juliana Martins Rodrigues de Moraes, Mstr. Rubens Zaccharias Junior, Dra. Geórgia Evangelos de Almeida Kyriakakis, Esp. Jacques Jesion, Mstr. Zandra Coelho Miranda dos Santos, etc, etc, etc para arena de discussão. [Ele está na instituição e a instituição está nele, mesmo que seja de maneira conflituosa, de tal fato não se pode escapar. A saída? A meu ver, a mesma proposta neste estudo, ou seja, a conversa, coisa que ele também sugeriu, convocando nome por nome seus professores.]

Sobre o **desprezo pela instituição** publicado nos veículos de comunicação - "podre faculdade." "Usei a estrutura da academia que se diz das artes para me articular, fazer a minha obra", como disse, foi um trabalho **"teatral performático"**, também sabemos ser maquiavélicos. Porém, agora sim tem cobranças pessoais.

Começarei cobrando um concurso onde um amigo (família) negro e pobre ganhou dentro desse invólucro e foi roubado (concurso Africanize)! A universidade não tem vergonha na cara, roubou de um pai de família sofredor que tem um coração de ouro, é tanta cara de pau que pediu o seu trabalho artístico emprestado pra no mínimo mandar um branquinho engravatado representando o seu Centro de Patifarias. Isso é a moral e a arte que pregam??? Preconceituosos, podem me processar se quiser, arrumarão nada, o certo prevalece, o negão tem cinquenta e poucos anos de sobrevivência, passa mó veneno, mó veneno mesmo, se submete a procura de uma melhoria, veste a camisa dessa faculdade, bate no peito que é da Belas Artes, tornou-se simbólico, e vocês fazem isso, o que vocês acham que são??? Não venham me dizer que criaram cobra não, agradeço o que fizeram por mim de coração, sei quem eu devo respeitar dentro do invólucro, a humildade prevalece, durante quatro difíceis anos nunca deixei a desejar, disciplina total, patifes foram vocês e não farei parte disso, além do mais quando se trata de **preconceitos!!!** E pode ir considerando isso "também" como o meu trabalho final, porque isso sim que é arte, a arte de sujeito homem, a atitude!!! Minha postura e caráter de cobrar rompe com suas patifarias e podridões de covardes!!! [Sobre este caso do concurso Africanize, não sei nada sobre, mas incluir este reclame, esta denúncia, esta união e apoio a outro periferizado dentro da instituição como parte de sua obra e vincular a "atitude" como forma de arte, da maneira que foi feito, é mais uma das produções de Rafael que me empolgam em admirá-lo – vida como obra de arte.]

Eu, moleque favelado como dizem, terei que ensinar alguns de vocês a ter postura? É uma vergonha! Vocês não se envergonham? Todos que viram e se acovardaram também! Agora vai dizer que algo seria mais importante. Xingar um pai de família de doido, maluco e "macaco" é normal? imagine que, com a sua cooperação a patifaria reinasse, estupro tornaria-se banal, achariam isso certo? imaginem sua família sendo atacada e "todos fingir não ver"! então sabem o que devem para essa pessoa! **Exigimos respeito!!!**

E para alguns despeitados que jogam na cara um saco de ração achando que somos cachorro, revê os conceitos, além da sua **hipocrisia** dobrada tangível em relação ao social, particularmente "eu" farei questão de insinua para os bicos-sujos que a **bolsa** que foi concedida para minha pessoa não foi dada de mão beijada não. Paguei um semestre inteiro, paguei todas rematriculadas, "me humilhei profundamente a cada semestre nos pedidos", prestei trabalho com pintura e me submeti por convocação a entregar planfetos em portas de faculdades em épocas de processo seletivo, coisa que até então nunca tinha feito, fora aguentar calado de alguns que se julgam exemplos, **a falta de ética moral.**

Retomando o olhar panorâmico sobre os excluídos e o pedido de desculpas do choque que conflitou agressões.

O sofrimento estampa, somos só os parafusos da fábrica que reina, uma alienação da sobrevivência impede o indivíduo de viver; se sujeitar com migalhas ou se suicidar; presenciamos uma negligência no ar; desumanidades, "nesse mundo você vale o que tem". Sabemos o que é bom pro futuro, o presente nos amarra, e no presente momento não vivemos, sobrevivemos. E, se não despertarmos sem diferenças a procura de uma melhoria, nossos filhos que irão sofrer mais. [Apesar de não achar que "apenas sobrevivemos", mas que vivemos sim, isso não despotencializa a vontade de "não sujeição" de Rafael, pelo contrário. Um vínculo tão forte e tão apaixonante com a **piXaçãO** que nenhuma instituição, nenhuma moral estética o

Peidou, né!!!

*Na rua vc e seu aliado prefeito pode falar que é **vandalismo**, dentro do invólucro acadêmico artístico é outra ideia, então cheguem com a minha grana!*

Antes na minha mão do que nas suas, pelo menos poderia gozar e ajudar muita gente!!!

*E outra, antes que esqueça, o trabalho as vezes deixa sequela, portando por favor **não agrida e não apague caso ocorra novas pixações**. Te deixaria mais em débito, é grana pra caralho, afinal, é o meu **trabalho de TCC evadindo uma “loja maçônica” de mais de 80 anos**. [Belas Artes e a maçonaria, de fato, suas categorias elevadas, intocáveis, as tornam, de fato, cúmplices, simpáticas. Quantos grandes artistas não eram também grandes maçons! Que bem fez a nova metrópole contemporânea estampando as contradições! Que alívio!] [Todo apoio à indenização de Rafael. De maneira nenhuma acredito na ilusão de que vá ser paga, mas seu pedido, mais irônico que real, lança a questão urgente: se toda cooptação vem revestida de uma nova capacidade mercadológica, por que aquilo que não é cooptável, não é digerível, torna-se sumariamente apagável? Mercadização de pernas pro ar! Abrir os cofres das Belas Artes como se assaltasse um banco, é este o espírito! Que saudável seria para a vida, para a produção estética, para a condição humana!]*

*Como os **pixadores (30 – 40)** eram e são artistas fudidos que **constroem seus trabalhos numa linha entre “terra e céu, vida e morte”, “no limite”**. Como muitos integrantes do movimento já perderam a vida fazendo essa arte, outros continuam passando **mó veneno, preconceitos e agressões**. [É justamente aqui que reafirmo o anterior sentido simbólico do suicídio, aquele ligado à sujeição estética, à violência moral. Estas mortes não curvadas são como mártires, não como suicidas, ou suicidas sobrevivem, são pobres de espírito. Em outras palavras, quem se assujeita e se vislumbra, se suicida, mas sobrevive com sorrisos de aparência saudável; enquanto quem está nessa “no limite”, “terra e céu, vida e morte”, sujeitos não curvados, tem mais chances de morrer mais cedo, mas carregam em si suas gargalhadas que a cidade se encarrega de reverberar por toda eternidade.]*

Pelo nosso povo, pela perifa, questões sócio-econômica Política. Quero 250 milhões de dólares de indenização, fora danos morais. E, “pensando bem”, como pra nós pixadores só foi mais um role, uma chinfra desmascarante transcendental, “doaremos toda a grana em estruturas beneficentes a comunidades carente, saúde, moradia e educação”. Nós maloqueiros, Deus nos abençoa. Agora “peço ajuda de todos” pra pegar a grana, o que é nosso, é tudo nosso!!!

*Desde já **agradeço a todos que se dispôs num auxílio e num apoio, a união faz a força, fiquem com Deus! Viva a piXaÇÃO**, “um salve para todos”, em especial aos pixadores e o jornal Folha, vocês foram fodas, fazem e fizeram a diferença! Os Fortes Sobrevivem!!!*

Rafael Augustaitiz

*Sobre o vazio da **Bienal**, se quiser agora nos incluir, recolha e encha vários caminhos-pipas de “fossa” e jateiem internamente. Refletirá a muitos!*

Ivo Mesquita, você pode fazer esse favor? Ou ficará com medo de se misturar com as merda? É um desafio de fácil alcance, pelo menos acredito!!! Faz uma, a nossa estamos fazendo. Calará a minha boca e a de vários, sentirei firmeza, mostrará sua capacidade e ficaremos grato. Externo, liberem para cobranças, protestos!!! [Imaginem que bienal seria esta coordenada por Rafael, de todo modo ela já acontece, a todo instante, em cada metrópole mundial, estejam atentos às bienais ininterruptas do cotidiano.]

Venham com a grana que ganhei pro povo!!!

Recado aos grafiteiros - Grafiteiros caiam fora, estamos pensando em romper um acordo que a sociedade sempre acreditou que existiu, se não fizermos isso será por muita humildade, subiremos todos os grafites dos pop-star que se levantaram nas nossas custas colocando a

piXaçÃO como lado negro, correm com a política e nunca fizeram uma por ninguém a não ser só pensar nos seus bem star! Apagam vários pixos, estão se apropriando de nossa linguagem e ainda nos queimam! Já era, o grafite é a evolução da piXaçÃO o caralho, aqui é atitude e não bunda-mole, acabará o teatrinho, São Paulo a cena do loko é piXaçÃO. Tem o nosso respeito os grafiteiros marginais, eles sim são família!!! (ver p. 266)

De todo modo, devido ao tamanho e ao formato do texto aliados à exigência perspicaz de Rafael em apenas liberar a publicação caso fosse feita na íntegra, sem nenhuma alteração, a Folha, mesmo tendo uma jornalista como a Laura, assim como as Belas Artes, o silenciou. Lembrando que a Folha destinou um espaço do jornal para ele, afirmando justamente uma liberdade e uma garantia de não edição. Será que esperavam que ele se enquadrasse na lógica jornalística? Pelo visto sim. Quando Rafael enviou para a Folha o texto acima, o fez juntamente com uma ameaça, afinal de contas, mais uma vez, a meu ver, ele tinha claro em sua mente que, caso fosse editado, manipulado, tudo o que ele dissesse e a maneira que dissesse poderia, mediante uma simples e comum manobra jornalística, se voltar contra ele. A ameaça enviada, que publico abaixo, me soa, de fato, amedrontadora. A Folha não aguentou, deu pra trás.

De: Rafael Augustaitiz

Para: Uma série de jornalistas

Assunto: EXTREMA IMPORTANCIA “SUAS”! AVISEI HEM!!! Não desacredite!!!!

*É o seguinte! Por favor não me leve a mal! Tenho e devo fazer isso (Humanismo)! Estou mandando o texto, **se não publicarem amanhã cedo, incluirei o nome do jornal que peidou e, bombarei na net!** Já deixei diversos textos engatilhados, o mundo ira assistir, já sabem de nossas ligações nos veículos. Uns reconheceram pequenos comparecer e, outros anunciam a minha procura para sumareio. Espero que recuperem a consciencia e, façam seus papeis de emissores. Boa tarde para todos e, é pra amanhã cedo, na humilde, “ao contrario”, “a tarde farei seu ibopes”. Me desculpe mas, prezo pelo meu povo, **Humanismo**, Deus estará do nosso lado!!! Os fortes sobrevivem..... Se caso prefira se acovardar, será só uma queimadinha, a dimensão nem eu sei!!! porem, olha a minha fé, acha que é bobeira???*

6.4.1.. ENVOLVIDO ATÉ O PESCOÇO!

Foi mais ou menos, então, a partir desta não publicação de seu texto, que ele, como antes, voltou a se preservar, a não atender jornalistas, a não dar entrevistas, a não se expor,

afinal de contas seu nome estava em todos os veículos e isso poderia torná-lo um alvo fácil. Como ele mesmo dizia, “é pouca ideia”. Sendo assim, como já estávamos bem articulados, com, de certa maneira, uma amizade capaz de rir junto disso tudo, cada vez que um jornalista ou qualquer outra pessoa entrava em contato com ele, visando alguma publicação, ele, sem eu saber nem pedir, evidenciando uma grande confiança em mim, passava o meu contato. Afinal de contas, era óbvio para ele, que eu, anunciando minha condição de mestrando da UERJ, poderia ser mais bem digerido pelo jornalismo, afinal de contas, minha força é muito menor que a dele, ou seja, de certa maneira, falo o vocabulário dos jornalistas. De todo modo, minha experiência nessa ocupação do espaço jornalístico não foi nem um pouco tranquila, assim como veremos.

Continuando na Folha de São Paulo, desta vez na figura da jornalista Daniela Mercier de Oliveira, de alguma maneira, ela, quando procurava fazer uma matéria sobre o evento da “Choque Cultural”, contactou o professor Aldo Victorio, do Instituto de Artes da UERJ, justamente meu co-orientador deste trabalho, ou seja, obviamente, ele, além de ter colaborado com a jornalista, também me pôs em contato. As primeiras conversas foram por e-mail⁵⁵:

De: Daniela Mercier
Para: Gustavo Coelho
Assunto: Rafael Augustaitiz

Olá, Gustavo, é o seguinte: o que eu preciso agora é de uma entrevista, para comentar a intervenção de sábado. Qual é o seu envolvimento no grupo? Você participou desta ação? Pode me passar informações gerais?

Por enquanto, não posso fechar com você nenhuma coluna/artigo, pois precisaria conversar com o editor. Mas gostaria sim de saber qual é a sua opinião sobre o movimento, caso não tenha participado diretamente.

Se puder me passar seu telefone, podemos conversar melhor.

Obrigada,

Daniela Mercier – Repórter

⁵⁵ Todos os e-mails publicados nesta pesquisa virão assim, cabeçalho com espaçamento simples e em negrito, e o corpo da mensagem em espaçamento simples e alinhamento à direita, não justificado.

De: Gustavo Coelho
Para: Daniela Mercier
Assunto: Rafael Augustaitiz

Olá Daniela!

Sou do Rio de Janeiro, mestrando em educação pela UERJ. Minha pesquisa se dá justamente onde uma moral supostamente geridora de mundo não dá conta e a *piXaçãO* ganha papel protagonista.

Não participei da ação, meu campo de atuação é a escrita, a pesquisa. Não sou piXador, sou um pesquisador das produções estéticas amorais em especial no acontecimento contemporâneo da metrópole. Pode parecer estranho, um mestrando em educação encantado pela *piXaçãO*, mas é preciso profanar e dilatar a pedagogia. Bem, podemos conversar sobre.

Mas graças a pesquisa virei, de fato, amigo do Rafael Augustaitiz. Apesar de não nos conhecermos pessoalmente, conversamos muito pelo MSN, por isso, fiquei sabendo do ocorrido logo após o acontecido.

O Aldo, com o qual você já inclusive conversou é meu amigo e co-orientador de pesquisa.

Se precisar conversar com mais urgência, estou online no msn: gustavobateracoelho@hotmail.com

Tenho também um texto que escrevi junto com o Aldo, logo após o ocorrido nas Belas Artes. Pode valer a pena para uma compreensão mais densa do que estamos falando.

Aguardo Você.

Gustavo Coelho

De: Daniela Mercier
Para: Gustavo Coelho
Assunto: Rafael Augustaitiz

Oi, Gustavo, gostaria de ver o texto sim. É complicado falar por MSN, você pode me passar seu telefone?

Obrigada,
daniela

241

Desta maneira, passei meu telefone para ela e, logo e seguida, ela me ligou. Após cerca de 40 minutos conversando – e eu, obviamente, tentando passar para ela minhas ideia no mesmo tom deste trabalho aqui –, fui me empolgando, pensando que, dali, sairia uma matéria interessante que poderia anunciar novas plataformas afirmativas e significativas para se pensar o acontecido. Bem, eu deveria não ter me empolgado. Antes de mostrar a matéria resultante destas entrevistas, publico também uma pequena troca de e-mails entre ela e Aldo Victorio:

De: Daniela Mercier

Para: Aldo Victorio

Assunto: PICHADORES ATACAM GALERIA DE ARTE

Olá Aldo,

Seguem as fotos da intervenção do dia 6, na Galeria Choque Cultural, em São Paulo. Gostaria que você comentasse sobre a proposta dessa ação e se, na sua opinião, faz sentido falar na comercialização/institucionalização da arte de rua e se isso é prejudicial para o movimento dos pichadores. Se você quiser comentar, quero saber também o que você acha de iniciativas como a Galeria Choque Cultural (não precisa citar nenhum nome/instituição).

Por favor, não repasse as fotos.

Aguardo sua resposta.

Muito obrigada,

Daniela Mercier

De: Aldo Victorio

Para: Daniela Mercier

Assunto: PICHADORES ATACAM GALERIA DE ARTE

Olá daniela

Sobre a notícia que vc me traz da última atuação do artista Rafael,

entendo que, sob o que se denomina 'ataque', ou seja, a intervenção, interferência performática, etc. do grupo de artistas pichadores à galeria supostamente dedicada à comercialização da 'arte-de-rua' fervejam interrogações das quais não mais pode escapar o nosso regime de verdades tradutoras do mundo...

A aparente e só superficialmente contradição dessa recente ação indicia a aguda perda da validade da maneira hegemônica de ver a cidade e desta o mundo e a vida.

Reduzir mais uma vez a estética rebelde de Rafael e seu grupo a mero vandalismo, 'incivilidade' ou qualquer coisa que o valha é reconhecer antes de mais nada a fragilidade da arte que vêm nessa expressão: 'galeria de arte', assim como os discursos que trovejaram sobre a ação na Belas Artes mostraram como de Arte e de beleza pouco naquela instituição haveria... pelo menos da arte e da beleza que aventam esses tempos de fim de tudo, tudo que protegia uma visão única do mundo e neste, das artes e das belezas, visão arrogantemente auto-autorizadora do que caberia ou não na ação artística... como se a produção estética, (energia fundante da condição humana) pudesse ser permanentemente controlada pelas estratégias institucionalistas... O episódio é mais um indício do crescente incômodo entre as investidas emancipatórias e as reações regulatórias que marcam os estertores da modernidade. Embora esteja certo de que a galeria saberá capitalizar esse acontecimento, vislumbro na surpresa do ato algumas possibilidades de reconfiguração daquilo que sabemos como mundo da arte, em prol da coletivização da beleza e da vida como obra de arte!

No entanto, mesmo após boas conversas, e dias ansiosos pela publicação, eis a frustrante matéria publicada:

Cerca de 30 pichadores invadem galeria de arte e danificam obras expostas

DANIELA MERCIER

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Um grupo de pichadores invadiu, no último sábado, a Galeria Choque Cultural, no bairro de Pinheiros (zona oeste de São Paulo), e danificou 20 obras de arte expostas no local.

A galeria é voltada à divulgação e à venda de trabalhos de arte underground, como grafite

e design gráfico.

A ação foi organizada pelo artista Rafael Guedes Augustaitiz, o Rafael Pixobomb, que foi expulso do Centro Universitário Belas Artes em julho deste ano, por organizar uma pichação no prédio da faculdade.

Os pichadores fazem parte do movimento intitulado “piXaÇÃo: Arte Ataque Protesto”, que tem como meta protestar contra a comercialização da arte de rua.

De acordo com o grupo, a galeria não representa a cultura urbana, e seus criadores não fazem parte do movimento de rua.

Entre as obras danificadas estão quadros de Gerald Laing, referência inglesa da pop art, e do artista de rua brasileiro Daniel Melim.

Invasão

A galeria estava em funcionamento quando o grupo de cerca de 30 pessoas, segundo informações do boletim de ocorrência, invadiu o local e pichou paredes, quadros e outros objetos em exposição. A ação durou aproximadamente cinco minutos.

O grupo foi chamado a fazer a pichação por meio de um “convite” enviado por e-mail, que dizia o seguinte: “Evadiremos com nossa arte protesto uma “bosta” de galeria de arte segundo sua ideologia abriga artista do movimento underground. Então é tudo nosso [sic]”.

Procurado pela Folha, Augustaitiz não quis comentar a pichação e disse que “a ação falava por si mesma”.

Baixo Ribeiro, um dos proprietários da Choque Cultural, afirmou que o evento teve “pouca importância” e não quis falar mais sobre a invasão ocorrida.

Na tarde de ontem, um boletim de ocorrência foi registrado no 14º Distrito Policial de São Paulo.

Segundo o DP, o proprietário já foi notificado para fazer representação contra o grupo, condição para abertura de inquérito no caso de um crime de natureza privada. O caso foi classificado como dano ao patrimônio. (Folha de São Paulo, 09/09/08)

243

Diante de tão pobre e irrelevante matéria, ainda mais sabendo que houve, de fato, uma certa pesquisa por parte da jornalista, um contato com outros pensamentos, respondi-lhe, mesmo tendo total certeza que minha resposta não daria em nada, e muito menos seria replicada. Bem, mesmo sabendo que a jornalista pode ter sido editada pelos terríveis editores-chefes, minha resposta se direcionou para ela, afinal de contas, que tal provar algumas doses da rebeldia de Rafael mesmo dentro de uma ordenada e hierarquizada redação de um grande jornal? Não tem coragem? Pelo menos faça um *blog*, use um outro nome, não seja pego!

De: Gustavo Coelho
Para: Daniela Mercier
Assunto: Matéria piXaçãO

Daniela,

Devo admitir que, por conhecer o discurso jornalístico (minha primeira formação foi em comunicação social) já viciado em seus ditos violentamente redutores, ou melhor, falsificadores de mundo como o mero “vândalos” amplamente vomitado por vocês, quando fui contatado por você, fiquei surpreso com a vontade de ouvir “outros” pensamentos que, de fato, habitem lugares perigosos, ou melhor, que não se solidifiquem nos sorridentes ditos confortantes oficialóides. Era um fio de esperança. Assim como as Belas Artes tiveram a chance de respirar graças ao Rafael, desta vez foram vocês que do alto de suas aparências, negaram mais uma vez o necessário mergulho na complexidade da vida cotidiana, no convívio entre o desmantelamento e a estética, mas o jornal não pode se sujar, não conseguiria um mergulho com mais de meio-metro sem equipamentos de segurança. Sendo assim, com as artimanhas já óbvias, com o ranço da velhice, vocês pensam salvar seus ditos, ou melhor, distanciá-los do perigo, quando, de fato, escrevem a cada nova edição pensamentos mortos.

Mais uma vez, vocês escolheram continuar habitando de braços dados com as Belas Artes a cidadela inventada por vocês que, justamente, ao se pronunciarem como porta-vozes da impreensível e impronunciável produção estética humana, denuncia a um olhar mais irônico, mais sagaz, mais livre, os limite territoriais de uma vila, ou seja a irrelevância perante o mundo invejável em sua saúde plena. Ao menos o mundo independe da Arte e independe do Jornalismo, e vai além, ri disso tudo como quem diz, eles não sabem de nada, só sabem falar, mas de tanto falar o mesmo, já se tornou um murmúrio, cada vez mais abafado pela polifonia da cidade! É TUDO NOSSO!

Infeliz a matéria, infeliz o tom petulante, infeliz a opinião escolhida, mas tudo coerente. Coerência, esta é a palavra do jornalismo, enquanto a vida e a cidade pulsam, justamente, na incoerência, no incontrolável. Um sonora risada para a Folha!

Gustavo Coelho.

Como já disse, naturalmente, não obtive qualquer resposta após este e-mail, talvez nem tenham lido, talvez tenham-se constrangido, talvez tenham apenas rido de meu tempo perdido, de minha ingenuidade. De todo modo, foi mais um treinamento de escrita-ATACK, uma experiência de escrita que agora, ao menos, ganham as páginas deste meu trabalho. E não fui só eu que a respondeu, Aldo também se sentiu impulsionado a fazê-lo, provavelmente, de uma maneira muito mais bonita, sem deixar de ser contundente:

De: Aldo Victorio
Para: Daniela Mercier
Assunto: Matéria piXaçãO

Daniela,

Não me surpreende a coerência de seu texto com a tradição reacionária da folha de São Paulo, mas, registro a decepção com a deselegância discreta da sua matéria...é constrangedor ler apenas (tanto no seu texto quanto na ‘opinião’ selecionada) a mesma ‘doxa’ de reação sem nenhuma preocupação em deslocamentos mínimos do território pequeno-burguês da certezas rotas ... Lembro que, afinal, vc tomou meu tempo dando-me a ilusória impressão de que haveria algum espaço para algo diferente da mera e sumária condenação do ato dos jovens pichadores.

Lamento também e profundamente o uso das palavras do Rafael (“Evadiremos com nossa arte...”) para, num jogo covarde, tentar ridicularizá-lo e agravar a desqualificação já deflagrada em seu texto (seria só anacrônico provincianismo?!). Não acredito que você nunca tenha lido ou aprendido nada sobre o sentido da comunicação e a guerra que se dá nos campos dos discursos e de seu registro escriturístico!

Talvez, sua postura não seja por concordância com a ideologia de sua ‘firma’, mas, por sujeição ao emprego... espero sinceramente que não seja por conta do somatório dessas duas condições! ah... ‘contexto da arte’... a única coisa que atrapalha o riso diante dessas bobagens é o enjoo que a reflexão de baixa intensidade provoca... lembre ao seu amigo que não existe ação ‘ vazia ‘, ah ele sabe que nesse país as ações costumam ser esvaziadas sempre que seus sentidos sugerem algum risco à tradicional diagramação do poder .

Os leitores desse jornal não teriam o direito de opiniões minimamente distanciadas para que, ao menos, tenham a ilusão de um jornalismo de verdade?

sem mais

aldo victorio

Sobre o que Aldo fala de “contexto da arte”, ele se refere à outra matéria publicada na mesma edição da Folha de São Paulo, mas sob responsabilidade de Fabio Cypriano, o qual Aldo se refere quando diz “lembre ao seu amigo”. Ponho em seguida, portanto, a matéria em questão:

245

Autores de ação não conhecem contexto da arte

FABIO CYPRIANO

DA REPORTAGEM LOCAL

Protestar contra a comercialização da arte por parte de galerias de arte é desconhecer o papel que esses espaços exerceram e exercem como local de experimentação e não apenas pelo valor mercantil que imprimem ao circuito.

Foram em galerias comerciais que algumas das mais radicais ações na história da arte aconteceram, como a performance de Vito Acconci, na Sonnabend Gallery, em Nova York, em 1972, quando o artista se masturbava sob um tablado por seis horas.

A ação foi considerada tão importante que foi reencenada, há dois anos, por Marina Abramovic no Guggenheim de Nova York. Sem galerias “comerciais” a história da performance, modalidade que pode ser considerada tão alternativa quanto o grafite, seria diferente.

A Choque Cultural é hoje um local já estabelecido que faz esse tipo de intermediação, isso é, incorpora uma ação artística mais radical, como o grafite, que tem na rua sua origem, ao espaço mais convencional da arte, o chamado cubo branco, que sempre precisa de renovação.

Uma ação de “piXaçãO” tem um caráter muito mais oportunista. Trata-se de uma ação vazia, de quem não conhece o contexto da arte, mas está é em busca de 15 minutos de fama, como dizia Andy Warhol, outro artista que sabia usar o espaço comercial para repensá-lo. (Folha de São Paulo, 09/09/08)

Nem preciso tecer mais críticas sobre a matéria acima, afinal de contas, já está alvejada durante todo o restante deste trabalho, além de ter sido muito bem exposta pelo Aldo. Contudo, um assunto delicado e problemático, que também ficou estampado em minha

relação com a Revista Veja, na figura do jornalista Daniel Nunes, foi, justamente, o que Aldo abordou quando disse: “Talvez, sua postura não seja por concordância com a ideologia de sua ‘firma’, mas, por sujeição ao emprego”. Em outras palavras, uma perigosa falta de autonomia do jornalista, muitas vezes, marionete na mão dos editores, estes sim, entre os mais terríveis pedagogos, educadores da informação. De todo modo, como, inclusive sugeri ao Daniel, por que não criar um nome falso, um *blog* com um servidor ucraniano, sem ser pego? O que mais me amedronta é, justamente, o que aconteceu com os editores-chefes, provavelmente, algum dia repórteres menores que podem a partir da sujeição ao emprego, terem vestido a ideologia da firma, ou melhor, cometendo suicídio simbólico. Como Aldo também disse acima: “espero sinceramente que não seja por conta do somatório dessas duas condições!”

Com a Veja, o contato foi feito, primeiramente, por telefone, eu estava, inclusive dentro de uma de nossas salas do 12º andar quando o telefone tocou. Bem, perdi a aula, afinal de contas, fiquei por 40 minutos no corredor conversando com o Daniel Nunes. De todo modo, apesar de, ao final, com a matéria publicada, a frustração ter sido a mesma que aconteceu com a Folha de São Paulo, desta vez, o jornalista foi muito mais honesto, já, ao ouvir minhas ideias pelo telefone, me dizer, inclusive com bom humor, que, dificilmente, os editores “vejianos” amplificariam aquela discussão. Tanto já ao telefone quanto por e-mail, sugeri a ocupação de outros espaços por meio de mídias independentes, internet. Não foi o que aconteceu, mas Daniel, ao menos, usava o riso de maneira subversiva, ironizava, ao menos em sua conversa comigo, a incapacidade de publicação de tais ideias. Ao final de nossa conversa, dei meu e-mail para ele. Aguardaria um contato para que eu enviasse o mesmo texto que já havia enviado para a Folha. Abaixo, publico nossa troca de e-mails, também muito significativa:

De: Daniel Nunes
Para: Gustavo Coelho
Assunto: meu contato

Oi, Gustavo,
Legal conversar contigo.
Vamos ver o que consigo incluir no meu texto.
Segue o meu contato para você me enviar seu texto, caso tenha interesse.
Obrigado e um abraço,
Daniel

De: Gustavo Coelho
Para: Daniel Nunes
Assunto: meu contato

Opa Daniel!
Foi bacana conversar com você também. Mesmo sabendo a impotência que deve ser escrever sendo rodeado por editores, no mínimo serve para vc Daniel e eu conversarmos.
Encaminho em anexo o texto que te falei. Mas me diga, quando deve sair a matéria? Fico ansioso, até mesmo esperançoso por discussões interessantes e não viciadas no óbvio... vai ver é ingenuidade minha rsrs.
Abração. Aguardo.
Gustavo Coelho

247

De: Daniel Nunes
Para: Gustavo Coelho
Assunto: meu contato

Mensagem recebida, Gustavo.
Só prefiro – eu, o Daniel – não criar expectativas.
A revista Veja entende o episódio como vandalismo.
E, como pede o bom jornalismo, estou apurando as informações para contar a história com diferentes pontos de vista.
Mais uma vez, obrigado pela atenção,
Daniel

De: Gustavo Coelho
Para: Daniel Nunes
Assunto: meu contato

Opa Daniel!
Uma pena a Veja, esta coisa abstrata, pensar por si só, fechada em seus regimes de verdade, quando o jornalismo poderia propor um pensamento mais perigoso, mais livre. O que será que rola em nossos pensamentos mais silenciosos, naquilo que respondemos quase que como resposta involuntária, vândalos? É preciso ir mais a fundo, ter mais fôlego.
Mas eu sei que o jornalismo só pensa com coerência, enquanto a vida, ironicamente, gargalha dele, mostrando todo o encantamento da incoerência que ainda faz pulsar a vida em sua pluralidade. Quando o discurso jornalístico for o discurso da vida, ou o jornalismo conviverá

melhor com a incoerência, com a imperfeição que nos constitui quase primitivamente, ou a vida não existirá mais, perderá a pulsão, será a morte. Em suma, o jornalismo não consegue viver, ainda mais em um muldo cosmopolita, cheio de metrópoles, mas os Blogs e coisas do tipo são um espaço para esta vida.

O Jornalismo maior, esse de Veja e companhia pensa morto, não ferve... uma pena.

Contar a história com diferentes pontos de vista é bacana, mas se a própria Veja tem seu ponto de vista hehehehehe FUDEU! hauhauha

Veremos como sairá a matéria... Recebeu meu texto? Penso que se ao menos um parágrafo dele for publicado remetendo a um trabalho "acadêmico" sobre a vida e suas produções, já será muito válido. Ao menos com meus diplomas, com minhas nomeações, o jornalismo consegue digerir melhor... sou um vírus irônico. Vamo q vamo.

A matéria sai na próxima Veja?

Guga!

De: Daniel Nunes

Para: Gustavo Coelho

Assunto: meu contato

Bem legal sua resposta. Aliás, Rafael e sua turma estão conseguindo algo positivo: alimentar uma discussão interessante.

Gustavo, você não conseguiria convencer o cara a me dar ao menos um depoimento, como o que você me deu?

Mais uma vez te agradeço por toda a boa vontade,

Daniel

De: Gustavo Coelho

Para: Daniel Nunes

Assunto: meu contato

248

Valeu Daniel!

Cara, acho que a ação dele já é uma fala muito bem articulada, cabe a sociedade conviver. E vc sabe, melhor do que eu que um depoimento dele para a Veja, será inevitavelmente usado contra ele...

Só quando o jornalismo tornar-se mais perigoso, conversar e conviver melhor com outras falas, aí sim a Veja sairá da sua sala que ainda reverbera somente a sua própria voz. O mais nefasto é que ela habilmente transforma a sua fala em um discurso a favor da pluralidade... mas só aquela que convém.

Estamos em contato.

De: Daniel Nunes

Para: Gustavo Coelho

Assunto: meu contato

Oi, Gustavo. Tudo certo? A matéria sai na edição desse sábado e só circula em São Paulo.

Preciso te dizer que, por uma questão de espaço, seu depoimento não foi publicado.

A matéria tem apenas uma página e, como eu tinha adiantado, a Veja adotou o tom crítico.

Agradeço mais uma vez por sua ajuda,

Daniel

De: Gustavo Coelho
Para: Daniel Nunes
Assunto: meu contato

Opa Daniel,

Você não tem idéia de como isso me frustra... mas ao mesmo tempo, me parece tão óbvio que isso aconteceria.

Vamo q vamo! Ocupando outros espaços, quanto mais marginalizados, maior será a eclosão do recalque... mas no final a culpa é sempre das maiores vítimas.

Agora, pra mim é mais que óbvio que a questão de espaço é a menos importante na hora de escolher entre a minha fala ou os ditos viciados.

Abraços. Boa batalha aí na Veja...

Guga!

Finalmente, a matéria que nem parece ter sido resultado destas conversas:

Vândalos à solta

Ex-aluno que pichou o Centro Universitário Belas Artes depreda galeria. **[Eu diria, no lugar de depreda, contemporiza a galeria, legítima a galeria. Não é simpática a rua? Então que engula suas dissonâncias! Descoladinhos sem fôlego!]**

Por Daniel Nunes Gonçalves

17.09.2008

Três meses depois de liderar quarenta vândalos [Não sabem de nada mesmo, amigos desde os 12 anos, essa obra, que não é individualista, mas tem o tamanho da metrópole, não se lidera, se mistura.] durante uma pichação no Centro Universitário Belas Artes, na Vila Mariana, alegando ser aquele o seu trabalho de conclusão de curso, o ex-estudante de artes visuais Raphael Guedes Augustaitiz, o Rafael Pixobomb, atacou [Um “atacou” com “c” é jornalístico, mas o feito pela meninada é com “CK”, assim como nas páginas da Veja a pichação é com “CH”, enquanto nas da meninada é com um “X” bem grande!] outra vez. Na tarde do sábado (6), ele comandou trinta arruaceiros [O que seriam dos jornalistas sem sua nefasta máquina de atribuir nomes e adjetivos a tudo que se põe em seu caminho? Sem sua postura de porta-vozes? Arrumam amplificadores de suas falas, mas mal sabem o que dizem, vomitam ao passo que pensam estarem articulando, defecam quando pensam dissertar! Beatos do pior tipo!] que sucatearam obras e paredes da galeria Choque Cultural, em Pinheiros, voltada à chamada arte de rua. [Pois então, se é voltada, se as vende, então que aguente até o talo! Não aguenta por incompreensão ou por ser invendável? Já era! O projeto faliu!] Entre os vinte pôsteres e gravuras danificados estavam dez quadros de pop art do britânico Gerald Laing. [Deveria entender como uma homenagem? Estava numa galeria simpatia à rua? Ser piXado, assim como foi, sem pudores, deveria ser a maior honra. Mas eu esqueci, esse deve ser artista] Pixobomb não dá entrevistas. [Se sem dar ele já é alvo, imagina se desse, ou alguém tem dúvidas do poder desta revista em utilizar tudo que ele dissesse para ridicularizá-lo?] Picha desde os 12 anos e hoje, aos 24, leva fotógrafo e cinegrafista para difundir suas delinquências pela internet. [Nem leva, nem contrata como vocês bem sabem fazer. No caso, tem é muita gente diferente de vocês que se empolga e gosta de ir junto registrar, ou você acha que, se não houvesse as câmeras, Rafael não faria, junto com seus amigos, os ATTACKs? É você não o conhecem mesmo, mas falam como se fossem íntimos. Óbvio, são o quê? Jornalistas!] Na rede, alega que seu gesto é um protesto “contra a comercialização, institucionalização e domesticação da cultura de rua por parte dos galeristas e do poder público”.

A idiotice desse blábláblá [Essa sua ignorância em não compreender, nem sequer conversar com aquilo que soa fora de lógica, não seria uma defesa diante do que te desconforta? Diante de tudo aquilo que foge aos seus projetos de civilidade? Já era! Seus sonhos cristãos, jornalísticos e civilizatórios faliram! E você nem sequer consegue ouvir as falas que vêm, justamente, de onde, historicamente, se negou a amplitude e o amparo da voz! Hoje, em nossa contemporaneidade, a cidade, seus centros, seus impulsos civilizatórios-jonalísticos são, a cada instante, ameaçados, justamente nesta gargalhada desenfreada, neste nomadismo juvenil periferizado que você, no

auge de sua cegueira só consegue chamar de “idiotice”, de “blábláblá”, agora, esteja atento, você não tem sequer o direito de não ser alvejado! Sua casa será piXada, ao abrir a janela ouvira uma rajada, ao passear na praia escutara o funk! Se esconda, se tranque, só assim sobreviverá, viva em seu vácuo, em seu suicídio simbólico, mas perderá o que tem de mais belo, a vida em seus impulsos reencatadores!] *não justifica os crimes. Na invasão da Belas Artes, no dia 11 de junho, alguns funcionários foram agredidos. “O ato de vandalismo extrapolou os limites da ação civilizada”*, [É preciso extrapolar, foram justamente sob a justificativa de tais “limites da ação civilizada” que se construíram secularmente os valores de Arte, de Bem e de Poder, ou seja, tudo aquilo que se projetou aniquilar, assujeitar e apagar a favor das coisas grandiosas.] *disse, à época, a artista plástica Helena Freddi, coordenadora do curso que Augustaitiz frequentou como bolsista integral – sem pagar um tostão dos 900 reais mensais – por quatro anos. [Reacionários! Toda instituição de ensino deveria estampar em seus participantes, a complexidade e polifonia que constitui a sua sociedade, se não for assim, será elitista! Que adiantam as cotas e as bolsas se o intuito é que os mesmos valores, os mesmos referenciais de saber, e de comportamento, sejam passados e cobrados para o sucesso? Que projeto é esse? Balançar as certezas e conviver com outros saberes, com outras lógicas – é por isso que sou a favor de cotas e bolsas, mas se o não curvar-se, se o não assujeitar-se às hegemônias de saber, de comportamento e de estética continua sendo justificativa para a reprovação, então é sinal que o “balançar” proposto precisa de alguma força ainda mais rebelde, ainda mais inesperada. Tomar de assalto? Invadir? É por aí. Que venham mais Rafaéis!] Seu ato no último dia de aula foi rechaçado pelos alunos. Ele acabou reprovado pela “apresentação” inválida e sua expulsão foi determinada por um comitê disciplinar. [Lembrando que, como já disse, a instituição, semanas depois, propôs um evento para discutir “os limites da arte” e não chamou nenhum piXador. Afinal de contas, estes não arranjaram o problema de querer ser artista. (ver p. 202)]*

Embora tenha sido levado à delegacia depois da baderna na faculdade, Pixobomb foi liberado. Crimes contra o patrimônio são considerados leves, com pena de até um ano, mas não preveem prisão em flagrante. Livre, deu para destruir galerias. “Não entendemos a razão de uma ação tão brutal”, afirma o arquiteto Baixo Ribeiro, um dos proprietários da Choque Cultural, junto com sua mulher, a também arquiteta Mariana Martins, filha do pintor Aldemir Martins (1922-2006). [Está explicado, de onde eles vêm?] Admirador da tal “arte de rua” [Até qual profundidade?], Baixo ficou tão abalado [Que pena! TADINHO!] com a afronta que tem evitado falar sobre o assunto. “Estamos mantendo a discrição porque não queremos amplificar a ignorância da qual fomos vítimas.” [Lembrando boaventuradamente que toda ignorância se refere a um tipo de conhecimento, e que todo conhecimento se refere a um tipo de ignorância, ou seja, Baixo Ribeiro pode até saber de alguma coisa, mas não sabe de nada!]. (<http://vejasaopaulo.abril.com.br/revista/vejaspedicoes/2078/m0167625.html> Acesso em 17/09/08)

De toda nossa conversa e de toda a aparente simpatia de Daniel Nunes, a incoerente coerência jornalística se fez presente mais uma vez, com toda a rigidez e reacionarismos mais do que tradicionais para a instituição “Revista Veja”. Desta vez, graças ao meu repúdio diante da pior matéria feita sobre o acontecido, intensificado pelo meu envolvimento em seu processo de construção, ou melhor, de invenção, resolvi, desta vez, como pôde ser visto, entrar dentro da matéria com meus colchetes-debates, rasgando as frases ao meio, metralhando a cada nova vírgula suspeita, colchetes-AK47, colchetes-G3, colchetes-AR15, colchetes-molotov! Como diz Rafael – “tem que ser sem massagem!”

Como parece moralmente indiferente escrever ou não uma linha a mais, e talvez ainda sem assinatura, um homem que possui dinheiro e influência pode fazer

de toda opinião a opinião pública. (NIETZSCHE, 2007d, p. 246)

Para finalizar de maneira otimista, devo, obviamente, dizer que todo meu destrato aqui com o jornalismo tem como alvo aqueles de coragem intelectual covarde, ou seja, aqueles que convivem bem com um senso comum sem graça, ou melhor, aqueles maiores em número e em grandeza mesmo. De todo modo, escolhi como última experiência a ser documentada, até como maneira de deixar marcada minha afirmatividade, minha esperança, o contato que tive com o jornalista Pedro Sanches, da Carta Capital, jornal de não tão grande circulação, porém, conhecido por sua honestidade e audácia em tratar questões delicadas como essa. Isso tudo fica evidente, desde o primeiro contato que fizeram por e-mail com Rafael:

De: Pedro Sanches
Para: Rafael Augustaitiz
Assunto: Carta Capital

251

Olá, Rafael, tudo bem com você?

Quem me passou seu contato foi o Ramiro Zwetsch, com que estou trabalhando numa matéria, agora para a CartaCapital, sobre toda essa história que anda rolando – e que, na minha opinião, é a guerra de classes de sempre, artistas de classe média (ou alta?) sendo tratados como queridinhos, e pobres e pretos sendo maltratados e presos.

Sei que você e o Ramiro trocaram uns e-mails, mas eu queria propor algo além. Queria entender melhor o ponto de vista dos pixadores que estão levando essas ações, sem preconceitos, sem pré-julgamentos, sem julgamentos. E aí é que te pergunto: você não aceitaria conceder uma entrevista para a CartaCapital? Não poderíamos imaginar um encontro meu com esse grupo, para que possamos fazer uma reportagem melhor – e uma reportagem em que, prometemos, os pixadores não serão, nem por um minuto, tratados do modo como têm sido tratados pela polícia, pela Bienal, pelos “grandes” veículos de comunicação de massa? Minha proposta é mais ou menos essa, fico à sua disposição pra conversar, seja por e-mail, telefone, pessoalmente, como você preferir. Se quiser conversar “em off”, com meu compromisso de que nada será publicado sem a sua autorização, por mim está valendo também.

Um abraço, e obrigado.

Pedro Alexandre Sanches

Como esperado, com toda precaução, Rafael respondeu a ele me encaminhando, apenas com algumas citações de Hakim Bey. A meu ver, ou por minha empolgação, tal encaminhamento para mim significava algo como “veja, mais um me procurou, se você

quiser, entre em contato”, afinal de contas, eu além de ainda acreditar na ocupação daquele espaço, falava de um local menos vulnerável:

De: Rafael Augustaitiz
Para: Pedro Sanches
CC: Gustavo Coelho
Assunto: Carta Capital

“As instituições tem oprimindo a imaginação e desonrando o intelecto, degradando as artes afim de estupificá-la e promover a escravidão espiritual, a propaganda para o Estado e o Capital, reações puritanas, lucros injustos, mentiras e arruinamento estéticos.”

“Recupere sua humanidade e revolte-se em nome da imaginação, ou será considerado um inimigo da raça humana!”

De: Gustavo Coelho
Para: Rafael Augustaitiz
Assunto: Carta Capital

A carta capital é confiável cara! Grande meio! Mete bronca... se precisar que eu vá junto, se quiser fazer a ponte também, estou dentro e junto com vc.

Te aguardo!

Gugaaa!

252

Pelo visto, eu mesmo já tendo me frustrado com Vejas e Folhas de São Paulo da vida, ainda via na Carta Capital um bom caminho para marcar de alguma maneira aqueles feitos que, de fato, não podem ser apagados da história com a mesma facilidade e impulso que saíram das paredes, a marca simbólica, se depender de mim, será reforçada, ainda mais por este trabalho que escrevo agora. Entrei, então, em contato diretamente com o Pedro. Mesmo a matéria não tendo incluído nossa conversa, afinal de contas já estava, em grande parte, pronta antes de eu ter entrado em contato, toda a conversa é um manancial para se pensar não só a força contemporânea da piXaÇÃo, incluindo aí os feitos paulistas, mas também a curiosidade muito mais flagrante deste tipo de jornalismo, diferentemente dos demais que tive contato, sempre ocupados com uma curiosidade que se encerra exatamente no momento da publicação, ou seja, que estão muito mais atrelados a uma anacrônica relação de trabalho produtivista que a uma de pensamento, de conhecimento e de

educação audaz, como, a meu ver, deveria ser, afinal de contas, qual o papel do jornalismo? Ah! É o pobre *informar* com seus vícios e ordens de discurso, eu preferia o mais instigante *provocar* também constituído de discurso, como é impossível escapar, porém, mais honesto e aberto, mais experiência, menos verdade.

Continuamos, então:

De: Gustavo Coelho

Para: Pedro Sanches

Assunto: piXaçãO e Rafael Augustaitiz

Olá Pedro!

O Rafael Augustaitiz me passou seu contato.

Eu me chamo Gustavo Coelho e faço mestrado em educação na UERJ. Educação parece uma palavra meio brega né, mas por incrível que pareça é lá que faço minha pesquisa com produções indisciplinadas nas metrópoles contemporâneas e por isso, a piXaçãO ganhou papel protagonista. E no meio da pesquisa acabei virando grandíssimo amigo do rafael. Estamos juntos.. ele me chama da mistura entre o “Maloka” e o “acadêmico” hauhauha...

Bem, como acabei de receber o seu contato através dele, aproveite pra te enviar um texto que escrevi após saber da nefasta continuidade da prisão da Carol.

Gostaria de conversar muito mais com vocês pq, como minha graduação foi em Comunicação Social, sei que a Carta Capital pode ser, de fato, um lugar mais livre, mais simpático à uma ocupação com pensamentos um tanto perigosos para as morais que tanto atravessam a grande mídia, força que nefastamente auto-intitula-se, não só nas entrelinhas, mas por todas as linhas, a porta voz da humanidade pelo bem! Quer coisa mais nojenta que isso?

Bem, estou aqui tendo que sair para a UERJ. Como não posso escrever muito agora, colo aqui o texto que acredito ser interessante de ser lido.

Torço pela continuação do papo e pela ocupação destes espaços um pouco mais desregrados e muito menos óbvios!

A Arte defende quem?

Bem, de fato, desde que essa menina foi presa, fiquei ainda mais estatelado não só com a capacidade nefasta no pior dos sentidos dos curadores. Pensando bem, essa, eu de fato já esperava. O que mais me assombra é a incapacidade de quem se julga e se intitula estudioso, expert ou seja lá o que for, da produção estética humana, em não só ativar, mas vivenciar um “olhar de lado” como já disse em outro texto, ou nas palavras do Canevacci, um olhar oblíquo, ou seja, um SGUARDO (em italiano) que se entrelaça e não só convive melhor, como também é constitutivo da inegável característica polifônica da cultura contemporânea. Uma enxurrada de urbanidade, de virtualidade e digitalidade que hoje, fazem da ironia, da gargalhada, do escatológico, os ecos juvenis do novo milênio.

Assim, a Bienal que, neste sentido, não tinha nada de contemporânea em seu projeto, foi paradoxalmente, ironicamente e escatologicamente salva pelos que supostamente a destruíram. E como toda ironia, e escatologia, ou seja, toda produção gargalhante das artes em sintonia com esta urbanidadedigitalidadevirtualidadejuvenilidade tem, justamente, na destruição, seu campo de atuação encantadoramente “desleixado”, podemos dizer que hoje, de fato, para se construir algo interessante, ou seja, para produzir algo que não veja distâncias entre o enrijecimento da ação pulsante indisciplinada e o relaxamento gargalhante, deve-se também, eliminar o espaço que há entre os conceitos de construção e de desconstrução. Aqui, mas não só aqui, o prefixo “des” perdeu seu peso antiquado e moralista que o engessava sob a vigilância

do antagonismo. Nada mais hoje é antagonista, tudo está em convívio, queira ou não queira, e a metrópole contemporânea é não só a sua perfeita metáfora, mas uma meta-metáfora, uma vez que nela, a força da demolição pode ter sido justamente, a força causadora da sua construção interminável, ou melhor, irrefreável. Uma bela pergunta feita pelo Canevacci: Onde termina São Paulo?

Neste sentido, tudo que parecia estar em pontos opostos, comunicáveis apenas por um sufixo gramatical, ganham os fluxos da metrópole comunicacional, ou seja, começam a se confundir, ou a se fundir-com. Em outras palavras, passam a se constituir em poesia concreta, onde nem mesmo as palavras aceitam seus limites escolásticos, onde a arte e a pesquisa antropro-comunicacional-artística se literaliza. Até mesmo as palavras começam a rir baixinho da nossa ingenuidade em separá-las entre espaços. Deste sorriso irônico, surge o hífen, um aglutinador de forças que, por essa capacidade comunicacional, ou melhor, por sua capacidade metropolitana, vem povoando cada vez mais os textos contemporâneos. Neste sentido, o hífen ou o itálico das palavras escritas assim todas juntas podem ser agentes demolidores que, ao jogarem para cima expectativas e funções sintáticas, gargalham enquanto elas voam e, assim que elas caem, retomam o trabalho e as repoetizam assim, tudo junto e misturado como numa fusão reciclante.

Neste sentido, a menina arteira, mas claro, não só ela, toda sua galera de risonhos-pulsantes demolidores construtores destruidores, podem ser como hífens, como junções que, neste caso, nem precisam estar em itálico, talvez inclinados por atuarem sempre “no corre”, “na pegada”, melhor ainda, sem uma formatação é claro, aglutinando e se remodelando constantemente numa arte que consegue aglutinar a tensão da fuga com a gargalhada do encontro juvenil. E talvez a metrópole ainda pulse, ou tenha sempre pulsado, graças a este fugir rindo!

De todo modo, é preciso ser contundente na nossa ação, cada um em seu campo, ou melhor cada um em seus campos e ainda nos campos dos outros em conversa, para formar uma também polifônica e pouco formulada resposta aos ditos, digamos assim, hegemônicos. Falar que é “feia, mas que faz parte da sociedade”, como disse Ricardo Basbaum em entrevista para o Estado de São Paulo, soa, justamente, como um “olha, por mim não teria, mas como tem, fazer o que?”. Desta maneira, nem se entusiasma com a potência invasora, nem se mantém nitidamente conservador, de todo modo, talvez, esse conservadorismo fingido de “open minded”, justamente assim em inglês para parecer mais “cool”, seja um conservadorismo ainda pior, pq se sustenta sobre pilares degradantes, onde nada o fará reagir, apenas discursar em planagem, em velocidade de cruzeiro. A distância para aqueles que estão longe permanece, mas para os que a ultrapassaram ela já caiu faz tempo. Está tudo em baixo dos narizes, tudo a poucos metros, e estes que não olham ao lado, uma hora são alvejados, e logo em seguida, sobre estes arteiros doadores de sangue à metrópole polifônica contemporânea, já são justificados todos os atos de limpeza. Não satisfeitos, os senhores do “bem” ainda se sentem com a missão cumprida, se ouve então um suspiro de alívio destes curadores que, de fato, dura pouco, afinal, estamos juntos e misturados e nem basta olhar pro lado, OLHA PRO ALTO MANÉ!

E pra quem lida com estética, dizer de antemão, sem saber de quase nada, que qualquer produção com teor violento já não é “legal”, como o fez Baixo Ribeiro, é sinal que seu estudo não lida com as estéticas em sua pluralidade menos disciplinada, mas só com as que te deixam confortável, ou as que te desconfortam por um momento mas não te sujam, podem até sujar mas que você possa correr para o banho depois. Quem quer estudar a produção humana buscando escapar das falsificações, deve, antes mesmo de começar o trabalho, não ter muita certeza do que é crime e do que é arte, do que é estética e do que é violência, porque assim como a demolição e a construção hoje se aglutinam, um crime pode, como certamente já o fez na história, diventar uma arte que, após algumas mudanças de tempo e espaço, volta a diventar um crime. Como a cidade atual atravessa e põe em contato comunicacional tempos e espaços antes jamais próximos, estas distâncias de conceitos, de categorias, de instâncias se complexificam, não podem mais ser tratadas ou estudadas como elementos unos.

Então, nesta complexidade, quem pode prender quem? Quem a Arte defende? A Arte denuncia quem arteia demais!



De: Pedro Sanches

Para: Gustavo Coelho

Assunto: *πιΧαÇÃO* e Rafael Augustaitiz

Olá, Gustavo. Fico feliz em receber seu e-mail, e com o maior interesse em dialogar, claro. Infelizmente, tô nos instantes finais de concluir o texto dessa reportagem, nem conseguiria ler com atenção seu texto inteiro (mais um paradoxo aí, talvez nos moldes desses da “grande mídia” que você cita – eu precisaria lê-lo para fazer melhor a reportagem, mas não tenho tempo de fazê-lo porque preciso terminar a reportagem...).

O que queria te dizer, na corrida e na correria, é que tentei me aproximar do Rafael com uma intenção central: entender melhor quem ele é, o que o motiva, o que há no fundo desse protesto que, evidentemente, desconcerta (se não enfurece) fatias bem grandes desta sociedade muitas vezes imobilizada pelos “perigos” que vê só do lado de fora, nunca dentro de si própria.

Entrevistei o curador (Ivo Mesquita), por exemplo, e percebo que no entender dele o Rafael é um cara narcisista, exibicionista, infantil, doido para aparecer na mídia (todos esses termos são do Ivo, não meu). Me parece uma avaliação simplificadora, simplista (e talvez não muito diferente das opiniões dos pixadores em relação à Bienal, às instituições, aos curadores, não é mesmo?). Mas o problema é que eu próprio não tenho maiores subsídios para tentar entender o Rafael, sabe? Eu não acho que seja como o curador diz, mas não posso dizer que me surpreenda a imagem certamente distorcida do Rafael que chega a esses caras...

Enfim, algumas reflexões, a esmo, enquanto escrevo aqui a matéria.

Pedro Alexandre Sanches

De: Gustavo Coelho

Para: Pedro Sanches

Assunto: *πιΧαÇÃO* e Rafael Augustaitiz

Pois é Pedro, por isso fugi do jornalismo, ao menos desse cuja a pressa é elemento central de toda produção, e uma das coisas que mais me encanta no Rafael é a total consciência dele não só quanto a isso como quanto a capacidade do jornalismo em usar as palavras dele mesmo contra seu próprio anunciador, por isso para se aprofundar nele, no mínimo vc terá que ter tempo, uma vez que ele, como qualquer outro com um mínimo de esperteza consegue captar logo no primeiro contato o tom de voz do jornalista, se é que me entende. Me empolguei muito com seu contato e imediatamente mandei uma msg pra ele te dar uma atenção especial pq acreditava na carta capital como um lugar mais interessante de ocupação, onde as idéias podem estar mais em convívio com o perigo, com os perigos morais em especial. De todo modo, até a carta capital tem pressa e pra mergtulla nestes cenários perigosos é preciso cair com fôlego, é preciso treinar a apinéia, pesquisa em apinéia, jornalismo em apinéia...

Agora dizer que o Rafael é exibicionista hauhauaha.. esse Ivo sei lá do que nunca nem conversou com ele, até pq para se conversar com ele não tem como ser um Ivo sei lá do que. Já acompanho o Rafael tem muito tempo, desde os primeiros dias pós-obra de conclusão de curso nas Belas Artes, e neste caminho já o vi negando ao menos umas 10 entrevistas, respondendo de maneira impactante os pedidos, de forma que praticamente nenhum jornalista conseguiu o digerir de alguma maneira inteligente, apenas com reduções. De todo modo, Nietzsche ganhou muito espaço em nossas conversas, e uma vez citado alguns jornalistas se confortaram com palavras de “um filósofo conhecido” e aí sim conseguiram publicar.

Então, se tem uma coisa que posso dizer com toda certeza é que Rafael é da galera, está junto emisturado, não tem essa de narcisismo, isso é tudo o que ele não quer, aparecer. Quem o quer q apareça é justamente a Belas Artes que adora um AUTOR e claro o jornalismo que adora julgar no sentido mais nefasto do termo.

Seguimos nosso papo... Ao menos acredito que sua matéria possa ser uma ajuda a Carol, a maior vítima desta arte contemporânea que só artista mas nunca arteia.

Gugaaa!

255

De: Pedro Sanches

Para: Gustavo Coelho

Assunto: piXaçãO e Rafael Augustaitiz

Oi, Gustavo. A matéria sai amanhã, peço que vocês dêem uma olhada.

Seria chato eu ficar aqui defendendo os jornalistas (até porque é uma classe heterogênea, talvez tanto quanto a dos pixadores, ou a dos curadores de arte), ou mesmo tentando convencer o Rafael a mudar de idéia, mas quem sabe o modo como eu e o Ramiro tentamos conduzir a história advogue a favor de nós (ou, no mínimo, não advogue contra).

E, olha, eu concordo absolutamente contigo quanto às distorções praticadas pela mídia (esta é a minha profissão, tenho orgulho nela, e não paro um minuto só de me afligir com esse tema, e também de tentar agir contra ele). Mas nisto eu quero insistir: o modo como a imagem do Rafael é distorcida tem muito a ver com os meandros (muitas vezes lastimáveis), mas ainda assim é também de absoluta responsabilidade do próprio Rafael, você não concorda?

Abraço, obrigado pelo diálogo. [Digamos que nesta frase ele resume, aglutina toda a diferença dele para os demais jornalistas com quem teve contato. Ahradecer por um diálogo a favor da piXaçãO e contra grande parte do jornalismo? Isso é o que eu chamo de fôlego e coragem.]

Pedro Alexandre Sanches

De: Gustavo Coelho

Para: Pedro Sanches

Assunto: piXaçãO e Rafael Augustaitiz

Perfeito. Amanhã comprarei e te mando um retorno com certeza. Sai integral na internet?

Sim, como te disse, a maneira como você chegou nele foi única, nenhum outro veículo chegou de forma tão digamos cotidianista, ou seja, verdadeiramente desarmado. Os demais, com exceção do Estadão, tentavam aparentar este desarme, mas era tudo tão óbvio, seja pelo tom de voz, seja pela posição das vírgulas, o intuito da redução, ou melhor, da nomeação era sempre muito claro.

Em um caso, a Veja de SP entrou em contato comigo, fizemos uma longuíssima entrevista e na matéria não saiu nada do que falei, nem mesmo meu nome hauhauaha. E o jornalista disse “para a Veja, isso é vandalismo, não tive esperanças de publicar nada do que você falou, tentei, mas foi impossível”. Disse mais ou menos isso...

Acho que a distorção do Rafael já foi feita e arquitetada muito antes dele nascer, não importa quem seja, é pixador e pobre. Fácil demais de distorcer, mais do que isso, seguro, confortável e nada perigoso distorcê-lo.

Vamo q vamo!

Gugaaa!

De: Pedro Sanches

Para: Gustavo Coelho

Assunto: piXaçãO e Rafael Augustaitiz

Pois é, Gustavo, eu citei as responsabilidades do Rafael porque essa é uma dimensão importante, e às vezes me parece que todos os grupos em confronto são unânimes em desconsiderá-la.

Por exemplo, o Ivo Mesquita prefere chamar o Rafael de “exibicionista” em vez de aceitar contemplar qualquer gota de auto-reflexão por parte da “autoridade” que prende, da Bienal, dele próprio.

E o jornalista da “Veja” que você citou, culpa a revista por emparedar opiniões divergentes, mas será que ele também não é um pouquinho responsável pelo que a “Veja” é? Ou melhor, não caberia a ele (ou a mim, na “CartaCapital”) lutar pra combater aquilo com que não

concorda dentro da própria “Veja”? Jornalistas costumam ser muito brabos e seguros quando falam dos “outros”, mas, dentro das redações, costumam ser rebanhos de ovelhas daquelas bem mansinhas...

E o Rafael, e você? Tenho certeza de que em algum ponto se encaixam nisso também, embora eu não saiba qual é esse ponto, ou esses pontos. Porque a gente (ele, você ou eu) não consegue mudar o que foi arquitetado pra gente antes mesmo de a gente nascer, a gente não pode mudar o passado. Mas e o futuro, e o presente, não são as únicas partes do mundo a que temos acesso pra tentar mudar, se assim quisermos?

E, sei lá, tô conversando com um estranho aí do outro lado do meu computador, assim como você também está, daí para cá. Nenhum de nós sabe quem o outro é (como também não sabemos quem é o Ivo “sei lá do que”, nem ele sabe quem nós somos), um monte de ilhas, né? Mas gosto de acreditar que se, mesmo assim, a gente tá dialogando, é porque deve haver alguma semelhança entre nossas vontades quanto ao presente e ao futuro, não?

Ah, e só uma coisa sobre seu último parágrafo: será que é mesmo “seguro, confortável e nada perigoso” o modo como a sociedade distorce os pichadores? Se é assim, por que grande parte dessa sociedade tem tanto medo/pânico/terror dos pichadores?

De: Gustavo Coelho

Para: Pedro Sanches

Assunto: piXaÇÃO e Rafael Augustaitiz

Na verdade, como já estou convivendo com ele faz tempo, ele é apenas mais um. Volto a reafirmar que ele está juntoemisturado, porém, ganhou destaque após o seu ousado trabalho-obra de conclusão. Por isso, foi a ele atribuído um nome e a partir daí tudo em que ele se envolve, a mídia o nomeia como mentor, o que é uma mentira, uma invenção. Não existem mentores, existem amigos, existe uma zoada!

A Bienal é uma instituição que, assim como a Veja, possui fortíssimos pilares morais - “para nós isso é vandalismo e ponto”. De todo modo, são pilares fortes apenas para quem está dependendo da sua concretude, ou seja, quem vive acima deles e sustenta neles suas produções. Para quem está de fora, basta uma rizadinha para a sua demolição.

Pois é, ao menos o jornalista usou o “em off” como maneira de dar uma respirada e ser honesto comigo, dizendo claramente “para a Veja não rola”. Eu cheguei a dizer, “faça um blog e a gente publica”. OCCUPARE TUTTO como dizem os punks italianos.

De todo modo, estou realmente animado com a nossa conversa e com sua simpatia em se jogar. E acho que é justamente assim, se jogando, que vamos, mais uma vez com bom-humor, fazendo o mundo nos seus certames mais interessantes, ou seja, nos detalhes banais do cotidiano.

Disse que é “fácil, seguro e confortável” distorcer e falar mal da piXaÇÃo, pq ninguém vai te crucificar por isso, é um dito oficial e hegemônico falar mal e só isso da piXaÇÃo. Se vc começa a pensar mais perigosamente, encontrando nela elementos significativos para pensar a contemporaneidade, a nova metrópole comunicacional, aí sim é muito mais difícil e requer fôlego e coragem...

Uma coisa, isso que estamos conversando é só em off ou está te ajudando aí na matéria de alguma maneira?

Vamo q vamo!!!

Gugaaa!

De: Pedro Sanches

Para: Gustavo Coelho

Assunto: piXaÇÃo e Rafael Augustaitiz

Gustavo, a matéria já tá prontíssima, na página, portanto não tô te entrevistando, não, só conversando. Até agora você não me disse se é pichador também, mas algo me leva a continuar

o papo com você, até pra minha própria educação – é a área em que você faz mestrado, não é?

Mas, considerando que tô aprendendo com você e que isso pode me levar a ter novas idéias, proponho um trato: se no futuro eu vier a fazer alguma outra matéria, e para isso desejar usar algo que você me disse, peço antes sua autorização e só publico se você permitir, ok? Aliás, peço a mesma coisa a você, quanto ao que estou te escrevendo, combinado?

Entendi o que você diz a respeito do papel do Rafael numa história que é muito mais coletiva que individual, mas posso arriscar um palpite? Não sei o que dizer sobre cada jornalista, cada órgão de imprensa e cada patrão que veicula notícias sobre isso, mas quanto a mim, o Rafael me chama atenção especial, e desconcertada, por uma razão central: seja ele quem for, tenha ele as motivações que tiver, ele era bolsista “pixador e pobre” (como você disse) numa faculdade burguesa, e, quando expressou as diferenças dele, teve cassados seu diploma, seu direito de exercer legitimamente a profissão pra qual estava se formando.

Isto é algo que não se fala (e você verá que nem eu falo muito na minha matéria, em parte por não ter informações suficientes e não saber nem ao menos se de fato o direito dele à conclusão do curso foi e continua cassado), mas por aí parece que, quando a sociedade se vê de frente com alguém que tenta ser a ponte (uma ponte dinamitada, talvez?) entre dois mundos que não se bicam, ela faz o quê? Reprova, pune, reprime quem está tentando fazer a ponte.

Falar nisso, você também parece ser um cara de ponte entre realidades divergentes, tô enganado? Farei aqui uma confissão agora: como não te conheço, nem ao Rafael, em certos momentos converso contigo fazendo de conta que você É o Rafael, disfarçado, hahaha.

Sobre piXaÇÃo, e agora quem vai falar é o Pedro, o indivíduo, e não “o jornalista”: eu sou um caipira do interior do Paraná que chegou a SP pela primeira vez quando tinha 23 anos (hoje tenho 40), e no início eu ficava muito, muito, muito chocado com as pichações. Quando eu era moleque, não tinha nada disso lá na minha cidade, e chegando aqui fiquei muito impressionado – e achando tudo bem feio, pra ser sincero. De lá pra cá se passaram 17 anos, e eu pensei nesse assunto um monte de vezes, mas me esqueci dele mais vezes ainda. Ultimamente, até por ser forçado a pensar mais nisso por tudo que anda acontecendo, constatei uma coisa que eu ainda não sabia: que hoje eu não saberia mais viver em São Paulo se não existissem os pixos (e os grafites, que eu também adoro).

P.S.: concordo totalmente com o que você diz no parágrafo sobre o “fácil, seguro e confortável”, táí outra coisa que a gente precisa começar a mudar, não? ou será que já estamos tentando, na base da intuição?

Pedro Alexandre Sanches

De: Gustavo Coelho

Para: Pedro Sanches

Assunto: piXaÇÃo e Rafael Augustaitiz

Fala Pedro! A conversa tah boa.. vamo q vamo.

Isso, meu mestrado é em educação, mas, de certa forma, é uma pesquisa que vira do avesso uma idéia de educação baseada em uma civilidade dócil, e que encara a cidade como um grande manancial educativo mais amplo.

Pode usar, desusar, estuprar, dizer que fui eu, faça o que quiser, sem muitas leis, nem precisa me pedir muito, pode chegar “robando mermo”! hauhauha.. Sobre nossos emails, também estou guardando pois, assim como os da Veja e da Folha, numa situação de contraste será importante em um possível capítulo sobre mídia... veremos. Gostaria de sua autorização também, mesmo que eu mude seu nome ou só diga jornalista da carta capital, como você achar melhor. [Será, portanto, Pedro Sanches, o seu nome de fato?]

Ótima sua metáfora da ponte dinamitada, encantadora! Brava! O mais interessante é que esta é uma palavra e um conceito muito utilizado nas falas do próprio Rafael.. ele fala muito em “fazer a ponte”, e em “atuar além do bem e do mal”. Muito significativo foi seu atropelo sobre alguns grafites escrevendo justamente isso “Além do Bem e do Mal”.. até me arrepio em ver. De fato, ele foi audaz, e como a sorte está com os audazes...



..., melhor pra ele! Mais audaz foi sua resposta quanto ao diploma “To cagando Gustavo, e se eles me derem o diploma um dia, vou limpar o cu com ele”. E ele ainda quebrou o lance da autoria, um trabalho de conclusão, uma obra de arte assinada, ou melhor, a obra é a assinatura e basta, de mais de 40 pessoas. Quem recebe o diploma? hauhauhaha Tudo é muito irônico na arteiragem que me interessa.

Huahauhauha não sou o Rafael disfarçado, mas na cidade tudo se aglutina, mais uma vez, reafirmo que estamos juntos e misturados, mesmo alguns querendo dinamitar a ponte, não tem jeito, a centrifuga da cidade, joga todo mundo no reencontro em algum momento. Para cada dinamitada, o decibel da rizada aumenta, e o nível alcoólico também.

De fato, eu trabalho forçando a porta, dando pesada. Pq vc imagina que eu frequento uma instituição, onde grande parte são professoras de escola e diretoras de colégio, assim, no feminino, pois este universo é, de fato, muito feminino. Imagina eu indo aos grupos, às disciplinas, sempre falando e me encantando com algo que elas simplesmente dinamitariam. Já fiz muita diretora olhar ao lado, olhar pra cima, e deixar um pouco de olhar só pra frente. Já teve diretora tirando foto de piXações pra mim, então, na base da pesada, a gente vai conseguindo fazer os que eram encrustrados apenas pelo bem, a darem, ao menos, tímidos sorrisos para o mal que, de fato, não é algo a ser execrado, mas a ser melhor convivido, decomposto e não suprimido, conversado e não sumariamente calado.

Algo por aí... gosto destes campos onde, mesmo estudando muito, nunca sabemos muito bem o certo.. e isso, é, talvez, fundamental para a pesquisa interessante.

Gugaaaa!

De: Pedro Sanches

Para: Gustavo Coelho

Assunto: piXação e Rafael Augustaitiz

Oi, Gustavo.

Então, se você quiser usar nosso papo pros seus propósitos acadêmicos, fica à vontade, e por mim não precisa despistar meu nome, não.

E, sei lá, entendo que o Rafael não se importe em perder o diploma, mas, ainda assim, é mais um direito dele, como cidadão, que está sendo suprimido. Eu confesso que não sei se existe amparo legal pra isso (os argumentos da deprecação de patrimônio, e tal), mas é um ponto que me deixa perplexo. Antes você disse que as distorções contra Rafael (ou Caroline, ou qualquer pichador, imagino) já estão programadas antes de eles nascerem, mas eis aí um elemento a mais, um confisco a mais – quando o cara consegue chegar à faculdade, por cima de todos os obstáculos, o desfecho é esse, direito cassado? Mas, por outro lado, naquela linha

que venho insistindo: será que o Rafael também é responsável, será que lá no fundo ele queria mesmo entregar de mão beijada à Belas Artes esse direito?

Tem uma coisa que ouço com frequência, de rappers e/ou jovens negros que chegaram a escolas particulares como bolsistas, e lá começa todo um outro problema, de eles se sentirem deslocados, inadaptados, e mesmo agredidos pela condição social dos outros alunos. Não teria um pouco disso também?

E com você (não sei se você também é de origem pobre), será que acontece algo parecido com isso, junto às diretoras e professoras que você mencionou?

Por fim, esqueci de falar até agora, mas se vocês quiserem uns exemplares da revista com a matéria, me aponta algum endereço que eu mando, ok? Enquanto isso, pegue aí o link da CartaCapital onde ela já está publicada, na íntegra (ah, e me dá algum retorno sobre o que achar, essa parte do diálogo também é importante, não é?):

<http://www.cartacapital.com.br/app/materia.jsp?a=2&a2=10&i=2947>

Abraço!

Antes mesmo, portanto, de mostrar minha réplica sobre a matéria, publico abaixo a matéria em si:

O Direito de Intervir

Pedro Alexandre Sanches e Ramiro Zwetsch

Apelidada algo jocosamente de “Bienal do Vazio” e encerrada no sábado 6 de dezembro, a 28ª Bienal de Artes de São Paulo se mantém alvo de debate, mas menos pelo que era intrínseco a ela e mais por algo que veio de fora e a instituição se esforçou por extirpar. Logo no primeiro dia de exposição aberta ao público, cerca de 40 pichadores “roubaram” para eles grande parte da atenção cobiçada por um evento já de antemão esvaziado. Naquele 26 de outubro, invadiram o pavilhão do Parque do Ibirapuera para imprimir suas marcas nas paredes imaculadas da criação de Oscar Niemeyer, munidos de spray e alguma agressividade. A mostra, que neste ano ostentou o lema Em Vivo Contato, entrou em vivo contato com os manifestantes. Mas para reprimi-los e prendê-los.

Os desdobramentos não param. A artesã Caroline Pivetta da Mota, de 23 anos, foi presa naquele dia e até 10 de dezembro permanecia na Penitenciária Feminina Sant’Ana, no Carandiru. O taxista Rafael Vieira, também presente no chamado protesto, foi levar documentos para a colega e terminou preso por oito dias.

Caroline, em especial, é evidente bode expiatório de um confronto social de contornos violentos que aterroriza instituições, autoridades, curadores e parte volumosa da sociedade. A ação dos pichadores e a repressão também violenta a Caroline abrem diversos territórios de embate simbólico, entre arte “nobre” e arte de rua, entre o que é considerado arte e o que não é, entre arte, entre repressão e liberdade, entre elite e favela. O confronto é ilustrado até na dimensão ortográfica. Os pichadores se auto-representam como “pixadores”. A norma estabelecida, “cultura”, trata os pixadores de “pichadores”. Abre-se um leque de contradições do qual ninguém escapa, e entre o picho e o pixo está o xis de uma complexa questão.

A cicatriz da cisão social aparece no discurso do curador da 28ª Bienal, Ivo Mesquita. “É claro que ninguém esperava que eles pedissem para pichar. Mas aquilo foi um arrastão, e arrastão não é a melhor prática”, diz, em alusão indireta à origem social da maioria dos integrantes de grupos como piXaçãO – Arte Ataque Protesto, Sustos, Maligno e Túmulo.

O curador critica a atitude “exibicionista”, “narcisista” e “vaidosa” de um suposto líder do grupo, Rafael Augustaitiz, que na opinião de Mesquita é “doido para aparecer na mídia”. Mas em seguida inverte a direção: “O exemplo está aí, vem de cima para baixo. Todas as classes sociais são mal-educadas. Temos uma elite preconceituosa, uma sociedade classista”. Augustaitiz, codinome Pixobomb, vem da periferia paulistana e estudava artes visuais no

Centro Universitário Belas Artes, como bolsista. Seu primeiro ato célebre, em julho deste ano, foi defender a pichação como trabalho de conclusão de curso. Levou a turma para pichar a faculdade de classe média alta. Foi reprovado, acabou expulso da faculdade e ficou sem diploma. Arredio, o ativista pop responde com citação ao filósofo Friedrich Nietzsche a uma tentativa de aproximação por e-mail. “Como falta tempo pra pensar e ter sossego no pensar, não se estuda mais as opiniões divergentes. Contenta-se em odiá-las”, reproduz.

O grupo é heterogêneo e formado por diversos subgrupos. Outro integrante conta que as manifestações são convocadas por e-mail ou em filipetas distribuídas nos vários points de pichadores pela cidade. O ato mais violento aconteceu em setembro, numa galeria privada, ironicamente chamada Choque Cultural. No que apelidam de “atropelamento”, picharam por cima de grafites de outros artistas. E agravaram contradições entre os grafiteiros, artistas de rua em processo de assimilação pela sociedade, e a corrente mais crua e agressiva, adepta do “picho”.

“Todo mundo está assustado”, afirma Mesquita, em referência ao ataque à Bienal. “Não só a Fundação, mas também os museus da cidade tiveram de reforçar a segurança, e isso tem custo.”

Tanto a pichação como o grafite são enquadrados na legislação como crimes ambientais. O artigo 65 da Lei 9.605/98 determina detenção de três meses a um ano para quem “conspurar edificação ou monumento urbano”. Mas, por trás de implicações policiais e ambientais, há outras, de natureza política. O pichador Tatei, que trabalha como segurança e integra o grupo Túmulos, cita pichações contra Gilberto Kassab e José Serra, na casa do primeiro e junto à “cratera” aberta numa obra do Metrô. Há poucos dias, o Túmulos pichou no muro da casa de Celso Pitta as frases “a cadeia é só para pobre” e “liberdade, Carol”. “A gente não está de bobeira. Agora todo mundo está metendo o pau, mas ninguém quer saber como a gente vive”, diz Tatei.

Mas, para cá desses casos mais agudos, a pichação está fixada na pele da cidade de São Paulo como tatuagem irremovível. Nem o implacável projeto Cidade Limpa consegue combatê-la. Arrancados outdoors e placas, a tinta reluz ainda mais cintilante, no centro ou na periferia, e compõe a paisagem urbana, mesmo incompreensível aos olhos da maioria. Quem a rejeita se acostuma a conviver com ela sem sequer notá-la.

Num sábado, a reportagem encontra-se com um grafiteiro e quatro pichadores participantes das manifestações. Todos são unânimes quanto ao prazer em fazer algo ilegal. “A graça é a ilegalidade, dar vários bonés na polícia”, argumenta o pichador Sustos. “Se fosse legalizado, eu não ia querer mais pixar. Ia perder a graça”, completa o rapper R Hip-Hop.

Outro ativista, o vendedor Alemão, da gangue Larápios, sintetiza intenções por trás das ações: “Deixo uma parte de mim na cidade. Sangro, suo, me desgasto nos rolês. Tenho tanto pixo por aí que me sinto como se eu tivesse um bem material. Tenho uma obra, aquilo me completa”.

Do outro lado da muralha social, há quem seja crítico tanto à arte estabelecida quanto aos invasores. O pintor Rodrigo Andrade, que participou da Bienal de 1985, repudia o que chama de “curadorismo” e declara simpatia pela pichação, mas bombardeia os homens-bomba de spray: “A invasão esvazia a força da pichação, é tiro no pé. É vandalismo travestido de idéia artística. É tudo autopromoção”.

“O que importa é a idéia que fica. Acho que é a primeira vez que surgiu um diálogo mais aberto sobre a *piXaçãO*”, contrapõe o fotógrafo Adriano Choque, que acompanha essa movimentação há três anos e clicou as três imagens reproduzidas nesta reportagem.

O designer francês François Chastanet, autor do livro *piXaçãO* – São Paulo Signature, amplia o foco. “*piXaçãO* é vandalismo, e por isso é tão interessante. O fato desses escritos serem ilegais é essencial. Os pixos são um alfabeto desenhado pela invasão urbana”, argumenta Chastanet. “Os pichadores de São Paulo foram capazes de formar sua própria identidade pela tipografia, este fato é único no mundo da comunicação visual de subculturas.”

Questionado sobre o ponto delicado do direito de todos ao acesso ao mundo das artes que ele representa, Mesquita concentra-se nas contradições do lado oposto: “Mas por que eles querem ter acesso a este mundo que eu represento? Por que querem ser institucionalizados? Você deixa de ser transgressivo quando entra na instituição”.

Mas essa contradição parece recíproca. A tentativa de entrada forçada por parte dos pichadores contrasta com o confinamento progressivo da chamada arte oficial. Ao expulsar os segmentos

transgressores mais violentos e estranhos a seu dia-a-dia, a Bienal arrisca-se a expulsar a própria transgressão de suas entranhas.

Fora do ambiente de invasão, uma das ações consentidas com maior repercussão na Bienal foi a performance Sem Título – A bondade de estranhos, de Maurício Ianês. Completamente nu a princípio, ele “morou” no prédio da Bienal entre 4 e 16 de novembro, intervalo em que dependeu exclusivamente dos visitantes para obter alimentos e roupas.

Se a nudez, por exemplo, incomodou a sociedade em outros tempos, hoje curador e artista são unânimes em afirmar que não se trata de um trabalho de transgressão. “É mais no sentido de ele ficar morando aqui dentro”, diz Mesquita.

Para Ianês, o conflito trazido pelos pichadores diz respeito à lei, e não à Bienal ou à arte. Mas ele também contempla a contradição, quanto aos limites entre o que as regras vigentes permitem ou não: “Tive a oportunidade de ver outros artistas, músicos e performers que usaram meu trabalho para apresentar o seu, coisa totalmente condizente com a idéia da performance. E não foram barrados”.

O curador cita alguns desses exemplos, como o homem que tocava acordeão e pedia dinheiro aos visitantes dentro do prédio ou o manifestante que espalhava pequenos sinais pelo prédio, e nunca foi identificado.

É fato que tais exemplos não contemplam depredação nem violência explícita. Mas algumas perguntas incômodas rondam a arena de confronto. Quanto da distinção de tratamentos diz respeito ao grau de agressividade de quem se sente excluído de um clube seletivo? Quanto diz respeito ao grau de domesticação atingido pela arte de pavilhão? Ou, em termos mais diretos, quanto de tal conflito se explica pela classe social de cada visitante disposto a penetrar (com ingresso gratuito) no santuário de Niemeyer? (<http://www.cartacapital.com.br/app/materia.jsp?a=2&a2=10&i=2947> Acesso em 13/12/08)

De: Gustavo Coelho

Para: Pedro Sanches

Assunto: piXaçãO e Rafael Augustaitiz

262

Obrigadasso mesmo Pedro por liberar o papo pro meu trabalho, de qualquer maneira, acho que meu ímpeto, esse mesmo que uso para me encantar pela piXaçãO, não ia ficar moralmente ofendido em pegar sem pedir, mas como você pediu, fui recíproco hauhauaha.

De fato, acho que caberia uma ação mais veemente contra a instituição das Belas Artes pq se na Arte não tem certo nem errado, então como intitular uma obra de conclusão como reprovada? Bem, você me deu até um ímpeto de ir mais a fundo nisso e botar um pouco mais pra quebrar. Pena que estou no Rio, mas em Janeiro irei a sampa encontrar o Rafael para uns bons papos. Veremos o que nos espera.. minha pesquisa, meu trabalho será assim sujo, se jogando, nada de distância entre objeto e sujeito, quase em confusão, em mutação, assim como na cidade não dá mais conta a dicotomia entre coisas e seres, as coisas já tem sua própria biografia e minha pesquisa tb.

Concordo, com certeza o Rafael se sentiu deslocado por um bom tempo também, senão durante toda a faculdade, mas um professor ou outro mais entusiastas da vida continuam vendo nele um manancial de potenciais discussões pra arte e pra vida, assim sem distinção.

Meu caso é um tanto diferente, apesar de morar no suburbio carioca, em Olaria, a apenas umas 3 ruas do grandíssimo complexo do alemão, o Rio de janeiro propicia uma mistura já em sua geografia. Digo, portanto, que sempre fui de classe média, nem muito rico, nem muito pobre. Tive inclusive uma educação católica, com 1a comunhão e colégio de freira, acredite se quiser! Talvez isso tenha me dado mais ímpeto contra estas ações que de fato tem algo de religioso ao se anunciar limpa, higiênica.

Blz, pode me enviar uns 3 exemplares pra eu deixar lá na biblioteca do grupo de pesquisa também. Meu endereço é:

[Óbvio que eu não ia deixar meu endereço aqui dando sopa!]

Sobre a matéria, foi de longe a que mais fez pensar desde os incríveis julgamentos sofridos

pela galera da *piXaçãO* após o episódio das Belas Artes. Uma matéria muito mais cheia de dúvidas do que de certezas (digamos que na veja, em cada edição deve ter um ou dois pontos de interrogação e mesmo assim daqueles que vem depois de uma afirmação e só servem para confirmar retoricamente como um “né?”) e isso faz, a meu ver, a matéria ganhar vida, deixar de ser preguiçosa, pq as afirmações muito seguras, pra mim, são indícios, se não provas, da preguiça de um jornalismo sem graça, de um jornalismo que basta ver a foto, ou ler a manchete para saber em detalhes o que vem nas linhas fúteis abaixo. Bela Matéria, assim em sintonia com a polifônia de pensamentos dessa nova metrópole comunicacional, assim, sem saber muito bem o que é crime e o que é arte, e indo além, sem saber muito bem de nada.

Que o papo siga!!!

Guga!!

Infelizmente, o papo não seguiu. Depois deste dia, não obtive mais respostas do Pedro, nem sequer recebi as 3 revistas prometidas, o que, de maneira nenhuma diminuirá a intensidade e a importância que tal conversa, que tal encontro, teve em meu percurso de pesquisa, especialmente como prova evidente de que, por toda parte, a filosofia-metodologia da conversa como investigação pode propiciar reflexões muito mais profundas quando produzidas assim, honestas, desvestidas de morais e recheadas de curiosidades. Um jornalismo menos em tom pedagógico e mais em tom de “pior” aluno? Por aí...

Antes de terminar este capítulo, preciso reforçar um medo que andou me atravessando, durante estes contatos com jornalistas, especialmente os das grandes mídias. Precisava ser feliz, precisava, ao mesmo tempo, defender a *piXaçãO*, defender Rafael e ocupar os espaços que iam aparecendo, sempre procurando ser o mais contundente possível, era preciso marcar páginas e locais ainda não marcados. De todo modo, sabia muito bem, que os poderes e habilidades destes grandes veículos, numa manobra fácil, em poucos segundos, podem nos tornar suas vítimas. Afinal de contas, eu poderia muito bem ser taxado como um “pesquisador da UERJ que pratica incitação ao crime”, uma vez que, se dissessem isso, não estariam, de maneira nenhuma, mentindo. O que está em jogo é que, ao chamar a *piXaçãO* de crime, diferente deles, não é, para mim, um adjetivo negativo, longe disso, é afirmativo, no melhor dos sentidos.

Abaixo, publico uma pequena conversa entre mim e meus dois amigos orientadores – Paulo Sgarbi e Aldo Victorio –, justamente, sobre este meu receio que era tão forte

quanto minha vontade de vivê-los, afinal de contas, a intensidade e a felicidade da pesquisa dependiam disso, de pôr a vida em risco.

De: Gustavo Coelho

Para: Paulo Sgarbi e Aldo Victorio

Assunto: Risco

Olá queridos orientadores.

Acabei de chegar em casa de uma Reú de piXadores na Penha. Tenho que dividir com alguém minha ansiedade. É incrível estar no meio deles, no caso uns 12, e perceber que existem mundos completamente diferentes, valores, vocabulários, e nosso corpo ficando, ao mesmo tempo, encantado com a pluralidade da vida e angustiado por não 'fazer parte', de fato, daquele mundo... cheguei em casa muito inquieto com isso. Um turbilhão de sensações, no mínimo enriquecedor, sem palavras, é uma explosão que para eles é a coisa mais banal, um encontro semanal...

Hoje também tive outra preocupação. Como fui procurado por meios de comunicação de grande circulação como Folha e Veja, tenho medo de cair nas garras habeis destes caras e acabar tendo meu discurso rotulado como uma possível apologia ao crime, mas na minha cabeça é um encantamento com a vida sem falsificações. Fiquei meio inquieto com isso... O que vocês acham?

Fervilhações de pensamentos perigosos....

Guga!

De: Paulo Sgarbi

Para: Gustavo Coelho e Aldo Victorio

Assunto: Risco

264

Meu amigo, a vida é esse eterno inventar maneiras felizes de estar no mundo, de ser nele e nas relações que, nele, também inventamos. A sedução do estranhamento é encantadora, e "não 'fazer parte' de fato" pode ser tão somente, mesmo que majestoso, uma maneira de pertencimento. Isso é mágico e toda magia implica riscos. Mas será que, para os iniciados, uma Reú é 'réumente' banal? Ou a banalidade é uma atribuição do seu encantamento em ser estranho no que você deseja banal?

Sua preocupação é justa. Ser público implica, igualmente, riscos, tanto ou mais do que ser anônimo ou desanônimo apenas nas Reús. "É preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte.", já disse o poeta. E é preciso ter coragem de, às vezes, não omitir o que pensa pela possibilidade de manipulação desse pensar. Mais do que isso, é preciso estar preparado para correr o risco de, iniciado no "fazer parte", ser estranhado e pensado como traição ao pertencimento o que foi apenas manipulação de outros.

Você não me parece alguém que evite riscos. Se, um pouco, a sua preocupação é com o seu outro pertencimento, o acadêmico, e os respingos possíveis dessa manipulação, nunca fui de evitar riscos também. Fique à vontade e se saiba solidarizado.

Abraço,

Paulo Sgarbi

De: Aldo Victorio
Para: Gustavo Coelho e Paulo Sgarbi
Assunto: Risco

Guga e Paulo
Tudo me encanta: o encantamento do Guga e as encantadoras e pertinentes palavras do Paulo!
Nada tenho a acrescentar, o que o Paulo disse, até eu precisava saber mais uma vez.
Estamos juntos, sem dúvida!
abrações!
aldo

De: Gustavo Coelho
Para: Paulo Sgarbi e Aldo Victorio
Assunto: Risco

Valeu Paulo e Aldo.
Aproveito para agradecer aos dois a solidariedade, ou melhor, a formação de quadrilha, assim fica mais fácil não peidar! rsrs..
estamosjuntosemisturados!
Guga!

De: Paulo Sgarbi
Para: Gustavo Coelho e Aldo Victorio
Assunto: Risco

Como você mesmo diz: vamo que vamo.
Abraço,
Paulo Sgarbi

265

Medos, ousadias, felicidades, zoações e amizades, acho que foi por aí que esta pesquisa caminhou. Sendo assim, não posso deixar de mencionar ainda minha aproximação de Carol, a mesma presa após a obra na bienal. De todo modo, esta nova amizade se deu muito mais quando fui a São Paulo para prosseguir com as filmagens do documentário que também faz parte desta pesquisa. Desta maneira, deixarei para contar isso no capítulo em que narrarei as aventuras do documentário.

Para finalizar, então, este capítulo sobre meu envolvimento com esta galera paulista que inevitavelmente deixou suas marcas na história, deixo uma prova em muro, uma prova em obra urbana desta falência contemporânea dos compartimentos que tornam distin-

tos objetos e sujeitos de pesquisa e não só isso, que proíbe a amizade, a felicidade e a confusão entre eles. Após um tempo de conversas, quase sempre trafegando entre a seriedade e o bom-humor nietzschianos com uma rapidez líquida, especialmente com Rafael, Nietzsche misturado comigo e com ele, invade sua obra:



Ataque sobre alguns grafites de São Paulo - "Além do Bem e do Mal"

266



Afinal de contas, se nossas conversas estão em suas obras, em suas piXações; se nossas conversas estão em minha obra, em minha pesquisa, em minhas aulas; quem assina o quê?

7.. LUZ.. CÂMERA.. PICH.AÇÃO



Apesar de já ter ido a algumas reús, assim como ter conhecido e conversado com uma série de piXadores, eu, mesmo antes de ter a câmera em mãos, já tinha muita vontade de usar vídeo, não só como plataforma de pesquisa, mas também para documentação desta cultura. Na verdade, desde minhas primeiras incursões no mundo do Xarpi, grande parte de meus achados, de minhas primeiras empolgações e surpresas, se deram a partir de vídeos feitos pela própria galera, seja de reús, de churrascos, de missões, de pastas, em sua maioria, encontrados, especialmente, através do site *youtube* que, junto com a popularização e a cotidianização da captação de imagens, fizeram com que, hoje, não haja mais qualquer cultura jovem que não destine às suas produções audiovisuais, posição central e protagonista dentro da cultura.

De todo modo, como eu era um pesquisador de fora da cultura, nunca tinha vivido o Xarpi, sentia, sempre, um incômodo do tipo que, a cada novo passo, colocava em cheque, para mim mesmo, a legitimidade, a honestidade e a tensão que, a meu ver, seriam fundamentais para minha felicidade junto à pesquisa. Desta maneira, não bastava a segurança de assistir aos vídeos já produzidos, era preciso sair de casa na madrugada, sem saber muito bem quando nem como, voltar, pôr meu próprio corpo em íntimo contato com a cultura, sujeitando, portanto, eu mesmo, em certa medida, aos riscos necessários para uma aproximação intensa que conduzisse, de fato, a não só um conhecimento mais intenso, mas a uma mudança-experiência de vida minha. Não faria sentido nenhum o encanto por tão forte contato com lógicas e poéticas de mundo tão diferentes se. desta experiência,

eu não flagrasses algumas de minhas transformações, até porque o primeiro movimento de pesquisa já é uma importante mudança – justamente, esse encanto.

É neste sentido, então, que a proposta de acompanhar missões, ir às reús, estar em churrascos, marcar conversas portando uma câmera de vídeo foi escolhida, uma vez que a captação em vídeo, ao aglutinar e documentar com mais fidelidade tanto as imagens quanto os sons, permitirá uma aproximação mais cotidiana tanto dos detalhes de tal cultura quanto de minhas aflições, medos, constrangimentos, riscos, e, obviamente, também, encantos, afetos e surpresas. Sujeitos e objetos de pesquisa irreconhecíveis, misturados e, devidamente, flagrados. Bem, então, como filmar missões criminosas pela madrugada sem qualquer autorização, com toda certeza, seria, no mínimo uma mistura de arriscado e interessante, resolvi não ser egoísta e compartilhar tal experiência. Mentira! Obviamente não o chamei por qualquer sentimento de egoísmo ou coisa do tipo, mas sim porque fazer qualquer coisa ilegal e perigosa é sempre mais legal quando acompanhado por um amigo, afinal de contas, sobrevivendo, tudo se tornará engraçado, e como a chance de sobreviver é sempre maior, a probabilidade de rirmos muito depois de tudo seria sempre grande, e como quem tem coragem de topar tal convite, geralmente, também tem bom-humor, prato cheio. Chamei, então, um amigo da área de cinema – Marcelo Guerra – que, obviamente, ficou no comando da câmera; contudo, isso não foi o fator principal para tê-lo escolhido, mas sim o fato de ele ser chamado pelos amigos, constantemente, de “um cara sem noção”, ou seja, a chance de ele topar e se empolgar era grande. E eu estava certo.

Devo dizer que, graças à grande proporção que esta prática de filmar a cultura do

Xarpi tomou, ainda impulsionada pela presença do Marcelo, como pessoa de cinema, aquilo que era para ser simples vídeos para pesquisa, tornou-se, rapidamente, o início de um projeto de documentário. Foi devido, também, a estes impulsos que alcançamos, sem

nem percebermos muito bem, a enorme quantidade de 45 horas de material bruto, filmado durante um período de cerca de 3 meses. Sendo assim, fica evidente que, caso fosse narrar aqui todos os acontecimentos, todas as histórias vivenciadas por nós, seria outro trabalho, outro livro. É por isso, então, que escolhi aqui, apenas alguns poucos momentos que julguei extremamente significativos entre os tantos outros também significativos. Lembrando que tal referência de significância é precária, parcial e autoral, e poderia ter sido outra, caso escolhida pelo Marcelo, ou seja, está intimamente relacionada à minha memória por vezes falha e aos meus afetos, muitas vezes confusos.

7.1.. PRIMEIRA MISSÃO: FERRUGEM



Nossa primeira missão

Em nosso primeiro dia de filmagem, marcamos com um pessoal em uma praça em Botafogo, por volta das 11h da noite. Supostamente, iríamos filmar uma conversa e também alguma ação. De todo modo, assim que encontramos o pessoal, uma chuva torrencial caiu, cancelando todos os nossos planos. Bem, toda a água que caiu, serviu para conhecer-

mos dois piXadores de duas gerações diferentes do mesmo bairro. Flit, ainda adolescente, da sigla SL (Sem Limites) e Nado's figura representativa da geração 80 de Botafogo, este que fez parte da antiga GBF (Galera de Botafogo). Batemos um rápido papo em baixo do toldo do bar e deixamos acertado que voltaríamos a nos falar para reagendar.

Apesar da frustração de termos nosso primeiro dia de filmagem impossibilitado, foi super significativo, muito menos para mim, que já conhecia a galera, que para Marcelo, que teve ali seu primeiro contato com aquelas, para ele, ainda misteriosas pessoas que, há tempos, protagonizavam seus nomes, suas assinaturas no ambiente que sempre havíamos circulado. Nas palavras de Marcelo: *“Pô cara, quando você me chamou fiquei já pensando que só ia encontrar maluco, pessoas perigosas, criminosos dos brabos, mas já há algum tempo que penso que dizer sim nos faz ganhar mais experiência que dizer não. Fui com medo, mas fui, e me surpreendi por conseguir, normalmente, conversar com eles, me aproximar, foi inesperado.”*

Em nossa segunda tentativa de iniciar as filmagens, resolvemos aceitar o convite de Nuno de irmos junto com ele e Fyt em sua próxima missão, afinal de contas, era o piXador com o qual eu havia feito mais contato e, conseqüentemente, era, naquele momento, a pessoa em quem eu mais confiava, até mesmo para aumentar, ainda que ilusoriamente, nossa segurança. Nuno era, e continua sendo, junto à sua esposa, dono de uma barraca de sopas no centro da cidade, por sinal, deliciosa, especialmente a de ervilha. O plano seria chegar mais cedo à sua barraca, enchermos a barriga com uma sopinha, filmemalo trabalhando e, depois, partirmos junto, a pé, para a missão que era próxima. O alvo era um ferrugem⁵⁶ da Av. Perimetral, que fica na altura do cais do porto, em frente à Rua Rodrigues Alves. Minha ansiedade nem me deixou apreciar tanto a sopa de ervilha, tomei

⁵⁶ Ferro que serve de base e sustentação para uma série de viadutos. Na medida em que é sempre exposto à ação da natureza, torna-se, quase sempre, muito sujo e enferrujado. Daí a expressão comum: “vamos pegar um ferrugem”. Por ser um local de difícil acesso, onde o risco de vida, seja pela subida complicada, seja pelo espaço mínimo para pôr o pé e caminhar, é sempre imenso, tornou-se um estilo de piXação feito por poucos – apenas pelos mais audazes entre os já audazes.

sem nem perceber muito bem o gosto, com o qual me encantaria em outra oportunidade. Esperamos, então, que ele guardasse a barraca, trocasse de roupa pela oficial de ferrugens, uma vez que, lá em cima, a grossa camada de fuligem deixava a roupa inutilizável, a não ser para outra missão. Até por isso, Nuno passou a preferir subir sem camisa, apenas de calça, tênis e mochila nas costas, diferente de Fyt que subia descalço e, mesmo trocando de roupa, só o fazia para “chegar em casa limpo”.

Antes de chegarmos ao local, paramos em uma esquina pouco movimentada, Nuno retira da mochila sua corda de alpinista⁵⁷. Ali mesmo, começa, ajudado pelo Fyt, a desatar alguns nós que já estavam feitos em toda a corda. Perguntei, então, o porquê daquilo, e ele respondeu: “Isso aqui é um técnica para pegar outra coisa, mas é melhor eu ficar quieto senão neguinho vai copiar”. E, brincando com a câmera, diz: “Corta, corta!”

Antes de chegarmos à Rua Rodrigues Alves, passamos por uma casa de festas que parecia estar lotada de estudantes em formatura. Fazendo a segurança do local, tinha uma viatura da PM, pela qual passamos lado a lado. De fato, eu gelei, afinal de contas, quatro homens andando àquela hora por ali, com mochilas nas costas, bem, demos nossa primeira sorte, nada disseram e seguimos. Chegamos, então, a poucos metros do local, paramos em outra esquina, Nuno retirou novamente a corda da mochila e, desta vez, retirou também um fitilho, o dividiu em dois e amarrou uma de suas pontas na corda e a outra numa pedra. “Isso aqui é para fazermos como marimba, jogaremos a corda feito uma marimba e daí subiremos.” Guardou tudo, novamente na mochila e caminharam os últimos metros em direção ao alvo, Marcelo e eu fomos um pouco atrás para poder filmá-los. Chegamos lá embaixo do viaduto e Nuno, como sempre muito estratégico, já havia, inclusive, pensado o local em que eu e Marcelo ficaríamos. Para isso, pensou em quesitos como segurança, esconderijo e visibilidade, nem tivemos tempo de pensar de onde filmaríamos, Nuno

⁵⁷ Lembrando que ele já foi do setor de alpinismo do exército e, mesmo quando não piXa, volta e meia vai à URCA ou à Pedra da Gávea para praticar e relaxar.

facilitou tudo: “fiquem aqui neste canteiro, esta parede esconde vocês dos carros que vêm e aquela luz do poste iluminará a gente no ferrugem. Posso ir?” Fingindo estar muito calmo, respondi: “claro que pode, não se preocupe com a gente.”

Ficamos, então, num canteiro, em meio a algumas plantas, que ficava na quina do prédio da empresa Xerox do Brasil. Percebi que, ali perto, havia uma câmera, mas que não nos enquadrava. Lá foram eles, então. Atravessaram a rua, subiram um pequeno trecho da descida do viaduto e logo sentaram na mureta de segurança. Neste momento, eu já tremia de adrenalina e percebia, também no Marcelo, especialmente em sua testa, muito suor. Em contraste, olhava para eles, ali sentados, olhando para cima, uma calma que me encantava e me assustava ao mesmo tempo. Retiraram, então, a corda da mochila, desenrolaram, Nuno pega sua ponta, aproveita que não vem carro algum, chega ao meio da pista, começa a girar o fitilho com a pedra já amarrada e, de primeira, acerta com perfeição por sobre um grosso cano que havia na quina entre a coluna de sustentação e o viaduto. Não me segurei e tive que falar – “Caralho, de primeira!”. Tudo isso flagrado pela câmera.

Nuno foi o primeiro a subir, com uma agilidade e rapidez surpreendente que, de fato, flagrava sua história com o alpinismo. Fyt, por sua vez, por ter tido um pouco mais de dificuldade, tendo, inclusive, parado em alguns momentos no meio do trajeto, segurando apenas com as mãos, nos deixou com o coração na mão, especialmente nos últimos centímetros da subida, uma vez que era o momento mais complicado, sair da corda, pegar o cano e passar para o ferrugem. Resultado, um longo suspiro de alívio por parte de nós dois, nada acostumados àquele nível alto de risco de vida corrido por escolha, por vontade. Restava, então, a angústia e o medo de testemunhar um possível pior. Vivíamos a contradição entre o encanto diante daquela fervilhante coragem a preocupação misturada ao medo que nos fazia tanto torcer para o sucesso da missão, para que fosse feita velozmente para antecipar nosso alívio definitivo. De todo modo, todas estas sensações eram apenas

nossas, os inexperientes, os que viam de fora. Enquanto isso, lá em cima, apesar dos sustos causados pelos pombos escondidos por lá e apesar dos caminhões que, ao passarem, balançavam o viaduto, não se percebia nem metade de nosso nervosismo e muito menos de nossa pressa.

O espaço que tinham para caminhar, para pôr os pés, era mínimo, mais ou menos metade do próprio pé, o que levavam a caminhar com todo o cuidado e, por isso, devagar. Mas não era só isso, era preciso, ao escolher o local que seria piXado, limpar toda a fuligem antes, uma vez que tamanha sujeira, caso não fosse retirada, sugaria toda a tinta, deixando o nome mais fraco e mais suscetível a sumir com o tempo. Além, portanto, deste cuidado e paciência com a limpeza prévia do local, havia, obviamente, um cuidado especial com o próprio desenho do nome, feito com calma, devagar, com a intenção também de “foscar”, ou seja, de deixar a tinta mais forte, os traços mais grossos, mais visíveis. Percebíamos, claramente, que o nome não era feito no impulso, mesmo com todo aquele contexto de perigo, a atenção maior não estava em se equilibrar, mas em deixar o nome o mais perfeito e visível possível. Após cada traço, era preciso, perigosamente, se inclinar para trás em busca de uma visão mais geral do nome para continuar da melhor maneira. E não era apenas um, mas uma sequência grande de nomes. Caminhando naquele chão mínimo, vizinhos ao abismo, foram colocando seus nomes, até que chegaram ao local mais iluminado, de frente para o poste, e foi ali que Nuno, inteligentemente, já pensando na posição de nossa câmera, escolheu para por a frase “Luz.. Câmera.. Pich.Ação”, que daria nome ao documentário.

Vale a pena, aqui, voltar um pouco e contar como foi a história desta frase que batizou o documentário. Como já disse, era nossa primeira filmagem, já uma missão, e Nuno, sabendo que seria gravado, tirou do bolso um guardanapo com uma série de frases, dentre as quais, escolheríamos a que seria estampada. Por unanimidade, nos chamou aten-

ção, justamente, a evidentemente criativa “Luz.. Câmera.. Pich.Ação. Não podíamos deixar este nome tão forte ser esquecido. Acho que, mesmo sem falarmos nada naquele momento, ali estava decidido, não podíamos parar, era preciso seguir, fazer, de fato, um documentário, e foi o que aconteceu.

Retomando, junto à frase, Nuno começou a desenhar um personagem, era mais um de seus fantasmas, o qual costuma desenhar quase sempre que pega um ferrugem como aquele. Segundo ele, um amigo, ao ver seu primeiro ferrugem, ficou assustado com a altura e com a habilidade de chegar até ali e disse, mais ou menos assim: “Como você sobe ali? Não tem como subir você é um fantasma, simplesmente aparece lá em cima.” A partir de então, ele começou a desenhar, sempre em situações diferentes, um fantasma, o qual, na missão em questão, foi feito com o polegar levantado.

Depois de tudo feito, Nuno sentou no canto do ferrugem, escorado pelo concreto da coluna e, descansando, aguardou Fyt terminar seus nomes. Terminado, Fyt retorna com todo cuidado, se esgueirando, se equilibrando a cada novo lento passo, em direção ao local de descida. Já Nuno faz seu caminho de volta, admirando e retocando cada um de seus nomes, incluindo a frase e o fantasma, deixando-os ainda mais foscados e evidentes. Enquanto isso, Fyt, já próximo à corda de descida, parecia descansar se apoiando ao cano, e foi então que percebeu – ao lado, tinha uma caixa preta em que cabia mais um nome. Pensamos que ele colocaria, naturalmente, mais um como os demais, mas não, ele primeiro, desenhou um coração e, ao lado, o nome “ISA”, que, naquele momento, não sabíamos quem era.

Enquanto, então, filmávamos Fyt deixando seu último rastro, Nuno desceu quase como um bombeiro, com uma agilidade, mais uma vez, impressionante. Fyt, após deixar a lata de tinta vazia lá em cima, desceu também. Puxaram a corda, enrolaram e já vieram visivelmente eufóricos e adrenalizados em nossa direção. Apertamos as mãos, comemora-

mos o sucesso e o alívio por tudo ter dado certo, e Nuno, que antes da missão já havia nos dito que tinha composto um rap para a ocasião, se empolgou em cantá-lo para a câmera:

*Não mudo meu estilo em lugar nenhum
Qualquer bairro que invada
Sou sempre o Nonu
Aquele que é insano, mas não bebe nem fuma
Acostumado a ver de cima quando passa a viatura
Marquise, recuado, topo ou cabo de aço
Lateral do prédio ou de cabeça para baixo
Gosto de botar meu nome em cima
Mas também, tenho nome no baixo
"N" "U" "N" "O"
Destruidor do visual e tudo ao seu redor
Feio pra caralho
Faz bonito no gogó
Amante do silêncio
Inimigo do barulho
Para a grande maioria só um pichador de muro
Mas eu quero que se foda a maioria
Porque eu sou pureza e fecho com a minoria
Desde pequeno aprendi com meu pai
Que muito não é nada e menos é mais
Vou levando minha vida com a boca e com a mão
Com a mão eu boto o nome
Com a boca eu faço o som
Sirvo de exemplo pro seu filho
Que acha que a tinta é uma arma
E o birro é o gatilho
Não sou fotografia
Mas também, me revelo no escuro
Nas ruas, me conhecem como NUNO
Levanta a mão pro alto quem usa branco fosco
Quem sabe que na rua todo cuidado é pouco
Levanta a mão pro alto quem usa preto fosco
Quem suja a sua cara enquanto lava o rosto*

(NUNO)



Contemplando...

Fomos caminhando, então, por ruas ainda mais desertas que as da ida, mas que, apesar do silêncio, e em detrimento de meu profundo desejo de escapar de fininhos, sem ninguém me ouvir, correndo os menores riscos, Nuno e Fyt continuavam estravazando suas euforias, falando tanto os detalhes da missão quanto os nomes que viam pela rua em alto volume, e eu ali pensando “ai, se alguém ouvir isso, estaremos ferrados.” Eu, naquele momento, só pensava em ir embora logo e deixar a minha vida e a câmera salvas. Chegamos, então, à mesma praça onde ainda rolava a tal festa. Paramos ali, mostrei alguns trechos das filmagens através do visor da própria câmera para eles, que, ao se verem, se espantavam com a beleza. Decidimos, em seguida, Marcelo e eu, pegarmos um táxi para a segurança muito mais da câmera e do material filmado que propriamente nossa. Nos despedimos deles, que retornaram para o local onde Nuno guardava a barraca, tomariam uma ducha, se arrumariam e retornariam para suas casas. Enquanto isso, Marcelo e eu, descesmos do táxi no Flamengo, em frente a um bar, e resolvemos, ainda, àquela hora, beber uns dois chopps, afinal de contas, tínhamos passado por uma eXperiência eXtremamente nova e, de certa forma, inesperada pela nossa história de vida, fato que a intensificava ainda

mais. Era preciso sentar, conversar, relembrar os melhores momentos e, acima de tudo, rir daquilo tudo, dissolver os nervosismos e adrenalinas evidentes. Depois disso, pegamos o ônibus na direção da Zona Sul, eu saltei na Rua da Passagem, em Botafogo, uma vez que ficaria na casa da minha namorada, Débora, à qual devo agradecer muito, afinal de contas, se não fossem seus generosos acolhimentos em plenas madrugadas, tudo isso seria muito dificultado, uma vez que retornar para minha casa, que ficava um tanto longe, na Zona Norte, no bairro de Olaria, seria penoso para não dizer quase impossível. Já Marcelo seguiu um pouco mais, morava em Ipanema.

7.2.. SEGUNDA MISSÃO: TOPOS, PASTILHAS E CORRERIA!



Kel subindo e Vuca em baixo

O segundo momento escolhido foi, talvez, o mais assustador, o dia em que, de fato, pareceu estarmos em real perigo. De todo modo, esse grande perigo veio somente ao final da missão, vamos do começo. Marcamos com Tokaya e Kel de nos encontrarmos por volta das 11 da noite na Praça Panamericana, na Penha, bairro da Zona Norte carioca, bem próximo à minha casa. Sendo assim, marquei de Marcelo vir para minha casa e, de lá,

partirmos juntos. Por volta de 10e meia, então, ele chegou, comemos alguma coisa e fomos. Pegamos um ônibus e, em menos de 10 minutos, estávamos lá, onde Tokaya e Kel já nos esperavam. Sem sabermos, eles também haviam convocado o Vuca, pichador da Ilha do Governador, que também teve importância vital para a constituição da família 5 estrelas. De todo modo, o tempo passava e Vuca não chegava, resolvemos caminhar um pouco, escoltar os locais a serem pegos e, depois, irmos para um boteco sentar e esperar a madrugada chegar mais pesada, com sua mistura de invisibilidade com o paradoxo mais seguro por ser menos visível e mais inseguro por ser a noite. Sentamos, pedimos duas cervejas, papeamos sobre uma porção de coisas, de futebol a rap *underground*, mas, claro, grosso modo, sempre sobre Xarpi. Quando já nos preparávamos para levantar e fazer a missão, um carro todo escuro chega buzinando alto, sem nem ligar para os silêncios da noite: era o Vuca, que, por não nos ver na praça, foi direto para o boteco onde, pelo visto, o Tokaya sempre ia. “– Fala coronel!” – gritou Tokaya – era assim que todos chamavam o Vuca, de coronel.

Se já conversávamos antes, agora, então, com a presença do Vuca, que adora falar, e alto, falamos mais ainda. Resultado, pedimos mais umas 3 cervejas e só saímos para a missão ainda um pouco mais tarde. Saímos do bar, então, e entramos no carro do Vuca. Foi então que perceberam que não havia tinta suficiente para todo mundo, até porque seriam duas escoltas, dois topos. De todo modo, eles conheciam um cara que vendia *jet* de tinta bem mais barato que no mercado normal. Segundo eles, era um cara que trabalhava em uma loja de tintas e que conseguia revender, em casa, para piXadores, por um preço mais em conta. Como a casa dele ficava mais ou menos próxima, nas imediações da Penha, fomos até lá, paramos o carro e eles dois, Tokaya e Vuca, entraram, por uma fina porta que parecia ficar aberta mesmo. Retornaram rindo com uma lata na mão, disseram que o cara estava com a maior cara de sono, e que, com certeza, acordaram ele. Voltamos para o carro

e rumamos para a missão. Enquanto dirigia, Vuca enrolava um baseado de maconha sem o menor pudor, sem demonstrar qualquer preocupação com um possível flagrante policial, com qualquer provável *blitz*, receio este que era muito mais meu e do Marcelo, com toda certeza, afinal de contas, quem ali conhecia mais a rua de madrugada, quais locais para possíveis *blitz*, como pegar caminhos alternativos? Após algumas poucas tragadas, Vuca apagou e guardou o baseado, já estávamos chegando à missão. Paramos o carro a umas três ruas de distância, provavelmente para não ficar na cara e, claro, para caso rodássemos, a polícia não percebesse que aquele carro poderia ser nosso. Ao sairmos do carro, foi unanimidade, seja pela cerveja bebida, mas claro, também pelo nervoso e ansiedade, todos estavam querendo fazer um xixizinho pré-missão. Cada um escolheu sua árvore, inclusive a Kel, que, por ser mulher, escolheu um local mais reservado e escuro, atrás de um caminhão.

Chegamos ao local, um prédio industrial de três andares, com janelas próximas e todas protegidas com grades, o que facilitaria a escalagem. Outro ponto de segurança da escolta era o fato de estar sempre in-habitado durante a noite, justamente por ser industrial. Eu e Marcelo resolvemos ficar do outro lado da calçada, até mesmo por facilitar o enquadramento. Ficamos ali então, utilizando, inclusive, uma árvore como possível esconderijo, não só para a gente, mas para a câmera também. Tokaya e Kel foram os primeiros subir, enquanto Vuca permanecia, por enquanto, em baixo, dando uma olhada para a rua, que era, de fato, muito quieta e deserta naquele horário. Quando Tokaya e Kel já atingiam, juntos, um ajudando o outro, o segundo andar, Vuca, maior e mais forte, começou a sua escalada sem qualquer aparente dificuldade. De repente, parece que os cachorros da casa ao lado acordaram, ou perceberam que alguns ratos passavam, o que a rataria tomava tudo, passaram a latir constantemente. De todo modo, como sempre, o medo está muito mais em mim e no Marcelo do que neles. Enquanto eu e Marcelo ficávamos, o

tempo todo, olhando para as janelas das casas para ver se alguém acordava, eles sequer tentavam fazer menos barulho, especialmente o Vuca, que, além de falar alto, mesmo lá de cima, ainda preferiu jogar na calçada seus tênis e continuar descalço, ou seja, rua silenciosa, cachorros latindo e tênis jogado do terceiro andar, tudo, a meu ver, parecia indicar que, uma hora, alguém testemunharia. Felizmente, nada aconteceu, e fico pensando, de fato, quem mora em casa, especialmente, está sempre ouvindo, vez ou outra, os cachorros vizinhos latirem, e até mesmo nosso sono, já está acostumado com aquilo.

A cada carro que apontava na esquina, eu retirava meu celular do bolso e fingia falar alguma coisa, caminhando pela via mesmo, fora da calçada. Com isso, parecia que eu atraía para mim os olhares de quem estivesse no carro, e como eu estava do outro lado da calçada, diminuía os riscos de a galera ser vista. E como, naquele horário, grande parte dos carros que passavam era táxi, estes logo imaginavam que, por estarmos ali, naquela hora e com celular, poderíamos ser potenciais clientes. Vários passavam, piscavam os faróis e, ao chegarem perto, eu fazia que não com a cabeça agradecendo. Enquanto isso, a sequência no topo ia sendo feita, Tokaya, Kel e Vuca, colocando, ao final a frase “só acredita vendo”, mais uma vez com referência ao fato de estarem sendo filmados.

Contudo, antes ainda de descerem, uma pessoa apontou na rua e, naquelas circunstâncias, não havia o que fazer, não havia disfarce que escondesse, fatalmente a pessoa veria. Restava esperar que ela se aproximasse, visse e torcer por uma reação amena, ou ainda uma não reação, comum, afinal de contas, quem ia querer arrumar confusão àquela hora da madrugada? Seus passos cada vez mais altos, eu gelando, abria e fechava o celular, acreditando e desacreditando nele como uma camuflagem de minha situação de cúmplice. Quando faltavam poucos metros, percebia que era um mendigo, daí já pensei que a chance de ele não reagir seria grande, afinal de contas, aquela figura, junto com o piXador, são constituintes do que se pode chamar de um panorama dos que tem na rua seu local de

produção estética, de produção de vida. De todo modo, obviamente, isso não era garantia de nada, mas foi o que aconteceu. O rapaz passou, deu uma olhadinha, e sequer mudou a velocidade do passo, parecia ser, para ele, uma paisagem e situação corriqueira. Que conforto! Que alívio!

Missão completa com sucesso, todos desceram bem, Vuca recolocou o tênis, todos muito suados, partimos, então, filmando o caminho, rumo à segunda escolta. No caminho, tinha uma pedra, tinham algumas pedras ainda não piXadas no meio do caminho, ou seja, já estão piXadas. Nomes rápidos, habilidade no encaixe perfeito do nome na pedra, riscos precisos, sem escorregar. Uns nomes aqui, outros ali, e fomos chegando à segunda escolta. A subida começava pelo portão da garagem de uma casa, passava para o teto desta garagem, pulava para o parapeito do galpão ao lado e, dali, ganhava o topo. Kel parecia já meio cansada da primeira escalada, mas Vuca, sem nem avisar a ninguém que começaria a subir, sem nem dar tempo de religarmos a câmera, já estava em cima da garagem, chegamos a ouvir um “calma” da Kel, mas que não adiantou muito, lá foi ela também, junto do Tokaya. A subida pareceu tranquila, chegaram ao topo e foram andando até seu final, dobrando a esquina, ainda ser pôr nomes. Como do local de subida até o topo a ser espancado se girava uma esquina, fomos para lá, para um melhor ângulo possível. Ficamos, então, sentados em um canteiro, abaixo de uma árvore e ao lado de um poste, até certo nível, camuflados. Ficamos ali esperando que comessem a piXar, levaram um certo tempo, a meu ver, devido ao parapeito onde colocariam os pés, uma vez que parecia ser velho e desgastado, perigando ceder com o peso deles. Por isso, apesar de aparentar ser mais fácil que o outro, este detalhe não percebido de baixo deixou todos mais tensos, mas nada que abortasse a missão. Saindo novamente do topo, ficando em pé no parapeito nada seguro, lá foram eles, passo a passo, nome a nome, com todo cuidado, especialmente de Tokaya e Vuca com a Kel, segurando suas costas, como maneira cuidar mesmo. Neste

momento, durante o segundo ou terceiro nome, no começo ainda da missão, escutamos um carro vindo em direção a rua em que estávamos, Marcelo desfez o *zoom* a fim de captar o carro em primeiro plano e os três lá em cima, em ação, quando, para nossa surpresa, não era um carro comum, era uma blazer da polícia militar com, no mínimo, quatro policiais dentro, todos com seus fuzis para fora. Como só percebemos ser a polícia, no próprio momento em que passaram, nem, sequer tivemos tempo de nos esconder, mas, por alguma manobra de sorte, eu estava escorado em um poste, enquanto Marcelo permanecia sentado no canteiro, sob uma árvore. Talvez, por isso, a blazer tenha passado bem ao nosso lado, sem, sequer, perceber que tinha alguém por ali. Com toda certeza, se tivessem visto dois caras filmando alguma coisa na rua, na Penha, àquela hora da madrugada, no mínimo seríamos enquadrados, interrogados sobre o que fazíamos. O ritmo é esse:

O terrorismo, a repressão, ela não é só física, é psicológica. O lance do piXador, é saber lidar com esse terrorismo psicológico que existe. Aqui no Rio que tem essa cultura, que nem é só de policial ou de bandido, mas da população, que se você justificar que o cara fez uma coisa errada, que faz uma coisa que não é do perfil que a gente entende como normal, se justifica uma agressão psicológica ou física, é normal. A gente está o tempo todo sendo agredido não só por policial, mas por segurança e até por morador. Morador se te pega fazendo uma parada ilícita, ele se acha no direito de te pintar, te agredir, te xingar. Na verdade isso é contra os próprios direitos humanos. Eu posso estar fazendo a parada mais errada que for, mas eu tenho direito de não ser agredida e ir para um julgamento justo. O policial quando te pega ele é tão sem vergonha que ele não te leva para a delegacia, ele não quer ter trabalho, perder a noite dele, tá ligado? Ele quer te dar umas porradas, pegar seu dinheiro, que é muito mais fácil. Isso é a cultura da população, isso é muito errado no Rio. (ANARKIA em conversa)

De todo modo, ficamos sempre naquela situação paradoxal, torcemos e fazemos de tudo para não sermos pegos, mas, caso nossas táticas dessem errado e fôssemos pegos, se conseguíssemos filmar o enquadramento e sair dali com a câmera e a filmagem em mãos, teríamos um material e tanto. Ao menos, como Marcelo reduziu o *zoom* e enquadrrou per-

feitamente a polícia junto com seus fuzis em primeiro plano, enquanto os três continuavam pondo nome em segundo, conseguimos, de fato, uma bela imagem. Nossas surpresas não pararam por aí. Logo após a passagem da polícia, percebemos um homem adulto, manco, portando uma muleta, se aproximando. Tensão. Nunca se sabe a reação de qualquer um que veja aquelas cenas. De um encantamento a alguma possível revolta. Sentei ao lado de Marcelo, aguardando a pessoa chegar, eis que ela pára ao lado de nossa árvore e percebe o que está acontecendo. Fico atento à sua reação e, felizmente, ele comenta: “– Caraca, esses caras são loucos.” – e solta um sorriso. Ao perceber que estamos ali filmando, ele se aproxima de nós e diz: “– Tem que ter muita coragem.” Resolve, então, ficar ali, junto da gente, para acompanhar a missão até o seu final, comentando, inclusive, o que fazia àquela hora ali na rua: “– Fiquei ali na praça esperando minha vizinha chegar do trabalho, para acompanhá-la até em casa, que ela me pediu, mas estou lá há uma hora e ela não chegou, resolvi voltar.” Diante daquela pessoa desconhecida lá em baixo, Tokaya olha para mim e, com um gesto, pergunta quem é. Eu faço sinal de positivo – tudo sob controle.

Tokaya, Kel e Vuca continuavam pondo seus nomes, cada vez de maneira mais insegura, parecia que, quanto mais se chegava ao final, pior ficava o estado do parapeito que os sustentava. Tensão até que, quando Kel dá um passo, um grande pedaço do parapeito despenca. Medo máximo. Como eu, naquele momento, estava olhando o final da rua, naquela de antever possíveis problemas, nem percebi o que tinha caído, apenas ouvi um alto barulho. Foi, portanto, aquele meio segundo de desespero, já pensando no pior, felizmente durou apenas o tempo de girar o corpo e perceber que nada havia acontecido. Depois daquilo, Vuca, sempre engraçado, mesmo nas situações mais perigosas, lá de cima, disse para Kel, bem alto: “– Deixa eu te dar um beijinho, porque se você cair, pelo menos eu já te beijei.” E deu um beijo no pescoço dela. Perigo, riscos iminentes, parapeito apodrecendo, e tudo o que se ouvia eram risadas, inclusive nossas, minha, de Marcelo e do

novo espectador surpresa. Com medo de o parapeito ceder, os nomes foram sendo postos com mais rapidez, e logo tomaram, novamente, o topo a fim de descerem pelo mesmo caminho que subiram. Como era preciso pisar na telha acima da garagem, com o barulho, os cachorros começaram a latir e, desta vez, a janela da casa tinha a luz acesa, e, antes que eles descessem, o morador apareceu e ficou olhando. Antes que ele dissesse qualquer coisa, Vuca, nada tímido, disse, mais uma vez bem alto: “Fala morador! Fica tranquilo, estávamos só dando uma piXadinha, só diversão. Fica tranquilo que eu também sou morador daqui.” O morador nem teve reação, continuou apenas olhando. Desceram, então, rapidamente, antes que alguém pudesse chamar a polícia. Tokaya e Kel já foram virando a esquina, já em direção indo em direção ao carro. Enquanto isso, o diplomático Vuca, meio que para assegurar que tudo estava, de fato, sob controle, foi em direção ao nosso inesperado espectador, que ainda nos acompanhava, apertou sua mão, disse, mais uma vez, que também era morador, que conhecia todo mundo ali, e pronto, nos despedimos do cara, seguimos.

Todos eram unânimes em achar que esta última missão, apesar de aparentar ser muito mais fácil, graças ao parapeito apodrecido, tornou-se bem mais perigosa. O importante é que deu tudo certo, chegamos de volta ao carro, entramos e saímos rapidinho para evitar qualquer ainda possível olhar escondido. Vuca acendeu novamente seu baseado e fomos em busca de algum bar aberto para finalizarmos a noite com algumas cervejas. Era neste momento pós-missão que eu e Marcelo nos sentíamos mais incomodados, uma vez que, de fato, nosso movimento natural seria retornar rapidamente, no caso, para a minha casa, não só pela nossa segurança, mas mais ainda pela segurança do material filmado. De todo modo, topamos a cervejinha de final de missão. Na verdade, era aí que começava o principal risco que ainda viríamos a correr. Percorremos boa parte da Penha, chegamos a Brás de Pina e nenhum dos bares indicados por Tokaya estavam abertos. A saída, segundo

ele, era ir pra favela onde ele morava, porque lá tinha um *trailer* aberto 24 horas. Marcelo propôs de não aceitarmos, de ficarmos por ali mesmo e pegarmos um táxi, usando como justificativa a segurança da câmera, quando, na verdade, o que estava em jogo era sua visível preocupação e desconforto em entrar numa favela às 3 da manhã, ainda mais ele, vindo de Ipanema. A mesma preocupação também me ocorria, contudo, eu estava mais disposto a ir, em virtude, justamente, do que já disse sobre pôr nosso corpo de pesquisador em risco, em sintonia com o que é pesquisado, sendo marcado por aquilo, e é até por isso que escolhi este momento para documentar aqui. Marcelo não teve escolha, fomos.

Chegando próximo, já na rua de entrada da favela, Tokaya, morador e, portanto, conhecedor do local e de suas regras, pediu para que Vuca fosse bem de vagar e na esquina piscasse o farol duas vezes, o que significaria que quem está entrando naquele horário era uma pessoa que conhecia o local e que não deveria recair sobre nós qualquer suspeita. Vuca, mais uma vez brincando, pergunta – “E seu eu piscar três vezes?” Tokaya, então, responde, também na zoeira: “Pisca, então, para você ver.” Ainda bem que Vuca não o obedeceu. Logo em seguida, Tokaya disse que estes cuidados eram necessários não só porque estávamos chegando de madrugada, mas também porque a favela estava em um período “quente”, de alerta, uma vez que, naquela semana, já tinha sido vítima de alguma tentativa de invasão por parte de um grupo miliciano. Bem, só soubemos disso quando já estávamos lá dentro. De todo modo, ao passo que, para nós, a tensão aumentava, neles não se via qualquer tipo de preocupação. Domínio e conforto total em um local que, para nós, desconhecedores, parecia exalar um cheiro, um clima, uma força inapreensível, no ar, que nos conduzia ao receio, ao medo – tudo aquilo que eu já estava predisposto a, de fato, correr.

Estacionamos na entrada do beco e já avistamos o bar, Tokaya foi na frente e logo nos avisou que aquele bar também já estava fechado. E agora? Segundo ele, apenas o tal

trailer 24 horas estaria funcionando, mas que teríamos que ir a pé, por dentro da favela, até uma quadra de esportes. Marcelo, cada vez mais assustado, deixava claro para mim que queria ir embora, mas já estávamos ali, sugeri a ele que “curtisse a experiência”. Ao chegarmos à quadra, avistamos o *trailer*, e logo em frente a ele, do outro lado da calçada, uma “boca de fumo” com cerca de seis ou sete jovens, todos bem armados, mas que pareciam estar tranquilos, em uma situação costumeira. Nem eu nem Marcelo, ao vermos, emitimos qualquer comentário, a meu ver, parecia que, ali, assinamos um contrato, não podíamos aparentar surpresa, mas sim uma falível e frágil segurança de quem quer mostrar-se acostumado. Sentamos, então, nas mesas e cadeiras acimentadas que cercavam a quadra e o *trailer* e pedimos duas cervejas. Não éramos, de maneira nenhuma, os únicos ali. Apesar do horário, a quantidade de pessoas não era pouca, grande parte delas sentadas bem de frente à televisão, em que assistiam algum filme em DVD. Tokaya foi até os caras da boca cumprimentá-los e voltou chamando a Kel, uma vez que, segundo ele, o pessoal queria conhecê-la, graças à sua fama no Xarpi. Rapidamente, surgiu uma lata de tinta e fomos para um muro atrás da quadra. O pessoal convidou Vuca e Kel, assim como Tokaya, para marcarem, ali, seus nomes, como uma lembrança do dia que estiveram lá. Ficamos ao lado assistindo colocarem os nomes e comentei baixinho para o Tokaya: “– Vou tirar a câmera para filmar.” Imediatamente, ele respondeu, rindo: “– Se você tirar esta câmera aqui, vai surgir fuzil até de dentro dos bueiros”.

Quando estavam terminando de colocar os nomes, um dos caras olhou para o local onde estaria o pessoal da “boca”, atrás de mim, e fez uma cara de quem estava, ao mesmo tempo, assustado, preocupado, mas também já pronto para o combate. “Por que eles correram? O que está acontecendo?”. Quando me virei e olhei para a “boca”, não tinha mais ninguém por lá, pronto, gelei, olhei para o Marcelo, e ele já estava bem mais à frente, junto ao Vuca. Enquanto isso, falei com o Tokaya, tentando dissimular meu susto e medo: “– É

melhor irmos embora, o Marcelo está assustado.” Fui andando em direção ao Marcelo, que já tinha passado o *trailer*, quando uma das moças sentadas no *trailer* me diz: “– Os caras estão escondidos atrás daquela van”. Pronto, na minha cabeça, o tiro ia comer a qualquer momento. Pensei, inclusive, em sentar ali em frente ao DVD mesmo e me camuflar, sem aparentar estar “saindo correndo”. Mas quando vi, muitos dos ali sentados estavam, anteriormente, na “boca”, tinham armas na cintura. Resolvi ir caminhando, sem mostrar grandes desesperos, até Marcelo e Vuca, que, neste momento, já estavam junto da Kel. Logo atrás de mim, veio o Tokaya, fomos direto em direção ao carro, entramos e saímos dali. Vuca, como sempre generoso, deixou o Tokaya em Brás de Pina, foi até a esquina da minha rua, nos deixou, e, depois, ainda foi levar a Kel em casa, no Catete, do outro lado da cidade.

Estávamos, então, sãos e salvos, em casa. Apesar dos riscos, como disse, a chance de sobrevivência é sempre maior, e estávamos ali, na minha cozinha, pondo uma pizza no forno e contando os detalhes de nossa missão. Depois de rirmos de nossa coragem falida, Marcelo, mesmo reclamando que eu não tinha retornado antes, se declarou: “– Gustavo, de qualquer maneira, depois de tudo, quero te agradecer, se não fosse você, eu jamais teria tido esta eXperiência.” Fomos dormir, depois de muitos minutos rolando na cama, acalmando a adrenalina.

7.3.. TERCEIRA MISSÃO: AMIGA CAROL E UM PESQUISADOR CRIMINOSO.

O último episódio de todas as dezenas de horas de documentário que vou publicar aqui sai um pouco do Rio de Janeiro e vai a São Paulo. No entanto, antes de começar a contar, de fato, a aventura em questão, será importante sair por um instante do documentário em si, para contar um pouco como se deu minha aproximação e minha amizade com a

Carol “Sustos”, aquela mesmo que foi presa durante a obra imposta à bienal. Já conhecendo Rafael e alimentado por minha vontade de me misturar, assim que soube de tal inédito acontecimento e, conseqüentemente, da prisão de Carol, entrei em contato imediatamente com ele para deixar claro que, no que eu pudesse ajudar, ele, e toda a galera da piXaçãO paulista poderia contar comigo. A partir daí, durante os absurdos quase dois meses em que Carol esteve presa, mantive, na medida do possível, certo contato com Rafael para saber notícias sobre o estado dela.

Falando um pouco sobre esta irreparável manutenção de Carol por quase dois meses dentro de uma cadeia, mesmo antes de ser julgada, vale a pena dizer que só foi possível por ela ter antecedentes criminais – cinco outros boletins de ocorrência –, sendo todos por piXaçãO, intensificado, ainda, pelo fato de ela morar na casa de um amigo, ou seja, não possuir endereço fixo oficialmente reconhecido. Mesmo assim, mesmo com todos estes agravantes, seu advogado, o Sr. Augusto de Arruda Botelho, afirma que, *“na verdade, essa não foi uma prisão preventiva, não foi uma prisão cautelar, foi, especificamente, o cumprimento de uma pena muito maior do que a pena que ela pode vir a ser condenada. É um absurdo jurídico.”* Vale a pena dizer que, mais adiante, ele, o advogado, foi uma pessoa super acessível e que me recebeu muito bem, ajudando em determinados aspectos que focarei mais à frente.

Durante este tempo em que ela esteve lá, presa, me sentia comovido e inquieto, não queria que minha pesquisa fosse morna, que não se visse, também, responsável por isso, que não visse nisso um lugar de atuação necessário para sua condição misturada, nada intocável, era preciso, então, atuar – pesquisa em atuação, ativa, nada satisfeita com a observação pura. Neste sentido, durante ainda sua condição de presa, houve duas situações marcantes nas quais atuei: uma foi durante um seminário de pesquisadores em artes do Instituto de Artes da UERJ, que aconteceu poucos dias após a prisão, no qual haveria

uma mesa apenas com pesquisadores sobre arte de rua. Obviamente, fui assistir. Fiquei pasmo, uma vez que, em nenhum dos cinco trabalhos apresentados, qualquer menção à situação de Carol foi feita. Diante disso, mesmo tendo sido avisado de que não poderia fazer qualquer pergunta, pois o tempo havia-se esgotado, pedi o microfone, já dizendo que não seria uma pergunta, mas um comentário, ou um aviso. *“Estamos num instituto de artes, numa sessão que comportou apenas pesquisadores em ‘arte de rua’ e ninguém sequer lembrou da arbitrariedade cometida sobre a Carol ‘Sustos’, a menina presa por ter pichado a bienal. É preciso, no mínimo, pensar sobre isso, conversar sobre isso, ainda mais aqui.”* Alguns concordaram através de gestos com a cabeça, mas o tempo se esgotara e, logo após a minha fala, a sessão estava encerrada. De todo modo, serviu para eu e mais alguns amigos sairmos da sala e irmos conversar no corredor.

A segunda situação aconteceu quando o professor italiano Massimo Canevacci foi convidado para dar uma palestra intitulada “Fetichismos visuais”, na mesma UERJ, desta vez em um projeto conjunto da Faculdade de Educação e do próprio Instituto de Artes. Como eu havia estado com ele, estudando durante dois meses em Roma, tinha um contato muito próximo, resolvi entrar em contato com ele e pedir para que, como estávamos falando em um lugar que se destina a estudar a arte, e como o trabalho dele tem um foco muito grande na metrópole comunicacional, na cultura urbana, seria fundamental que ele desse alguma atenção a esta reação descabida sofrida pela Carol. A partir do meu pedido e de nossas conversas, ele deu uma pesquisada no que tinha acontecido e destinou não só uma parte de sua fala, mas também um de seus *slides* da apresentação, com uma série de fotos tanto da ação quanto do momento da prisão, para lembrar a todos ali que destinam a maior parte de suas vidas a pesquisar a produção estética que uma menina estava presa por ter pichado um local reluzente da arte instituída.

É importante destacar, também, o tamanho desta “reluzência”, que foi tamanha,

capaz de atribuir a si, ou seja, à bienal, na figura de seus curadores, a capacidade e a segurança absurda de se postularem estar numa posição indiferente à denúncia e à prisão sofrida por Carol. E isso nem sou eu que estou falando, se bem que poderia ser, sem problemas, mas sim, eles mesmos:

Coube à Fundação Bienal de São Paulo registrar boletim de ocorrência após a pichação. A Fundação não possui qualquer ingerência sobre o caso, que é de responsabilidade única e exclusiva da Justiça”, declarou a Bienal, por meio de sua assessoria de imprensa.

(<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u475414.shtml> Acesso em 05/12/08)

Obviamente que, para acusar e aprisionar alguém, é preciso que este seja alvo de alguma acusação vinda de algum acusador, que, no caso, para os âmbitos legais, é a Fundação Bienal. O que me soa mais deselegante e nojento não é nem o fato de tê-la acusado; afinal de contas, é coerente com a história da arte instituída estes momentos de fúria contra aquilo que não se curva a ela ou diante daquilo que não surge de dentro dela, mas que a invade, mas sim a covardia imensa de escolher o discurso do “não podemos fazer nada”, ou pior, “não temos mais nada com isso”, estampada, principalmente, na palavra “coube” que associação a reação da Fundação Bienal a uma suposta “naturalidade”, da qual seria inevitável escapar, ou seja, em outras palavras, retiraram da acusação seu evidente caráter de escolha para revesti-la de algo que a mantém, como sempre, distante, intocável, algo que “mesmo que ela quisesse, não poderia fazer diferente”. Por trás desta máscara do “coube”, que mantém a Fundação Bienal com todas suas pompas e elegâncias burguesas, fica evidente para mim, que pode ser lido “isso tudo foi uma barbárie, merecem toda a punição necessária, até que este tipo de gente desapareça, não nos incomodem mais. Eles precisam aprender que não devem se meter com a gente.” Agora, indo além, se tivessem tido a coragem de se pronunciar assim, ao menos teriam, pela primeira vez na história, tido

alguma audácia, teriam sido, apesar de sanguinários, pela primeira vez, legítimos. Mas eles não podem ser sisudos, precisam apunhalar camuflados sob faces convidativas, semblantes de saúde, de civilidade, nunca “baixar o nível”, não lhe convém, afinal são grandes salvadores de almas. O que seria da humanidade sem eles? Quanta petulância!

Fechados a toda produção estética que tenha seus embriões nos locais historicamente periferizados; hoje tidos com ameaçadores da ordem civilizatória de toda cidade, e, quando chamo locais, obviamente não os separo de toda a gente que o habita – são indissociáveis como Carne e Pedra (SENNET, 2008); especialmente àquelas com referências morais e estéticas não enquadráveis numa lógica cristã-burguesa-ocidental de comportamento e que, por isso, tem na juventude periferizada contemporânea seus principais praticantes, a instituição arte, diante destas forças não enquadráveis, desobedientes, continua, pelo visto, a perpetuar a estratégia da indiferença, afinal de contas, foi justamente assim que todo seu projeto de valor, refletido nas morais e nas estéticas (*moralestética*) praticadas e teorizadas por ela, conseguiu seu sucesso.

Agora, o que este projeto não anteviu, por pura ingenuidade, por se achar, de fato, universal para o “bem”, foram os inescapáveis contra-ataques que sofreria tempos depois, ou seja, hoje! Aquela cidade, de cuja projeção e construção a arte participou ativamente, hoje, para detrimento de todos os sonhos de reerguimentos e de restaurações, flagram, às vistas de espíritos mais livres, menos vislumbrados, toda sua falência. Aquilo que foi periferizado, aquilo que não era bem-vindo aos centros planejados das cidades, passou séculos a rodeando, cercando, ocupando lugares não planejados, por isso, também aglutinou-se e, sem que o centro desse conta, foi ganhando um corpo cada vez mais denso, fortíssimo. Cada vez mais, então, o que era para ser periferia, o que foi condenado a habitar lugares não amparados, subúrbios, passa a, de alguma maneira, denunciar a fragilidade de um centro que se aparentava inabalável, inclusive, esteticamente, claro. Esta época já chegou,

já tem até um certo tempo que ela se mostra evidente. Não é à toa que se ouve, geralmente em caixas de som potentíssimas, “TÁ TUDO DOMINADO”, “TÂMO JUNTO E MISTURADO”, “É TUDO NOSSO”. E, para pesadelo da arte e da civilidade cafonas, até mesmo quem nunca habitou os locais periferizados, quem nunca foi corpo periferizado, acaba encantando-se pela evidente sedução destas estéticas de força atrativa juvenis evidentes. Não há mais Leblon que escape a uma bala perdida, não há mais carro blindado que escape a uma ponto 30, não há mais Zona Sul que não toque, em altos decibéis, um proibidão, não há mais cercas elétricas intransponíveis, tem até piXador morador de Botafogo, e quantos! Enquanto isso, a arte continua, em seu sonho sem fim, fingindo não perceber sua limitação evidente diante da complexidade estética que sua cegueira histórica, não só permitiu como também encorajou.

A arte, portanto, volto a dizer, instituída, evidenciada na reação aparentemente indiferenciada da Fundação Bienal, continua, por trás de seus discursos contemporâneos, se mostrando ainda anacrônica, afinal de contas, tudo aquilo que não vê graça e nem sentido algum num possível curvar-se a ela, que atribui à arte uma pieguice sem tamanho, nem ligando para ela, com toda a força de quem vem de fora, lá do fundão, passa a ser alvo já autojustificado do nome “ignorantes”, “sem educação”, “estes piXadores são desconhecedores do conceito de arte”, esta última, dita pelo Baixo Ribeiro durante um debate na FUNARTE do Rio de Janeiro, chamado “Da rua: que pintura é essa?”, quando interpelado por mim, justamente sobre sua reação diante da invasão que sua galeria sofreu pelos piXadores. Como se este conceito fosse, de fato, não só congelado, único, conhecível, mas, mais do que isso, como se deste conhecimento dependesse não só a condição humana, mas alguma possível vida mais digna, pior ainda, quem sabe até uma felicidade. Ainda sobre este evento, vale ainda ressaltar duas falas, uma da organizadora que, diante da minha pergunta – “Se o nome do evento é um generalista ‘da rua: que pintura é essa?’ e,

grosso modo, é evidente que a parte mais evidente desta pintura é a piXaçãO, por que entre os convidados palestrantes, não tem nenhum piXador? Quais são os valores, as morais, os desconfortos que regem esta impossibilidade?” – respondeu aparentando estar bem segura que a aproximação com “esse pessoal” é muito difícil. Enquanto isso, outra palestrante se sentiu incomodada com a pergunta e tomou a palavra: “Quem é você para dizer que aqui não tem nenhum piXador? Eu me considero uma piXadora. Além do que, estamos numa galeria, aqui é um lugar diferente, não faria sentido tê-los aqui, eles ficariam acuados, seria desconfortável para eles.” Respondi: “Então, é justamente isso, se a arte e este evento postula abraçar a rua e suas pinturas por completo, essa ausência, essa incapacidade flagra os limites da arte, o quanto ela só diz respeito a uma ou duas ruelas da cidadela.” Não pude responder à primeira senhora, a organizadora, mas, se eu pudesse, contaria minha experiência, o quanto a dificuldade de aproximação com “esse pessoal” está muito mais atrelada a nós mesmos, os de fora, que a eles. (ver p. 314) A negociação mais trabalhosa é muito mais uma autonegociação com nossas lógicas, nossos valores, nossas morais, uma vez que as vemos como muito diferentes, quase antagônicas às deles.

Porém, esta tensão pessoal de você com você mesmo só se resolve no momento do contato, a partir da tomada de coragem, e é aí que, por eXperiência própria, o que era antagônico, incompatível, se insinua ser, paradoxalmente, muito mais próximo, mais misturado, aflições e angústias parecidas, sintonias, simpatias, confluências, tudo vai desabrochando, se revelando, como disse anteriormente, os bonés vão subindo, o rosto se faz visto e as tarjas pretas caem, enquanto o volume dos risos e os níveis de álcool aumentam, para os que bebem, é claro. Entendo, então, quando ela fala sobre esta dificuldade de aproximação, mas é preciso entender que a dificuldade está em si e não neles, no artista e não no arteiro. Não perca esta chance! Como disse o grafiteiro carioca Marinho neste mesmo debate, “a melhor coisa do piXador é que ele não arrumou o problema que eu

arrumei – o de querer ser artista.” Agora, para aquela moça que disse se achar piXadora, piXadora não se acha, se perde, corre, vida em risco, a cada semana um sangue piXador escorre por aí, mas eles não param nunca, só dão um tempo. Infeliz comparação a sua! Ainda ao final deste mesmo encontro, uma artista plástica, que declarou também trabalhar com intervenção urbana, disse: “– Sobre os piXadores, o que eles fazem pode até ser uma coisa de atitude, mas não é artístico.” Ainda bem, diria eu, e completaria, se tivesse tido a oportunidade: “Isso seria indício de que sua arte não tem atitude alguma?”

Um dos pontos altos e de ótima surpresa para mim foi a postura do Ministro da Cultura, não só diante da prisão como reação excessiva, mas também condenando, justamente, a indiferença da Fundação Bienal diante do ocorrido. Abaixo, publico na íntegra a nota divulgada pelo Ministério na época:

Texto do ministro da Cultura sobre prisão de jovem por piXaçãO:

O Ministério da Cultura defende a busca de uma saída na esfera cultural para o impasse decorrente do ato e da prisão da jovem Caroline Piveta da Mota, de 23 anos de idade. Ela integrava o grupo que pintou com tinta spray o edifício da Bienal de São Paulo, no local onde os curadores da 28ª edição Bienal estabeleceram um espaço vazio de interação com o público. Esta solicitação é devida à preocupação que muitos artistas e agentes culturais do país têm manifestado com os desdobramentos que podem criminalizar um ato que tem características culturais, muito embora não concordemos com a agressão simbólica proposta em manifestos e textos divulgados como de autoria do grupo. [A não concordância aqui me parece muito mais uma forma de tornar a nota mais palatável para a imprensa, e que, mesmo assim, não trata tais manifestos como negações.]

Temos buscado o diálogo constante com grupos jovens dos centros urbanos e das periferias das grandes cidades por acreditar que esta é a forma mais eficaz e duradoura de combater os impulsos violentos que são gerados em meio à desagregação reinante em muitos ambientes de fragilidade socio-cultural nos quais vivem estes indivíduos. [Finalmente um documento oficial trata tal fragilidade de maneira honesta, enxergando no que chamou de “impulsos violentos”, não meras negações, mas acontecimentos afirmativos, enunciadores também de nossas fragilidades. Poucas vezes se viu um discurso oficial não tratar tais violências como ‘coisas a serem duramente combatidas’. Cabe aqui um parabéns pela nota, a meu ver, inédita, revelando possíveis posturas diferentes do Estado.] Contudo cremos que a agressividade simbólica aparece como “alternativa” a estes jovens submetidos a um cotidiano de violência, e ela é a “compensação cultural” por vezes ao seu alcance para fugir do crime ou da marginalidade. [Sendo a agressividade simbólica aqui amparada, mais uma vez, como algo a se levar em consideração, sem recair, outra vez, na vontade de aniquilamento, me conduza pensar que, inclusive os manifestos agressivos criticados anteriormente, merecem este interesse, repetindo, afirmativo.] Desde muito essas populações têm suas formas de expressão e de linguagem enquadradas como atos de violência e desrespeito, como foram as rodas de capoeira no passado, os bailes funks nos dias correntes, mas não podemos esquecer que a cultura toma caminhos que fogem do padrão estabelecido para expressarem conteúdos latentes nas formações sociais emergentes. [O

Estado, em todo seu papel de oficialidade, aceitando, sem pôr o corpo fora, a histórica violência simbólica sofrida pelas produções estéticas periferizadas. Isso me parece de um ineditismo surpreendente e esperançoso, ainda mais quando trata a cultura como algo indisciplinado e desobediente, uma vez que, como dito, “fogem do padrão”.]

Não desconhecemos que estas situações podem, vez ou outra, superar o âmbito criativo, mas devemos ainda lembrar que isso ocorre também pela falta de comunicação e pela pouca acessibilidade destes cidadãos aos bens diversificados de nossa cultura e de nossa arte. Sabemos que tais conflitos precisam ser trabalhados pelas políticas públicas e pelas instituições de modo a evitar uma maior desagregação do tecido de nossa sociedade. [Propor a conversa, a comunicação justamente com aquilo que estaria fora de nossa capacidade de compreensão! Bela alternativa, e é, justamente assim, que o tecido que começou a ser construído de forma desagregada, pode, pacientemente, a custos de muito solavanco, retomar, até certa medida, alguma convivência mais agregada. Agora, é preciso que a voz deste outro seja legítima em si, sem precisar de qualquer transformação referenciada pela nossa lógica, afinal de contas, essa é a pior das violências simbólicas. Por isso, fico ainda receoso quando a nota fala numa maior acessibilidade à nossa cultura e à nossa arte. Se for com algum vislumbre, nada vai adiantar.]

Acreditamos que os mais de 40 dias de prisão guardam uma desproporção com o ato da jovem, porque tal medida pode gerar uma intensificação dos conflitos que buscamos combater, uma vez que se tornaram um problema real. O ato dos jovens, por mais que discordemos dele, não deve ser criminalizado como se ocorresse uma piXaçãO e degradação do patrimônio cultural ali protegido por lei. [A meu ver, nem esses. Ser crime não deveria vir junto com ser punido e pronto, mas com uma conversa mais audaz, uma compreensão mais abrangente.] Ele aconteceu num espaço específico em que era permitido a todo visitante exercer seu livre e vivo contato com o lugar simbólico da Bienal, uma mostra de arte, no qual, segundo a imprensa, muitos outros grupos e indivíduos se manifestaram com ações diferentes. [Neste caso, fica ainda mais evidente que a questão é muito menos sobre o que foi feito do que sobre quem fez. A condição periferizada é desculpa histórica para o aniquilamento. Ao menos hoje, mesmo que com certa prudência, o Ministério da Cultura já discursa um pouco mais perigosamente.] O grupo de jovens reivindica o estatuto artístico e cultural ao seu ato. [É mais do que óbvio que eles não precisam deste estatuto, a coisa independe. O que está em questão vai além.] Quem deve julgar e avaliar tal mérito são as instituições culturais, os críticos e historiadores da arte, através dos recursos da reflexão e do debate público. [Será que são estes mesmo que tem a competência para tal? A questão não é a maior amplitude da comunicação? Não deveríamos descer todos de suas especialidades, afinal estamos falando de cultura e estética, coisas comuns a qualquer existência humana? PiXadores não seriam bem vindos neste debate?] Peço sua ajuda no sentido de garantirmos esse espaço público de discussão e apreciação, evitando que o estado decida em favor de nenhuma parte, e apenas cuide para que possa ser mantido o ambiente de diálogo e o direito de todos a suas manifestações culturais. [De todo modo, apesar de alguns escorregões e de certo cuidado ainda maior que a audácia, condizente com sua condição de oficialidade em cultura, o Ministro me surpreendeu e muito, afinal de contas, o que a lei e a Fundação Bienal viram como crime, ele viu como manancial, como incrível chance para um rico e urgente diálogo, chance que, mesmo com tal pedido, foi perdida, mais uma vez.]

Juca Ferreira

Ministro da Cultura

(http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2008/12/11/ministro_da_cultura_divulga_nota_sobre_prisao_de_jovem_por_pichacao_da_bienal-586965876.asp Acesso em 11/12/2008)

Além disso, o jornal Zero Hora, de Porto Alegre, anunciou que o Ministro ainda entrou em contato com o governador José Serra, solicitando que ele, se fosse possível, intercedesse em favor de Carol. Apesar de Serra ter dito que ia ver o que poderia ser feito, deixou claro que sua condição de governador não lhe dava, obviamente, qualquer condição de mandar soltar alguém. Nesta mesma matéria, Juca Ferreira ainda compara a con-

versa que teve com o governador à que teve com os curadores da Bienal:

O governador foi mais receptivo do que o presidente da Bienal. Disse que não se sentia com o poder de pegar o telefone e ligar para mandar soltar, mas ia ver o que podia ser feito. Enfim, foi simpático, acolheu minha demanda e ia ver o que poderia ser feito. (<http://www.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default2.jsp?uf=1&local=1&source=a2328830.xml&template=3898.dwt&edition=11285§ion=1003> Acesso em 12/12/2008)

Ainda presa, Caroline concedeu uma entrevista à Folha de São Paulo que, a meu ver, mostra algumas aflições comuns ao nosso tempo, especialmente quando ela aborda o conceito de “vazio”, que ela vivenciou durante a Bienal e foi presa por isso, e também que conversar com essa galera pode ser enriquecedor socialmente. Em outras palavras, mostra o quão ignorante é a Fundação Bienal com suas reações policiárias:

Acho que eu me identifico um pouco assim com o vazio, também. Quando eu comecei a piXar, eu estava sentindo falta de alguma coisa na minha vida. Sentia falta de alguma coisa e eu não sabia o que que era. Eu fazia várias coisas e nada cobria aquilo ali, ta ligado? Aquele sentimento de falta, sentindo um buraco assim. E daí, quando eu comecei a piXar, parece que foi tapando aos poucos assim, e daí ali eu encontrei um refúgio. Se eu estava feliz eu ia piXar, que nem bebida, né? Se eu estava triste, eu ia piXar, se estava tudo normal, eu ia piXar. Era assim. Então, eu me identifiquei assim um pouco com esse negócio do vazio, também. Acho que muita gente sente um vazio dentro de si, independente do que esteja faltando ali. O que que tu precisa para cobrir aquilo ali. Acho que todo mundo tem um vazio dentro de si, uma parte assim.

(<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u475414.shtml> Acesso em 05/12/2008)

Eu piXo por dois motivos, pela parada do protesto, de agredir a sociedade, agredir os burguês, sabe? De causar o transtorno mesmo neles mesmo. E pela fama do bagulho, de ser conhecida. (*ibidem*)

Se eu fizer um trampo estilo Miró lá em cima de um prédio, vai ser bem visto por quê? Por que ele é colorido e tal? Por que uma piXaçãO, que também está expressando o que eu sou ali também. A maneira que eu fiz, o que eu estava

pensando, com quem eu estava. Eu acho que quando um artista vai pintar quadro, independente da arte do cara, assim, ele está sentindo várias coisas ali naquele momento também. Então, eu acho que pode ser visto, também, como uma arte sim. (*ibidem*)

E se a Carol fosse curadora da bienal? Competências culturais ou adequações culturais? A bienal não deveria ser pública? Alguém já foi questionado sobre o que gostaria de ver lá dentro? Quem pode fazer a curadoria do que é público, do que é cultura, do que é estética? Especialistas ou, mais uma vez, adequados?

Até então, não havia conhecido, ou sequer conversado com ela. Assim que ela foi liberta, Rafael passou meu MSN para ela e começamos a conversar. Rapidamente, especialmente por Rafael já ter falado muito sobre mim para ela, ficamos à vontade e passamos a conversar frequentemente, tendo inclusive, como fiz com Rafael, enviado alguns de meus textos para ela. No entanto, apesar de já termos certa intimidade, minha atuação junto a ela se intensificou a partir do agendamento e da aproximação de sua audiência, marcada para o dia 17 de fevereiro de 2008, sobre a qual, inclusive já falei anteriormente. Foi nesta época, então, cerca de três dias antes da audiência, que marquei minha ida, junto com Marcelo, a São Paulo, não apenas para filmar, mas, claro, para conhecer pessoalmente essa galera.

Tentamos até ir de avião, mas o preço da ponte aérea estava bem mais caro que a passagem de ônibus convencional que, apesar de durar pouco mais de cinco horas, nos dá a chance de ir vivenciando um panorama horizontal da cidade que, ininterruptamente, vai passando aos nossos olhos, nos confundindo. Onde estamos? Em que cidade estamos? Quando mudou? Uma placa, um *outdoor* e até os nomes das lojas de beira de estrada nos dão imprecisos indícios de localização. Alguém me liga e me pergunta onde estou. “Sei lá, na estrada.” “Mas onde?” Fico perdido, olhando para os lados, procurando alguma pista de nome de lugar, pergunto ao Marcelo, que sabe menos ainda. “Não tem como saber,

estou no caminho, sabe-se lá o nome disso aqui”. Experiência essa somente possível com viagens terrestres. De todo modo, como estávamos mais de olho nas piXações, elas também nos davam certa ajuda neste sentido. Aos poucos, alguns traços paulistas iam ganhando espaço, até que não se via mais qualquer lembrança do Xarpi carioca, pelo visto, havíamos já ultrapassado a fronteira entre os estados. Se descêssemos, será que o sotaque também já havia se modificado? Onde mudou? Tudo diluído pelo ar da estrada, dos traços retos pontiagudos ao sotaque, tudo ia-se apaulistando, até que o rio Tietê não nos deixava qualquer dúvida, chegamos.

Era uma quinta-feira, propositalmente programada para nossa chegada, uma vez que é neste dia da semana que sempre os piXadores se encontram no *point*⁵⁸, foi lá, portanto, que conheci, entre tantos outros, a Carol. Como esperado, mediante nossa já boa interação via MSN, pessoalmente nos demos bem também. Tentamos marcar de filmar uma missão naquele mesmo dia, mas, coincidentemente, assim como em nossa primeira missão no Rio, São Paulo fez as honras de cidade da garoa – graças a uma chuva tivemos que cancelar. No dia seguinte, conversamos por telefone e marcamos de tentar finalmente, naquela mesma noite, filmarmos a Caroline em ação. Marcamos, então, no bar que ficava no local do *point*, ficamos por lá, eu, ela e Marcelo, tomando umas duas cervejas, esperando um amigo dela que a acompanharia na possível missão. Ficamos por lá cerca de uma hora e meia esperando o cara, ligávamos para casa dele e ele não estava. Bem, sugeri, então, na brincadeira, esperando, claro, apenas um sorriso, uma negação, que eu a acompanhasse já que o cara não apareceria. Ela não só aceitou como ficou tentando, de fato, me convencer, apoiada ainda por Marcelo, que mantinha um discurso “eu não vou, mas eu acho que você deveria ir.” A questão da companhia era importante, uma vez que o local a ser piXado era o topo de um prédio com cerca de quinze andares, ou seja, seria usado um

⁵⁸ Parecido com as reús cariocas, mas que, por ser único e semanal, agrupa uma quantidade maior de piXadores, que vêm de toda a cidade.

plano raríssimo no Rio de Janeiro, mas muito comum em São Paulo, que é o que eles chama de “fazer uma portaria”. Em outras palavras, enganar, de alguma maneira, o porteiro e, como se fosse um morador, subir de elevador ou de escada até seu último andar, encontrar a porta que dá para o terraço, pôr seu nome no topo, geralmente, neste caso, de rolo e não de *spray* (prática também comum em São Paulo e quase não utilizada no Rio de Janeiro), e, depois, sem ser descoberto, descer normalmente, como se apenas saísse do prédio.

Até ali eu tinha quase certeza de que não subiria junto, muito mais por falta de coragem do que por falta de vontade, mas ficava pensando, se eu sempre reafirmo a necessidade de se pôr em risco para se pesquisar em sintonia com aquilo que é produzido fora da lei, por que não? Se, como digo também, é preciso não ter muito claro o que é arte e o que é crime, por que não? Já me arriscava, é claro, indo às missões e filmando, mas ali, caso topasse, meu envolvimento se potencializaria exponencialmente, estaria, de fato, cometendo um crime, definitivamente esfacelando qualquer ainda remoto vestígio de separação entre sujeito e objeto, aquilo que eu sugeria misturar em *sujeitobjeto*, agora era muito mais um *soubjjeitto*, ou melhor, não teria mais nome, e a cientificidade de um trabalho científico sobrevive a um pesquisador criminoso? Ainda não sei, ainda escrevo a dissertação, os julgamentos ainda não foram feitos, a defesa ainda não foi agendada. De todo modo, se a reprovação vier, flagrará a incompatibilidade entre o crime e a ciência, enquanto que, se a aprovação surpreender, será a prova de que a academia tem, sim, fôlego para atribuir ao crime seu caráter móvel e mutante, portanto, pesquisável, vivenciável em nome do humano despidorado. Contudo, esta mesma aprovação, pode, também, ser a evidência de que meu trabalho não foi nada demais, foi, na verdade, palatável. Nada perto da obra não diplomável de Rafael. Resta dizer que, apesar de aparentar não me curvar, perto do que ele fez, ando sim, de cócoras. Acocorado pelo simples fato de me preocupar em ser aprovado.

Um trabalho de um homem de pé, ágil, livre, não ligaria para isso. Trabalho não diplomável, como disse, só vi um, o de Rafael, ou melhor, de todos seus 50 amigos, ou melhor, de São Paulo inteira. Agora, para puro salvamento de orgulho, posso atribuir, com habilidade, a este meu acocoramento, sua possível condição de camuflagem. Assim eu entro, assim ocupo espaços e, já lá dentro, me espreguiço, alongamento, flexibilidade, coluna reta.

Cabeça em nó. Topo ou não topo. Topar e ter, junto ao risco evidente, uma das mais adrenalizantes e memoráveis eXXXXXXperiências da minha vida, ou não topar e apenas vê-la lá de baixo, e, se tudo desse certo para ela, me arrepender logo depois? Pelo tom das linhas anteriores deste trabalho, vocês veem alguma chance de eu não topar? Seria, sim, um crime, mas seria, também, nada autêntico, incoerente, apesar de medo e receio serem sentimentos legítimos. Bem, sem ainda decidir, mas muito mais pendente para a negação, fomos caminhando rumo ao alvo. Assim que avistamos o prédio, do outro lado da rua, o porteiro estava em pé do lado de fora, o que para ela, era prova de que devíamos entrar naquele momento, para ela, assim seria mais fácil. “Temos que ir agora!” – dizia ela.

Gustavo: Calma, vamos sentar rapidinho aqui neste bar para eu decidir, tomar coragem.

Carol: Tá bom, mas tem que ser rápido. Vou até comprar um refrigerante de 600ml para pôr a tinta na garrafa. O Marcelo bebe e dá tempo de você decidir.

G.: OK. Aiaiai que merda!

Marcelo: Sério, cara, acho que você deve ir, será, no mínimo, uma eXXXXXXperiência inesquecível.

C.: Vamos, você pode confiar em mim. Não te colocaria em uma furada. Esse prédio aí eu conheço, lá em cima não está trancado, não precisa arrombar nada. Já piXei lá.

G.: Pô, e o porteiro não vai te reconhecer?

C.: Não, era outro.

Marcelo terminou de beber tudo e deu a garrafa para Carol, que foi ao banheiro do botequim pôr a tinta. Enquanto isso:

G.: Porra, cara, vou mesmo? Se algo acontecer, não conhecemos ninguém nessa cidade.

M.: É perigoso, mas é o que você pesquisa, faz sentido você ir. Eu é que não tenho coragem, mas você, acho que tem.

Carol retorna:

C.: É agora. Vai ou não vai.

Olhei para o Marcelo novamente, apertei forte a mão dele e disse: “– Me espera aí.”

M.: Ah moleque! Vai lá, boa sorte!

Carol pôs um boné na cabeça, talvez para fazer uma camuflagem muito mais para ela que para os outros, me deu a mão e fomos atravessando a rua. Linha reta, sem vacilo, direção à portaria. No meio da rua, ela me disse: “– Qualquer coisa, somos namorados!”. Naquele nervosismo, só deu para eu balançar a cabeça positivamente. Porteiro em pé na porta já nos olhava percebendo que iríamos entrar no prédio dele. Com um sorriso simpático no rosto, assim que nos aproximamos da porta, ele nos cumprimentou:

Porteiro: Oi!

C.: Oi, tudo bem?

Nisso, já estávamos dentro do prédio, mas, para ingressar de fato, era preciso que o porteiro liberasse uma segunda porta de acionamento elétrico. “– Estão indo aonde?” – perguntou ele. Enquanto eu gelava, Carol parecia ter toda a situação sob controle, como se aquela pergunta já estivesse sido ensaiada com o porteiro, e respondeu: “– Vamos no sétimo.”

P.: No sétimo?

C.: É, ué! No sétimo.

Pronto, ele já estava desconfiando, seríamos pegos. Enquanto ela pensava em maneira de enganá-lo, eu pensava em como, agora, com nosso fracasso decretado, poderia-

mos simplesmente abortar a missão e sair. Um silêncio de poucos segundos perdurou, até que, uma fala surpreendente nos alivia:

P.: Eu sei que você é a prima da Joana do sétimo. Eu estava brincando com você.

Eu ainda não tinha decretado vitória total, a meu ver, aquilo poderia ser um blefe para nos deixar subir e depois nos pegar em flagrante, mas até para isso a Carol tinha um plano como veremos.

C.: É, pô, pensei que não fosse lembrar.

P.: Claro que eu lembro, eu te vi bebezinho, sendo carregada no colo. Cresceu, mas continua baixinha.

Eu apenas ria daquilo tudo, ria tanto pela reação absurdamente inesperada do porteiro quanto de nervoso por perceber que ao menos a subida iria dar certo. Parecendo confiar de fato, ele abriu o portão eletrônico sem nem interfonar. Demos um até logo, pegamos o elevador. Enquanto minha ansiedade já pensava logo em apertar o último andar, Carol salientou: “– Calma, temos que parar no sétimo, vai que ele olha o painel do elevador.” Toda razão para ela, óbvio. Chegando ao sétimo, fomos para a escada, esperamos um pouco e retomamos o elevador até o último andar. De lá para o terraço havia mais um lance de escadas; em sua esquina, tinha uma portinhola que daria para o terraço e, no seu final, logo em frente, as portas dos apartamentos dos zeladores, com as luzes perigosamente acesas. Quando avistamos mais de perto a portinhola, percebemos que estava muito bem amarrada com um arame que, segundo ela, da outra vez que ela esteve ali, não tinha, ou seja, provavelmente eles deram conta de que piXadores haviam estado ali. Sendo mais alto e homem, ela pediu para que eu tentasse retirar. Subi no corrimão para atingir a portinhola que ficava um pouco no alto e comecei a forçar o arame que parecia muito bem apertado. Tentei, tentei, mas parece que o nervosismo naquele instante perigoso crucial

para a missão não me deixou utilizar de toda força, até que eu, mais uma vez, pensei em abortar a missão.

G.: “Não dá, vamos descer.”

C.: “Claro que dá!”

Com muito mais habilidade e segurança, Carol, mesmo com sua baixa estatura, deixava claro que o frágil ali era eu, e com toda razão. A única ajuda que dei foi segurar em suas pernas para que tivesse melhor equilíbrio. Com uma força que assustou, ela forçou, forçou, até que o arame pulou fora. Portinhola aberta, subimos para uma saleta escura, sem nenhuma luz. Acendi o celular. Havia outra porta que, esta sim, dava para o terraço de fato. Retiramos uma barra de ferro que segurava a porta, segundo ela, também não presente em sua anterior missão. A princípio, a barra foi colocada para que ninguém que viesse do terraço pudesse conseguir entrar. Quando a porta se abriu, o céu estrelado de uma noite fria paulista se revelava infinito, o vento frio que batia e refrescava aquele suor nervoso serviu de memória. Chãos de telhas, fomos, cuidadosamente, tentando fazer o mínimo de barulho até o parapeito da esquerda. Enquanto ela foi mais adiante e começava a reparar a tinta, sacolejando a garrafa PET, eu sentei na telha, retirei, só então, a câmera da mochila e comecei a filmar o preparo. Ao mesmo tempo, não parava de olhar para os prédios ao lado com medo de que fossemos vistos. Um prédio em especial me preocupava, por estar razoavelmente próximo e por ser maior, ou seja, alguém da janela ou da varanda poderia, com certa atenção, nos ver ali. Poucos minutos depois, antes mesmo de começar a pintar, avistei uma mulher na varanda. Imediatamente apaguei a luz da câmera e ficamos quietos. Felizmente, ela, logo em seguida, retornou ao interior do apartamento.

De repente, um barulho altíssimo. Era óbvio que alguém nos vira e estava abrindo as portas que fechamos. Já era! Carol vendo meu desespero, calmamente sorri e diz: “– É a casa de máquinas do elevador, calma.” Depois disso, mesmo que rindo, pedi: “– Por

favor, Carol, faz isso o mais rápido que puder!” Ainda rindo, ela aceitou: “– Pode deixar!”

Em seguida, ela pede para ficarmos mais quietos e me aponta uma janela acesa atrás de mim que ainda não tinha visto: “– É a casa do zelador, o banheiro, cuidado.” – avisou ela.

Tratei de prestar atenção nas imagens, ângulo de baixo, ângulo de cima, *close* nas mãos, tinta no telhado, rolo na tinta, Carol em primeiro plano e o abismo de 15 andares abaixo de nós. Filmei, inclusive, uma viatura da polícia com a sirene acesa passando, ao menos foi passando, e não parando. Segurando no cabo de aço da borda para me equilibrar, busquei uma imagem vinda de fora do prédio, mas o que mais me causava encanto era ver a cidade de São Paulo sob nós, um horizonte aberto em plena megalópole, ao fundo a torre da Av. Paulista servia de cenário para o corpo de Carol, que esgueirava para fora do prédio na busca de uma melhor posição. Quando já me acalmava, esperando ainda ficar por ali mais um tempo, Carol chega na câmera e diz: “– E aí, gostou?” Surpreendido, perguntei: “– Já acabou?” “Acabei, vem filmando a descida.” De fato, o alcançar o topo e o descer dele parecia mais adrenalizante que nossa permanência ali que, se fosse um pouco maior, seria até mesmo relaxante, diante daquela aparente calma ironia que a cidade insinua para quem pode vê-la de cima, pairando. Abrimos novamente a porta, com todo cuidado, fechamos pusemos de volta a barra de ferro no local, iluminei a segunda porta com a câmera para que ela encontrasse o trinco, abrimos, pés no corrimão, pulamos para a escada, relocalamos o arame, tudo parecia estar intocável. Para nossa tranquilidade, também, as luzes do zelador, antes acesas, haviam-se apagado. Descemos uns dois andares pela escada sem luz, respirações ofegantes, obviamente não era de cansaço. Apertamos o elevador, seu painel não mudava, parecia não funcionar, mas sequer ouvíamos barulho de elevador. Estava parado? Alguém estava segurando? Um barulho de chave abrindo uma porta, luzes do corredor se acendem, resolvemos descer ainda mais por precaução. Chegamos ao sétimo novamente, apertamos e, desta vez, ele chegou até rapidamente. Entramos, ainda com

a câmera na mão:

G.: Missão completa?

C.: Quase, mas tinha que ser um prédio inédito, né? Nesse eu já vim.

G.: Mas, para mim, é inédito.

C.: É, para você é!

Estávamos de volta ao térreo, faltava pouco para o sucesso completo, mas algo ainda iria entrar para a memória, não só minha, mas de Carol também. Com a porta eletrônica fechada, Carol grita pelo porteiro com um inusitado:

C.: Amor! Amor!

P.: Ô menina, você pequena assim, não vai ter voz para me gritar não. Você parece até a minha mãe, ela é baixinha assim como você.

C.: É mesmo?!

E quando eu pensava, ótimo, vamos logo embora, ela ainda diz:

C.: Esse porteiro aqui é muito sangue bom. Filma ele aqui.

P.: Isso eu sou mesmo!"

Os dois ainda se abraçaram e fizeram pose para a minha câmera. Eu, sem jeito, sem saber o que dizer do porquê de estar filmando, o que, na verdade nem precisava ser explicado, afinal, ele estava sendo simpático e topando, disse uma frase que deixava clara minha condição inexperiente, enrolado e nervoso:

G.: É, a gente está filmando aí...

E antes de irmos embora, ainda deu tempo para:

C.: Então tchau! Fica com Deus!

P.: Já vai embora mesmo? Quando vai voltar aí?

Acostumada à adrenalina, naquele mesmo momento, ela ainda tem capacidade de criar em ironia:

305

C.: Não, não, eu já volto. Vou dormir aí hoje.

Peguei no braço dela, segurando ao mesmo tempo o riso e a vontade de sair pulando, gritando pelas ruas na madrugada. Uma vontade imensa de extravasar, de ocupar o mundo inteiro com meus movimentos e meus gritos, mas ainda não era possível, o porteiro acharia estranho, era preciso manter a compostura, estávamos saindo com sucesso total. Chegamos ao bar, Marcelo já estava no caixa pagando por um sanduíche que havia comido. Ele também manteve a seriedade e não fez alarde ao nos ver, mesmo que nossos semblantes não escondessem que algo de inédito havia ocorrido. Como crianças que descobriram algo tão óbvio, parecíamos flutuar, ao menos eu me sentia assim, e fomos ainda até o outro lado do prédio para avistar, agora lá de baixo, misturados à cidade, perdíveis, a obra de Caroline, na qual também me via.

Caroline deveria, então, seguir para sua casa, enquanto eu e Marcelo voltaríamos ao hotel por outro lado, por outro caminho. Nos despedimos, um até amanhã. Nem preciso dizer que, naquela noite, graças à minha excitação com tudo aquilo e com a empolgação do Marcelo após saber de cada detalhe e, claro, de cada imagem, saímos pela noite paulista e, para ser bem comportado, experimentamos uma série de novos *drinks*, alcoólicos, obviamente. E, enquanto alguns artistas, quando da sua prisão, se sensibilizaram, promoveram abaixo-assinados e caminhadas em favor de Carol, o que não é ruim, mas também pouca ajuda, minha maneira de defendê-la, de apoiá-la, tinha sido ali escolhida na hora, digamos que foi menos burguesa, criminalizei junto, afinal de contas, assinar um abaixo-assinado e pronto pode soar como “ela está errada, piXou, mas não merecia tamanho castigo”, discurso incompatível com minha pesquisa não em vivo contato, mas em eXtrema mistura. “— Continue piXando, não deixe isso te curvar, mas não seja pega novamente, seja sagaz, escape!”. Como conduzir uma pesquisa com este discurso? Só há uma saída que eu quase não segui por total medo, criminalizar junto. Que eXXXXXXXXXXXXperiência!

Ainda sobre meu envolvimento com Carol, vale a pena, para finalizar este capítulo sobre o documentário, contar como foi nossa atuação na audiência dela. Antes mesmo de viajarmos, entrei em contato com o seu advogado, o Sr. Augusto, via e-mail, perguntando se havia a chance de não só assistir a audiência, como também filmá-la, usando como justificativa minha condição de pesquisador, mestrando de uma instituição pública bem conceituada. O advogado achava difícil que conseguíssemos filmar, uma vez que, segundo ele, a juíza que estava conduzindo o caso era bastante rígida, ruim de jogo, mas que assistir seria mais fácil, uma vez que, em tese, a audiência seria pública. Bem, como tentativa de convencer a juíza, propus ao advogado que eu escrevesse uma carta formal solicitando tal pedido a ela. Ele não só concordou como me encorajou a fazê-la, se propondo, inclusive, ele mesmo a protocolar a carta. Foi o que fiz:

Solicitação de Autorização para Filmagem

Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 2009.

Excelentíssima Senhora Juíza Márcia Tessitori,

Meu nome é Gustavo Rebelo Coelho de Oliveira e como estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd), vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tendo como título de pesquisa “Jovens eXtremos: há saberes no vácuo”, a qual é financiada pela agência de fomento à pesquisa, o CNPQ; peço, por meio desta carta, autorização para filmar a audiência que acontecerá dia 17 de fevereiro deste ano, onde estará em julgamento a ação de uma série de jovens, em especial de Caroline Pivetta da Mota, ocorrida no dia 26 de outubro do ano passado, no segundo andar do pavilhão da Bienal de São Paulo.

Como minha pesquisa se baseia muito no que se convencionou chamar, no meio acadêmico, de antropologia urbana, em especial com produções juvenis indisciplinadas, cujo cenário seja a metrópole comunicacional, a pichação ganhou papel protagonista, uma vez que é, a meu ver, um elemento muito significativo e importante para se pensarem as novas características das metrópoles. Importância evidente quando se percebe que o fenômeno não é exclusividade brasileira, mas já acontece há mais de duas décadas nas maiores cidades do mundo e, até mesmo, nas nem tão grandes assim. Neste caso em especial, o impacto é ainda mais interessante para mim como pesquisador da humanidade, uma vez que põe em cheque, uma série de regimes de verdade, aos quais, grande parte dos discursos da arte estão amparados, e, por isso, tornou-se um arsenal de possibilidades de pensamentos e discussões no meu campo de pesquisa, ou seja, das ciências humanas, da comunicação, da arte e da antropologia. Até mesmo por isso, apesar de ser carioca e residir no Rio de Janeiro, venho acompanhando bem de perto estes últimos acontecimentos da pichação paulista.

Em suma, meu interesse em filmar esta audiência se dá por dois motivos. Primeiro,

307

pois, influenciado por Michel Foucault, em especial por seus Vigiar e Punir, A Ordem do Discurso e A História da Loucura, acredito que o estudo minucioso do discurso no campo do direito e do julgamento é um histórico manancial interminável para quem se interessa por este tipo de pesquisa humana. Somando-se a isso, como segundo motivo, o fato de a facilidade do uso atual da filmagem, da captação imagética, da câmeradocumentário permitir potencializar o citado estudo do discurso, uma vez que o vincula ainda mais intimamente àquilo que jamais está desatrelado – seu cenário semiótico, importantíssimo na pesquisa contemporânea do acontecimento antropológico.

Reafirmando esta audiência do dia 17 de fevereiro como um incrível e imensurável material para minha pesquisa, desejo imensamente sua compreensão e a consequente autorização para esta filmagem destinada, exclusivamente, em todos os seus fins, ao projeto de pesquisa vinculado à UERJ - “Jovens eXtremos: há saberes no vácuo”.

Certo de sua compreensão,

Gustavo Coelho

Bem, como já se podia esperar, esse “certo de sua compreensão” parou na minha ingenuidade. Segundo o advogado, a juíza negou o pedido justificando que na sala teriam outras pessoas e que o direito da imagem delas deveria ser preservado. Como eu, de certa forma, já esperava por esta negação, ao menos, como a audiência era pública eu estaria lá dentro vendo tudo. Não foi muito bem o que aconteceu.

Chegando ao fórum criminal, encontrei o Sr. Augusto na porta, como combinado, o qual me aconselhou a entrar normalmente, como todo mundo e caso já lá na entrada para a 4ª vara eu fosse impedido por não ter meu nome na lista, que eu o aguardasse. Chegando à entrada da vara, o lugar onde estaria o “porteiro” que controlaria a entrada estava desocupado, vazio. Eu e Marcelo, então, entramos, obviamente. Quando Sr. Augusto chegou, perguntou se tinha dado tudo certo, fiz que sim e ficamos ali, aguardando que nos chamassem para entrar na sala de audiências. Para não ficarmos ali muito visíveis, dando sopa, podendo, quem sabe, por algum desconforto, sermos convidados a sair, ficamos meio que escondidos logo na sala das testemunhas de acusação. Na verdade, entramos sem saber, mas, quando o advogado, a artista, os seguranças, todos vinculados à Fundação Bial começaram a entrar na nossa sala, percebemos, mas, para nosso interesse, ficamos ali, quietinhos, de ouvidos atentos ao que eles conversavam. De todo modo, nada de muito relevante foi escutado, mas duas situações valem ser publicadas. A primeira aconteceu quando, em certo momento, nem a artista nem o advogado estavam por ali, apenas os

seguranças. Então, um comentou com o outro: “– Cara, se não tivessem me obrigado, eu nunca que viria aqui perder meu dia para isso.” A segunda situação foi com a gente mesmo, quando a artista que, por engano, estava na sala junto à Caroline e sua mãe, chegou comentando: “– Nossa que bom estar aqui, que clima estava naquela sala e eu tendo que fazer comentários do tipo: ‘está calor, né?’” Enquanto isso, nós dois só nos olhávamos e semi-riamos, até que, logo em seguida a este comentário, ela nos pergunta: “– E vocês, são testemunhas também?” Respondemos que não, que estávamos ali apenas acompanhando, mas ela retrucou: “– Mas são da acusação também?” Marcelo me surpreendendo, nem dando tempo de ela terminar a pergunta já rebateu, inclusive, com um tom de voz seguro, forte: “– Não, de defesa!” Ela se limitou a dizer, flagrando certo desconforto com sua posição: “– Ah, ta.”

Depois disso, saímos de lá e fomos direto para a sala onde estavam Caroline e sua mãe, a senhora Rosemari, com a qual já havia conversado via MSN e orkut, uma vez que meu já dito íntimo contato com Caroline, mesmo antes de conhecê-la pessoalmente, a fez me apresentar a sua mãe virtualmente. Chegando à sala, falamos o que havíamos apenas ouvido na sala ao lado e ficamos lá rindo disso, tentando, também, de alguma maneira acalmar principalmente a dona Rosemari, uma vez que Carol parecia, até certo ponto, bem relaxada e resolvida quanto àquilo tudo, apesar de um tanto apreensiva por saber que teria que falar em juízo. Foi naquela sala, também, que Caroline, ao perceber o quanto estava em dando bem com sua mãe, contou para ela o que havíamos feito juntos. Primeiramente, a mãe fez uma cara de assombro, mas comecei a conversar sobre a piXaçãO no tom deste trabalho aqui e, ao final de tudo, mesmo sabendo de minha aventura com sua filha, chegou a me deixar um depoimento via orkut que dizia: *“Oi!! Espero que estejas bem!!!! Sei que nos vimos apenas uma vez, mas me deixaste uma ótima impressão. Assim, por conta disso, desejo que sejas abençoado constantemente, em tua caminhada, mas especialmente hoje.*

Que Deus te ampare segundo teu mérito e tua necessidade e que tenhas sempre saúde, harmonia e muito boa vontade em tudo que fizeres, para que o sucesso também faça parte de tua vida! Grande abraço!!!!”

Antes de a audiência começar, fomos informados que nem mesmo assisti-la seria permitido, sob a desculpa de que a sala era pequena, não comportaria a gente, além de que, se nos deixassem entrar, teriam que deixar também os jornalistas. Bem, me parecia estranho, uma vez que, se, de fato, a audiência é pública, o tamanho de sua sala passa por cima de sua condição pública? Torna-se impedimento? Se a sala não comporta uma audiência pública, o que fazer para que a coisa continue sendo legal? Impedir a sua publicização ou mudar para uma sala maior? De todo modo, perguntei à secretária da vara se todas as audiências que tinham ali impediam assim a sua publicidade ou se era algo especial daquela, e não é que ela, honestamente, sem titubear disse: “– Você tem razão, só está acontecendo nessa.” Sendo sincero, me deu muita vontade de invadir, mas eu sabia que aquele ato, vide minha simpatia com Caroline, poderia submetê-la a uma posição de ainda maior fragilidade e risco do que a que ela já estava, portanto, resolvi me acalmar. Mesmo assim, algo ainda me tiraria do sério. Logo depois que Caroline foi chamada até a sala para ser interrogada, sua mãe quis beber água, mas o bebedouro ficava apenas do lado de fora da vara. Na inocência, ela foi, mas, quando voltou, foi impedida de entrar pelo porteiro que, naquele momento, já ocupava seu lugar e permitia ou não a entrada de pessoas ali, paradoxalmente, um lugar legalmente público. Quando vi que ela chorava na porta querendo entrar para estar, de certa forma, mais próxima à sua filha, aí sim fiquei enraivecido. Fui tirar satisfação com porteiro, justificando que aquele lugar era público, se ele não sabia disso e por que ele impedia ela e não me impedia. Ele só sabia dizer que eu tinha que ficar quieto, que ele não queria se estressar comigo. Pois bem, na porta da audiência, havia dois policiais militares, fui até eles e perguntei: “– Este espaço aqui é público, certo?” E um

dele prontamente me respondeu: “– Sim, o senhor tem toda razão.” Aproveitei e emendei a anterior dúvida: “– E a audiência, também é?” E ele repetiu: “– Sim, senhor.” Continuei perigando: “– Então, se eu resolver entrar, o senhor não vai-me impedir, certo?” Mais uma vez ele me encorajou: “– Sem problemas, o senhor pode entrar, é claro.” Então, pus a mão na maçaneta, abri a porta e visualizei a sala toda por poucos segundos. Não queria atrapalhar, apenas entrei e disse: “– Augusto, expulsaram a mãe da Carol daqui, cara!” Ele me mandou um sinal de positivo com o polegar, indicando que estava tudo bem e que, a meu ver, podíamos, ao menos naquele momento, ficarmos tranquilos. Quando Carol soube que sua mãe estava chorando por não poder estar mais lá, ela se transformou, chorando inclusive de raiva, chegando a dizer bem alto: “– Quem foi que fez minha mãe chorar? Podem até me fazer chorar, mas com a minha mãe nego não vai mexer!” Como percebi que, se ela perdesse a compostura, aquilo poderia testemunhar contra ela, eu, Marcelo e, em seguida, o assistente do Sr. Augusto passamos a acalmá-la. Este último, inclusive, alegando que tínhamos que ficar calmos, pois tudo estava caminhando muito bem, em breve aquilo tudo iria acabar. Logo que acabou, portanto, solicitei à secretária que ela pedisse à juíza, que fizesse um documento oficial afirmando as justificativas por ter negado a nossa presença na audiência. Surpreso, mas nem tanto, fiquei quando a secretária, constrangida, veio me dizer que a juíza pediu para me informar que se negava a fazer tal documento.

Ao final da audiência, cujos detalhes já trabalhei acima a partir de seus documentos escritos, me despedi de Carol, marcamos de nos encontrar à noite e ela saiu por alguma saída alternativa, em carona com uma conhecida do seu advogado. Antes de sairmos de lá, fomos até a diretora da vara para fazer uma reclamação e esclarecermos se, de fato, as audiências são públicas. Segundo ela, em suas palavras, “– Não são tão públicas assim.” O que seria algo legalmente “não tão” público assim? Como justificativa ela disse que aquele fórum não tinha auditório, o que para mim, significa que possíveis limites de espaço

valem mais do que a lei que publiciza a audiência judicial. Comuniquei a ela, também, sobre a negação dada pela juíza em produzir o documento pedido, e ela confirmou que ela não tem obrigação alguma de produzir este tipo de ofício.

Sáímos da vara, encontramos com Rosemari e mais duas amigas no *hall* de entrada do fórum. De lá de dentro, já avistamos o Sr. Augusto dando entrevista para uma série de jornalistas em frente à portaria de entrada. Fomos, então, saindo e tentando camuflar a dona Rosemari que, com toda razão, não queria ser reconhecida, não queria passar pelas penosas perguntas jornalísticas que não ajudariam em nada a sua filha, pelo contrário, a exporia ainda mais. Pusemos o chapéu larguinho de lã de sua amiga na cabeça dela e, lá de dentro, traçamos um caminho por onde a fuga fosse mais fácil. Ela saiu, portanto, abraçada à amiga, pelo lado direito dos jornalistas, que sequer a viram.

Sr. Augusto ainda respondia algumas perguntas quando nos aproximamos dele. Deu tempo, então, de ouvir uma bela resposta a uma pergunta que revela bem a milimétrica capacidade intelectual do jornalista que a fez. “– Ela, em algum momento, se mostrou arrependida?” Augusto rebateu com certa dureza misturada com beleza: “– Você já viu algum artista se arrepender de sua obra?” Estávamos ali naquele bolo de jornalistas, também com uma câmera na mão, quando um deles, talvez me julgando conhecido de Caroline pela minha proximidade com Augusto e, também pelo meu braço tatuado perguntou: “– Você sabe por onde a Caroline saiu?” Poderia ter respondido com mais ironia, mas, na hora, não fui tão criativo e disse um simples e seguro “– Não”. Fiquei por ali e escutei este mesmo jornalista conversando com seu amigo câmera:

Jornalista: Pô, o cara vai ficar puto com a gente, não conseguimos imagens dela.

Câmera: Fica tranquilo cara, ninguém conseguiu.

Imagina só, se eles soubessem que, no HD da câmera que estava em minhas mãos,

tinha armazenado não só cerca de 40 minutos de conversa com ela, mas também, minha ação junto dela, o que seriam capazes de fazer por este material. Lembrando ainda que, no dia anterior à audiência, Caroline disse ter recebido uma oferta de um jornalista televisivo, oferecendo mil reais para que ela deixasse ser filmada em ação. Agora, imaginem o poder de uma imagem dela em ação um dia antes da audiência. Ganhar mil reais para baixar a guarda? Para dar armas nas mãos de quem, fatalmente, as usaria contra ela? Cara de otária? Mesmo passando um aperto danado, habilmente, ela não se encantou por tão pouco, afinal de contas, quanto vale a sua obra?

Finalizando nossa estadia em São Paulo, no último dia, ainda passeamos com ela por vários lugares alternativos, sempre com uma cerveja à mão. Paramos, então, em um bar, justamente na mesma rua do prédio que filmamos juntos, e passamos um bom tempo conversando sobre uma série de assuntos, inclusive sobre seu tempo dentro da cadeia, suas angústias. Agora, se ela não quis falar sobre isso quando a entrevistamos com a câmera ligada, mas se abriu intimamente em uma conversa de botequim, não pensem que terei aqui, o descolamento e a frieza jornalística de publicar tudo o que ela me disse. Pesquisa misturada não é simples documentação, não é caça de material, não é medida pela quantidade de achados, mas pela densidade da experiência de vida, ou melhor, nem é mensurável. A vida ainda nos gruda. Poderia nem falar nada, mas, ao simplesmente indicar aqui uma intensificação de nossa intimidade, não indo além, parando por aí, deixo evidente essa responsabilidade e a condição nada completa de tudo o que aqui possa ter sido ou ainda ser escrito-filmado.

8.. 0 dia em que piXadores invadiram a UERJ

Seria bom se a palavra “invadiram” estivesse sem aspas, seria mais potente, mas, de todo modo, não atingiria a ideia da abertura de um espaço para conversa, uma vez que tal ato seria visto imediatamente, sem a menor sombra de dúvidas (vocês têm alguma?), como mais uma prova não só da sua criminalidade, mas da nossa justificativa, mais uma vez, evidente, em exterminá-los. Desta maneira, resolvi propor ao Paulo o que eu já tinha total certeza que ele toparia, afinal de contas foi suficientemente corajoso para não atrapalhar minhas aventuras e os riscos corridos durante esta pesquisa, este seria apenas mais um, e, com certeza, um dos mais fracos. Fraco perante o risco à vida física, porém potentíssimo se pensarmos o quão inédito isso pode ser, o quanto levei ao eXtremo a experiência de pôr em convívio lógicas de pensamentos, formas de conhecimento e processos de identidade tão – aparentemente – diferentes, ou, sendo mais enfático, tão incompatíveis à primeira vista. Onde já se viu um piXador, ou melhor cinco piXadores e uma piXadora serem convidados para participarem de um encontro acadêmico, de um grupo de pesquisa reconhecido pela Capes, CNPq e afins? Deveriam convidar pós-doutores ou não? Mas vocês convidaram grafiteiros, né? Não! PiXadores mesmo, daqueles que riscam tudo e você não compreende nada, sabe? Mas o que esse bando tem a dizer de interessante? Onde a universidade vai parar? A Capes deveria saber disso!

Com a ideia dada ao Paulo, prontamente aceita com uma empolgação evidente, alimentei ainda mais meu ânimo e coragem para tornar este acontecimento, de fato, real. Imagina o quanto perderia um orientador medroso? Uma pena, posso ser grosseiro e leviano, mas, pelo cheiro que sinto em alguns corredores, me parece que são maioria. De todo modo, isso pode estar também a nosso favor, assim, a coragem eXtrema torna-se rara, própria dos melhores vinhos, ou para homenageá-lo mais uma vez, Paulo, daquelas cacha-

ças paraibanas perigosíssimas que, para você, não passam de inofensivo cotidiano (se é que existe cotidiano inofensivo).

Chega de bajulação, afinal de contas estas sérias linhas de dissertação não são espaço para isso, só naquelas primeiras páginas entre uma folha em branco e outra – os agradecimentos (certo, configuradores?).

Retomando, assim, sem deletar o que deveria ter sido para tornar o texto mais conciso, comecei a entrar em contato com o pessoal que eu tinha maior proximidade, intimidade e confiança. Comecei o convite ainda meio medindo as palavras com medo que eles se assustassem com a proposta, mas, de fato, eu estava enganado, acho que só se espantariam se conhecessem, de fato, a academia. Neste sentido, como o poder acadêmico não tem lugar algum na vida deles, o seu significado se dilui e, assim, os convites foram todos aceitos de imediato, demonstrando, inclusive, uma forte vontade de se jogar mesmo, de se pôr à prova, em conversa. Era evidente também a confiança que tiveram em mim, e isso era de fundamental importância para minha posição de ponte naquele momento. Como prova de afeto, simpatia e em resposta pela confiança depositada em mim que, mesmo não comentada, ficava cada vez mais evidente, eu seria como um sentinela naquele encontro, como um guarda-costas, era preciso estar eXtremamente atento a todos os discursos, especialmente as inevitáveis reduções e simplificações tão comuns nestas situações de incompreensão.

Aos poucos, foram todos confirmando presença, menos o Nuno, uma vez que o horário do encontro o impediria de trabalhar. Portanto, inclusive como pôde ser visto anteriormente em uma postagem no *fotolog*, Runk, Tokaya, Tatá e Nath confirmaram presença, mas como isso de manter o previsto, de pedir permissão não é muito a deles, a Nath trouxe, por conta dela, mais dois piXadores ali das redondezas da UERJ, o JJ e o Tigre, logicamente, super bem recebidos também. Ingenuidade a minha esperar que tudo fosse

como combinado, ainda bem que não foi. Cheguei, portanto, alguns minutos antes ao local combinado (na frente mesmo da UERJ), logo depois chegou o Tokaya (grande tricolor, como eu e... meu orientador! Já ia esquecendo!), e já chegou perguntando se eu estava com a câmera fotográfica em mãos, por sorte, por metodologia ou por filosofia, de fato, eu estava.

– Tenho um topo bem aqui em frente, junto ao nome do Vinga. Fotografa lá para mim.

Como tínhamos um tempo e era bem ali na frente, atravessamos a rua até o canteiro central e, de lá, fiz umas 3 ou 4 fotos.



No topo, já meio apagado, o nome do VINGA, e, logo abaixo, os de Bola, Tokaya e Tas.

Retornamos ao local indicado e ficou prometido que eu enviaria por e-mail para ele assim que desse – promessa cumprida no dia seguinte. Com um mínimo atraso mais que normal para quem anda olhando em diagonal, apontando e lembrando de seus amigos e aventuras, chega Nath com seus dois convidados e me pergunta, creio que já sabendo da resposta afirmativa se eles também podem participar – alguma dúvida? Logo em seguida chega Runk, à primeira vista com um ar mais misterioso, sombrio, talvez com certa timidez misturada a uma – plenamente justificável – desconfiança. O tempo passava e nada de

o Tatá aparecer, liguei para ele e, por alguns outros problemas, ele chegaria meia-hora atrasado, estava ainda em Bonsucesso, no ônibus. Resolvemos subir, começar a conversa e deixar que o Tatá entrasse no meio mesmo, pedi para que ele me ligasse assim que chegasse.

Durante o caminho até a entrada, Runk me confessou que tinha uma certa relação com UERJ. Quando tinha uns 14 anos de idade, havia trabalhado como funcionário da UERJ, no NUSEG.

– Fazendo o que Runk?

– Ah, tudo, entregando documento, tirando xérox, qualquer coisa. Tenho um grande sonho de piXar isso aqui, e olha que dá hein!

Neste momento, pensei: “Será que essa galera está pensando em piXar isso aqui logo hoje?” Fiquei num misto de animação, receio e ansiedade, afinal de contas quem os convidou? De todo modo, tal tensão era não só esperada, mas bem-vinda, afinal, como tê-los ali sem nenhuma tensão, seria frustrante. Bem, então pegamos o elevador e começamos a fazer, de um modo mais seguro, o que eles já estão acostumados, ou seja, subir até o 12º andar. Chegamos, começamos a subir a rampa e o visual lá de cima já os encantava, de fato, a UERJ possui uma posição privilegiada e nem se dá conta – de um lado o Maracanã, do outro o Morro da Mangueira, à frente Vila Isabel, Pico do Papagaio e a Serra para Jacarepaguá. Bem, infelizmente tínhamos pouco tempo para curtir a vista, fomos então em direção à sala de reunião do grupo. Devo confessar que, desde o começo da ideia, eu estava eXtremamente receoso quanto à participação e presença do restante do grupo, afinal de contas, apesar das minhas constantes falas que, de certa forma, com algum alcance, já faziam muitos pensarem um pouco diferente o fenômeno da piXaÇÃO, ainda assim, a presença ali, frente a frente, ou melhor, lado a lado com os atores daquela artistagem proibida produziria efeitos de tensão, desconfiança e, talvez, até certo medo,

que não havia como eu calcular ou prever. Isso, na minha cabeça, poderia tanto atraí-los, afinal seria uma experiência inédita, como afugentá-los, acovardá-los, uma vez que, muitas vezes é natural que evitemos encontros com este grau de desconforto. Bem, assim que cheguei ao corredor, só avistei Paulo. Pronto, meu receio se concretizara, seria um encontro só entre mim, Paulo e a galera do Xarpi, ou seja, um tremendo fracasso, vergonhoso. Para meu alívio, isso durou pouco, assim que cheguei perto, já avistei o restante do pessoal que, a meu ver, estavam juntos em outra sala ou algo assim. Após a sempre calorosa e simpática recepção do Paulo, fomos entrando e ocupando nossos locais naquela mesa meio quadrada, meio redonda. Estavam presentes, além de mim, Paulo e a galera do Xarpi – Paula, Cleonice, Ney, Winston, Andréa, Brown, Melissa, Bruno e mais alguns que minha memória acabou vacilando. Assim que entramos, já liguei meu gravador de som. Na verdade, meu desejo era filmar, mas já sabia que não seria possível, uma vez que, no convite feito semanas antes, pedi a eles permissão para filmagem, o que causou um certo desconforto, especialmente no Runk, preferindo não permitir. Sem problemas, meses depois, afetos e confianças mais estabelecidos, eu conseguiria imagens sensacionais...

Runk e Tokaya estavam de boné e, assim que se sentaram e as demais pessoas começaram a entrar na sala, como reflexo daquela tensão inicial, do encontro forçado entre diferenças e lógicas eXtremamente diversas, abaixaram as abas de seus bonés, aproximando, ao mesmo tempo o pescoço do peito, cobrindo quase toda a face, permitindo a nós enxergar, basicamente, em meio a sombras, as suas bocas. Tal gesto, ao mesmo tempo que refletia os medos e agonias, também os alimentava, os potencializava. De todo modo, os únicos que se espantaram com aquilo fomos nós, enquanto o restante da galera do Xarpi sem boné começou a rir deles e a zoar – Coé Tokaya, tá com medo? Por debaixo dos bonés, em meio àquela sombra, o que se podia ver era um sorriso, uma risada, aliada a um balançar de tronco, um riso contido, mas irrefreável. Em meio àquela figura que causava

certo espanto, toda coberta em tons escuros, rosto quase totalmente escondido em sombra, que aumentava as distâncias, seus sorrisos, sua incapacidade em manter a seriedade, o barulho contido de suas risadas flagravam sua humanidade, nossa proximidade frente ao diferente, o desconforto que não era só dele, mas nosso também. Era o momento de pôr a metodologia-filosofia em prova.

Ainda com os bonés abaixados, antes mesmo de a conversa começar de fato, o amigo Winston retira da bolsa sua câmera de filmagem, imediatamente, em respeito ao que combinei com o Runk, fui até ele e comuniquei o que eu havia combinado com a galera. Pedido feito, pedido aceito, lá fomos nós mergulhar na conversa.

Comecei pedindo a palavra, afinal de contas, meu papel ali, como ponte, era justamente este de estar atento às falas e tentar, de alguma maneira, intervir para que a conversa acontecesse, não no sentido de manter a harmonia e o clima ameno, a meu ver empobrecedor de encontros assim, muito pelo contrário, justamente de animar, de dar vida às tensões. Em outras palavras, tornando o encontro perigoso para quem chegasse nele com pensamentos já previamente bem construídos, estáticos. Mesmo que saíssem daquela sala com o mesmo pensamento que entraram, mas que, a partir de então, ao reafirmá-lo, histórias e momentos daquele dia viessem à mente, pondo em risco a segurança do discurso.

– Antes de qualquer coisa, este encontro é super significativo para mim, uma vez que, estamos aqui semanalmente no grupo sempre falando em respeitar o outro, em legitimar o que o outro diz, em conviver com outras lógicas de pensamento e de conhecimento, mas tudo é muito confortável quando falamos somente entre nós que, apesar de sermos diferentes (e como!), em certa medida, não alcançamos o eXtremo da diferença de lógica, afinal de contas, quem aqui, apesar de todo o peso e cafonice que ela tem, não quer seguir uma carreira acadêmica? Portanto, hoje, com certa audácia e coragem, ou melhor, com toda saúde, convidei essa galera do Xarpíi tão criminalizada, violentada e marginalizada não só para que conheçamos a experiência de vida deste pessoal, mas para que ponhamos em risco nossas lógicas, para que flagremos a incapacidade, a incompletude e os vacilos de nossos discursos tão bonzinhos

de igualdade. E não só isso, é preciso marcar também este dia, mantendo a sua proporção micro, como uma atividade, uma ação que, em certa medida, rasga os muros da universidade, amplia seu alcance, mostra sua urbanidade, o, mesmo ainda quase apagado, poder de promover o imprevisível, ao passo que também a põe em risco, risco de tornar-se conhecida – talvez o maior risco para sua grandiosidade. Quanto perigo!

Após minha fala, propus que, quem se achasse confortável, começasse a apresentar o Xarpi para “nós”, cujo contato com esta cultura, fora as óbvias relações urbanas, na maioria das vezes superficiais, se limitava ao que eu já havia dito durante os outros encontros. Tokaya (ainda com o boné abaixado) tomou a palavra e se preocupou, basicamente, em retirar do Xarpi o peso de ser uma cultura de “moleque revoltado”, de “marginal”.

– O pessoal pensa que piXador é só aqueles moleques da favela, revoltado. E hoje em dia, podem ver aí, a maioria tem família, tem casa, tem estudo, tem trabalho, e piXa mesmo porque gosta da arte de ver o nome dele ali espancado na parede. A gente gosta de ter nome mais alto que o do outro, de ter mais nome que o do outro. Então, antigamente o piXador era visto como um cara revoltado, e hoje não, piXa quem gosta mesmo, é cultura mesmo, é diversão.

E completa:

– PiXador é maluco porque gosta de fazer aquela arte ali, mas maluco também tem uma porção por aí e muito pior.

O quanto essa primeira fala, ainda mais tendo sido escolhida como a primeira, como fala de abertura e apresentação, revela um conhecimento de uma lógica de civilidade, cuja legitimidade do discurso só será ouvida ou legitimada caso seja pronunciada por alguém que nem seja revoltado e muito menos um marginal? Não há, portanto, discurso interessante, não há sequer experiência em quem é revoltado, em quem é marginal? Mais uma vez, ousou dizer o quanto se perde! De todo modo, é significativo pensar que este discurso é bem comum a qualquer cultura indisciplinada, fora dos padrões do bem-estar.

Quantas vezes já vimos tatuados skatistas, metaleiros, camelôs dizendo, especialmente em situações em que se encontravam diante de uma pessoa de fora de sua cultura, ou pior, ignorante à sua cultura, muitas vezes jornalistas (se não são, fazem papel de): “– Não somos marginais, as pessoas precisam perceber isso”. Aos meus ouvidos soa como “se fôssemos marginais, vocês tinham todo o direito de nos extirpar deste mundo”. De todo modo, é interessante o conhecimento de que, ao se desvincular da marginalidade, seu discurso passa a ser interessante, ou melhor, legítimo, digno dos ouvidos mais civilizados, digno de aprovações e estudos acadêmicos. Em outras palavras, põem, ao menos, um pezinho na nossa lógica cidadã, e ficamos super satisfeitos com isso! E como! Pode-se até escutar um suspiro de alívio. Não precisamos mais matá-lo. Toleraremos! Mãos limpas!

Tokaya, logo em seguida, fez questão de dizer que, apesar desta busca pelo lugar mais alto e pela maior quantidade de nomes pela cidade, a maior parte dos piXadores acabam virando amigos, mesmo que, em alguns casos, esta rixa ganhe maiores proporções resultando em algumas brigas. De todo modo, as reús, os churras, isso tudo é forte indicativo do caráter agregador desta cultura, da vontade de pertencer e de estar junto. Na época deste encontro, as reús da Penha estavam acontecendo dentro do *shopping* da Penha, na praça de alimentação, local seguro, mas que inibia a ação dos piXadores, afinal de contas, piXar dentro do *shopping* toda semana, no mesmo dia e horário, não seria audácia nem coragem, mas burrice. Brown, então, sem entender muito bem, perguntou justamente isso:

– E aí como é que fazia na hora de fazer a piXaçãO? Era dentro do próprio *shopping*?

– Não, não, no *shopping* é só a réu. Onde as pessoas se reúnem para poder trocar ideias e informações. Beber uma cerveja, confraternizar – disse Runk.

Quando ouvi a palavra “cerveja”, já olhei pro Paulo. Por que será? De imediato ele interpelou:

– Ah, esse negócio de cerveja eu gosto.

Estava quebrado o gelo, Runk não só perdeu o ar sério como, mais que sorriu, gargalhou, e alto. Bonés já uns 2 ou 3 centímetros levantados. Já era possível, quase claramente, avistar seus olhos.

– Inclusive, hoje este encontro quase foi no meu escritório – um barzinho que tem aqui na frente – continuou Paulo.

– Pô! Bem que podia ter sido! – continuou rindo Runk.

– Hoje é terça-feira, e toda terça é dois por um, então, com certeza, depois daqui iremos para lá. Todos estão convidados.

O riso e a gargalhada já não era mais só do Runk, tomou a sala, soava quase como um alívio dos dois lados. Sobrevivemos! Talvez neste som tão primitivo, animalesco nosso, também ressoava a ironia daquele encontro estar tomando um lugar tão aparentemente inapropriado. Uma sala fechada, ar condicionado ligado, corredores vazios (estávamos em greve), e ali uma sensação de encontro ilícito. O que piXadores têm a dizer num/para o ambiente acadêmico? Num programa de pós-graduação em educação? Se ainda fosse em arte! (eu diria, muito menos lá!). O mundo virou de pernas pro ar, “tá tudo dominado”, “é tudo nosso”, “estamos juntos e misturados”. Não deveriam ter este privilégio, diriam alguns, outros, já doutores, os invejariam, gostariam também de ser convidados a dar palestras na UERJ (estes, mais facilmente se incomodariam com gargalhadas durante suas falas). Naquele momento, aquela inversão de lógica, doutores, doutorandos, mestrandos, coordenadores estavam ali, mesmo com a greve, para prestigiar os arteiros, piXadores. Talvez por essa despudorização acadêmica, a sala, os corredores, tudo amplificava aquelas gargalhadas. Era possível sentir uma vibração no chão, a UERJ parecia não conseguir segurar seu riso perante tal constrangimento, em desequilíbrio, a gargalhada, a tremedeira dos corpos reequilibrava a alma. Poucos viram, mas eu juro, ao final do dia, a UERJ, olhada lá de baixo, do ponto de ônibus parecia muito mais bem-humorada, ao menos para

mim.

Antes de continuarmos, Runk pareceu ainda não saber muito bem, ainda, o que era aquele espaço, quem eram aquelas pessoas, o que estávamos fazendo ali. Inteligentemente quis saber, afinal de contas, isso seria importante para segurança de sua cultura, era preciso, ao menos, ter uma ideia de quem eram aqueles que conversavam com ele:

– Isso aqui então é um grupo de estudo que vai resultar, então, em um trabalho acadêmico?

Paulo tomou a palavra e explicou que aquilo era um grupo de pesquisa baseado, grosso modo, no estudo das imagens, mas que cada um tinha um projeto individual relacionado, de alguma maneira, com a imagem, seja ela fotografada, filmada, desenhada, pintada. O assunto Xarpi, portanto, ficou claro que era um projeto meu, mas que o grupo servia como uma maneira de discussão, de troca de ideias e que, por isso, os convidei, afinal, me parece urgente nos pôr em conversas assim arriscadas, ainda mais com quem vivencia e é ativo no intenso fetiche imagético-comunicacional que, hoje, mais do que nunca, constitui a cidade. Tudo, mais ou menos explicado, parecia que a tensão já havia diminuído de todos os lados, as cadeiras pareciam até mais confortáveis que há 10 minutos atrás.

Ney Trevas (tenho inveja deste sobrenome, o que seria de um coelho em meio às trevas?), o matemático do grupo, contou que, no dia anterior, já sabendo sobre o encontro com os piXadores, estava com seu filho no carro, voltando para casa, quando lançou um desafio a ele – contar quantas piXações haviam até a casa deles (um percurso de cerca de 4 minutos). Frente à grande quantidade, tiveram, inclusive, que diminuir a velocidade do carro, alterar a naturalidade e eficácia de seu percurso, da mesma forma como os piXadores em seus passeios e escoltas pela cidade. **(ver p. 92)** Após a contagem chegar a exatamente 232, o filho cansou e disse: “– Pai, são muitas mesmo, então, chega”. Não teve como, os

piXadores riram muito desta proposta, afinal de contas, para eles, é mais que óbvio a impossibilidade de a contagem ser feita – mas ele é matemático. Paulo, a partir desta história, lembrou que, Há alguns meses, estivera em Portugal, numa viagem destas com objetivos acadêmicos (mas nunca só acadêmicos):

– Fiz um passeio de trem de Lisboa até Cascais. Então, nesta linha de trem, de um lado e de outro, são casas, inclusive casas de veraneio, de pessoas com poder aquisitivo alto. Não tem um muro sem uma marca, é impressionante! Nenhum!

Nath, aproveitando a deixa, põe em cena seus conhecimentos de mundo e de Xarpi, atrelada às possibilidades do digital e do virtual. Afinal de contas, principalmente por *fotolog*, ela conhece pessoas de Portugal, Inglaterra, Holanda e nas palavras dela, “até do Marrocos” que fazem e se interessam por isso.

– Lá (na europa) eles chamam de “tag”. Eles se interessam muito por isso. Eu nunca fui para à Europa, mas eu sei o que acontece lá. Londres, Paris. Paris está cheia. Até no Marrocos, com uma cultura tão diferente, você vê.

Mudando de assunto sem nenhuma preocupação em fazer pontes, como a filosofia-metodologia da conversa deve ser, Nath retoma algumas tentativas de definição para a piXaÇÃO.

– O porque é uma coisa do ego né. Você piXa porque... (pequeno silêncio típico de perguntas irrespondíveis)

– Pela aventura também, né? – interrompe ou ajuda Brown.

– É a adrenalina. Você mora num bairro da Zona Sul e vai até a Zona Oeste piXar. Aí alguém chega e comenta – “poxa vi seu nome lá em Bangu.” – e vem outro e diz “poxa, vi teu Xarpi em Copacabana”. Se sente um respeito das pessoas do meio.

– O que ela disse é interessante, a adrenalina. – comenta Tokaya. Muita gente confunde a piXaÇÃO com grafite. Um grafiteiro pode chegar na gente e perguntar: “Vem cá, porque vocês não passam a fazer grafite?” – Bem, não é a mesma coisa a adrenalina. O grafite você pode fazer meio-dia, passar um tempo, todo

mundo passa e ninguém vai te perturbar com nada. Já o Xarpi na madrugada, é uma adrenalina danada e é isso que dá a emoção da parada, sabe qual é? O grande barato é ser ilegal. A maioria dos grafiteiros, se você for perguntar para eles, querem ser piXador cara. Não é o piXador que quer ser grafiteiro, é o inverso.

– Tem grafiteiro que também taca nome. – interrompe Nath. Tipo, está grafitando aí começa a pensar, vou tacar um nome, vou piXar. Tem bastante grafiteiro que também é piXador, e muitos.

E ainda tem gente, educadores de mão cheia, que acreditam piamente no domínio da técnica como maneira de ajudar na domesticação de uma fúria juvenil. E ainda chamam isso de inclusão ou coisas do tipo.

– Tokaya, retomando o que você disse sobre o piXador não ser mais aquele menino revoltado, você acha que isso mudou só para vocês ou você percebe que está mudando para quem está de fora também? Porque a primeira coisa que minha vizinha gritou quando viu o seu muro piXado foi – “devem ser uns revoltados da vida para fazer isso com a casa dos outros!”. – Ney faz a conversa se mover, idas e vindas, sem começo nem fim.

– Não, muda sim. Você vê aí, quando a gente começou a piXar eram só aqueles moleques, os mais ratões do mundo. Eram só os ladrõezinhos da favela, os drogados, os viciados.

Paula resolve interromper, azar o dela:

– Eu tinha essa dúvida, porque eu não via meninos pobres piXando, só rapazes bem alimentados com dinheiro para comprar os melhores *jets*.

Imediatamente Tokaya não a deixa continuar.

– Muito poucos! Na piXaçãO, tem os melhores e os piores. Os melhores, os que subiam mais, os que tinham mais nome, eram sempre os mais ratão, os da favela. Os que não tinham nada a perder, os mais revoltados mesmo. Nem compravam *jet*, roubavam mesmo.

– E antigamente tinha, também, o *desodorjet*. – emendou Nath. Pegava a embalagem do desodorante e colocava uma tinta qualquer, porque a tinta era muito cara. Hoje em dia, uma lata de tinta é 7 reais.

– Hoje, você vai numa loja de tinta, compra 8 latinhas por 50 reais e, porra,

acaba com metade de um bairro – disse Tokaya.

Frente a uma fala destruidora dessas, como se comportar? Talvez o receio de ir contra estes desconhecidos, ou por respeito ao meu trabalho, ou por ficar sem saber o que pensar mesmo, nestes momentos, a única coisa que se ouvia eram mais e mais risos. Não sei dizer muito bem quais risos eram por achar de fato engraçado, por achar constrangedor ou apenas por medo de pôr, honestamente, seus fascismos à mostra. Muitos ali, provavelmente, desejam o fim dos piXadores, com todas as forças, mas, por alguma vaidade acadêmica, continuam sorrindo, talvez isso lhes dê uma chance a mais no doutorado ou no mestrado. Alguns podem até estar aqui, presentes nesta sessão de defesa, batendo palma ao final, me cumprimentando, inclusive. Por isso, prefiro os fascistas honestos, aqueles que, durante as minhas falas, me interrompem e digam: “Mas se for na minha casa, eu meto é bala.” Fico, extremamente puto, minhas veias pulsam, parto pra cima, mas, de todo modo, ao menos assim, são abertas as conversas mais perigosas, as francas, as no limite, as que mais valem a pena. Diferente daqueles que, em estado de pausa, só riem por rir, em invisível defesa, estáticos, fascistas do pior tipo, covardes que só sabem trabalhar em silêncio, camuflados por uma, terrivelmente nefasta, simpatia beata. Agora, dou esta chance a você que, ao ler isso, se identificou, venha falar comigo, interrompa minha defesa, peça a palavra, me incomode, ao menos uma vez!

– Com é que é seu nome mesmo? – perguntou Runk.

– Ney.

– Ney, retomando a sua questão, o piXador é o seguinte, quando ele vai colocar o nome dele em algum lugar, ele não visa assim – ah é a casa, ah é o muro, ele visa a pedra, o tintão, o concreto, a lajota. Não é aquele muro de pedra da casa de não sei quem, é só a pedra. A gente não tem essa visão de ah, é a casa de alguém. Não é para agredir, é uma atração.

Super significativo para mim ele ter atribuído à plataforma, à superfície visual da cidade, o fenômeno da atração, fazendo referência, mais uma vez, ao fetichismo visual

que compõe o grosso de nossa experiência urbana contemporânea, lembrando, também, do conceito de *atrator* de Massimo Canevacci, desenvolvido mais profundamente na **p.55**. De todo modo, não poderia ser Runk o autor deste conceito? E não o foi? A juventude e sua indisciplina mostram, mais uma vez, o quanto ela pode antecipar estudos antropológicos, o quanto ela pode conviver cotidianamente com seus conceitos, sem nem proclamá-los como tal. Tudo é tão óbvio.

Passando batido por isso, uma vez que nos debruçaremos sobre o tema mais adiante, continuando no papo, Runk põe em cena uma nova possibilidade para o entendimento do *Xarpi*, possibilidade esta que o afeta, e, utilizando a mesma palavra, o atrai. O *Xarpi* pode ser, também, alimentado por um possível vício referente ao cheiro da tinta:

– O *Xarpi* também está muito relacionado com o que está dentro da lata que é a tinta. Aquilo ali, pra mim, aquele cheiro da tinta mexe com a gente, entendeu? Com a nossa sensibilidade, aquilo me atrai. Na minha visão, o *Xarpi*, deveria ser tratado como questão de saúde pública porque mexe com a nossa fisiologia, aquele cheiro.

Paula entra em cena novamente:

- Na verdade cria-se uma dependência?
- Pó, é um vício mesmo – responde Runk.

Agora é a vez do Paulo lembrar suas audácias.

– Psicologicamente, a adrenalina vicia mais que o cheiro de tinta. Eu sei porque eu fui alpinista, eu escalava, eu também ia para as alturas. Só não levava a tinta.

Bem, fico pensando, aqui, também, pois sei que Runk, mesmo durante o tempo em que esteve parado, continuou mexendo com *jet* de tinta, uma vez que pintava as letras de sambas enredos de escolas de samba. Isso me faz simpatizar mais com o poder da adrenalina viciante, mesmo entendendo que tudo o que constrói o cenário de um tipo de adrenalina,

se associa a ela, seja o visual para um alpinista, seja o gosto salgado do mar para um surfista ou o cheiro da tinta e o barulho da lata para um piXador, portanto, assim como o conhecimento, mesmo sem qualquer embasamento fisiológico, posso dizer, como quem não quer nada, que os vícios também podem-se dar em rede, e provavelmente têm uma ligação íntima com afetos e memórias.

Paulo, talvez achando este papo fisiológico meio pouco interessante, pediu a palavra e, após dizer que, com a minha pesquisa, estava começando a dar mais atenção a este fenômeno e tinha passado a pensar de maneira diferente, afirmou seu incômodo maior quando via monumentos históricos, patrimônios culturais piXados.

– Inclusive, na Europa, vi muitas piXações, mas pouquíssimos monumentos piXados, pouquíssimos.

Mesmo eu vendo nestes atos contra monumentos e patrimônios fortes indícios super significativos para se pensar até que ponto a cidade nos reflete, até que ponto a história oficial é a nossa ou de todos como se postula, além de como a superfície visual mesmo dos monumentos não deixar de ser um *atrator* repleto de fetichismos visuais, a meninada do Xarpi presente foi enfaticamente contra:

– Isso é de cada – disseram três quase ao mesmo tempo.

– Esse piXador ele está procurando a fama imediata – afirmou Tokaya.

– Mesmo porque, ele sabe que monumento, a prefeitura vai lá e limpa – confirmou Runk.

– Então, quer dizer, ele piXa ali para aparecer logo. Para mim não vale – Tokaya bem seguro. – Esses que piXam monumentos, igrejas, são piXadores babacas, cara. Ele quer piXar, quer aparecer na TV, mas ele é um nada, ele é um merda.

– Assim como tem piXador babaca, tem professor babaca, médico babaca – disse Paulo.

– Tem, pô. Todo lugar tem – Runk.

Após mais um momento de risadas, tive a impressão de que Runk e Tokaya levantaram um pouco mais os bonés, mas pode ter sido só impressão, uma vez que, eu nem estava mais prestando a atenção nisso.

– Então, não é a minha forma de expressão, mas é uma expressão que está aí presente. E muito mais forte hoje do que estive há algum tempo atrás. E pode estar, inclusive, globalizada, ou seja, já está no mundo inteiro. A gente pode até não gostar, mas não dá pra não reconhecer que a coisa existe, que está aí. Não dá pra esconder. Somos nós, a sociedade que estamos um pouco ainda escondendo o trabalho que vocês fazem – contemporizou Paulo.

Parecia que a discussão sobre meninos revoltados e marginais já tinha sido encerrada, mas tal encerramento em conversa aberta jamais pode ser previsto. Desobedientemente, ela retorna sem pedir licença. Runk toma a palavra:

– Se for falar aquela coisa de marginal, mas se formos fazer um paralelo. Eu sei que não tem como comparar uma coisa com a outra, mas se você for analisar, o samba, antigamente, também era só coisa de marginal. Era recriminado, era repudiado. Então, quer dizer, tudo no início é marginalizado, mas, hoje... – foi interrompido pelo Tokaya:

– Como pode uma coisa que tem linguagem própria, organização, internet, rádio, estudos sobre isso e não é considerada cultura, sabe qual é?

Ao menos ela já é tão complexa e forte que não é, nem um pouco, assim como qualquer produção cultural juvenil criada assim, de baixo, dependente desta nomenclatura, desta consideração. Ninguém precisa ter consideração por ela para que ela se sustente e cresça exponencialmente. A prova científica disso? Vá para a rua!

Tatá finalmente chega. Entramos juntos novamente para a sala, ou seja, durante esse tempo todo, eu só fui saber do papo depois que escutei a gravação.

Durante o burburinho da nossa entrada, surge o assunto dos riscos, quais eles correm, a que eles estão sujeitos:

– Acontece de tudo, queda, morte assassinato. Por segurança, polícia, milícia, morador, tem de tudo. Todo mundo está ciente que estamos sujeitos a isso, não é só aquela diversão – lembra bem Runk.

Érica, uma pesquisadora que trabalha com adolescentes especiais e suas produções estéticas, lembra que, no caminho que ela faz até a casa dela todo dia, ela passa por uma comunidade:

– É estrada né, asfalto. Então tem uma empresa, e essa empresa tem o muro todo pintado de bege com umas marcas que não sei como se chamam, escritas “comunidade não picha, preserva”. Daí, depois, tem uma escola e o muro da escola também tem essas marcas, “comunidade não picha, preserva”.

Tokaya curioso ou já sabendo onde era pergunta:

– Onde fica isso?
– Próximo a Irajá.
– Ah! Já sei onde é. Isso geralmente, a empresa usou a influência do tráfico.
– Ah! Então é o tráfico que faz esse controle, não é porque colocaram aquilo ali e todo mundo respeita, então?
– Claro que não, uma placa assim é como se estivesse me chamando: vem e me piXa.

Seria indicativo que era, justamente, em todos estes momentos onde se falava livremente sobre a potência da ação, assim com certa violência – “vem e me piXa”, que as pessoas riam mais alto? Acredito que sim e já meio que falei o porque penso isso.

Érica continuou:

– Eu estou conhecendo esta cultura através do Gustavo, e realmente me incomodou, não tinha nenhuma piXaÇÃO, eu me perguntava, mas gente, ninguém piXou?
– É porque nessa situação, todo mundo sabe, que se piXar vão limpar no dia seguinte – disse Runk.
– É, mas nesse caso é influência do tráfico ali mesmo – reconfirmou Tokaya.

Ainda se ouvia um burburinho sobre este tema, quando Winston pediu a palavra:

– Olha só, de uma maneira, um artista convencional, vamos chamar assim. O sujeito vai lá e pinta um quadro, ele, de alguma maneira, não importa qual, parece que existe a preocupação em comunicar algum tipo de mensagem a partir do que ele pintou ali, né? O sujeito que faz um mural, um grafite, de alguma maneira você uma figuração, uma representação, algum tipo de forma. Aqui mesmo (próximo à UERJ) nas paredes da linha do trem, você vê um montão.

Aproveitando uma tomada de ar do Winston, Tokaya já o interrompeu:

- Depende, e aquele grafiteiro que só sabe escrever o nome dele coloridinho?
- Isso, o bomb – acrescentou Runk.
- É exatamente isso que eu queria perguntar a vocês – retomou Winston. Como é que vocês imaginam, que tipo de impacto vocês imaginam que causa em quem vê? Pensando a produção de vocês como obra de arte.
- O que a gente admira muito é a grafia, os traços. Somos muitos fascinados por isso, por conseguirmos identificar – completou Runk.

Tokaya me parecia um tanto inquieto e aumentou o tom da voz:

- Imagina você subir um prédio de 5 andares por fora, sem grade, bota 30 assinaturas iguaizinhas uma à outra. Se isso não é arte, eu não sei o que é.

Winston tenta dar uma contornada:

- Vocês pensam no impacto de quem vê?
- De quem vai ver? Pra mim, eu não quero saber... – crescendo o ímpeto, Tokaya, agora levanta seu boné sem receio algum, mas sim cheio de confiança.

Até agora, Tatá havia chegado de mansinho, calado, mas, neste momento, ele tomou a palavra, e não será a única vez, muito pelo contrário:

- Já causou impacto, só em hoje, tremendo século XXI, a gente estar aqui, dentro da UERJ sendo convidados por vocês para debater sobre isso. **[Que perspicácia! E ele ainda reformulou a mesma pergunta diretamente para o Winston]** Qual impacto quando você vê isso, você tem? O que você acha? Cada um terá um modo de ver. Ela (apontando para Érica) vai olhar e vai dizer “aquilo ali é uma sujeira”, o outro ali (escolhendo Brown) vai olhar e vai pensar

“esse cara é maluco, é uma aventura”. Cada um verá de uma forma, e o impacto causado é esse, brother!

– Isso que você está falando é legal – interrompe Brown, talvez tentando torná-los mais compreensíveis frente à sua matriz de conhecimento, uma vez que Brown, além de pesquisador, é desenhista.

– Tem uma estética sim, você vê a piXaçãO, quer dizer, eu vejo como arte porque eu vejo que tem um desenho ali na letra, tem uma maneira como se usa o *spray*, se aproxima ou se afasta, são efeitos diferentes. Agora, o que eu acho é o seguinte, isso tem uma relação até com as outras artes visuais, por exemplo, com a programação visual, que hoje utiliza a estética do grafite para fazer algum outro trabalho visual, entendeu? Muitas vezes eu percebo que o grafiteiro – e também o piXador – poderia usar esse conhecimento, essa arte também para produzir, ganhar dinheiro, fazer disso um trabalho.

Uma pena o Brown ter dado essa escorregada, alinhar e, mais do que isso, limitar a noção de produção a de trabalho, quanta força se perde nessa armadilha, mas vale a pena estarmos atentos, vez por outra podemos cair nessa falsificação também. E ele continuou:

– Eu acho que isso é possível, uma vez que o programador visual consegue fazer isso, ele pega a estética do grafite e transforma em outras coisas, por que não o próprio grafiteiro e piXador não poderia?

Tentando tornar a ação desta galera compreensível, enquadrando-as em sua lógica, Brown cometia um equívoco epistemológico, mais do que isso, uma violência. Quem disse que o piXador já não usa suas habilidades, suas percepções em outras atividades? O que, de maneira nenhuma, estará vinculado ao fim de sua ação adrenalizante, muito pelo contrário, a técnica e o trabalho não eliminam a experiência, e muito menos a substitui, ainda mais quando falamos de juventude. Já falei sobre isso em algum outro momento da dissertação, mas estamos cansados de ver na história, especialmente dos últimos dois séculos, estéticas marginalizadas que, quando devidamente enquadradas em uma lógica higiênica, compreensível mediante uma matriz produtivista, trabalhista e financeirista, passa a ser justificável e ainda torna-se, inclusive, carreira de sucesso quando não vira política

pública. O fascismo estético está por toda parte e, volta e meia, se não estamos atentos, caímos nele. Ficava evidente o que falei no começo deste capítulo sobre a capacidade deste encontro pôr em jogo francamente nossa capacidade de convívio e conversa com pessoas que vivenciam e, mais do que isso, artistam em outras lógicas. Nem intervi muito, estava, justamente, a fim de ficar atento, esperto aos micro fascismos que, como disse Foucault, “constitui a amena tirania de nossas vidas cotidianas”.

Sabiamente, Tatá, sem precisar ir ao mundo do trabalho, conseguiu ampliar a nossa noção, muitas vezes tão limitada, como aconteceu na fala do Brown, de produção e de desenvolvimento:

– A piXaçãO como o senhor **[Brown riu, e pediu para deixar de lado a formalidade do senhor]** disse, é um submundo e é uma vida. Para você chegar aqui hoje, você passou pelo jardim de infância, pelo CA, a mesma coisa é a piXaçãO cara. Para alguém alcançar um estilo, ter aquele visual na letra, ele pegou a primeira vez no spray. Eu mesmo não sabia pegar, a primeira vez que peguei, pô, foi tinta na minha cara, eu não sabia qual era o lado do birro. Então, isso vai tendo uma evolução.

Logo depois, Tatá falou sobre suas éticas particulares no mundo da piXaçãO:

– Eu tenho uma conduta comigo, que eu não piXo escola, não piXo cemitério, não piXo denominação religiosa, entendeu? Não sei por que, então, se teu muro é branquinho, eu não vou piXar, a não ser que tu seja um FDP **[ele falou assim mesmo, em siglas, provavelmente pelo peso do local, se fosse no escritório do Paulo, provavelmente sairia um filha da puta, assim ao natural, em forma de brinde talvez]** que me sacaneou aí eu vou lá e vou detonar teu muro.

Mônica, não pela primeira vez, resolve falar. Justamente porque falou-se em casas branquinhas, a meu ver, seu único tema de interesse naquele encontro, obviamente mais que legítimo, afinal, para ela, isso, certamente, tinha um valor alto. Portanto, quando, durante a conversa, surgia algum mínimo elemento que pudesse ajudá-la a criar táticas que diminuíssem o risco de seu muro não ser mais branquinho, ela parecia, de fato, muito

interessada. Mais uma vez, uma única lógica rege os níveis de interesse e as vontades de participação, de fala. Uma hora depois, do que ela se lembraria?

- Peraí, então você falou que se o muro dele **[no fundo ela queria falar do dela]** estiver branquinho, você não vai lá piXar, é isso?
- Não, não vou, porque está na cara que, daqui a uma semana, ele vai limpar, cara **[apesar de ela ser mulher]**. O lance é deixar o mais eterno.
- Então tem um processo de escolha, entre colocar em um muro branco ou em outro que, de repente você saiba que não vai apagar – afirmou Brown.
- Eu prefiro pegar um velhinho...
- Tipo terreno baldio, então? – pergunta Brown.
- É, isso é bom.

Incrível como a beleza, a atração estética para alguns, e não são poucos, está, muitas vezes, onde só vemos pedaços mortos da cidade que, na nossa lógica, deveriam ser restaurados. Que poder de restauração é esse que nem precisa de especialistas em restauro arquitetônico? Para esta meninada, bastou achar alguma forma de beleza naquilo, de reencantamento, para que a vivência daquele reduto aparentemente abandonado fosse ocupada não só por corpos, mas por suas produções estéticas.

Logo após, Paulo puxou um assunto interessante e coerente frente aos interesses de pesquisa e de vida dele. Ampliando, saudavelmente, o que se entende por processo de ensino e aprendizado, Paulo propôs perceber como esta noção se dava na cultura do Xarpi.

- Lembro de um trabalho de etnografia feito pelo Winston com skatistas e ele percebeu como é que era o processo de ensino, que não só havia um código de ética que era passado, então havia, de fato, um sistema de ensino. Algo assim, no Xarpi, rola?
- Você está querendo dizer o que, uma progressão pedagógica? – pergunta Runk, usando muito bem o vocabulário daquele lugar que estávamos.
- É isso – concorda Paulo – estou querendo sacanear vocês também, dizendo que vocês também têm coisas da academia, bicho. **[Bela sacada! Somos todos muito diferentes, mas, em conversa, se percebe o quanto as diferenças podem ser menores que as semelhanças e, frente ao desconhecido, isso causa**

um grande desconforto.]

– Rola, mas é na interação do dia a dia mesmo – responde Runk.

Claro, assim em culturas juvenis não institucionalizadas, me parece que as avaliações e os progressos são menos sistemáticos e mais diluídos, cotidianizados. E continua:

– Às vezes um mais antigo tem afinidade com um mais jovem, chegam pra conversar, trocam uma ideia. De repente o mais velho fala determinada coisa que o jovem vai absorver para ele, o que ele achar que tem de bom ali ele vai absorver, se ele achar que não, vai mais de cada um.

– Quem está começando, procura se espelhar em alguém que já está a mais tempo, entendeu? – indica Tatá – é um submundo, *brother*, o cara é o astro desse submundo, e não é um só, são vários.

– Existe uma idolatria – interrompe Runk.

– Um garoto que começa no futebol, hoje, quer-se espelhar no Robinho, no Ronaldinho. Na piXaçãO é a mesma coisa, só que são outros nomes – retomou Tatá.

Que cultura não valoriza, não perpetua, não lembra seus heróis, seus maiores feitos? Na pedagogia, seria quem? Paulo Freire? Acho até que já falei sobre isso em algum outro momento.

– E quando alguém passa por cima (atropela) um nome desses caras, rola, por exemplo, dar um toque? – pergunta Paulo, com todo cuidado.

– Rola, pô. Chega e diz: *olha, não é bem assim* – continuou Runk – pode, inclusive, rolar uma cobrança. Vai de cada um. Um chega, vai e te agride. Eu não vou agredir ninguém por causa disso, mas uma ideia é válida. Tem cara que já chega agredindo, não conversa. **[Volto a dizer, em qualquer lugar, a conversa pode ser uma metodologia-filosofia de ação e mais que isso, de avaliação.] (ver p. 28)**

– Depende da educação, da idade do cara, entendeu? – continuou Tatá – vocês estão chegando a um ponto aí, veiculando as perguntas realmente para saber se entre nós há violência. Antigamente até tinha, *brother*, mas lance de gangues rivais nunca foi forte, como é para São Paulo e Brasília, lá a chapa esquentada. Aqui no Rio, a piXaçãO, ela entrou num esquema em que ela está unindo classes, cara. Por exemplo, há algum tempo atrás, a juventude, ela convivia com guerra

de torcidas organizadas. Depois teve o lance de lado A e lado B em baile *funk*. Pô, eu nem te conhecia, mas se eu soubesse que tu morava que era lado B, meu cumpadi, eu ia querer te panhar, você ia me panhar. Eu mesmo, nunca participei disso, mas assistia, entendeu? Hoje em dia, aquele cara que era da Força Jovem e o outro que era da Jovem Fla, eles se encontram através da piXaçãO, tomam cerveja juntos, põem nome juntos, rola uma integração.

Runk, mais envolvido em sua juventude com esta cultura das torcidas organizadas, ponderou:

– Mas isso já acontecia.

Winston interrompe a discussão:

– Deixa eu perguntar uma coisa para vocês aqui. Grupos como, por exemplo, skatistas, surfistas, cantores MCs, por mais que, de alguma maneira, em alguns setores, sejam vistos como marginais, marginais não no sentido de praticarem ato ilícito, mas de estarem à margem de um modelo. Mas, ainda assim, as atividade que eles fazem, que eles praticam, são consideradas lícitas, ou seja, não nenhuma restrição legal ao ato do cara cantar *hiphop*, andar de *skate*. No caso da piXaçãO, existe um impedimento por ser crime, uma cultura criminalizada. Vocês percebem algum reflexo disso na produção de vocês? Na hora de piXar, o fato de saber que a todo modo está passível de entrarem em cana, de tomar um sacode, isso reflete no registro de vocês?

– Interfere sim – confirma Runk – eu não vou piXar patrimônio público porque eu sei que se eu for pego, serei preso e não terá apelação. O agravante nesse caso, será a prisão. Se você for pego piXando um muro ou um terreno vazio, isso não vai repercutir tanto.

– Mas de todo modo são crimes – replica Winston.

– São, mas perante o lei, o artigo 163, agrava a situação, entendeu? Ta interferindo, eu não vou pegar ali porque entrarei em cana – continua Runk.

Winston tentando explicar melhor sua pergunta:

– Eu digo assim, no que vocês produzem, no que vocês registram, entendeu?

Mediante o impasse, pedi a palavra:

– Eu acho que a própria piXaÇÃo é muito mais do que o nome no muro...

Runk se anima, sobe a voz e me interrompe:

– É muito mais do que isso, já é comportamento.

E eu continuei:

– É o ato de subir, de andar na madrugada zoando. Eu acho que o nome por ele ser feito com uma única tinta, precisando ser rápido de ser feito por tática de sobrevivência mesmo. Diferente do grafiteiro, que gasta um bom dinheiro com uma enorme variedade de tintas e gasta horas em um mesmo muro. Então, a estética da piXaÇÃo ela acontece em um lugar que é ilícito mesmo, se fosse lícito, seria outra coisa, não existiria a piXaÇÃo como a entendemos hoje.

Ou seja, é óbvio que o fato de ser crime, de ser enquadrado como ilegalidade não só interfere na produção como a torna possível, como é, também, característica constituinte, a constitui, não de fora, mas de seu interior, de sua força produtora mesmo. É só mais uma fonte, mais uma matéria-prima para ser artistada e é por isso, também, que já falei, quer pesquisar e trabalhar com estética? Assuma seus riscos, porque a distância entre o crime e o fazer estética, não existe somos capazes de estetizar, de atribuir significados e de manipular o inestetizável, o insignificável, o imanipulável.

Como mais um flagrante de nossas tentativas vorazes de atribuir àquela produção alguma mensagem codificável mediante nossos códigos, grosso modo, civilizados e produtivos, ou melhor, que, de alguma maneira, mais clara e íntima, flerte com nossas formas mais confortáveis de entendimento e significação, a próxima pergunta de Érica foi interessantíssima:

– Vocês saem para fazer piXaÇÃo, basicamente, que nem é tão básico, é até bem trabalhoso. **[Perspicaz a Érica, uma vez que, muitas vezes, atribuímos às produções fora de nossa lógica, de nosso tipo de racionalidade, a categoria de básica, de fácil, de pouco penosa.]** Fico pensando quantas produções fáceis eu já adorei também e quantas tão complexas, super demoradas

e trabalhosas sequer chamaram minha atenção – é deixar essa marca do nome ou também saem pensando em deixar uma mensagem?

– Aí é, também, uma escolha visual – indica Nath – se você sobe numa marquise para pegar uma janela, às vezes faz um sequência, eu quero colocar uma frase, é evidente. Agora, por exemplo, com horário político, por que não colocar uma frase como “vote nulo”. “Vote nulo” é ótimo. Então, alguém pode olhar pra cima e pensar, pô, o cara fez uma sujeira, mas deixou uma frase ali, por que não?

Tanto a pergunta da Érica, quanto a resposta da Nath são super significativas para se pensar nossa cegueira, ou melhor, nossa capacidade ou incapacidade de enxergar somente aquilo que, para nós, tem certo nível de sentido, atribuindo ao que não conseguimos decodificar, ou a invisibilidade, ou a justificativa para cruéis violências reducionistas. E não só isso se torna interessante, o contrário também, uma vez que, logicamente, os piXadores sabem que seus símbolos, suas marcas, grosso modo, não significam muita coisa para quem não está inserido, de alguma maneira, dentro desta rede de conhecimento, desta cultura. Sendo assim, atribuem às frases um lugar especial, um maior poder de alcance. Por isso, talvez, eu também tenha dado especial atenção neste trabalho, às frases.

(ver p. 129)

Paulo, deixando um pouco de lado o assunto “mensagem” e partindo para o que foi dito sobre política, perguntou se algum político já tinha tentado contratar aquela menina para espalhar pela cidade sua campanha.

– Contratar não, mas tem alguns que já são simpatizantes com a ideia, com o movimento, né? – respondeu Runk, parecendo meio preocupado em dizer nomes.

– Lá no Rio Grande do Sul, tem um cara chamado Tony que usa a piXaçãO – lembra Tatá.

Mas, antes que ele continuasse, Runk e Tokaya se olham e começam a rir, denunciando, provavelmente, alguma relação com algum político. Logo depois, Runk entrega:

– E aí Tokaya, vai falar?

– É que a família 5 estrelas tem um deputado que está apoiando a gente. É simpatizante.

Mais uma vez, por ser impensável um grupo de piXadores ganharem a simpatia de um candidato a deputado, o riso, a gargalhada, especialmente a do Brown, por ser mais alta, ganhou, mais uma vez, o tom da conversa. Nesse momento, acho que nem havia mais bonés por ali.

– Essa semana vai ter um peladão⁵⁹ com churrasco aí que será toda bancada por ele. Até porque, qualquer encontro desses podem ser 500 novos votos, né? – analisou Tokaya.

Lógico que eles não pensam que tal simpatia esteja desvinculada de qualquer relação com a quantidade de votos, mas se é possível ter um churrascão regado e uma pelada bem estruturada com os amigos, porque não usá-lo em nosso favor? Não é mesmo? Afinal de contas, a força da piXaÇÃO e do encontro entre esta menina não tem, nem de longe, qualquer relação com esta tão pouco sedutora, tão pouco encantadora, tão pouco juvenil, tão fora de moda e tão pouco contemporânea política partidária. Azar do deputado que acredita mesmo, que essa galera o terá como grande herói, que lembrará dele daqui a um mês, ou pior, que todos votarão nele, de fato.

– A5★ está dando um passo importantíssimo *brother*, ela está se tornando uma produtora de eventos – lembra Tatá, que nem é da 5 estrelas – do submundo e vou te falar, é muito mais fiel que essa mídia televisiva que tem aí e que é destrutiva. Esse negócio de Faustão ou Gugu, eu mesmo que também tenho uma banda, vou te falar *brother*, nem penso em ir nessas porcarias aí. Podemos pensar os Racionais, que é um grupo de *hiphop* que ta aí, se ele for fazer um *show* ali na esquina, ele não precisa de propaganda na Globo ou no SBT. Isso aí vai de boca em boca e se você não comprar seu ingresso antes, esgota, entendeu?

⁵⁹ Gíria carioca para partidas informais de futebol.

Vale a pena se pensar, de fato, que outras mídias independentes são essas que fazem de um cultura tão criminalizada, tão perseguida, ser, ao mesmo tempo, tão abrangente e ter tantas pessoas, das mais diversas idades, dos mais distantes bairros, e com diferentes situações financeiras, se encontrarem e conviverem.

Winston, mais ou menos nesse tema, voltou a lembrar de sua pesquisa, tentando fazer alguma ponte com o pessoal do Xarpi.

– Nesse trabalho com skatistas, eu acompanhei, durante três meses, aos domingos, aquele pessoal que se reunia ali em baixo do prédio do MEC, no centro da cidade, depois eles iam ali para aquela praça abandonada do fórum, sabem onde eu estou falando? **[Será possível que esses andarilhos não saibam?]** E aí, o que acontece, quando eu cheguei lá, logo de início, o que eu imaginava? Eu imaginava que fosse encontrar, basicamente, garotada, com pouca escolaridade, desempregado, e eu encontrei tudo isso, mas eu encontrei também, e não foram nem 1, nem 2, gente trabalhando, com emprego estável, pai de família, ou seja, gente, entre aspas, “normal” e que estava ali, naquela atividade, entre aspas, “marginalizada”. Um deles, inclusive, num belo dia, eu encontro em uma das minhas turmas do mestrado na PUC, adotava, digamos assim, uma outra identidade. Qual o perfil, hoje, pelo menos no meio onde vocês circulam?

– Para você ver, olha a cara desse menino aqui – Tokaya aponta para JJ – filhinho da mamãe cara e é, hoje, um piXador que está despontando aqui no Rio de Janeiro. Hoje em dia, a piXaÇÃO mudou pra caramba. Tem policial, tem bombeiro, advogado, empresário, músico, tem de tudo.

– Se a gente for analisar, tem outras atividades marginalizadas que tem pessoas de todas as classes, por exemplo, baloeiro – completa Runk. E continua – já é um lance cultura, nunca vai acabar. Nós vamos morrer, nossos filhos virão, nossos netos e sempre vai ter balão.

Seria tão bom se os jornalistas, ao invés de continuarem preguiçosamente viciados em um discurso que, grosso modo, fala em nome da humanidade, passassem a vivê-la. Que tal transformar a linguagem jornalística, baseada, quase sempre, numa voz narradora e, mais do que isso, julgadora, em um discurso/estética documentarista? Será possível que só os piXadores se encantam com uma indústria abandonada? Será possível que só os

baloeiros se arrepiam quando este sobe retinho e ganha a imensidão de um céu urbano? Responsabilidade ambiental? Runk disse bem, isso nunca vai acabar, afinal de contas, cotidiano, estética e cultura convivem muito bem com o que é imperfeito, destruidor, indisciplinado e irresponsável, enquanto o jornalismo, pobre, pobre, pobre, coitado, continua só perdendo. Enquanto postulam ser possuidores de um discurso mais verdadeiro, não passam de ilusórios personagens de uma ficção muito da sem graça. O que resta aos que não conseguem nem mesmo chegar próximo ao nojento, ao imperfeito? Criminalizar, fazer caras e bocas, e ainda se dizer bem educados. Nem vi, mas com certeza no *Youtube*, deve haver vídeos fabulosos não só de *Xarpi*, mas de balão também. Que tal uma proposta de um jornalismo feito somente com vídeos enviados, bem, mas isso eles já fazem, o problema é que, de todo modo, são eles que escolhem. Não só eles, nós também, não é mesmo? Quanto de nossas próprias falas está no discurso jornalístico? Bem, acabei indo ao *Youtube* e procurando alguns vídeos sobre a cultura dos baloeiros, e, logicamente, tem aos montes⁶⁰, inclusive, em um deles, encontrei uma linda poesia de um baloeiro desconhecido:

*Os balões são como nossos filhos,
Nós os fazemos,
Montamos como nossa vida,
Cuidamos o tempo todo,
Protegemos, depois eles se abrem,
E só aí, vemos do que fomos capazes,
Daí, eles sobem, bonitos, vivos, alegres, livres,
E nós ficamos, alegria e lágrimas,
Torcendo para que o vento seja aquele que sempre esperamos
para eles,
Mas eles vão embora, somem de nossas vistas,
E o importante é o que fica registrado nos nossos olhos,
Na nossa mente,
Lá dentro do coração,*

⁶⁰ <http://www.youtube.com/watch?v=TVhI9If4ESY&feature=related> ou <http://www.youtube.com/watch?v=b9g-HrOmrUk&feature=related>

Balões, tem gente que não consegue enxergá-los

(BALOEIRO desconhecido)

Sem perder muito o foco do Xarpi, esta pequena e rápida ligação entre culturas tão criminalizadas vale a pena para, mais uma vez, usarmos, como fez muito bem o poeta anônimo, o olhar, a visualidade como metáforas para se pensar o exercício, a meu ver urgente, de ampliação do alcance de nosso olhar, e aí não mais o olhar somente físico, mas o olhar epistemológico. Urgência ainda mais evidente quando falamos do campo da estética humana, uma vez que ele, mesmo tendo sofrido séculos e séculos, especialmente após o século XVII, de regulação tanto das primeiras teorias aristocráticas de arte, quanto de sua reelaboração por parte da burguesia, carrega em si, ainda assim, uma capacidade impressionante de utilização de qualquer material cotidiano, mesmo os mais desconfortantes como a indisciplina e a desobediência. Sendo assim, reafirmo, nem mesmo o *status* de crime pode ser mais obstáculo para nossas curiosidades, ou melhor, deve ser até mesmo impulsionador, afinal de contas, são estas as que mais “tem gente que não consegue enxergar”.

Tatá continuou, talvez dando uma alfinetada em Winston:

– E skate, maluco, tem que ver que skate, hoje em dia, já é um esporte radical, cara, patrocinado pela Red Bull. **[Neste momento, nem tem como não lembrar de uma letra do Leonel que, reelaborando ironicamente o slogan da RedBull, diz “RedBull não te dá asas para voar, então vou ter que escalar.”]**

Interrompendo e dando uma zoada na situação, Runk mandou:

– Tem até crente piXando, né, maluco? Não querendo discriminar ninguém, né? Mas é uma coisa meio contraditória, né?

Todo mundo riu, e se alguém ali era crente, pelo visto, não aguentou e riu também.

Passado o riso, ele retomou uma certa seriedade e propôs outro assunto:

– Acho interessante vocês conhecerem também o aspecto comportamental do

piXador. Não é só colocar o nome ali em cima, existe todo um comportamento que prevalece entre os piXadores. PiXador gosta de quê? Pixador gosta, além de piXar, gosta da grafia, de colecionar reportagens de jornal e revista. É um comportamento básico do piXador. Gostamos também de colecionar assinaturas de outros piXadores, de outros estados, hoje já tem interação, tem intercâmbio entre os piXadores. Você vai daqui pra Santos, vai daqui pra São Paulo, os de lá vem pra cá, fazem confraternização aqui e lá. A gente consegue identificar quando o cara é aqui do Rio, quando não é, só pela grafia. O piXador gosta de *fotolog*, de trocar informação pela internet, gosta de se reunir.

Eita complexidade! Agora, tente institucionalizar isso, controlar esta organização coletiva, orgânica e verás de onde surge a burocracia.

– Eu tinha a impressão de que vocês têm, ao mesmo tempo, uma vontade de se expor e de permanecer no anonimato, porque, vamos lá, o Tokaya, ele está expondo o nome dele. Mas é importante, você mostrar quem é você, quem é o dono daquela marca? Ou o anonimato é importante também? – perguntou Ney.

– Vou te falar que, anonimato, hoje em dia, com tanta informação, é meio difícil, porque todo mundo te conhece – lembrou bem Runk. Só acho que o todo mundo dele é bem diferente do todo mundo nosso.

Ney continuou:

– Tudo bem, mas todo mundo te conhece porque está todo mundo junto, ou porque você quis que todo mundo te conhecesse? É importante pra você dizer assim: *sabe aquele cara que colocou o nome lá no décimo andar? Aquele sou eu*. Isso é importante dizer para as pessoas ou só a tua marca lá já é suficiente?

Para mim, eu já achava que nem precisava dizer, todo mundo já sabia quem foi, mas claro, limitado a quem, de alguma maneira, faz parte daquela cultura, de quem compreende tais códigos. Foi mais ou menos o que Tatá disse:

– Cara, essa fama que rola ela é fechada, só entre quem curte mesmo a piXação. Agora se for para fora, já é diferente. Por exemplo, há um tempo atrás, um cara me chamou para ir num programa de televisão para divulgar um documentário. Daí, parei, pensei: pô, vai ser maneiro, vou ajudar o cara a divulgar. Mas aí, depois entra a controvérsia, né, cara? Eu vou estar mostrando pra muita gente, e aí, às vezes, amigos meus de outra parada, outro ciclo, o cara vai me olhar

assim “*esse cara é piXador*”. Meu vizinho vai me olhar lá, e aí quando aparecer um rabisco qualquer lá a culpa vai cair sempre em mim. Se o filho dele começar a rabiscar, vai achar que foi por influência minha. Então, a gente estuda muito aonde nós vamos. Por exemplo, aqui foi por que esse cara (eu)... para mim vir eu tive que fazer um monte de perguntas pra ele, entendeu?

Paulo, mais uma vez, com seu bom humor natural:

– Mas Gustavo, você não contou para ele sobre as câmeras escondidas não, né?

Após as risadas, Tatá retomou:

– Hoje, pode ser que mude, dependendo da visão de cada um. Por exemplo, ela (agora apontando para Mônica), de repente, tem a opinião de que nós somos vagabundos, que isso é sujeira. Mas, de repente, ele (apontando para o Ney), que pensava a mesma coisa, já pensa “não, pô, o pessoal é gente boa” (se tivéssemos em vídeo veríamos os gestos de Tatá descrevendo o pessoal como sendo boa gente). De repente, amanhã ou depois, eu to vendo até esse cara numa reú.

Mas, algumas risadas à parte, é significativo pensar esta proximidade e este conforto que alcançamos naquele momento, chegando ao ponto de, tranquilamente, sem nenhum medo de causar possível rixa, Tatá dizer o que disse. A partir dali, ser amigo de um piXador, ou até mesmo tornar-se um piXador, ganha um peso bem mais leve, um convívio mais saudável. Parece-me que a maioria ali começava a, mesmo forçando um possível torcicollo, a olhar ao lado, acima, em diagonal.

Paula, retomando a psicologia como seu campo de estudo, interrompe os últimos risos e aponta uma pergunta:

– Eu já pinte com tinta óleo e não é a mesma coisa, né? Ela é muito mais branda, mas, acredito que essa de vocês seja mais agressiva pela composição. Eu não me sinto estressada cheia de adrenalina para pintar um quadro, mas, pro piXador, isso já faz parte do universo dele. Então, será que todos fazem carreira na piXaÇÃO, de repente alguns já abandonaram, outras não. Essas que abandonaram substituíram essas atividades por outras adrenalinas da vida?

[Certamente não foi pintando quadros com tinta óleo.]

Sabidamente Runk imediatamente diz:

– Tem um ditado entre nós que diz: *o piXador não pára, o piXador dá um tempo*. Isso já é de praxe. Daí vem o *boom* da G80, o pessoal aí com quarenta e poucos anos retornando. (ver p. 176)

Tokaya completou:

– Eu acho que, se ele parar, ele vai reprimir a adrenalina, mas um dia ela vai voltar.

Nath contou um caso:

– Tem um amigo pixador (ela está falando do NUNO) que deu um tempo de piXar, mas como ele sabe escalar, passou a subir a pedra da Gávea, o morro da Urca. Ele falou que a adrenalina da escalagem é igual, mas que o cheiro da tinta muda, te instiga.

Paulo, aproveitando a retomada do assunto sobre o cheiro da tinta, retoma a ideia de Runk sobre tonar a piXaçãO um problema de saúde pública:

– Runk, se a piXaçãO passasse a não ser mais crime, mas sim um problema de saúde, você faria tratamento?

– Se tivesse eu faria. Porque, falando por mim (neste momento todos os demais piXadores começam a rir dele). É uma luta diária que eu tenho contra isso, é uma luta para não sair rabiscando todos os dias. Porque não envolve só a mim, envolve a minha família, meu filho, tenho também outros interesses, mas, se não fosse isso, com certeza, eu todo dia iria rabiscar, todo dia.

Paula, me parecendo desconfortável com a possibilidade de qualquer um ser piXador, inclusive nós, começa tentativas de traçar perfis psicológicos bem definidos do que seria uma pessoa propensa a ser um piXador.

– Me chama atenção porque já faz parte da composição da personalidade do grupo. Você não vai encontrar um sujeito super *zen* que queira ser grafiteiro. [Não?] É um sujeito que ele tem tendência a procurar atividades que requeira

adrenalina, entendeu? Ele aqui [**Apontando para mim!!!! Acreditem se quiser!**], tem uma cara de *zen budista* da vida, mas a personalidade dele requer alguma atividade que tenha adrenalina.

Quando comecei a pensar uma resposta, Tatá, com toda habilidade da fala, já veio não só me salvar, mas salvar a adrenalina de ser aprisionada e condenada a estar presente só em alguns. Dissolveu e democratizou a adrenalina:

– Ele passa uma imagem *zen*, né? Mas você sabe o instrumento que ele toca? Bateria. Ele está colocando a adrenalina dele para fora, é a mesma coisa do cara que está na academia fazendo luta livre.

E ele continuou:

– Isso do cara pegar e rabiscar, é muito individual. Eu mesmo, pô, estou parado, não tenho nem vontade. Nego me ligou neste domingo e eu tive que arrumar uma desculpa. Até estava com vontade de fazer algo diferente. Mas diferente na vida atualmente, eu trabalho de madrugada, então tem sido dormir de madrugada, normal, como todo mundo. Então vou fazer algo diferente hoje, eu vou é dormir, cumpadi! [**Se ouviam as risadas, mas a do Brown sobressai, como sempre.**]

Continuou:

– O meu caso, quando eu retornei, no final de 2006, eu te falo, meu lance foi a auto-estima. Eu agradeço até a cada um deles aqui pela amizade, porque eu conheci o que era depressão, *brother*. Eu fiquei em depressão porque, imagina só a minha vida. Eu conto os casos e eu gosto de contar as derrotas, porque, quando passa o tempo, elas se tornam mais engraçadas. [**E ainda querem criar um mundo ideal, sem derrotas, o quão sem graça seriam não só os filmes e livros, como também as nossas memórias.**] Então, eu peguei uma representação do Rei do Bacalhau (restaurante tradicional do Rio) com o sócio da baixada. Então, o que tivesse lá do Rei do Bacalhau, era meu, ou seja, tudo para ganhar uma grana maneira. Tinha um casamento. Tinha minha banda que, tudo indicava que o Arnaldo Antunes ia gravar uma música nossa, então estava tudo... [**Mais uma vez, em gestos, se percebia que era algo de grandioso.**] Mano, de repente, perdi a mulher, a firma quebrou, a banda acabou. [**Logicamente, como ele já tinha anunciado, as tragédias tornaram-se comédias, todos riam alto.**] A mulher ainda morava de frente para mim, então

eu tenho um lance de escrever do nada, daí peguei e escrevi um poema para ela. Fiz num papel e coleí papel da frente da casa dela até a clínica onde ela trabalhava, foram trezentos e vinte e sete postes! Os colegas da rua me zoando, “esse cara é doido”, mas as coroas e as meninas já pensavam “Pô, ele é romântico!” **[Nem preciso dizer sobre os decibéis das risadas neste momento, que dirá a do Brown!.]** Então, fiquei naquela empolgação, será que vai dar certo, será que não vai? Uma semana depois, eu vou lá e vejo um cara mais bonito que eu, e era o namorado dela, maluco! Peguei, olhei assim pro céu, ferrou parceiro, vou dar um tempo daqui. Aí, eu saí, voltei a morar no centro da cidade, e aproveitei para ir visitar um pessoal da minha infância e juventude no bairro de Fátima. Perdi a noção do tempo. Quando vejo, fulano barrigudo, casado, o único que estava solteiro era eu. Fiquei sozinho, e agora? Aí, chegava do trabalho, ia para casa, ficava só dormindo. Aí resolvi dar um rolé no domingo de manhã, quando saio encontro o Bali virado. O Bali, na época de 90, era desse tamanhinho, daí vejo um cara desse tamanhão, maluco, bêbado, gritando “Pô, Tatá, e aê como que você tá?” Daí, me convidou para um churrasco e disse “Tá vendo aí o que a galera está fazendo? Todo mundo voltou.” Realmente eu estava vendo alguns nomes novos de uma galera mais antiga que eu aí, como o próprio Runk. Aí, eu pensei, eu vou. Minha banda acabou, minha firma quebrou, perdi a mulher e ainda vou virar piXador, cara, isso vai dar merda! Daí acabou que relutei muito ainda de ir nessa reunião, que era na lapa, porque tinha um evento na Lapa também, de teatro, de bandas, aí, eu falei para ele “Pô, vamos lá assistir esse lance”. “Vambora, mas é no mesmo dia da reunião”. Ficamos no evento e depois fomos para a reunião, chegamos lá, vejo uns caras mais velho que eu, mais barbado que eu, mais gordo que eu. De certa maneira, estar ali, me incentivou a voltar a botar nome, porque o ser humano... por exemplo, você de barba! (era o Brown!) Você trabalha com o quê?

– Eu? Educação e desenho.

– O que você almeja no seu trabalho?

– Ah, eu acho que você é feliz quando seu trabalho é reconhecido.

– Você fica feliz quando qualquer um desses colegas seus aí chegam e dizem “pô, teu trabalho está maneiro”? Então, é a mesma coisa. Eu estava necessitando de, depois de tanta porrada na vida, que alguém chegasse para mim e dissesse que tinha valor em alguma coisa. E, por incrível que pareça, eu voltei a ter esse valor piXando, *brother*. Me deu a auto-estima de eu acreditar que eu podia, e fui canalizando, canalizando, e acabei transformando, voltei a minha vida normal, hoje em dia, a fazer as coisas que eu fazia antes, mas de uma maneira melhor, mais apurada, entendeu? E apiXaçãO está meio de lado, mas eu não

quero perder esse lance que eu conquistei com eles, que, hoje em dia, é diferente. Na época, em 89 e 90, naquela época, por eu ser mais novo, eu não ia chegar perto dele, igual eu chego hoje em dia e falo “pô, sou teu fã”. Naquela época, eu não ia chegar, porque a gente era moleque, 16 ou 15 anos, “e, vou falar isso para ele? Ele vai achar que eu estou babando o ovo dele”. Hoje em dia, não tem esse esquema, então foi conquistado, amizade, admiração.

– É, mas também, não precisa estar com baixa auto-estima para piXar não – relutou Runk.

Perfeito Runk! Quantos professores da UERJ devem sofrer com baixa auto-estima e nem por isso piXam e nem por isso procuram alguma adrenalina mais alternativa? Quantas vezes já ouvi pessoas comentarem, após saberem sobre minha pesquisa, que essa galera de piXaÇÃO é “um bando de gente com problema de auto-afirmação”? Claro que muitos podem até ter, mas a quantidade de médicos com o mesmo problema não deve ser baixa, que dirá professores (desculpem, eu não resisti)?

Ed, que apesar do nome curto não é piXador, mas integrante do grupo, pergunta se o menino piXador que começa agora já começa direto na parede ou passa antes pelo papel. Tatá responde, como sempre, alfinetando e propondo exemplos que nos ligam, que nos tornem cúmplices de histórias parecidas, justamente as que mais incomodam.

– Tudo começa no papel, na escola. Vai dizer que tu nunca piXou teu caderno? A diferença é que você foi amador, a gente se profissionalizou!

Pode parecer repetitivo, mas, desta vez, os risos foram tão alto que nem pôde se ouvir bem o do Brown!

Tatá continuou:

– Vou te falar, eu tenho um filho de 14 anos e uma de 6 anos.

Antes que ele continuasse, Mônica, que aparentemente adora os assuntos casa e família, perguntou:

– Eles sabem que você é pixador?

– O meu filho, eu acho que ele desconfia. Se ele chegar para mim e falar, eu abro o jogo para ele, até porque é preferível ele conhecer comigo que com um desconhecido da rua. E outra, vocês acham que eu incentivo os molequinhos novos? Não, sempre que tem churrasco e tal, que eles chegam perto de mim, e você nota que eles chegam perto da gente, é como eu chegava, por exemplo, quando era fanático em futebol, quando ainda pensava em seguir carreira nisso, pô, a primeira vez que eu cheguei perto do Roberto Dinamite e do Romário, meus olhos brilharam. Então, eu vejo isso na molecada que chega perto de mim, só que é o seguinte, o Roberto Dinamite e o Romário fizeram algo bom para eles e para a alegria dos torcedores. Pô, o moleque vai-me admirar porque eu piXo muro cumpadi? Então, eu tento colocar na cabeça dele que é bom ele estudar, e depois, com seus 20 anos, fazer um concurso para a Petrobrás, pro Banco do Brasil, e aí, depois que passou, estará, portanto, o carro dele, vai estar legal, aí, se ele quiser virar piXador, aí é a melhor idade, depois dos 30. Vou te falar mesmo, você já não pode se aventurar muito, você vai estudar melhor o perigo. Eu te falo, eu fiz o melhor depois dos 30 do que quando eu tinha meus 17 anos.

Ney, aproveitando esse momento de “pai preocupado com o filho, justamente por já ter passado por isso”, esperou ansiosamente um sim:

349

– Você acha, então, que isso não é exemplo para ninguém? Por isso que você não incentiva seu filho então?

– Cara, eu não gostaria de saber que meu filho está piXando não, na boa. Eu não vou gostar de saber que ele rodou, que apanhou, e tal.

– Mas e se ele resolver ir por aí? – alfinetou Paulo.

– Vou tentar mandar um papo legal, eu não posso é entrar em choque com ele, ele tem que me ver como um amigo dele. Se eu começar a querer proibir, ele vai me ver como um oponente. Então, essa juventude rebelde aí, as senhoras aí que tiverem filhos adolescentes, pô, não adianta tu chegar e falar “não pode, que não pode, porque não pode”. E aí tu não dá uma explicação, tu tem que tentar no diálogo, fazer o cara entender no diálogo.

Sem querer, mais uma vez, a conversa se insinuava para mim, mais uma vez, como metodologia-filosofia muito além da pesquisa.

Paula, em tom de psicóloga, respondeu a tudo, prontamente:

- Ouvir o “não” é tudo o que eles querem para afirmar.
- Ô Paula, o ser humano parece que tem um apego, gosta de tudo o que é proibido. Quem aqui na sala nunca fez nada que fosse proibido? Proibido pelos pais, proibido de alguma forma.

Se um filme é sem graça quando não possui seus enredos perigosos, que dirá uma vida? Comece a escrever um diário e, após 20 anos, releia, em quais páginas você se debruçará com mais tesão?

Paula continua:

- Perceba que seu discurso já é diferente do dele, você tem uma relação mais com auto-estima que com adrenalina. Então, existem várias vertentes, então talvez você consiga o que você procura, mas talvez outras pessoas não consigam.

Runk, mais uma vez ponderando, afirma, também, a simples vontade de encontro, a tão primitiva e atual socialização como fonte de impulsão para além de adrenalinas e auto-estimas:

- Ah, mas sei lá, nesse sentido, eu também lembro da questão da socialização, porque existem os churrascos, as reuniões, onde as pessoas param para beber uma cerveja, trocar uma ideia, às vezes está rolando um jogo e os caras tem aquela afinidade no futebol, além de novas amizades e outras atividades.

Será que alguém com problema de auto-estima pode adorar adrenalina e ser fanático por futebol? Será que alguém super confiante, cheio de auto-estima pode ir sempre ao Maracanã, justamente ela adrenalina do jogo?

Percebam que Mônica, em sua próxima fala, dá uma certa volta, talvez com receio de enfrentá-los, desta vez com mais uma pergunta que busca, já que não se pode acabar com eles, torná-los mais confortáveis, justamente tentando ultrapassar o limiar entre o arteiro e o artista:

- Por um acaso, tem algum grupo que tente fazer da atividade, uma que não agrida a sociedade, seja mais aceita?

Tatá, sendo até bem tranquilo, sugeriu:

– Você quer que seja mais liberado, caminha pro grafite, *brother*.

Mônica interrompe:

– Para ser uma atividade que satisfaça, precisa ser uma atividade ilegal, ou já se pensou em fazer com que, e aí não coloco nem ilegal, mas no sentido de não ser uma agressão...

Antes que ela terminasse, Runk já declarou a falsificação de mundo que acontecia naquele discurso:

– Impossível! A nossa intenção não é, não pensamos se é ou não agressão, mas é impossível, porque ninguém vai concordar que sua casa seja piXada.

Tokaya propõe uma solução:

– Eu gostaria de tirar a piXaÇÃO do artigo 163, que é vandalismo, e dá cana braba mesmo, e deixar apenas no 65, que é mais branda e que é só piXar e grafitar, que já assinei até três vezes.

351

Tatá também propõe uma experiência:

– Se alguém chegasse e perguntasse a um policial, se ele pudesse, em um passe de mágica, mudar, pra ele continuar policial, porque se não existisse crime, ninguém fosse contra a lei, não ia precisar de polícia, então, vamos fazer um pedido a Deus ou ao gênio da lâmpada? Então vamos abolir o tráfico, o furto, tudo, deixa só a piXaÇÃO, porque não “largo o dedo” neles.

– Conta então sobre a repressão – pediu Brown com toda sua pinta de delegado.

Para não mudar muito, Tatá, mais uma vez, é o primeiro a falar.

– Outro dia, em Olaria, tava eu e o Rino e ele botando mó pilha para tacar um nome no muro do Clube do Olaria. Daí, na hora, do nada, chegaram os caras, ficaram mais de uma hora colocando terror. “O que vamos fazer com vocês?” Daí, pensamos, vai ser terror psicológico, melhor fingir que cai cara. O cara dizendo que ia ligar pro meu trabalho, que ia falar que me pegou piXando, e daí pensei, vou cair. “Por favor, não faz isso não, o senhor vai destruir a minha

família.” Eu sei que, no final de tudo, ele falou assim: “Se eu entregar vocês para um pessoal dali que é milícia, eu vou ganhar um dinheiro com isso”. Daí, eu já pensei que se envolve grana, né, cumpadi, o cara faz mermo. Resumindo, quando chegou à delegacia, o delegado titular de lá era uma mulher, mas demos sorte porque ela não estava, porque se ela tivesse íamos assinar. Mas chegamos lá, estava um cara no lugar dela, aí quando chegou o policial e disse: “Pegamos esses senhores piXando.” Crente, crente que o cara ia exaltar ele, aí... “Porra, tu traz estas porra pra cá cara? Tomou um dinheiro deles? Pintou eles? Não fez não? Então senta eles aí, vamos ver.” Então, ele puxou nossa ficha no sistema e não tinha nada. E detalhe, ainda nos demos bem porque o Rino é protético e o policial era banguela! O Rino ofereceu os serviços gratuitamente, mas o cara se ofendeu: “Não, eu não quero nada de graça não, minhas paradas eu pago, mas eu vou te procurar.” Rino deixou o cartão com o cara e mostrou que era trabalhador.

Como me incomoda esse discurso super presente no senso comum, isso de, ao se afirmar trabalhador, você ser absolvido de todas suas imperfeições. Ainda hoje, basta trabalhar, basta produzir, basta ser um elemento confortante do sistema para ser mais facilmente absolvido. Fascismos nada micros.

Tatá continuou:

– Agora, o perrengue eu passei em Deodoro. Porra, tomei uma tapa de um gordo, maluco. Cara, a mão do cara era assim (mostrando ser gigante). Mas eu dou tanta sorte, porque eu, fora isso, tenho minha espiritualidade também. Todo dia, eu pá (juntou as mãos e com uma mímica de reza arrancou altos risos da galera que, a meu ver, não esperava isso dele). Eu estava com dois amigos, sendo um grandão e careca, um cara que se você encontra na madrugada você até atravessa a rua de medo. Aí, o policial segurou eles e perguntou: “Vocês estão fazendo o que aí?” O grande problema do piXador é quando a gente é pego longe de casa. Porra, eu moro no centro da cidade, o outro mora em Belford Roxo, você está em Deodoro, 3 horas da manhã. “Tu está fazendo o quê?” Ah! Vamos falar que estamos vindo da casa das mulher, mas vai que o policial diz: “Então vamos na casa delas”? Tu vai bater na casa de quem ali? Então, não deu para a gente combinar antes o papo que a gente ia dar, aí os caras manjaram. Como eu estava um pouco afastado, fui, disfarcei com o celular, eu não posso meter o pé e deixar os caras sozinhos. Então eles me viram e gritaram: “Oi, cidadão!” Eles ficaram desconfiados, mas como eu estava todo social, vindo

do trabalho, eles perguntaram: “Você está com eles?” Tive que dizer “Estou sim.” “Encosta!” Aí, a ideia é a seguinte, policial não gosta que você minta para ele. Depende, policial da baixada eu nunca rodei não, mas o policial daqui, ele não gosta que minta, cumpadi. Tem que dar logo o papo reto, então cheguei: “O negócio é piXar mermo, ninguém aqui nem é usuário de drogas, nada, a gente estava piXando ali.” “Ah! Estavam piXando, é?” Pá, já tomei a primeira. Aí é que tu se arrepende, né, maluço?

Em meio a mais risos, Ney relembra:

– É por isso que você não quer que seu filho passe, né?

– Claro, ainda mais com ele sabendo minhas histórias. É o que eu falo, a história se torna até com uma pitada de humor, mas, na hora... aí, acabou que eu, na minha oração de mente, né, cumpadi. Fiquei foi com pena dos amigos, tomaram uns bicos, tomaram uns tapas, foram pintados e eu não fui pintado. Tudo bem, não vou mentir, pintaram só um pedacinho da minha orelha, mas peguei só papel, pronto saiu. Eles não, tiveram que passar em posto cara, pegaram gasolina e tudo para limpar. Pintaram a careca do cara toda. Mas aí, resumindo, sabe o que a gente fez? Tínhamos mais três latas no carro: “Agora é que a gente vai pixar mermo!” Fomos parar lá em Edson Passos, fomos parar só às 5 horas da manhã. Então, o grande piXador, quando ele é pego, é o “está vindo da onde?” Esse “está vindo da onde” é brabo.

Paula tinha horário e pediu para sair, Runk aproveitou:

– E o cachê, quem vai pagar? Era ela?

– Ela não deixou o cachê não, mas depois eu deixo o endereço dela – mandou Paulo em ácida ironia.

Paulo continua, tentando fazer uma reflexão mais ampla quanto ao encontro:

– Eu estava pensando em outras coisas, como é que a gente tenta, e isso é coisa da academia, enquadrar as pessoas e os movimentos nas coisas que a gente já sabe. Então, muitas perguntas que nós fizemos foram porque a gente queria compreender vocês através do que a gente já sabia. Isso é um dos piores defeitos da academia e, ao mesmo tempo, é o que alimenta a academia. Eu acho, que, dentre várias, uma grande lição que vocês nos trouxeram hoje foi isso. Não adianta a gente querer enquadrar porque cada um fez a pergunta quis, mas recebeu a resposta que quis, né? E o quanto essa coisa da compreensão do

movimento do outro é importante. Então, o que a gente quer é poder dizer “o pixador tem que ser um revoltado”. Sabe, então a gente tem um monte de explicações já iguais a essa para dizer por que vocês fazem isso. Na verdade, cada um faz isso pelos motivos mais diversos, mais diferentes. Existem algumas coisas que unem vocês como nos une aqui e como une todos os grupos, ou seja, todos nós somos um pouco loucos e um pouco normais.

Tatá aproveita e canta um pedaço significativo de um *rap*:

– Loucos e doidos, se é assim que eles querem, é assim que vamos ser.
– Então, eu acho que essa reunião, para mim, significou muito. E fica também o convite para vocês frequentarem o grupo e se sentirem parte desse grupo. Podem vir o dia que quiserem. Vir para cá, conversar e depois descer para o “dois por um”.

Enquanto isso, nosso cartunista Brown, em silêncio, produzia uma caricatura (**ver p. 358**) para cada um dos piXadores presentes. Então Paulo anunciou o trabalho que, inclusive para a minha surpresa, já tinha sido pensado anteriormente:

– Eu pedi ao Brown, que é nosso chefe desenhista, para registrar esse momento de alguma forma.

Brown, então, após mostrar a caricatura de todos ali, pede para que interajam no desenho, da maneira mais óbvia para um piXador, pondo seu nome:

– Eu queria, na verdade, que vocês completassem esse trabalho aqui, que dizer, é uma arte conjunta, uma arte minha e de vocês, colocando aqui o Xarpi de cada um, ao lado de cada rosto – explicou Brown,

Tatá, sempre perspicaz e irônico:

– Ih! Isso já é retrato-falado!

Após altas gargalhadas, Brown continuou a brincadeira:

– Não, mas eu não vou levar para a DP não.

Tatá retoma, interrompendo o clima leve, brincalhão:

– Só gostaria de voltar em um ponto aqui, galera, que me incomodou. Uma palavra que ele usou ali (o Ney). Nada contra você. Quando você falou que o piXador precisaria ser abusado, por que o abusado?

– Não, abusado de chegar assim e tomar o muro da pessoa, um abuso neste sentido. Porque quando um cara pinta e cuida do seu muro e vem vocês e piXam, para mim, ele vai pensar que vocês são abusados.

– Entendi o que você quis dizer. Mas se ele pensa isso de mim, o que será que ele pensa dos políticos?

Paulo continua:

– Engraçado, que eu nunca tive um pensamento violento contra isso. Na verdade, eu nunca pensei muito sobre isso, estou sendo obrigado a pensar agora por causa desse mala aí (eu!). Mas está sendo bem legal, até esta viagem que fiz pra Europa me fez olhar para a cidade e ver que a coisa é muito mais ampla. Lá, a noção de perigo é diferente, tudo rasteirinho, não tem isso de escalagem. Aqui quando vejo estes nomes lá em cima, a única reação, a única coisa que consigo dizer é “puta que o pariu.” Mas agora que estou, de certa forma, mais por dentro, a gente começa a perceber o que causa essa adrenalina, se misturar com a tinta então, dá o maior barato.

Finalmente, eu fiz um comentário:

– Eu acho que, além disso, é bacana percebermos que todo mundo tem ou teve uma certa vontade de rabiscar, parece o nosso ambiente tem um ímã que atrai a vontade de rabiscar. Outro dia, apareceu, no Fantástico, um cara que desenvolveu uma máquina que faz pichação (mais uma vez com “ch”) com laser. Então, você rabisca e depois que desliga a máquina a piXaçãOo some, né? E era incrível, a quantidade de pessoas que paravam para experimentar e rabiscar os muros com seu nome. Aí você vê assim, até que ponto todo mundo não quer rabiscar alguma coisa. Não satisfeito, ao final da matéria, o repórter pegou e escreveu numa parede “é fantástico”.

Continuei:

– Lá em Brasília, o pessoal da secretaria de segurança desenvolveu um projeto para acabar com a piXaçãO. E o nome do projeto era “Picasso não pichava” (e põe “ch” nisso).

Nath já me interrompe sem pudores:

– Nossa! E eu acho uma porcaria o que ele fez. Não dou um centavo por aqueles quadros, com um olho aqui outro ali.

– Então, baixei o projeto pela internet e veio uma cartilha ensinando a identificar um piXador. A primeira lição é: fique atento aos cadernos e fichários de seus filhos, caso esteja piXado, é um indício de que ele é um piXador. Pô, qual o caderno e fichário de colégio que não é piXado?

Winston, desejando voltar ao que Nath falou sobre Picasso, pergunta:

– Tem algum nome, no campo da pintura, que chama a atenção de vocês? Tem alguém?

– Salvador Dali. Dali é meu preferido – afirma prontamente Runk.

– Dali e Romero de Brito – os lembrados pela Nath.

– Acabou? – perguntou alguém.

– Acabou para eles, já estamos no 12º andar aqui – Tatá já antevendo uma possível missão mídia máxima na UERJ.

– Vamos só com *fat cap* – Nath querendo já tacar uns nomes bem grandões.

Paulo dá um conselho talvez mais importante para ele, para mim e para o grupo que para a meninada:

– Aconselho a deixar passar esse período de greve porque, por incrível que pareça, tem muito policial rondando por aí.

– Mas isso aqui é, de fato, um alvo em potencial – reafirma Runk, talvez lembrando seus tempos de trabalho por aquelas mesmas rampas anos atrás.

– Quem aqui já foi da UERJ, mesmo? – perguntou Paulo.

– Trabalhei no Proderj, dos 15 aos 18 anos – Runk reafirma.

– Qual vai ser a boa, então? Uma cervejinha? – pergunta Runk.

– Nem precisa ser cerveja, pode ser cachaça! – Paulo, mais uma vez.

Se, ao início, então, os capuzes e os bonés figuravam, materializavam e metaforizavam a distância, tal interrupção visual que garantia certa segurança de identidade, em menos de meia-hora não era mais necessária. Ao final, a metáfora muda de lugar.

Agora, era a cachaça o símbolo de uma possível simpatia e convivência com o diferente, que, ao rir, mais ou menos das mesmas piadas por cerca de 2 horas, nem era mais tão diferente assim, apesar de continuar sendo.

Runk, Tatá e Nath não puderam ficar, porém, Tokaya, e os caladões JJ e Tigre (não foi questão de edição, eles não emitiram uma palavra durante todo o encontro, mas rir eles riram) foram, junto com o restante do grupo, ao Planeta do Chopp, carinhosamente e alcoolicamente chamado pelo Paulo de “meu escritório”. Dois chopes para cada um, sendo o do Paulo, chope claro com espuma de chope escuro, como sempre; mais uma pizza calabresa, logicamente bancada pelo grupo, ou melhor, pelo Paulo. Após alguns papos não mais gravados, resolvemos, então, sair, eu para minha casa e os 3 piXadores, para um churrasco na Praça Varnhagem e, certamente, missões logo em seguida. No caminho pela calçada, recebemos um material de campanha do senador Marcelo Crivella, na época, candidato à prefeitura do Rio de Janeiro, eu recusei, mas eles pegaram e abriram. Eu, ingenuamente, pensava, eles estão mesmo lendo? Tal dúvida durou pouco mais de 1 segundo e meio, uma vez que, logo se ouviu uma risada entre os três. Como o material era todo recheado de fotos da cidade, naqueles breves instantes, eles já haviam percebido quais os bairros ali estampados e, mais do que isso, obviamente, assinalado e identificado os nomes que espancavam os muros fotografados. Enquanto alguns só viram fotos de campanha, eles pareciam ver fotos dos amigos. Que cidade é essa que eu não sou capaz de viver?



358

9.. PEDAGOGIA, ARTE E CRIME, EM ÍNTIMO CONTATO.

Apesar de já ter abraçado a questão da educação, seja através da arte de seu ensino ou por meio das provocações à pedagogização do comportamento urbano, até como maneira de praticar, de fato, uma dissertação pouco *capitulável*, conversável, destino estas últimas páginas a me debruçar mais especificamente sobre estes desafios que propus, durante todo o trabalho, à educação. De todo modo, assim como, lá no primeiro capítulo sobre a juventude, cheguei a dizer que os pensamentos mais interessantes e profundos sobre ela poderiam nem estar naquele capítulo, mas *perdidosachados* pelos outros cantos da dissertação, é bem capaz de, aqui, acontecer o mesmo, provavelmente o que meu trabalho tem de maior contribuição para quem quer pesquisar , ineditismo, com toda certeza. Contudo, sigo.

Após evidenciar, por uma série de noções, a força da condição juvenil como protagonista, assinalo, nas suas “artistagens” cotidianas, em especial nas que passei um bom tempo mergulhado, no Χαρπι, um campo primordial para quem busca pensar os desafios da educação, especialmente no campo do ensino da arte e seus possíveis ‘des’limites curriculares. De que maneira a arte entendida não como instituição, mas como a própria produção estética inerente à juvenildade, pode vir a tomar corpo na construção cotidiana do currículo, ou seja, de um currículo volátil?

A própria moral é unicamente uma interpretação de certos fenômenos [...], uma interpretação equivocada. [...] O juízo moral não deve ser tomado nunca ao pé da letra. (NIETZSCHE, apud LARROSA, 2005, p. 29)

Ao dismantelar a moral atribuindo a ela a noção de “*interpretação equivocada*”, ou seja, de criatura ou invenção de necessidades humanas, ou de determinados humanos, Nietzsche propõe diferentes caminhos para a aventura do pensar epistemológico, ou seja, um pensar que ponha em cheque exatamente os valores aparentemente ou naturalmente

inquestionáveis. Desta maneira, a discussão neste momento se dará exatamente, na necessidade de eclosão do que foi recalçado sob as premissas de uma ‘bondade’ moral, de uma positividade, muito evidente em diversos estudos sobre a educação, especialmente sob a tutela benfeitora do muito comum ‘educar para civilizar’.

“Hoje, a aspiração dos arte/educadores é influir positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes” (BARBOSA, 2005, p. 98). Depois de tamanho mergulho no cerne de uma cultura tão rechaçada pela moral que sustenta esta última citação, não há como não pôr em cheque este “*influir positivamente*”. É evidente, neste caso, a cicatriz deixada pelos atravessamentos morais que sorrateiramente marcam o ensino da Arte. Após sair marcado e com uma respiração acelerada, mas com fôlego redobrado para novas incursões, deste mergulho, não há como não desconfiar de qualquer ação educativa que, já em seus primeiros dizeres, evidencie uma benesse sobre o “*desenvolvimento cultural*” do outro. Assim como “*uma obra de arte só tem sentido para os que nela se reconhecem e para quem a criou*” (MAFFESOLI, 2005, p. 24), este “*influir positivamente*”, tão corriqueiro nos estudos sobre o ensino da arte só fará sentido para quem nele sustente algum privilégio, ou para quem dele necessite como afirmação e conforto, ou quem apenas se vislumbra.

A Rua educa
Com uma educação bem diferente
Já cai, já levantei
E já nadei contra a corrente

(Leonel – Rap do Xarpi)

Ao estudar as orientações curriculares para o ensino médio (volume 1, 2006), em especial no campo das artes, fica evidente sua ênfase em relacionar sempre o aprimoramento técnico com a contextualização nas manifestações concretas da linguagem, ou seja, com acontecimentos da vida no cotidiano, que de alguma maneira evidencia organicamente a utilização de tais técnicas, a fim de tornar o aprendizado mais “*atrativo e interes-*

sante” (op. cit., p. 185).

A questão não é criticar o que está em tais orientações através de um romanceado encanto pelo “bonde do Χαριπ”, mesmo que eu esteja, de fato, romanticamente encantado! Já estamos na página **361**, vocês ainda têm alguma dúvida? O que proponho é flagrar a incapacidade deste ensino da arte que, amparado apenas por suas atrativas e interessantes técnicas evidenciadas em algumas produções cotidianas, age e discursa quase como um ‘salvador de almas’, ou seja, que trabalham no objetivo de fazerem os estudantes cada vez mais se reconhecerem e criarem a partir e dentro daquilo que se entende por instituição lucrativa da arte.

Somos adestrados desde pequeno na escola, o que é certo e o que é errado. Se a gente foge um pouco deste padrão, somos uma anomalia. O conceito de πιΧαçÃO é isso, é uma coisa anormal, que não faz parte, não é lógico. Como a Bienal é uma coisa que faz parte do mundo real, digamos assim, da construção da nossa sociedade, você colocar uma coisa que não é aceita pela população em geral lá, foi o que chocou, uma agressão. Como que o cara pode dizer o que é arte e o que não é arte, se é tão óbvio que é. (ANARKIA em conversa)

Basta dilatar, maffesolianamente, o entendimento da arte para toda a profusão estética da completude vida, seja no sombrio ou na multidão, para evidenciar o interesse do instituído por uma estética moralizadora. Quando um πιΧador aprende as técnicas de “*ponto, linha, forma, plano, textura, cores, [...]. Efeitos de movimento, ritmo, peso e direção visual. Efeitos de volume, profundidade espacial, representação em perspectiva, entre outros*” (op. cit., p. 184), passa a grafitar, mas as usa inclusive como tática de segurança, visto o seu maior aceite social e escolar, para garantir suas escaladas noturnas e seus ‘espancamentos’, torna-se inegável a valorização da adrenalina, da pulsão-vida, como ferramenta e plataforma de obragens artísticas juvenis.

O que sempre vai faltar pro grafite, o que o πιΧador tem que o grafiteiro não tem, é a adrenalina. Não rola. Não rola porque o grafiteiro não vai pegar a casa

de ninguém, o beiral de ninguém, a janela. Ele faz ali em baixo, no muro e tal, não está agredindo ninguém. Que tipo de adrenalina você pode sentir grafitando o muro da estação? Com todo respeito. (RUNK em conversa)

Se o fato, já dito durante o trabalho, de que grande parte dos grafiteiros, especialmente os que vieram da escola da rua e não das oficinas de grafite, ou seja, aqueles que estão ligados e alguma vez já conheceram a adrenalina que compõe a $\pi\chi\alpha\zeta\tilde{A}\tilde{O}$, mesmo após desenvolverem toda uma técnica e um estilo no grafite, continuam destinando, muitas vezes, com uma frequência boa, parte de suas tintas para o $\chi\alpha\rho\pi$, é mais do que óbvio que a condição juvenil e tudo que vem com ela, incluindo, claro, suas produções estéticas, suas fruições vitais, não podem ser limitadas ao conhecimentos destas técnicas, ou seja, em português claro, técnica não salva ninguém, ou melhor não há ninguém a ser salvo, mas a ter vozes amplificadas, isso sim. E então, como a educação, como o ensino da arte pode lidar ou amparar toda esta contradição, toda essa polifonia constrangedora escancarada por esta meninada do tamanho da cidade que, apesar de toda fragilidade, ressurge sem nunca ter sumido com força total? O grande perigo, a meu ver, e já muito comum, é que este amparo não veja na audácia, na ousadia, na indisciplina, ou seja, em tudo aquilo que, por eu ter-me encantado, tornaram, até mesmo, este trabalho possível – no poder desconcertante da juventude, algo afirmativo, algo a ser levado em conta, mas recaia, novamente, naquilo que é mais fácil, mais preguiçoso, ou melhor, nada audaz, nada ousado e nada indisciplinado, porém, em contrapartida, mais educativo. A saída que proponho para a educação é que ela seja menos educativa? Isso! Que a educação seja mais o reflexo da sociedade e da cidade que a constitui, que a educação, corajosamente, não só conviva com aquilo que a constrange, mas que ativamente proponha e abrace discussões à primeira vista indiscutíveis, mesmo que estas caminhem com força rumo à destruição de toda a moral que permitiu existir o que se chama educação hoje. Que ela, assim, abraçando tudo aquilo que ela deveria aniquilar, produza algo de novo, algo que mude quase que para seu

contrário o que costumamos entender por “boa educação”, que esta expressão se torne uma expressão, ou seja, que se afaste ao máximo de “bons modos”, “bom comportamento”.

Puxando a coisa para algo mais palpável referente ao meu trabalho, exemplos de ações educativas, no caso até mesmo públicas, que levem em consideração o $\chi\alpha\rho\pi$, até acontecem, afinal de contas, é inegável a sua participação na construção de nossa visualidade urbano-contemporânea. Contudo, quando feitas, geralmente são pautadas justamente, no aniquilamento do que se entende por $\chi\alpha\rho\pi$, se pode até usar o $\chi\alpha\rho\pi$ como assunto, mas sempre com um cunho salvador, sob o discurso claro e auto-justificado de que a vida, neste sentido, seria muito melhor se não existisse o $\chi\alpha\rho\pi$. Qual a saída? Retirar todos dessa vida que seriam um ‘mal’ – afinal de contas, é crime – em favor de alguma outra que seja referenciada, muitas vezes, por estéticas do ‘bem’, isso tudo sem em nenhum momento sequer promover algum debate mais interessante, algum fôlego epistemológico mais demorado, afinal de contas a educação e, em especial, o ensino da arte parecem não conviver bem com discussões mais filosóficas que metodológicas. Então, em nome do que se vomita por aí como “transformação social”, se promovem, em alto e bom tom, políticas públicas muito bem financiadas de aniquilamento da imaginação. Ao invés, então, de promover conversas perigosas, ou seja, aquelas que, mesmo tratando de estéticas criminosas, consegue pôr esse adjetivo em suspenso, ou seja, uma conversa que não se sabe como começará nem onde terminará, sem objetivos finais, ou melhor, com um objetivo sim, mas bem solto, o de ampliar a discussão, de deixar entrar na conversa as complexidades que possibilitaram o $\chi\alpha\rho\pi$ ser o fenômeno com as proporções que tem. O quanto ele é significativo? O quanto a busca pelo seu aniquilamento não reforça nosso distanciamento, não nos tornam bienais do vazio? Enquanto isso, estas perguntas são muito mais fontes de esquivas que de mergulho, e o que se vê por aí:



Estas são as camisas utilizadas pelo projeto “Picasso não pichava” desenvolvido pela Secretaria de Segurança Pública de Brasília, um projeto de prevenção e combate à pichação com um nome mais do que enunciativo de todo o processo simbolicamente violento que, mesmo patrocinado pelo Estado, tem na arte, na maior delas, sua principal cúmplice. “Grafite é Arte. Pichação é crime” na frente e o nome do projeto nas costas. Já as fotos que seguem, são de um livro voltado para a educação infantil – “Muita água e sabão nas pichações não”.



Reacionarismos educativos do pior tipo, medos, agonias, falta de fôlego diante da complexidade exponencial de nossos dias, desta juventude e suas estéticas, desta cidade e suas novas possibilidades não autorizadas, rasgadas sem permissão. “Respeitar o vizinho”, “Direito ao Patrimônio”, “Sujões”, sobre isso, sabem falar muito bem, mas e a força de criar para si um nome não registrável oficialmente, e assiná-lo, ou melhor, espancá-lo por toda a cidade, ocupando e acionando seus fetiches visuais, numa prova evidente de

que tudo aquilo parece não ter sido feito para ele, mas que, de uma madrugada para a outra, passa não só a pertencê-lo, mas a sê-lo, organicamente, passa a estampar naquela pedra os seus fluxos, a sua carne, o seu sangue. Urbanidade reencantada, forças não-humanas eXtremamente humanizadas, pedras que passam a respirar, pedras que não só estão, mas se insinuam, cidade erótica – sequer pensam nisso? O que impede? Alguma moral? Algum ranço rancoroso? Sonhos? Filantropias? Igreja? O bem? Ou será que é a arte?

Até que ponto, projetos deste tipo não apenas reforçam e aumentam os abismos que constituem o, talvez, mais evidente problema de nossa sociedade – sua situação hiperfragmentada? Aos que se enquadrarem, que reagirem como o esperado, todo o *glamour*, todo o vislumbre do nome ‘artista’; já os melhores alunos, aos Rafeais, os que não deixam sua produção estética criminosa morrer, merecem outros ditos – ‘esses não tem jeito mesmo’.

Então, qualquer projeto que ampare, de alguma maneira, a pichação, ou seja lá qual outra estética ameaçadora-periferizada, que não seja habitado pelas vozes e ações afirmativas de seus praticantes, daqueles que a vivem na maior das intensidades, daqueles apaixonados, não fará qualquer sentido, e é bem melhor que sequer aconteça. Com toda convicção, devo dizer que não só Brasília, mas a humanidade viveria melhor, mais saudável, mais respirável, sem o projeto “Picasso não pichava”, e muito menos sem esse ‘livrinho’ aí.

Arte é o que está na galeria, se o grafiteiro pinta e vende na galeria é arte. A do muro não é arte, alguém pode ir ali e mijar em cima. A arte é pro olho de quem vê. Tem coisas que alguma pessoa dá milhões, que eu não dou 3 reais. A arte está no olho de quem vê, ou melhor, de quem compra, principalmente de quem compra. (HAIR em conversa)

Se, como eu disse, então, anteriormente, quem quer lidar com estética e ainda mais com o seu ensino, hoje, mergulhado nesta sociedade fragmentada, cada vez mais em fran-

galhos, mas, ao mesmo tempo, recheada de gritos indisciplinados vindos justamente dos abismos abertos nestas fragmentações, que anunciam suas chances cada vez mais revigorantes de reencantamentos disso tudo, precisaria, de antemão, assumir para si a inadequação e a limitação de nosso arsenal moral de avaliação, então, este projeto tornou-se, assim, potentíssimo para meu trabalho, afinal de contas, flagra lodo de cara, na parte da frente da camisa de lidar com aquilo tudo que é contemporâneo no aspecto mais significativo, ou seja, aquilo que não compreendemos, que não damos conta, ou melhor, achamos que damos, afinal, conhecemos tanto e tudo que damos até nomes – crime ou arte.

Eu vejo a piXaçãO como a forma mais pura de arte, muito mais pura que qualquer quadro que esteja por aí. É uma coisa, mesmo que inconsciente, é o ato mais puro artístico. Ele não tem o objetivo de fazer arte em si, mas aquilo dali é arte, porque ele vai estar expressando, vai pôr para fora uma desilusão da vida dele. Ele não piXa porque a vida dele está maravilhosa, porque ele está satisfeito, são pessoas que não se enquadram na maneira que a gente vive, são pessoas que estão insatisfeitas com a vida que a gente tem. É uma forma inconsciente de mostrar que tem algo de errado na organização de nossa sociedade. (ANARKIA em conversa)

Evidenciando não só os frangalhos de nossa sociedade, mas também, os piXadores como anunciadores destes frangalhos, a meu ver, Anarkia diz, mais ou menos o que acabei de dizer, ou seja, que é, justamente do interior da parte mais frangalhada da sociedade que surgem as vozes anunciadoras do novo, de tudo aquilo que nós, como pessoas que escolheram trabalhar com educação e com estética, devemos não ouvir como ameaças inimigas, mas como proposições mesmo que, de fato, ameaçadoras, mas também, firmes e ativas mesmo, afinal de contas que vozes de fato deveriam vir das partes em frangalhos? Vozes cômodas? Vozes confortáveis? Onde estaria, então, o frangalho? Nada das que deveriam, mas as que vêm, as que estão por todos os lados, a todo momento, nos açoitando – Vozes dissonantes então, como novas e desafiantes chances “*extra-morais*” nietzschianas para este possível reencantamento, para uma reagregação do tecido de nossa sociedade

que, obviamente para mim, não virá com o conforto ao qual a educação e o ensino da arte estão acostumados, mas com muita dor, com movimentos inesperados, com rompimentos e solavancos de todas as bases, especialmente aquelas mais bem fincadas, e são logo, e justamente estas, que, não por acaso, tornam-se primeiros alvos dos atrevidos e abusados arteiros que vêm de fora, do fundão. Rafaéis nas belas artes, Caróis nas bienais, Molecadas em Choque Cultural, piXadores na UERJ, Joëzinhos na sua sala de aula. Educação sob pressão!

Em suma, “*se o texto da moral, esse texto inscrito em nosso próprio corpo e cuja origem podemos ler no passado da Humanidade, se esse texto é agora uma interpretação, trata-se então de atrever-se a lê-lo de outra maneira, de forçá-lo a mostrar um sentido diferente*” (LARROSA, 2005, p. 29).

*Não sou formado, mas sou informado, e estou ligado.
Xarpi na veia, é isso que eu tenho, se tomo uma dura, eu falo que
faço só desenho.
A arte que emociona não se vende, nem depende de ninguém,
surpreende a quem está do lado do bem.*

(Leonel – Rap do Xarpi)

É preciso, portanto – ou melhor, se faz urgente –, encararmos as leis e nossas amarras morais não com a rigidez que elas se postulam, é necessário um golpe, um solavanco como ataque surpresa ao que supostamente é *inatacável*, para que estes conceitos, postos como imobilizados, recarreguem e tornem inegável sua real e constitutiva mobilidade, mutabilidade. Em outras palavras, temos que impedir que as leis e as morais nos impeçam de encontrar, justamente na ilegalidade, no imoral e no crime, fontes para nossa epistemologia; afinal de contas, em pouco tempo, como a história já cansou de provar, o crime torna-se arte e a arte torna-se crime, mas isso tudo sem nunca deixar de ser produção estética, aquilo que torna nossa vida menos penosa, fruível. Pode doer, pode até levantar alguns mortos que gritem, alguns mudos, mas acredito que esta desvestida ao menos oxi-

genará a pedagogia e, em especial, o campo do ensino que mais se propõe ao estudo da estética, ou seja, o ensino da arte. Mesmo que cause uma série de desconfortos, angústias, medos e faltas de ar, mas uma olhada para o lado, para o fundão, como já descrevi, faz encontrar o que já está em baixo do nariz de todo mundo, uma série de formas de vida, e de produções fervilhantes que, em muitos sentidos, nos ajudam não só a compreender e a conviver melhor com a vida, mas que também implodem, jogam por terra uma série de regimes de verdade que ainda sustentam o mundo do conhecimento. Simpatia pela vida. Mesmo que, num primeiro ímpeto, suas pernas te façam correr do perigo, volte lá, escolte, com todo o cuidado, minuciosamente, em pouco tempo você vai rir dele, sentir falta. Há vida, há ar respirável, onde, supostamente, não deveria ter ninguém.

368

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTÔNIO, João. *Abraçado ao meu rancor*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.
- BARBOSA, Ana Mae. Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas. In: _____. (Org.) *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BARBOSA, Tereza V. R. Rir por pura crueldade. In: KANGUSSU, Imaculada. et al. *O cômico e o trágico*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita 2: a experiência limite*. São Paulo: Escuta, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília, 2006. 239p. (Orientações curriculares para o ensino médio; v. 1)
- CANEVACCI, Massimo. *Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos da metrópole*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- _____. *Antropologia da comunicação visual*. Rio de Janeiro: DP&A. 2001.
- _____. *Fetichismos visuais: corpos eróticos e metrópole comunicacional*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- _____. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CORAZZA, Sandra Mara. *Artistagens – filosofia da diferença e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- CROUZET-PAVAN, Elisabeth. Uma flor do mal: os jovens na Itália medieval (séculos XIII – XV). In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. (Org.) *História dos jovens: da antiguidade à era moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Introdução à vida não fascista*. Preface in: DELEUZE, Gilles;
- GUATARRI, Félix. *Anti-Oedipus: capitalism and schizophrenia*. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento, New York, Viking Press, 1977.
- FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, Vol. IV , 1994, pp. 41-95.

- FREIRE FILHO, João. *Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- GALLO, Sílvio. *Deleuze & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.
- JACQUES, Paola Berenstein. Cenografias e corpografias urbanas: espetáculo e experiência na cidade contemporânea. *Revista Observatório Itaú Cultural*, São Paulo, SP: Itaú Cultural, n. 5, abr./jun. 2008.
- JEUDY, Henri-Pierre. *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- LAROCHEFOUCAULD, François. *Máximas e reflexões*. São Paulo: Editora Escala, 2007.
- LARROSA, J., A arte da conversa. In: SCLIAR, Carlos. *Pedagogia Improvável da Diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- _____. La operación ensayo: sobre el ensayar y el ensayarse en el pensamiento, en la escritura y en la vida. In: SOUZA, Pedro; FALCÃO, Luis. *Michel Foucault: perspectivas*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.
- LATOUR, Bruno. *A esperança de pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. São Paulo: EDUSC, 2001.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- LUCHETTI, Daniela. *Writing: storia, linguaggi, arte nei graffiti di strada*. 2. ed. Roma, Itália: Castelvechi, 2001.
- MAFFESOLI, Michel. *A parte do diabo*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- _____. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Escala, 2007a.
- _____. *O Anticristo*. São Paulo: Escala, 2007b.
- _____. *A genealogia da moral*. São Paulo: Escala, 2007c.
- _____. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Escala, 2007d.
- SANTOS, B. S. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.
- _____. O fim das descobertas imperiais. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SGARBI, Paulo. (Org.) *Redes culturais, diversidades e educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

- SANTOS, B. S. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. In: _____. (Org.) *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SCHINDLER, Norbert. Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. (Org.) *História dos jovens: da antiguidade à era moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SENNET, Richard. *Carne e pedra*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.
- SMIERS, Joost. *Artes sob pressão: promovendo a diversidade cultural na era da globalização*. São Paulo: Escrituras Editora: Instituto Pensarte, 2006.
- TAYLOR, Roger L. *Arte inimiga do povo*. São Paulo, SP: Conrad, 2006.
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Tradução Beatriz Perrone Moisés. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

371